

La
Genèse

OBRA ORIGINAL

A G Ê N E S E

*Os milagres e as predições
segundo o Espiritismo*

La Genèse

A GENÊSE

*Os milagres e as predições
segundo o Espiritismo*

CONFORME O TEXTO ORIGINAL DA PRIMEIRA EDIÇÃO DE 1868

A doutrina espírita é o resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos.

A Ciência é chamada a constituir a Gênese segundo as leis da natureza.

Deus prova sua grandeza e seu poder pela imutabilidade de suas leis, e não pela sua suspensão.

Para Deus, o passado e o futuro são o presente.

por Allan Kardec

 **feal**
Fundação Espírita André Luiz

Guarulhos, 2021

Título do original francês:
La Genèse, les Miracles et les Prédications Selon Le Spiritisme
(Paris, 6 de janeiro de 1868, conforme a 1ª edição francesa)

6ª edição – Setembro de 2021.

Fundação Espírita André Luiz (Feal)
Rua José Bonifácio, 284 – Vila Renata
07056-020 – Guarulhos – SP
(11) 4964-4700 – editorial@feal.com.br

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio ou processo eletrônico, digital, somente será permitida com a autorização por escrito da editora. (Lei nº 9.610, de 19.02.1998.)

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da FEAL.

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo.

Diretoria editorial: Carlos Carneiro e Armando Scarpino
Gerente editorial: Karen Pereira
Edição e notas: Paulo H. de Figueiredo
Revisão da tradução: Álvaro Glerean, Conde Fouá Anderaos e Cristina Sarraf
Revisão final: Anderson Félix
Produção Editorial: Johannes Christian Bergmann
Projeto gráfico: Leonardo Lopes
Capa: Matheus Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angelica Ilacqua CRB-8/7057

Xxxx

Kardec, Allan, 1804-1869

A gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo / Allan Kardec
; tradução de Carlos de Brito Imbassahy. – Guarulhos (SP) : Fundação Espírita
André Luiz, 2021.

ISBN 978-65-990460-XXXXX

Título original: La genèse, les miracles et les prédictions selon le Spiritisme

1. Doutrina espírita 2. Espiritismo 3. XXXXXX I. Título

00-0000

CDD 133.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Espiritismo

Sumário

Apresentação	9
Prefácio a esta edição	25
Introdução à primeira edição publicada em janeiro de 1868	35

A Gênese segundo o Espiritismo

Capítulo I – Natureza da revelação espírita	41
Capítulo II – Deus	76
Existência de Deus	76
Da natureza divina	79
A providência	83
A visão de Deus.	88
Capítulo III – O bem e o mal	92
Fonte do bem e do mal	92
O instinto e a inteligência.	98
Destruição dos seres vivos uns pelos outros.	105
Capítulo IV – Papel da ciência na Gênese	109
Capítulo V – Antigos e modernos sistemas do mundo.	118
Capítulo VI – Uranografia geral	126
O espaço e o tempo.	126
A matéria	129
As leis e as forças	132
A criação primeira	135
A criação universal	137
Os sóis e os planetas	139

Os satélites	141
Os cometas	143
A Via Láctea	144
As estrelas fixas	146
Os desertos do espaço.	148
Sucessão eterna dos mundos	149
A vida universal.	152
A Ciência	153
Considerações morais.	155
Capítulo VII – Esboço geológico da Terra.	157
Períodos geológicos	157
Estado primitivo do globo	163
Período primário	165
Período de transição	166
Período secundário	169
Período terciário	172
Período diluviano	176
Período pós-diluviano ou atual – nascimento do homem.	178
Capítulo VIII – Teorias da Terra.	180
Teoria da projeção	180
Teoria da condensação	183
Teoria da incrustação	183
Capítulo IX – Revoluções do globo	187
Revoluções gerais ou parciais	187
Dilúvio bíblico	187
Revoluções periódicas.	
Cataclismos futuros.	193
Capítulo X – Gênese orgânica	196
Primeira formação dos seres vivos	196
Princípio vital.	203
Geração espontânea.	206
Escala dos seres corpóreos	208
O homem.	209
Capítulo XI – Gênese espiritual	211
Princípio espiritual	211

União do princípio espiritual e da matéria	215
Hipótese sobre a origem do corpo humano.	216
Encarnação dos espíritos	217
Reencarnações	225
Emigração e imigração de espíritos.	227
Raça adâmica	228
Doutrina dos anjos decaídos e do paraíso perdido	231
Capítulo XII – Gênese mosaica	237
Os seis dias	237
O paraíso perdido.	245

Os milagres segundo o Espiritismo

Capítulo XIII – Caracteres dos milagres	257
Capítulo XIV – Os fluidos	269
Natureza e propriedade dos fluidos	269
Explicação de alguns fatos reputados sobrenaturais.	281
Capítulo XV – Os milagres do Evangelho	298
Observações preliminares.	298
Sonhos	300
Estrela dos magos.	300
Dupla vista	301
Curas	303
Possessos	314
Ressurreições	318
Jesus caminha sobre as águas	320
Transfiguração	321
Tempestade amainada	322
Bodas de Caná	323
A multiplicação dos pães	324
O levedo dos fariseus	
O pão do céu	
A tentação de Jesus	327
Aparições de Jesus após sua morte	329
Desaparecimento do corpo de Jesus.	334

As predições segundo o Espiritismo

Capítulo XVI – Teoria da Presciência341
Capítulo XVII – Predições do Evangelho352
Ninguém é profeta em seu país352
Morte e paixão de Jesus.354
Perseguição dos apóstolos.355
Cidades impenitentes.356
Ruína do templo e de Jerusalém356
Maldição aos fariseus358
Minhas palavras nunca passarão360
A pedra angular.361
Parábola dos vinhateiros homicidas.361
Um só rebanho e um só pastor363
Chegada de Elias365
Anúncio do Consolador366
Segunda vinda do Cristo369
Sinais precursores371
Vossos filhos e vossas filhas profetizarão375
Julgamento final376
Capítulo XVIII – Os tempos são chegados379
Sinais dos tempos.379
A nova geração392

Apresentação

APRECIACÃO SOBRE A GÊNESE

Esta obra chegou na hora certa. O que importava satisfazer primeiramente eram os anseios da alma, era suprir o vazio deixado pela dúvida nas almas vacilantes em sua fé. Essa primeira missão está hoje cumprida. O Espiritismo entra atualmente numa fase nova: ao atributo de consolador, acrescenta o de educador e condutor do Espírito em Ciência, Filosofia e também em moralidade. Ele conquistou os corações afetuosos com as armas da brandura. Agora vigoroso, dirige-se às inteligências fortes. A religião, adversária da Ciência, respondia pelo mistério a todas as perguntas da Filosofia cética. Ela violava as leis da natureza, distorcendo-as segundo suas fantasias, para delas obter uma explicação defeituosa de seus ensinamentos. Vocês, inversamente, se dedicam à Ciência, aceitando todos os seus ensinamentos sem exceção, abrindo os caminhos que ela supunha intransponíveis. Tal será o efeito dessa nova obra! Vai assegurar os fundamentos da doutrina espírita nos corações que já a possuíam, e fará dar um passo à frente para a unidade a todos os dissidentes, com exceção, no entanto, daqueles que são dissidentes por interesse ou por orgulho. Um livro escrito sobre a Gênese deve, desse modo, interessar a todos os *Espíritas* sérios. Por este livro, como eu disse, o Espiritismo entra numa nova fase, porque cada coisa deve vir a

seu tempo. Antecipar o momento propício é tão prejudicial quanto deixá-lo escapar.

(São Luís, Paris, 18 de dezembro de 1867¹)

A Fundação Espírita André Luiz (Feal) tem como missão a difusão da doutrina espírita por todos os meios de comunicação, favorecendo o progresso da humanidade. Cumpre, desse modo, seu dever ao oferecer ao público brasileiro a versão original escrita por Allan Kardec, conforme sua primeira edição, único texto autenticamente publicado pelo autor e restabelecendo suas palavras 150 anos depois.

O DERRADEIRO E CONCLUSIVO LIVRO DE ALLAN KARDEC

No ano de 2018, veio à tona relevante debate sobre alterações realizadas na quinta edição francesa do livro *A Gênese*, publicada após a morte de Allan Kardec, no ano de 1872, em Paris.

No livro *O Legado de Allan Kardec*, a pesquisadora Simoni Privato Goidanich demonstra, por meio de provas obtidas nos Arquivos Nacionais da França e na Biblioteca Nacional da França², que três anos após a desencarnação de Allan Kardec, de forma oculta, sem conhecimento até mesmo da esposa e única herdeira de Allan Kardec, foram realizadas naquela quinta edição francesa centenas de alterações do seu texto original³.

A amplitude das ofensivas é proporcional à importância da causa. Desde 1863, Allan Kardec já fora avisado antecipadamente pelos Espíritos dos obstáculos que seriam enfrentados pela causa espírita, em mensagem do espírito Erasto:

1 *Revista Espírita*, fevereiro de 1868.

2 GOIDANICH, Simoni Privato. *O Legado de Allan Kardec*. 1. ed. USE/CCDPE, 2018. p. 163-166.

3 Op. cit., p. 167-168.

“A luta os espera! Não serão martirizados corporalmente, como nos primeiros tempos da igreja, nem se levantarão fogueiras homicidas, como na Idade Média, mas os torturarão moralmente. Serão montadas armadilhas, emboscadas ainda mais perigosas quando nelas forem utilizadas mãos amigas. Agirão na sombra. Receberão golpes sem saber de onde estão vindo, e serão atingidos em pleno peito pelas flechas envenenadas da calúnia. Nada faltará às suas dores; suscitarão deserções em suas fileiras, e pretensos Espíritos, perdidos pelo orgulho e pela vaidade, vão se apresentar como independentes exclamando: ‘Somos nós que estamos no caminho reto!’, a fim de que vossos adversários natos possam dizer: ‘Vejam como se dizem unidos!’. Tentarão semear o joio entre os grupos, provocando a formação de grupos dissidentes. Arrastarão seus médiuns para fazê-los entrar no mau caminho ou desviá-los de frequentarem os grupos sérios; alguns serão intimidados, outros serão dominados, todas as fraquezas serão exploradas. Depois, não esqueçam que alguns enxergaram no Espiritismo um papel a desempenhar, e um papel principal, que sentem hoje mais de uma desilusão em suas ambições. Vão prometer de um lado o que não podem encontrar do outro. Depois, enfim, com o dinheiro, tão poderoso em seu século atrasado, não poderão encontrar comparsas para representar comédias indignas, com o objetivo de lançar o descrédito e o ridículo sobre a doutrina?”⁴

Como tão fundamental obra, a última e conclusiva do legado de Kardec, poderia sofrer tão perigosa emboscada “por mãos amigas, agindo na sombra”, como avisaram e previram os Espíritos superiores, permanecendo sua versão original e legítima esquecida por 150 anos? Uma volta no tempo, descrevendo a luta de sua esposa, Amélie Boudet, e de espíritos fiéis para manter a doutrina espírita no caminho apontado pelo mestre, será necessária.

Passaram-se 20 anos desde a volta de Allan Kardec para o mundo espiritual. Por mais natural que fosse, sua morte certamente abalou todos os *Espíritos* acostumados com o mestre ao leme, apontando caminhos e desviando das pedras. Ainda sobreveio o *ano terrível*, com descreveu Victor Hugo em 1872, evocando Paris sitiada e as barricadas da Comuna.

4 Erasto, instruções dos Espíritos: a guerra surda. Paris, 14 de agosto de 1863. *Revista Espírita*, dezembro de 1863.

Janeiro de 1881: um grupo de amigos da família e médiuns reúnem-se em Villa de Ségur, Paris, na casa da viúva, Amélie Boudet, e recebem mensagens de Rivail, que afirma:

“A doutrina, por assim dizer, ficou adormecida desde minha partida. Era impossível que fosse de outra forma, já que meu desaparecimento súbito não me deu tempo para realizar os projetos que havia feito e que permitiria a uma coletividade homogênea continuar o trabalho que havia sido iniciado. Então, as desgraças que surgiram em nossa querida pátria obrigaram cada um a trabalhar materialmente para melhorar a própria situação e a de nosso querido país. Pois deve-se confessar que a maior parte dos Espíritas, sendo os primeiros apóstolos, sem possuírem fortuna, têm o dever de primeiramente prover as necessidades diárias de seus familiares”.⁵

Infelizmente, porém, os fatos se agravaram, e a Sociedade Anônima para a Continuação das Obras de Allan Kardec e a *Revista Espírita – jornal de estudos psicológicos*, por responsabilidade de seus administradores, não permaneceram no caminho traçado pelo mestre, divulgando desvios da doutrina, provocando dissidências e semeando o joio no movimento espírita. Rivail continua:

“Não te disse, Amélie, querida companheira de meus trabalhos, que era para o futuro que tinhas que olhar, por ti, por mim, pelo Espiritismo? Cabe a ti, portanto, retificar aquilo que, no momento, tem sido manchado de erros. Cabe a ti distinguir os espíritas abnegados e devotados à nossa causa desde há muito, que, chamados a continuar a fazer frutificar o que eu semeiei, devem, tão logo o momento de agir lhes seja indicado, formar uma sociedade nova chamada a elaborar a continuação das minhas obras. Assim, por ora, consiste em preparar-te para mudar as disposições existentes em favor desta velha sociedade, encaminhando-as àquela que vai se formar e para a qual é tua missão velar”.

Surge nova instituição, a União Espírita Francesa. Na véspera do Natal, mais de 400 espíritas uniram-se a Amélie Boudet, sua querida amiga e mé-

5 FROPPO, Berthe. *Beaucoup de Lumière*. Paris, França: Imprimerie Polyglotte, 1884.

dium Berthe Froppo, Gabriel Delanne, Léon Denis e tantos outros. Uma comissão central de ao menos 30 membros nomeados pela assembleia geral assumiu as recomendações de Allan Kardec na “Constituição transitória do Espiritismo”. Um novo jornal, *Le Spiritisme (O Espiritismo)*, resume em seu título tudo o que lhe importa divulgar!

Henri Sausse, um dos principais biógrafos de Allan Kardec, colaborador de *Le Spiritisme* e participante ativo da União Espírita Francesa, no inverno de 1883-1884, reunido com diversas testemunhas, ouviu de um lionês, dizendo ser amigo pessoal de Leymarie, que este havia feito modificações em *La Gênese*. Surpreendido com tal notícia, comparou frase a frase com a edição original e constatou as modificações. A esse respeito, comenta Simoni Privato Goidanich:

“Henri Sausse não podia calar-se diante de um fato tão grave. Com sua reconhecida coragem e sua fidelidade doutrinária, publicou, em dezembro de 1884, no periódico *Le Spiritisme*, um artigo que constitui um marco na história do Espiritismo, denominado ‘Uma infâmia’: ‘Contra minha vontade, me deixo levar pela indignação que minha alma transborda. (...) *A Gênese* sofreu importantes mutilações”.⁶

Por uma armadilha montada nas sombras, por mãos supostamente amigas, pretensos amigos cheios de orgulho e vaidade, alteraram a derradeira obra de Kardec, por autoria desconhecida, afastando seus leitores de suas palavras autênticas, e profanando-a pela sementeira falsa em suas linhas. Chegou, todavia, a hora do resgate! Da restituição da verdade, retomando a obra primeira, genuína e definitiva em toda a sua integridade.

A história do Espiritismo precisa ser recuperada, divulgada, profundamente conhecida pelos espíritas, para fazer justiça aos dedicados trabalhadores da causa, e dar a Allan Kardec a justa originalidade de seus escritos, tarefa que ele mesmo considerou fundamental:

“Que o Espiritismo, sendo incontestavelmente chamado a desempenhar um grande papel na história, importa que esse papel não seja desnaturado, e que se oponha uma história autêntica às histórias apócrifas que o interesse pessoal poderá fazer. Aliás, o Espiritismo está em seu início, e muitas outras

6 GOIDANICH, Simoni Privato. *O Legado de Allan Kardec*. p. 317, 319 e 320.

coisas se passarão daqui até lá; e depois, é preciso esperar que cada um nele tenha tomado seu lugar, bom ou mau”.⁷

(Paulo Henrique de Figueiredo)

OS FATOS E AS PROVAS IRREFUTÁVEIS

A publicação por Allan Kardec de *La genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme* foi documentada pelo governo francês, que, naquela época, exercia um controle rigoroso sobre a atividade editorial. A impressão de qualquer livro necessitava ser registrada e autorizada pelo Ministério do Interior. Além disso, era obrigatório depositar exemplares em instituições governamentais, como a Biblioteca Imperial, sucedida pela Biblioteca Nacional da França.

Documentos oficiais do Ministério do Interior da época, que atualmente se encontram nos Arquivos Nacionais da França, bem como da Biblioteca Nacional da França provam de maneira categórica que, até o falecimento de Allan Kardec, o livro *La genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme* foi impresso sempre com o mesmo conteúdo. Trata-se do conteúdo do exemplar depositado legalmente em 4 de janeiro de 1868, que atualmente faz parte do acervo da Biblioteca Nacional da França. Sempre com esse mesmo conteúdo, foram impressas, durante a existência física de Allan Kardec, quatro edições da obra. Inclusive no mês anterior a seu falecimento, Allan Kardec mandou imprimir mais 2 mil exemplares desse mesmo conteúdo.

Documentos dos Arquivos Nacionais da França, da Biblioteca Nacional da França, os próprios exemplares das edições publicadas por Allan Kardec e outras evidências provam, de maneira irrefutável, que a quarta edição é a última que Allan Kardec publicou durante sua existência física. Portanto, a edição definitiva de *La genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme*, de Allan Kardec, é a quarta, datada de 1868, cujo conteúdo, igual ao das três anteriores, coincide totalmente com o com o exemplar depositado legalmente em 4 de janeiro de 1868, que faz parte do acervo da Biblioteca Nacional da França.

No entanto, em lugar do conteúdo definitivo de *La genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme*, passou a ser difundida, depois do faleci-

7 KARDEC Allan. *Revista Espírita*, out. 1862.

mento de Allan Kardec, a quinta edição, “revisada, corrigida e aumentada”, que, desde o século 19, tem sido objeto de importantes questionamentos no movimento espírita.

Documentos oficiais dos Arquivos Nacionais da França provam, de maneira contundente, que a quinta edição, “revisada, corrigida e aumentada”, foi depositada legalmente em 23 de dezembro de 1872, ou seja, mais de três anos depois do falecimento de Allan Kardec, ocorrido em 31 de março de 1869. Portanto, a quinta edição, modificada, não foi publicada nem depositada legalmente por Allan Kardec.

As modificações encontradas na quinta edição, “revisada, corrigida e aumentada”, são significativas não somente pela quantidade, mas, sobretudo, no que se refere ao conteúdo doutrinário. Na quinta edição, foram suprimidos e modificados, entre outros, conteúdos que tinham sido desenvolvidos na *Revista Espírita* e que, confirmados segundo os critérios espíritas, foram publicados por Allan Kardec em todas as edições que ele fez em vida de *La genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme*. Além disso, foram acrescentadas, na quinta edição, passagens com erros, inclusive doutrinários, alguns de caráter supersticioso, e outros trechos que constituem fortes indícios de que a autoria dessa edição *post mortem* “revisada, corrigida e aumentada” não corresponde a Allan Kardec.

A responsável pela quinta edição de *La genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme* foi a Sociedade Anônima da Caixa Geral e Central do Espiritismo, instituição dirigida por Pierre-Gaëtan Leymarie, para a qual Amélie Boudet, viúva Rivail, havia doado, de boa-fé, todos os direitos sobre as obras de Allan Kardec.

Foi em sua resposta ao artigo “Uma infâmia”, de Henri Sausse, que a Sociedade Anônima, 12 anos depois da publicação da quinta edição, rompeu o silêncio que havia mantido perante o movimento espírita sobre as modificações introduzidas no conteúdo depositado legalmente e publicado por Allan Kardec em *La genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme*. A Sociedade Anônima alegou que a obra foi revisada, corrigida e aumentada por Allan Kardec na quarta edição, em 1868, e que o mestre havia feito, em vida, seis edições. Entretanto, a versão da Sociedade Anônima é claramente refutada por documentos dos Arquivos Nacionais da França e da Biblioteca Nacional da França, bem como pelos próprios exemplares das quatro primeiras edições, além de outras provas.

Com base nesses fatos, a Confederación Espiritista Argentina traduziu para o espanhol e publicou, em 2017, o conteúdo definitivo de *La genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme*, depositado legalmente em 4 de janeiro de 1868. Essa tradução tem sido amplamente difundida nos países de língua espanhola. Tanto o livro *O legado de Allan Kardec*, originalmente em espanhol, como a tradução do conteúdo definitivo de *La genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme* foram divulgados no 4º Congresso Espírita Sul-Americano, realizado em Bogotá em outubro de 2017.

No início de 2018, o Movimento Espírita Francófono também lançou, em coordenação com o Conselho Espírita Internacional, o conteúdo definitivo de *La genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme*. Nos demais países que publicam a obra de Allan Kardec, o caminho da restauração está sendo trilhado.

(Simoni Privato Goidanich)

O DIREITO MORAL E A GARANTIA DA INTEGRIDADE DA OBRA

Colocados tais fatos, há interesse em examinar as questões do depósito legal da obra e do direito moral frente ao direito autoral, já que ambas questões geram efeitos na situação em discussão.

O sistema de depósito legal tem sua origem na França quando, em 1537, o rei Francisco I, por meio da *Ordonnance de Montpellier*, decretou como expressamente proibida a venda de livros a todas as impressoras e livreiros do reino, dos quais não tivesse sido entregue ao menos um exemplar à Biblioteca Real do Castelo de Blois.

A *Ordonnance* tinha por objetivo tanto a identificação de obras dignas de memória quanto a contenção da disseminação de ideologias protestantes por meio do controle do sistema de impressões do reino.

A partir do século 19, o Decreto Imperial Francês de 5 de fevereiro de 1810, sob o pretexto de conferir a função de proteção à propriedade literária, reformulou a utilização do sistema da autorização prévia e depósito legal, respectivamente, como instrumento de controle da impressão e da comercialização das obras impressas.

Posteriormente, com a implementação da Convenção de Berna, em 1886, todos os países signatários, entre os quais a França e o Brasil, buscaram uma forma mais racional de proteção ao direito autoral sem, no entanto, deixar de utilizar o depósito legal para formar um acervo cultural nacional.

Na situação específica da primeira edição francesa do livro *A Gênese*, o tipógrafo de Allan Kardec providenciou no Ministério do Interior da França a autorização mediante a declaração nº 9.460, de 7 de outubro de 1867, por meio da qual manifestou a intenção de imprimir 3 mil exemplares. Como não houve oposição por parte de nenhum dos ministros, foi então autorizada a impressão. Foi realizado daquela obra o depósito legal nº 61, de 4 de janeiro de 1868, dois dias antes de o livro estar disponível para venda.⁸

Já na quinta edição francesa, o tipógrafo foi encarregado pela Sociedade Anônima, então dirigida por Pierre-Gaëtan Leymarie, de providenciar a citada autorização mediante declaração nº 10.769, de 19 de dezembro 1872, por meio da qual manifestou a intenção de imprimir 2 mil exemplares de uma edição que havia sido “revisada, corrigida e aumentada”. Por isso, como o conteúdo da quinta edição era diferente daquele da primeira, segunda, terceira e quarta edições, fez-se necessário realizar um novo registro oficial dessa quinta edição do livro *A Gênese*, o que foi feito por meio do depósito legal nº 9.181, de 23 de dezembro de 1872.⁹

Tudo isso evidencia e comprova que, ao ser realizado um novo depósito legal do livro, em 23 de dezembro de 1872, está-se diante de uma obra nova (“revisada, corrigida e aumentada”) e, portanto, similar, mas, ainda assim, diversa da original.

O problema dos mais graves que se impõe a essa questão é que Allan Kardec faleceu em 1869, mas agora se sabe que o requerimento de autorização de publicação e depósito legal da obra alterada foi realizado 1872, ou seja, mais de três anos depois de seu falecimento, quando houve a solicitação de autorização para publicação e o depósito legal dessa quinta edição francesa do livro *A Gênese*, o que inviabiliza a informação que até então circulava que teria sido Allan Kardec quem supostamente teria solicitado pessoalmente às autoridades públicas francesas a autorização para a impressão e realizado o depósito legal dessa obra modificada.

8 Op. cit., p. 80-81.

9 Op. cit., p. 164-166.

Soma-se ainda a essa questão de alta gravidade outro fato relevante: a completa ausência da informação na sucessão hereditária de Allan Kardec sobre uma suposta autorização dele para que se fizesse alteração de conteúdo no livro *A Gênese*, pois, na França, desde aquela época, a alteração de uma obra após a morte do autor só poderia ser realizada mediante autorização expressa desse mesmo autor apurada na sua sucessão hereditária.¹⁰ No caso examinado não se vê no testamento¹¹ ou no inventário¹² de Allan Kardec qualquer respaldo jurídico, autorização ou ainda simples menção sobre a publicação de nova edição de *A Gênese* com revisões, correções e alterações, até mesmo porque em nenhum desses instrumentos sucessórios foi evidenciada qualquer instrução para que, após a morte de Allan Kardec, houvesse a publicação do livro *A Gênese* revisado, corrigido e aumentado.

Portanto, como o falecimento, o testamento e o inventário de Allan Kardec ocorreram antes do pedido de autorização para publicação e o depósito legal da quinta edição de *A Gênese*, e neles não havia qualquer menção de autorização para publicar obra com revisões, correções e alterações, é possível extrair as seguintes conclusões: 1) Não foi Allan Kardec quem solicitou a autorização de publicação e o depósito legal da quinta edição; 2) As alterações realizadas em *A Gênese* após o falecimento de Allan Kardec somente poderiam ser consideradas juridicamente válidas como originadas da vontade deste se, no procedimento sucessório, fosse apresentado o indicativo apto a reconhecer essas alterações como vontade do autor; 3) Na situação examinada não foram apresentados no testamento ou inventário qualquer formalização ou indicativo expresso que apontasse no sentido de que as alterações seriam da vontade de Allan Kardec.

Desse modo, resta agora enfrentar o direito moral como garantia da integridade da obra original aplicada mesmo no caso de obras que caíram em domínio público, como é o caso do livro *A Gênese*.

O direito moral em matéria de direito autoral é identificado por meio do aspecto da idoneidade do conteúdo da obra ou do artista. A isso se denomina

10 MENEZES, Joyceane Bezerra de; JUNIOR OLIVIERA, Vicente de Paulo Augusto de. Limites ao direito autoral *post mortem*. *Revista de Direitos Fundamentais e Democracia*. v. 11, n. 11. Curitiba: 2012. p. 415.

11 Op. cit., p. 115-117.

12 Op. cit., p. 124-125.

ato de criação ou fato gerador do direito moral, o qual impede qualquer alteração à obra original via acréscimo ou supressão não autorizada pelo autor, e garante ainda ao autor o direito de ter seu nome creditado nela. Tem, portanto, duplo objetivo: o de identificar seu autor e o de levar ao conhecimento do consumidor a criação, tal como por ele concebida, pois somente é dado ao autor o direito de alterar a própria obra.

Portanto, as prerrogativas do direito moral, de respeito e de paternidade subsistem mesmo depois da morte do autor, a fim de garantir a preservação da obra contra tentativas de alteração, de má utilização ou de supressão no nome do autor.

Nem aquela presunção de que os herdeiros e sucessores do autor sejam as pessoas mais indicadas para velar pelo resguardo da integridade e genuinidade da obra resulta verdadeira, já que são bastante numerosos os casos em que aqueles não manifestam a necessária isenção de ânimo, compromisso com o sucedido ou superioridade intelectual indispensável para dar fiel cumprimento às intenções do criador da obra, não faltando mesmo os que vejam aí uma oportunidade para dar vazão a sentimentos de hostilidade, de desrespeito, ou simplesmente concedam primazia às suas preferências, nem sempre em harmonia com a intenção do falecido.

É importante fixar que uma legislação ciosa do patrimônio intelectual dos seus jurisdicionados deve proteger o direito moral *post mortem*, de maneira a garantir a proteção das obras sem a vontade ou mesmo contra a vontade dos herdeiros ou cessionários, porque a personalidade do autor sobrevive para o direito por meio da obra da qual é sua emanção.

Reconhece-se ordinariamente que uma obra caiu em domínio público quando ultrapassa em média 50 a 70 anos a morte do autor, a depender da legislação vigente em um país.

No entanto, ainda assim, no âmbito internacional, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) realizou, em 1979, em Paris, uma discussão para aplicar no Direito Internacional parâmetros com vistas a preservar o direito moral do autor e o conseqüente respeito e integridade das obras caídas em domínio público, tendo já naquela época concluído que:¹³

13 CHAVES, Antônio. O direito moral após a morte do autor. *Revista Forense*. v. 298. n. 83. Rio de Janeiro: 1987. p. 428-429.

A expiração do prazo de proteção ao direito de autor e, portanto, o fato de que as obras do espírito caíam no domínio público não deve ser considerado como licença para que as obras sejam desfiguradas.

1. *Com referência ao autor: preservação da paternidade da obra e de sua integridade, os condensados, as adaptações ou quaisquer outros tipos de modificação do original deverão ser claramente indicados ao público.*

2. *Com relação ao público: preservação de seus direitos de livre acesso à informação e, sobretudo, à informação correta.*

3. *Sobre as futuras gerações: no sentido de que lhes seja resguardado o acesso a obras não deturpadas e que, por meio da mensagem cultural autêntica dos autores do passado, o patrimônio mundial seja protegido.*

Assim, é aplicável no caso examinado o direito moral como garantia da integridade da obra, mesmo quando se trata de obra submetida a domínio público, como é o caso do livro *A Gênese*. No caso, atendendo a esse direito, deve ser obstada a circulação dos livros *A Gênese* que estejam tomando como base a quinta edição francesa e também as traduções nela baseadas.

(Júlio Nogueira)

A OBRA ORIGINAL, ATUAL E CONTEMPORÂNEA

Todo espírita sensato que se debruça sobre o conteúdo completo das obras de Allan Kardec percebe os elementos que caracterizaram o chamado “bom senso encarnado”, designação que Camille Flammarion deu a Rivail no funeral deste, em célebre discurso. Kardec era metódico, sistemático, organizado, racional, detalhista, tenaz, perspicaz, equilibrado, entre outras de suas virtudes.

Allan Kardec desenvolveu progressivamente a elaboração dos conceitos fundamentais da doutrina espírita no decorrer da publicação mensal da *Revista Espírita*, de 1858 a 1869, considerado como verdadeiro laboratório experimental. A obra, como ele mesmo destacou, jamais veio “pronta e acabada”, completa. O intercâmbio propiciado pela sucessão de diálogos, seja os espontâneos, seja os derivados de evocação, foi um enorme quebra-cabeças ou uma colcha de retalhos, ambos compostos ou tecidos com denodo e delicadeza de detalhes pelo codificador. Não raro eram as respostas obtidas em

alguns colóquios o ponto de partida para novos e sucessivos questionamentos. Uma espécie de maiêutica espiritual. À medida que os assuntos iam se desenvolvendo e que ocorria o aprofundamento dos temas, Kardec pensava em obras específicas que poderiam reunir as informações em diferentes texturas. Assim se deu com *O Livro dos Espíritos*, a obra primordial, mas também ficou marcante nas demais, de especificidade e singularidade, distintas umas das outras, como é o caso de *A Gênese*, a última desse segmento, cujo sesquicentenário ora se comemora, com o resgate do pensamento original do professor francês.

Este contexto, verdadeiramente, merece de nós, que estudamos e defendemos o patrimônio intelectual e cultural de Allan Kardec, sob a proteção da juridicidade à época, especial atenção, remontando aos mesmos critérios de lógica e bom senso existentes na personalidade do educador de Lyon.

A obra que se está a resgatar – frise-se: em sua edição genuína e sem qualquer tipo de alteração posterior e de terceiros –, *A Gênese*, não recebeu, no conjunto de fascículos e volumes da citada *Revue*, qualquer anúncio, por parte de Rivail, de que se estava preparando uma quinta edição, sobretudo com as reformulações e adulterações que se constata, no exercício de comparação entre ela e as quatro anteriores, todas idênticas. Poder-se-ia falar, no contexto da publicidade de obras e edições sequenciais, que a segunda, a terceira e a quarta edições, posto que idênticas totalmente à primeira, da obra em tela, não seriam, propriamente, edições “novas”, mas republicações da inicial, para atender à necessidade de sua comercialização e aquisição por parte dos muitos interessados, por todo o mundo, em razão de estar esgotada a edição imediatamente anterior.

A quinta edição – que passou a ser tida como “definitiva”, equivocadamente (agora sabemos) – distorce, assim, de modo capital o patrimônio intelectual de seu autor. No Brasil, por exemplo, as muitas editoras que levaram a cabo a publicação de suas próprias traduções valeram-se da quinta edição e, portanto, proporcionaram durante o fim do século 19 (posto que a primeira edição brasileira data de 1882), assim como por todo o século 20 e parte do século 21, em nosso Brasil, o conhecimento dos *Espíritos* acerca de um conteúdo que, lamentavelmente, não é o da disciplina do pensamento de Allan Kardec. Em muitos dos trechos “alterados”, inclusive, há a desnaturação completa de princípios e fundamentos do Espiritismo, tal qual nos legou o pensa-

dor lionês, promovendo assim a incorporação de teses que não se coadunam com o “edifício espírita” e propiciam, drasticamente, a perda de objeto, ainda que parcialmente, da obra publicada, em relação a todo o contexto espírita.

A atitude desmedida e incompatível com o genuíno método de Kardec, que foi perpetrada por aqueles que estavam de posse do acervo espírita – os dirigentes da Sociedade Anônima da Caixa Geral e Central do Espiritismo –, é a materialização de algo que o próprio Kardec já havia conceituado em sua obra, quando tratou dos *Cismas – Constituição Transitória do Espiritismo*, publicada na *Revue* de dezembro de 1868, praticamente um ensaio premonitório daquilo que se materializaria com a adulteração de *A Gênese*. Diz o codificador que o Espiritismo “(...) terá, sobretudo no começo, de lutar contra as *ideias pessoais*, sempre absolutas, tenazes, lentas a se ligar às ideias de outrem, e contra a **ambição** dos que, a despeito de tudo, *querem ligar seu nome a uma inovação qualquer; que criam novidades* unicamente para poder dizer que não pensam e não fazem como os outros; ou porque *o seu amor próprio sofre por só ocuparem um lugar secundário*; ou, enfim, que veem com *despeito* um outro fazer o que não fizeram e, além disso, triunfar” (destaques nossos).

Estamos aqui, destarte, paralisando as consequências danosas, até aqui, à memória do codificador e ao conteúdo de sua obra, denunciando e laborando no resgate do texto original, legando às atuais e futuras gerações a recomposição do edifício espírita, sem desnaturação. E é o próprio Rivail quem estabelece os requisitos deste trabalho: “Para assegurar a unidade no futuro, uma condição é indispensável: é que *todas as partes do conjunto da doutrina estejam determinadas com previsão e clareza*, sem nada deixar no vago. Para isso, procedemos de maneira que os nossos escritos não possam dar lugar a nenhuma interpretação contraditória, e procuraremos que seja sempre assim”.

Afirmou Henri Sausse, biógrafo de Kardec e o primeiro a contestar publicamente a edição modificada: “Se o mestre tivesse tocado na *Gênese*, se ele mesmo tivesse inserido essas *mudanças tão grandes que constituem quase uma nova obra*, ele nos teria advertido. Para essas edições, revisadas, corrigidas e aumentadas, ele teria escrito um novo prefácio, como ele o fez para *O Livro dos Espíritos*”. Isso foi publicado no *Le Spiritisme*. (1ª quinzena, fevereiro, 1885)

Como há fatos, e estão suficientemente demonstrados no conjunto das brilhantes e extensas pesquisas, estamos na esteira do que prelecionou o codificador, em contraposição: “Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem

sensato”. E tal homem sensato, diante dos fatos, procura entendê-los e buscar a recomposição do estado natural, original e verdadeiro.

Em homenagem a Allan Kardec, nós, *Espíritas* estudiosos e sensatos, permanecemos com a obra original, atual, contemporânea, fiel à dele!

(Marcelo Henrique Pereira)

Paulo Henrique de Figueiredo: pesquisador, palestrante e escritor espírita. Autor das obras *Mesmer, a ciência negada do magnetismo animal* e *Revolução Espírita, a teoria esquecida de Allan Kardec*, além de artigos. Faz programas de rádio e TV semanais, nos quais divulga a obra de Allan Kardec. Administrador de Empresas. Reside em São Paulo, SP.

Simoni Privato Goidanich: escritora e expositora espírita. Autora de *O Legado de Allan Kardec, Divulgación del espiritismo – enseñanzas del ejemplo de José María Fernández Colavida*, entre outras obras e artigos. Apresenta programa de rádio veiculado em Miami. Diplomata brasileira, é graduada em Diplomacia e Direito, sendo mestra em Direito Internacional pela Universidade de São Paulo, Brasil. Reside em Montevidéu, Uruguai.

Júlio Nogueira: advogado, graduado em Direito pela Universidade Federal da Bahia. Membro da Associação Brasileira de Propriedade Intelectual (ABPI) e da Ligue Internationale du Droit de la Concurrence (LIDC). Atua na divulgação do Espiritismo no Teatro Espírita Leopoldo Machado (Telma), onde reside, em Salvador, Bahia.

Marcelo Henrique Pereira: doutorando em Direito, mestre em Ciência Jurídica, auditor fiscal, advogado, professor universitário, membro da Oficial Academia Tijuquense de Letras. Atua no Movimento Espírita Nacional, é escritor e conferencista espírita, com livros e centenas de artigos em periódicos e sites. Reside em Florianópolis, Santa Catarina.

Prefácio a esta edição

Segundo a apreciação do espírito São Luís sobre *A Gênese*, essa obra faz o Espiritismo entrar em nova fase: “Educador e condutor do Espírito em Ciência, Filosofia e também em moral”. Pois os *Espíritas*, em sua elaboração, “se dedicam à Ciência, aceitando todos os seus ensinamentos sem exceção”¹⁴.

Mas o Espiritismo não é ele mesmo uma Ciência? Há um amplo e caloroso debate sobre essa questão desde 150 anos. A solução, porém, está na recuperação do cenário cultural do tempo de Kardec, para compreender o significado seu significado mais profundo. Afirmou Kardec, em sua primeira *Revista Espírita*:

“Talvez nos contestem a qualificação de Ciência que damos ao Espiritismo. Ele não poderia, sem dúvida, em alguns casos, ter os caracteres de uma Ciência exata, e está precisamente aí o erro daqueles que pretendem julgá-lo e experimentá-lo como uma análise química, como um problema matemático: já é muito que tenha o de uma **ciência filosófica**”.¹⁵

Todavia, qual o significado de “Ciência Filosófica”? Não vamos compreender essa expressão tentando deduzi-la, pois ela não foi criada por Kardec, mas

14 São Luís, *Revista Espírita*, dezembro de 1867.

15 KARDEC, Allan. *Revista Espírita, Jornal de Estudos Psicológicos*. Introdução, jan. 1858.

faz referência ao título de uma classe de disciplinas adotadas pela Universidade daquela época! Em nosso tempo, todo o ensino superior fundamenta-se numa base conceitual materialista, mas o mesmo não ocorria no século 19 na França, quando, desde aproximadamente 1830, a filosofia oficial adotada era o Espiritualismo racional. Foi uma reação ao materialismo radical que tomou tanto a universidade quanto a cultura desde a Revolução Francesa, explica Kardec:

“Desde um século a sociedade era trabalhada pelas ideias materialistas; a incredulidade era moda. Todas as coisas extremas têm sua reação quando não estão na verdade. As ideias materialistas tinham chegado ao seu apogeu. Percebeu-se que elas não davam o que delas se esperava. Daí uma aspiração para o desconhecido e uma reação inevitável para as ideias espiritualistas”.¹⁶

O Espiritismo surgiu num momento crucial da história. Durante séculos, a cultura foi dominada na França pelo dogmatismo da igreja. Após a Revolução Francesa, chegou a vez do ceticismo do materialismo, mas o Espiritismo surgiu em hora própria e adequada, quando havia interesse por uma fé raciocinada e a discussão da crença:

“Foi nessas circunstâncias, extremamente favoráveis, que chegou o Espiritismo; mais cedo, teria se chocado contra o materialismo todo-poderoso; num tempo ainda mais recuado, teria sido abafado pelo fanatismo cego. Surgiu num momento em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apoderou de todos os espíritos”.¹⁷

A reação espiritualista teve início com a criação da psicologia espiritualista por Maine de Biran (1766-1824), no Institut de France, quando os pensadores materialistas, como o líder da escola sensualista Destutt de Tracy (1754-1836) discutiam a causa da capacidade humana de raciocinar. Sua conclusão, que ganhou o prêmio do concurso para resolver essa questão, *Influence de l'habitude sur la faculté de penser* (A influência do hábito sobre a faculdade

16 *Revista Espírita*, out. 1863.

17 Idem.

de pensar), vai definir o ser humano como “uma alma encarnada”, possuindo faculdades a serem desenvolvidas pelo próprio esforço: vontade, razão, imaginação. A alma, fazendo uso do corpo como seu instrumento, diferindo dos animais, tem vida animal (instintos, paixões, dor e prazer) e vida humana, por suas faculdades e destino moral.

Seguidores como Royer-Collard, Victor Cousin, Theodore Jouffroy e Paul Janet desenvolveriam essa base psicológica grandemente, ampliando seu alcance, com o objetivo de criar uma nova moral, capaz de promover uma regeneração da humanidade. A moral da igreja era a da obediência passiva e da fé cega, que não tinham mais lugar num tempo progressista. A moral do materialismo era a do interesse e da utilidade, reconhecida por eles como promotora do egoísmo e mantenedor das desigualdades. Surgia então, pela reação espiritualista, a moral da liberdade. O ato da liberdade considerado como ação ativa da alma encarnada, sendo escolhido por ser racional e consciente, direcionada pelas leis presentes na consciência. A moral do dever, sustentada pela razão que sabe produzir conhecimento, deu surgimento a uma nova pedagogia e às disciplinas das Ciências Filosóficas, adotadas inicialmente na Universidade de Sorbonne, depois nas escolas normais, dedicadas à formação dos professores. Então, desde 1830, passou a fazer parte da grade curricular dos colégios, estendendo aos jovens essa nova educação. A Psicologia, diferentemente de nosso tempo, quando adquiriu finalidade terapêutica, objetivava as *consequências morais*:

“Considerando o bem como prazer ou utilidade, desaparece toda distinção moral; toda escolha entre bem e mal torna-se arbitrária. O bem não deve ser procurado em um modo de nossa sensibilidade nem nos estados de consciência. O prazer não é excluído da categoria dos bens, mas não é o princípio deles. O bem moral, sendo distinto do prazer e da utilidade, não pode a lei da atividade humana ser procurada nem na paixão, que tem por objeto o prazer, nem no interesse, que tem por objeto o útil, nem no sentimento. Essa lei existe no princípio de ação que se chama DEVER”.¹⁸

18 JANET, Paul. *Tratado elementar de Filosofia*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1885-1886.

Entre as Ciências Filosóficas, haviam dois grupos de disciplinas. As derivadas do estudo do espírito humano e do desenvolvimento de suas faculdades: Psicologia Experimental, Lógica (razão: o verdadeiro, aprender a aprender, metodologia científica), Moral teórica e prática (vontade: estudo do bem) e Estética (imaginação: estudo do belo). O outro grupo considerava o espiritualismo como base conceitual. Portanto, deveria estudar racionalmente a causa primeira, Pois se a alma é a causa do ser humano, esta é criação de Deus, que, não tendo causa anterior, é a “causa primeira” de todas as coisas. Sendo o Criador, é também a infinitude de nossas faculdades, portanto inteligência e bondade supremas. As Ciências Metafísicas são as seguintes: Psicologia racional (relações entre a alma e o corpo), Cosmologia racional (matéria e vida) e Teodiceia (estudo racional de Deus como causa primária, seus atributos e sua providência)¹⁹.

Como se pode deduzir, a estrutura de *O Livro dos Espíritos* e outras obras seguem os temas dessa tábua de matérias, desenvolvendo-os pelos ensinamentos dos Espíritos. Por isso, Kardec qualificou a *Revista Espírita* como *Journal de estudos psicológicos*, qualificando o Espiritismo como *Ciência Filosófica*:

“O Espiritismo experimental surgiu na América, mas a parte teórica e filosófica encontrou na Europa melhores elementos para seu desenvolvimento. Os fatos lá primeiro despertaram a curiosidade; não ocorreu o mesmo desde que se desenvolveram as consequências morais desses mesmos fatos para o futuro da humanidade. Desde esse momento, **o Espiritismo tomou lugar entre as Ciências Filosóficas**. Caminhou então a passos de gigante, porque satisfazia as aspirações das massas. Compreendeu-se prontamente que vinha preencher um vazio imenso nas crenças, e resolver o que até então parecia insolúvel. A filosofia espírita da Europa, incontestavelmente, é a que prevalece hoje no mundo inteiro”.²⁰

Desse modo, quando tentaram qualificar o Espiritismo como seita ou religião concorrente das demais, como fez o redator da *Bibliografia Católica*, Georges Gandy, receberam a resposta de Allan Kardec, em sua *Revista*, que “não é, pois, como alguns pretendem, uma religião nova, uma seita que se forma às custas de irmãs mais velhas: é uma doutrina puramente moral”:

19 Idem.

20 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Escola Americana, maio 1864.

“Quereis a toda força que o Espiritismo seja uma seita, digo então que ele não aspira senão ao título de Ciência moral e filosófica, respeitando todas as crenças sinceras; por que, pois, dar a ideia de uma separação àqueles que não pensam nisso?”²¹

O *Espiritualismo racional* surgiu na universidade francesa com a missão de promover a “regeneração da humanidade”, expressão da época, por meio de uma moral da liberdade que estabelece a autonomia moral e intelectual. Vinha combater a fé cega do mundo velho e a incredulidade do materialismo. O ensino das *Ciências Filosóficas* para os universitários, professores e jovens estudantes dos colégios, ensinando a aprender pela disciplina *Lógica* a agir pelo dever na *Moral teórica e prática*, e a compreender um Deus racional pelas *Ciências Metafísicas*, como a *Teodiceia*, deu a essa geração a esperança de construir uma sociedade igualitária, com oportunidade para todos, por meio do esforço voluntário de cada um. O Espiritismo, portanto, veio surgir em tempo oportuno, como definiu Kardec, nem muito cedo nem muito tarde, pois veio aparecer depois da “enérgica reação que se opera em favor das ideias espiritualistas e que, como dissemos, toda defesa do espiritualismo racional abre o caminho do Espiritismo, que dele é o desenvolvimento, combatendo seus mais tenazes adversários: o materialismo e o fanatismo”.²²

Compreendendo o fato de o Espiritismo ser “o desenvolvimento” do espiritualismo racional estudado na universidade e nos colégios, conforme definiu Allan Kardec, é possível compreender seu entusiasmo pelo futuro dos ensinamentos dos Espíritos diante da regeneração da humanidade almejada por sua geração. Nesta obra, *A Gênese*, o mestre bem qualifica essa missão da doutrina espírita, que, pela recuperação histórica do cenário cultural que viveu, podemos compreender perfeitamente:

“O Espiritismo não criou a renovação social, pois a maturidade da humanidade faz dessa renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela elevação de seus propósitos, pela

21 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. A Bibliografia católica contra o Espiritismo, jan. 1861.

22 KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. O Espiritualismo e o ideal, nov. 1868.

generalidade das questões que ela abraça, o Espiritismo está, mais que todas as outras doutrinas, apto a secundar o movimento regenerador. Por isso que é contemporâneo. Surgiu no momento em que podia ser útil, pois, para ele também os tempos são chegados. Vindo mais cedo, encontraria obstáculos intransponíveis; teria fatalmente sucumbido, já que os homens, satisfeitos com o que tinham, não sentiam ainda a necessidade daquilo que ele oferece. Atualmente, nascido com o movimento das ideias que fermentaram, encontra o terreno preparado para recebê-lo. Os Espíritos, cansados da dúvida e da incerteza, assustados com o abismo aberto à sua frente, acolhem-no como uma âncora de salvação e uma suprema consolação”.²³

Não caberia nesta obra empreender uma atualização dos conceitos e paradigmas científicos de nosso tempo diante das referências utilizadas por Allan Kardec de obras de seu tempo. Esse trabalho cabe ao leitor, pois esta obra é perene; será lida por nós neste século 21, mas estará certamente nas mãos dos *Espíritos* dos séculos 22, 23, 24. Nesse tempo, a Ciência de hoje estará ultrapassada, pois tudo progride sempre. Faremos, todavia, notas explicativas para esclarecer ao leitor as expressões, termos e ideias citadas por Kardec que pertencem aos paradigmas aceitos em sua época, pelas Ciências oficiais, contextualizando a obra em seu cenário cultural original.

São Paulo, maio de 2018.

PAULO HENRIQUE DE FIGUEIREDO

23 Kardec, Allan. *A Gênese*, capítulo XVIII, item 23, p. 406-407.

PARIS

1868

LA GENÈSE

LES MIRACLES ET LES PRÉDICTIONS

SELON LE SPIRITISME

PAR

ALLAN KARDEC

Auteur du *Livre des Esprits*

La doctrine spirite est la résultante de l'enseignement collectif et concordant des Esprits.

La science est appelée à constituer la Genèse selon les lois de la nature.

Dieu prouve sa grandeur et sa puissance par l'immuabilité de ses lois, et non par leur suspension.

Pour Dieu, le passé et l'avenir sont le présent.

PARIS

LIBRAIRIE INTERNATIONALE

15, BOULEVARD MONTMARTRE

A. LACROIX, VERBOECKHOVEN ET C^o, ÉDITEURS

A BRUXELLES, A LEIPZIG ET A LIVOURNE

Et au bureau de la REVUE SPIRITE, 59, rue et passage Ste-Anne

1868

Réserve de tous droits.

Reprodução fac-símile do frontispício da primeira edição de *La genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme*, de Allan Kardec. Exemplar da Biblioteca Nacional de Florença, Itália. Por comparação do conteúdo, constata-se que as edições de 2^a a 4^a, únicas publicadas em vida pelo autor além da original, são reimpressões idênticas, reproduzidas a partir da mesma matriz.

Introdução à primeira edição publicada em janeiro de 1868

Esta nova obra constitui um passo adiante nas consequências e aplicações do Espiritismo. Conforme indica seu título, tem como objetivo o estudo de três pontos até agora diversamente interpretados e comentados: *A Gênese, os milagres e as predições*, em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos *espíritos*.

Dois elementos ou, se assim queira, duas forças regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material. Da ação simultânea desses dois princípios resultam fenômenos especiais que se tornam naturalmente inexplicáveis se não considerarmos um dos dois, do mesmo modo que a formação da água seria inexplicável se levássemos em conta um de seus dois elementos constituintes: o oxigênio ou o hidrogênio.

Ao demonstrar a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, o Espiritismo dá a solução para uma imensidão de fenômenos não compreendidos e considerados, por esse motivo, inadmissíveis por certa classe de pensadores. Esses fatos são abundantes nas Escrituras, mas seus comentadores não têm conseguido chegar a uma solução racional, pois, desconhecendo a lei que os rege, permanecem fechados em dois campos opostos, uns deixando de considerar os dados positivos da Ciência, os outros deixando de considerar o princípio espiritual. E assim ficam girando em círculos sem chegar a lugar algum.

Essa solução se encontra na ação recíproca entre o Espírito e a matéria. É verdade que ela tira da maior parte desses fatos seu caráter sobrenatural. Mas

o que tem um valor maior: admiti-los como resultado das leis da natureza, ou rejeitá-los completamente? Sua rejeição absoluta leva consigo o próprio alicerce do edifício, enquanto que, admitindo desse modo, apenas suprimindo o acessório, deixa essa base intacta. Eis por que o Espiritismo conduz tanta gente à crença de verdades que não há muito tempo consideravam utopias.

Esta obra é, pois, como dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo, por um ponto de vista especial. Os materiais estavam prontos, ou ao menos elaborados desde há muito tempo, mas ainda não havia chegado o momento de serem publicados. Era preciso, primeiramente, que as ideias constituintes de sua base amadurecessem. E também levar em consideração a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não tem nem mistérios nem teorias secretas; tudo nele deve ser dito com clareza, a fim de que todos possam julgá-lo com conhecimento de causa. No entanto, cada coisa deve chegar a seu tempo, para chegar com toda segurança. Uma solução dada precipitadamente, antes da questão ser completamente esclarecida, causaria mais retrocesso do que de avanço. Naquilo que aqui tratamos, a importância do tema nos impõe o dever de evitar qualquer precipitação.

Antes de entrar no assunto, pareceu-nos necessário definir claramente o papel respectivo dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que afastam dela qualquer ideia de misticismo, constitui o primeiro capítulo, intitulado *Natureza da revelação espírita*. Pedimos que se atenha com seriedade a esse ponto, porque, de certo modo, ali está o nó da questão.

Não obstante a parte que cabe à atividade humana na elaboração dessa doutrina, a iniciativa pertence aos Espíritos, mas ela não é formada pela opinião pessoal de nenhum deles. A doutrina é, e só poderia ser, o *resultado do ensinamento coletivo e concordante dos Espíritos*. Somente com essa condição ela pode se dizer a doutrina *dos Espíritos*. De outro modo, seria apenas a doutrina *de um Espírito*, e só teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino – esse é o caráter essencial da doutrina espírita, a condição mesmo de sua existência, de onde resulta que todo princípio que não tenha recebido a consagração do controle de generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma doutrina, mas como uma simples opinião isolada, cuja responsabilidade o Espiritismo não pode assumir.

Essa coletividade concordante de opinião dos Espíritos, submetida, além disso, ao critério da lógica, constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela fosse alterada, seria preciso que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e que eles viessem um dia dizer o contrário do que disseram anteriormente. Considerando que a doutrina tem sua origem no ensinamento dos Espíritos, para que ela desaparecesse seria preciso que os Espíritos deixassem de existir. Isso é também o que fará o Espiritismo sobre os sistemas pessoais, que não tenham, como ele, raízes em toda parte.

O Livro dos Espíritos só viu seu crédito se consolidar porque é a expressão de um pensamento coletivo geral. Em abril de 1867 completou seu primeiro decênio. Nesse período, os princípios fundamentais, a partir dos quais sua base foi formada, foram sucessivamente completados e desenvolvidos em consequência do ensino progressivo dos Espíritos. Nenhum foi desmentido pela experiência. Todos, sem exceção, tem permanecido de pé, mais vivos do que nunca, enquanto todas as ideias contraditórias que tentaram lhe opor, nenhuma prevaleceu, precisamente porque em todas as partes se ensinava o contrário. Esse é um resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, já que nunca nos atribuímos seu mérito.

Os mesmos escrúpulos, tendo presidido à redação de nossas demais obras, permitindo-nos, com absoluta verdade, dizer *segundo o Espiritismo*, porque estamos seguros de sua conformidade com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo ocorre com esta obra, que, por motivos semelhantes, podemos apresentar como complemento das anteriores, com exceção, porém, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais, e que devem ser consideradas como opiniões pessoais, até que sejam confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese essa responsabilidade sobre a doutrina.

Por sua vez, os leitores assíduos da *Revista Espírita (Revue Spirite)* encontrarão nela, na forma de esboço, a maioria das ideias desenvolvidas nesta última obra, conforme procedemos também com os livros anteriores. A *Revista Espírita* representa para nós um terreno de ensaio destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre certos princípios, antes de admiti-los como partes constituintes da doutrina.



A Gênese
segundo o
Espiritismo

CAPÍTULO I

NATUREZA DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

1. Podemos considerar o Espiritismo uma revelação? Nesse caso, qual é seu caráter? Em que se baseia sua autenticidade? A quem e de que maneira ela foi transmitida? A doutrina espírita é uma revelação no sentido litúrgico da palavra, ou seja, em todos os pontos o resultado de um ensino oculto vindo do Alto? É definitiva ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens uma verdade absoluta, a revelação não teria como efeito impedi-los de usar suas faculdades, já que os pouparia o trabalho da pesquisa? Qual pode ser a autoridade do ensinamento dos Espíritos se eles não são infalíveis e superiores à humanidade? Qual a utilidade da moral que pregam se essa moral não é outra senão a do Cristo, já conhecida? Quais são as verdades novas que eles nos trazem? O homem precisa de uma revelação? Não poderia encontrar em si mesmo e em sua consciência tudo o que necessita para se conduzir? Essas são as questões que devemos considerar.

2. Vamos definir, primeiramente, o sentido da palavra *revelação*.

Revelar, derivada do termo véu (do latim *velum*), significa literalmente *remover o véu*; e, no sentido figurado, *descobrir, fazer conhecer uma coisa secreta ou desconhecida*. Em seu significado mais comum, emprega-se em relação a toda coisa ignorada que é divulgada, a toda ideia nova que nos coloca a par do que não sabíamos.

Desse ponto de vista, todas as Ciências que nos fazem conhecer os mistérios da natureza são revelações e se pode dizer que existe para a humanidade uma revelação incessante. A Astronomia revelou o espaço sideral que não conhecíamos; a Geologia, a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades²⁴; a Fisiologia, as funções do organismo, etc. Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.

3. O caráter essencial de toda revelação deve ser a verdade. Revelar um segredo é fazer conhecer um fato; se algo é falso, não é um fato e, por consequência, não existe revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos deixa de ser uma revelação; e, no caso de ter sido atribuída à Deus, considerando que Deus não mente nem se engana, não pode emanar dele, de modo que deve ser considerada produto de uma concepção humana.
4. Qual é o papel do professor perante os alunos senão o de um revelador? Ele ensina o que não sabem, o que não teriam tempo nem possibilidades de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é uma obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que conduziram, cada um, sua cota de observações, aproveitadas pelos que vieram depois. O ensinamento é, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feita pelos homens que a conhece para outros que a ignora e que, sem isso, permaneceriam na ignorância.
5. Mas o professor só ensina o que aprendeu – é um revelador de segunda ordem. Já o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo – é o revelador de primeira ordem –, carrega a luz que pouco a pouco se difunde. O que seria a humanidade sem a revelação dos homens de gênio que aparecem de tempos em tempos?

Mas quem são esses homens de gênio? Por que são gênios? De onde vieram? Como se tornaram? Notemos que a maioria deles possui, desde o nascimento, faculdades transcendentais e conhecimentos inatos que, com pouco esforço, desenvolvem. De fato, eles pertencem à humanidade, pois

24 Na Química do século 19, a atração entre as moléculas iguais chamava-se força de coesão: moléculas de ferro têm atração mútua, por exemplo. Haveria também atrações seletivas entre moléculas heterogêneas, como ferro e enxofre formando sulfeto de ferro, regidas pela “lei das afinidades” (CARVALHO, Joaquim Augusto. *Lições de filosofia química*. Coimbra: 1850. Lição 4). Atualmente são as forças interatômicas e intermoleculares. (Nota do Editor, suas próximas notas conterão apenas as iniciais: N. do E.)

nascem, vivem e morrem como nós. Pois, então, de onde adquiriram esses conhecimentos que não puderam adquirir durante a vida? Pode-se dizer, como fazem os materialistas, ter o acaso dado a eles matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Nesse caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso que os outros.

Diremos, como certos espiritualistas, que Deus dotou os gênios de uma alma mais favorecida que a das pessoas comuns? Essa suposição é igualmente ilógica, pois qualificaria Deus como parcial. A única solução racional desse problema está na preexistência da alma e na pluralidade de existências. O homem de gênio é um Espírito que, tendo vivido mais tempo, conquistou e progrediu mais do que os menos adiantados. Ao se encarnar, traz consigo o que sabe. Por saber mais que os outros, sem precisar aprender, é chamado de gênio. Contudo, seu saber é fruto de um trabalho anterior, e não resultado de um privilégio. Antes de renascer, já era um Espírito adiantado; reencarna para fazer os outros aproveitarem seu conhecimento, ou para progredir ainda mais.

Os homens progridem incontestavelmente por eles mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas, entregues as suas próprias forças, esse progresso é muito lento, se não forem ajudados por outros, mais avançados, como o escolar o é pelo professor. Todos os povos têm tido seus homens de gênio que vieram, em diversas épocas, dar um impulso e os tirar de sua inércia.

6. Da mesma forma que se admite a solicitude de Deus para com suas criaturas, porque não admitir que Espíritos capazes de fazer a humanidade avançar, por terem mais energia e conhecimentos, encarnem, pela vontade dele, para estimular o progresso num determinado sentido? Por que não admitir que recebem missões, como um embaixador recebe de seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. O que eles vêm fazer senão ensinar aos homens as verdades que ignoram – e continuariam ignorando por muito tempo –, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual poderão se elevar mais rapidamente? Esses gênios que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes deixam atrás de si uma longa trilha luminosa sobre a humanidade, são missionários ou, se quiserem, messias. Caso ensinassem aos homens somente o que já sabem, sua presença seria completamente inútil. Assim, as coisas novas que ensinam, de ordem física ou filosófica, são *revelações*.

Se Deus promove reveladores para as verdades científicas, também pode, com maior razão, promovê-los para as verdades morais, que são elementos essenciais ao progresso. Tais são os filósofos, cujas ideias atravessaram os séculos.

7. No sentido particular da fé religiosa, a revelação se refere mais particularmente às coisas espirituais que o homem não pode saber por si próprio nem descobrir por meio dos sentidos, e cujo conhecimento lhe é dado por Deus ou por seus mensageiros, seja por meio da palavra direta, seja pela inspiração. Nesse caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados designados sob o nome de profetas ou messias, isto é, *enviados, missionários*, tendo a *missão* de transmiti-las aos homens. Considerada desse ponto de vista, a revelação implica passividade absoluta; sendo aceita sem controle, exame ou discussão.
8. Todas as religiões tiveram seus reveladores que, embora estivessem longe de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, pois eram apropriados ao tempo e ao meio onde viviam, à natureza particular dos povos para os quais falaram, em relação aos quais seriam relativamente superiores. Apesar dos erros de suas doutrinas, eles ao menos agitaram as mentes e, por isso, espalharam as sementes do progresso que, mais tarde, deveriam florescer, ou florescerão, à luz do Cristianismo. É, portanto, injusto que se lhes lance anátemas em nome da ortodoxia, pois virá um dia em que todas essas crenças – tão diversas pela forma, mas que repousam, na realidade, sobre um mesmo princípio fundamental: Deus e a imortalidade da alma – se fundirão numa grande e vasta unidade, quando a razão tiver triunfado sobre os preconceitos.

Infelizmente, as religiões têm sido, em todos os tempos, instrumentos de dominação; o papel de profeta provoca as ambições secundárias, e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, valendo-se do prestígio dessa denominação, exploraram a credulidade em proveito do próprio orgulho, da própria cupidez, ou da preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos enganados. A religião cristã não tem podido evitar esses parasitas. Nesse caso, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI do **Evangelho segundo o Espiritismo**: “*Haverá falsos cristos e falsos profetas*”.

9. Há revelações diretas de Deus aos homens? Essa é uma questão que não ousaríamos responder nem afirmativa nem negativamente de forma

absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém nada nos dá dele uma prova certa. Do que não cabe dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus, por seu aperfeiçoamento, impregnam-se de seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, conforme a ordem hierárquica à qual pertençam, assim como o grau de saber ao qual chegaram, podem extrair dos próprios conhecimentos as instruções que transmitem, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, realmente mensageiros diretos de Deus. Estes, ao falar em nome de Deus, têm sido considerados como o próprio Deus.

As comunicações desse tipo nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos *Espíritos* e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, vendo os Espíritos instrutores durante as visões e aparições, seja durante o sono, seja no estado de vigília, tal como se veem vários exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. É, pois, rigorosamente exato dizer que a maior parte dos reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Mas isso não significa que todos os médiuns sejam reveladores, e menos ainda intermediários diretos da Divindade ou de seus mensageiros.

10. Somente os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la. No entanto, sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos, e existem muitos apresentando-se com falsa aparência, é o que levou a São João dizer: *“Não creia jamais em todos os Espíritos, mas veja primeiro se os Espíritos são de Deus”*. (1ª Epístola de João, 4,1)

Pode haver, então, revelações sérias e verdadeiras, como existem as apócrifas e enganosas. O caráter essencial da revelação divina é o da *eterna verdade*. Toda revelação contaminada por erros ou sujeita a mudanças não pode emanar de Deus. É assim que a lei do decálogo tem todas as características de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, frequentemente em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandamento dos costumes do povo, essas leis caíram em desuso por si mesmas, enquanto o decálogo ficou de pé como farol para a humanidade. Cristo fez dele a base de seu edifício, enquanto abolia as demais leis. Se fossem obra de Deus, ele as

teria mantido intactas. Cristo e Moisés são os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo, sendo essa a prova de suas missões divinas. Uma obra puramente humana não haveria de ter esse poder.

11. Uma importante revelação acontece na época atual; é aquela que nos mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Esse conhecimento, sem dúvida, não é novo. Mas, até agora, de certo modo, havia permanecido como letra morta, isto é, sem proveito para a humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações estava sufocada sob a superstição; o homem era incapaz de alguma dedução salutar. Estava reservado à nossa época livrá-la dos acessórios ridículos, compreender sua importância e fazer dele surgir a luz destinada a iluminar o caminho do futuro.
12. O Espiritismo, fazendo-nos conhecer o mundo invisível que nos cerca e o meio no qual vivemos sem suspeitarmos – assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo observável, a natureza e o estado dos seres que o habitam, e, por consequência, o destino do homem após a morte –, é uma verdadeira revelação no sentido científico da palavra.
13. Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: tem, ao mesmo tempo, revelação divina e revelação científica. Participa da primeira porque seu surgimento é providencial, e não o resultado da iniciativa ou de um desejo premeditado do homem; e porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensinamento dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos, e lhes importa conhecer, agora que estão aptos para compreendê-los. Participa da segunda porque esse ensinamento não é privilégio de nenhum indivíduo, mas é dado a todos da mesma maneira; porque tanto os que o transmitem quanto aqueles que o recebem não são seres *passivos*, dispensados do trabalho de observação e pesquisa; porque não renunciaram ao julgamento nem ao livre-arbítrio; porque nada os impede de examinar. Ao contrário, ele é recomendado. Enfim, porque a *doutrina nunca foi ditada toda completa nem imposta à crença cega*; porque ela é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos colocam diante de seus olhos, assim como das instruções que dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de ele mesmo extrair suas consequências e aplicações. Em resumo: *o que caracteriza a revelação espírita é o fato de sua*

origem ser divina, de a iniciativa pertencer aos Espíritos e de sua elaboração ser fruto do trabalho do homem.

14. Como meio de elaboração, o Espiritismo procede da mesma maneira que as Ciências positivas, ou seja, aplica o método experimental²⁵. Quando se apresentam fatos novos que não podem ser explicados por meio das leis conhecidas, ele os observa, compara-os, analisa-os e, remontando dos efeitos para as causas, chega à lei que os rege; depois deduz suas consequências e procura suas aplicações úteis. *Não estabelece nenhuma teoria preconcebida.* Assim, não apresenta como hipótese nem a existência nem intervenção dos Espíritos nem mesmo o perispírito, a reencarnação ou qualquer outro princípio da doutrina. Conclui pela existência dos Espíritos quando esta se tornou evidente pela observação dos fatos, e tem procedido da mesma maneira em relação aos outros princípios. Não foram, portanto, os fatos que vieram posteriormente confirmar a teoria, mas a teoria que veio em seguida para explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma Ciência de observação²⁶, e não o produto da imaginação.
15. Citemos um exemplo: no mundo dos espíritos ocorre um fato muito singular, o qual seguramente ninguém havia suspeitado – os de existirem

25 Nos tempos de Kardec, considerava-se positiva a Ciência que tinha como objeto descobrir as causas e as leis dos fenômenos e fatos, estudando-os pelos métodos de observação, experimentação e indução, a partir dos quais podia-se deduzir suas leis. Eram adotadas, na universidade, além das Ciências Exatas e Naturais, as Ciências Morais e suas quatro classes: Ciências Filosóficas, Sociais, Filológicas e Psicológicas. Estas estudavam as leis do espírito humano a partir de seus fatos e fenômenos próprios. Portanto, sua base era espiritualista e racional, diferindo da Ciência absolutamente materialista de nossos dias. (Lógica aplicada, em: JANET, Paul. *Tratado elementar de Filosofia*. Rio de Janeiro: Garnier, 1885). Allan Kardec, ao qualificar o Espiritismo entre as Ciências Filosóficas e as Psicológicas e elaborar um método científico próprio para estudar os fatos *Espíritos*, inseriu-o, adequadamente, entre as Ciências positivas aceitas em sua época. (N. do E.)

26 No século 19, as Ciências Psicológicas (Psicologia, Lógica e Moral) eram espiritualistas, estudavam os fatos e fenômenos do espírito humano, ou alma, pelo método de observação e fazendo a indução de suas leis. (O método nas Ciências Filosóficas. *Ibidem*, capítulo III). Kardec demonstra, descrevendo seu procedimento experimental, que o Espiritismo também se qualifica como uma Ciência de observação. (N. do E.)

espíritos que não se consideram mortos. Pois bem: os Espíritos superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, nunca vieram dizer por antecipação: “Há Espíritos que supõem ainda viver na vida terrestre; conservando seus gostos, hábitos e instintos”. Em lugar disso, provocaram a manifestação de Espíritos dessa categoria para que os observássemos. Assim, depois de ver Espíritos inseguros em relação ao seu estado, ou afirmando pertencerem a este mundo e desempenhando suas ocupações habituais, do exemplo se deduz a regra. A multiplicidade de fatos semelhantes provou não se tratar de uma exceção, mas de uma das fases da vida espiritual, permitindo estudar todas as variedades e causas dessa singular ilusão, além de reconhecer, sobretudo, ser essa situação própria de Espíritos pouco avançados moralmente, e característica de determinados tipos de morte; que é apenas temporária, mas podendo durar dias, meses e anos. Assim, a teoria nasceu da observação. O mesmo aconteceu com todos os demais princípios da doutrina.

16. Da mesma forma que a Ciência propriamente dita tem como objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da natureza que reage incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, disso resulta que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro; que o Espiritismo e a Ciência se completam; que a Ciência sem o Espiritismo está impossibilitada de explicar certos fenômenos recorrendo somente às leis da matéria, e por ter prescindido do princípio espiritual se encontra em meio a tantas dificuldades; que o Espiritismo sem a Ciência careceria de apoio e de controle e poderia equivocar-se. Se o Espiritismo tivesse chegado antes das descobertas científicas, teria fracassado, como tudo o que ocorre antes do seu tempo.
17. Todas as Ciências se concatenam e se sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à medida que encontram um ponto de apoio nas ideias e nos conhecimentos anteriores. A Astronomia, uma das primeiras que foram cultivadas, permaneceu nos erros da infância até o momento em que a Física revelou a lei das forças dos agentes naturais; a Química nada poderia sem a Física, devendo acompanhá-la de perto para, em seguida, marcharem em conjunto, apoiando-se uma na outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia só se tornaram Ciências

sérias com a ajuda das luzes trazidas pela Física e pela Química. À Geologia, mais recente, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras teria faltado elementos fundamentais, por isso só poderia chegar depois daquelas.

18. A Ciência moderna, em razão dos quatro elementos primitivos²⁷ dos antepassados e, de observação em observação, chegou à concepção *de um só elemento gerador*²⁸ de todas as transformações da matéria; mas a matéria, por si só, é inerte; não tem vida, pensamento ou sentimento; é preciso sua união com o princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu nem inventou esse princípio, mas foi o primeiro a demonstrar sua existência por meio de provas irrecusáveis. Ele o tem estudado, analisado e colocado em evidência sua ação. Ao *elemento material* acrescentou o *elemento espiritual*. *Elemento material* e *elemento espiritual* são, portanto, os dois princípios, as duas forças vivas da natureza. Mediante a união indissolúvel dos dois explica-se facilmente uma infinidade de fatos até então inexplicáveis.

Por sua essência mesma, e dado que tem como objeto o estudo de um dos dois elementos constitutivos do Universo, o Espiritismo se relaciona forçosamente com a maior parte das Ciências; somente poderia chegar depois da elaboração dessas Ciências e, sobretudo, depois de terem provado sua incapacidade de explicar tudo recorrendo somente às leis da matéria.

19. Acusam o Espiritismo de parentesco com a magia e a bruxaria, mas omitem que a Astronomia tem por ancestral a astrologia judiciária²⁹, que não está tão afastada de nós; que a Química é filha da Alquimia, da qual

27 Na Antiguidade considerava-se a existência de quatro elementos fundamentais da matéria, representados pela água, terra, fogo e ar, de onde tudo teria provido. Ensinava-se o seguinte exemplo para justificar essa teoria: ao queimar um galho de árvore verde, escorria água, subia fumaça, saía fogo e restava cinzas, considerando-se assim uma decomposição dos quatro elementos até então combinados para formar a madeira. (N. do E.)

28 A teoria de um único elemento gerador era a do Fluido Cósmico Universal. Sendo *Cósmico* por ser a base de tudo no Universo, e *Universal* por dar origem a todos os fenômenos das forças, como matéria, luz, fogo, eletricidade, magnetismo e tudo mais. (N. do E.)

29 Astrologia era a arte de adivinhar os fatos futuros por meio da posição, dos movimentos, conjunções dos astros. Dizia-se judiciária para distinguir da arte de prever os fenômenos naturais como mudança de tempo, ventos, chuvas. (*Novo dicionário de língua portuguesa*, Lisboa: Tip. Aguiar Vianna, 1850) (N. do E.)

nenhum homem sensato ousaria ocupar-se atualmente. Ninguém contesta, entretanto, que exista na Astrologia e na Alquimia a semente da verdade de onde saíram as Ciências atuais. Apesar de suas fórmulas ridículas, a Alquimia levou à descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades. A Astrologia se apoiava sobre a posição e o movimento dos astros que havia estudado. Mas como ignorava as verdadeiras leis que regiam o mecanismo do Universo, os astros eram para o vulgo como seres misteriosos aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Desde que Galileu, Newton, Kepler levaram a conhecer essas leis, quando o telescópio retirou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas pessoas acharam inadequado, os planetas nos apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e toda estrutura do maravilhoso se desmoronou.

O mesmo ocorreu com o Espiritismo em relação à magia e à bruxaria, que se baseavam também na manifestação dos Espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros. Todavia, como aquelas ignoravam as leis que regem o mundo espiritual, misturaram-se com essas relações práticas e crenças ridículas, com as quais o Espiritismo moderno, fruto da experiência e da observação, nada tem a ver. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da bruxaria é maior que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. Pretender confundirlos é demonstrar não saber nem uma palavra a respeito deles.

- 20.** Somente a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual traz consequências incalculáveis e da mais alta gravidade: é um mundo novo que se revela a nós e que tem ainda mais importância porquanto alcança todos os homens, sem exceção. Esse conhecimento certamente levará, quando amplamente divulgado, profunda modificação nos costumes, no caráter, nos hábitos, e nas crenças que tão grande influência exercem sobre as relações sociais. É uma revolução total que se opera nas ideias; revolução maior e mais poderosa porquanto não se restringe a um povo nem a uma casta, pois alcança simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

Razão existe, pois, para que o Espiritismo seja considerado como a terceira grande revelação. Vejamos em que se diferem essas revelações e qual vínculo une umas às outras.

21. MOISÉS, como profeta, revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano senhor e criador de todas as coisas. Promulgou a lei do Sinai e assentou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa fé primitiva, depurada, haveria de expandir-se por toda a Terra.
22. CRISTO, que tomou da antiga lei o que é eterno e divino, rejeitando o que era apenas transitório, meramente disciplinar e de concepção humana, agregou a *revelação da vida futura*, da qual Moisés nada tinha falado, como também a das penas e recompensas que aguardam ao homem após a morte. (ver *Revista Espírita*, março e setembro de 1861)
23. A parte mais importante da revelação de Cristo, no sentido de primeira fonte, a pedra angular de toda a sua doutrina, é o ponto de vista absolutamente novo desde o qual se considera a Divindade. Este não é mais o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés, o Deus cruel e implacável que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e a extinção de povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os anciões, que castiga os que tratam com indulgência as vítimas. Não é mais o Deus injusto que pune todo o povo pela falta cometida por seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que atinge os filhos pela falta dos seus pais, mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, pleno de mansuetude e misericórdia, que perdoa o pecador arrependido e *dá a cada um conforme suas obras*. Não é mais o Deus de um só povo privilegiado, o Deus dos exércitos dirigindo os combates para sustentar a própria causa contra o Deus dos outros povos, mas o Pai comum do gênero humano, que estende a proteção sobre todos os filhos, chamando todos até ele. Já não é o Deus que recompensa e castiga somente pelos bens da terra e faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas diz ao homem: *“Vossa verdadeira pátria não está neste mundo, mas no reino celeste, lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados”*. Não é mais um Deus que faz da vingança uma virtude e ordena a retribuição olho por olho, dente por dente, mas o Deus de misericórdia que diz: *“Perdoa as ofensas se queres ser perdoado; trocai o mal pelo bem; não faça aos outros o que não queres que os façam”*. Não é mais o Deus mesquinho e meticuloso que impõe as mais rigorosas penas, o modo pelo qual quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de uma

fórmula, mas o Deus grandioso que vê o pensamento, e não se importa com a forma. Enfim, não é o Deus que quer ser temido, mas ser amado.

24. Por Deus ser o motivo de todas as crenças religiosas, o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões é conforme a ideia que elas têm de Deus*. As que o fazem de Deus um ser vingativo e cruel creem honrá-lo por atos de crueldade, pelas fogueiras e torturas. As que fazem dele um Deus parcial e ciumento são intolerantes e, em maior ou menor medida, meticulosas na forma, conforme supõem ser Deus mais ou menos maculado com as fraquezas e frivolidades humanas.
25. Toda a doutrina de Cristo está fundada sobre o caráter que ele atribui à divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele pôde fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação, dizendo: *Eis aí toda a lei e os profetas, e não existe outra*. Sobre essa única crença pôde assentar o princípio da igualdade dos homens ante Deus, assim como os da fraternidade universal.

Essa revelação dos verdadeiros atributos da divindade, com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mutuas entre os homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente por outro aspecto e, por isso, devia reagir quanto aos costumes e às relações sociais. Este é, incontestavelmente, por suas consequências, o ponto principal da revelação de Cristo, cuja importância ainda não foi bem-compreendida. Aliás, é lamentável dizer, mas esse é o ponto do qual a humanidade mais se afastou, e mais tem ignorado na interpretação de seus ensinamentos.

26. Entretanto, Cristo acrescenta: Muitas das coisas que vos digo ainda não podeis compreender, e muitas outras teria de dizer, mas não compreenderias; por isso vos falo por parábolas; todavia, mais tarde *eu vos enviarei o Consolador, o Espírito da Verdade que restabelecerá todas as coisas e a todas explicará*.

Se Cristo não disse tudo o que poderia dizer, é porque achou conveniente deixar certas verdades na sombra até que os homens estivessem em condições de compreendê-las. Como ele mesmo confessou, seu ensinamento estava incompleto, já que anunciou a chegada daquele que deveria completá-lo. Havia previsto, então, que suas palavras seriam depreciadas ou mal interpretadas, e que se desviariam de seu ensinamento. Em resumo,

que desfariam o que ele fizera, porquanto todas as coisas deveriam ser restabelecidas. Ora, apenas se *restabelece* o que está desfeito.

27. Por que o novo messias é chamado de *Consolador*? Esse nome, significativo e sem ambiguidade, é toda uma revelação. Ele prevê que os homens teriam necessidade de consolação, o que implica a insuficiência das consolações que encontrariam nas crenças que haveriam de fundar. Talvez jamais Cristo tenha sido tão claro e explícito como nessas últimas palavras, às quais poucas pessoas prestam a devida atenção, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e se aprofundarem em seu sentido profético.
28. Se Cristo não pôde desenvolver seu ensinamento de maneira completa, foi por faltar aos homens conhecimentos que só poderiam adquirir com o tempo, e sem o quais não compreenderiam; muitas coisas pareceriam absurdas no estado de conhecimento de então. Completar seu ensinamento deve, pois, ser entendido no sentido de *explicar* e de *desenvolver*, muito mais do que agregar verdades novas, porque tudo se encontra aí em germe. Faltava a chave para compreender o sentido de suas palavras.
29. Mas quem ousa consentir e interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as luzes necessárias, senão os teólogos?
- Quem ousa? Em primeiro lugar, a Ciência, que não pede permissão a ninguém para conhecer as leis da natureza, e passa por cima dos erros e preconceitos.
- Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todo mundo, e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém ousava tocar o dedo sem correr o risco de ser fulminado.
- Quanto às luzes especiais necessárias, sem contestar as dos teólogos, e por mais esclarecidos que fossem as da Idade Média e, em particular, os Pais da Igreja, não foram suficientes para deixarem de condenar como heresia o movimento da Terra e a crença na teoria dos antípodas³⁰. E sem ir tão longe, os teólogos de nossos dias não lançaram um anátema sobre a teoria dos períodos de formação da Terra?

30 Quando a Terra era considerada fixa no centro do Universo, considerava-se absurda e herética a ideia de habitantes vivendo do lado oposto dela, pois estariam de ponta-cabeça e cairiam do planeta. (N. do E.)

Os homens somente puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam: noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da natureza, mais tarde reveladas pela Ciência. Por essa razão, os próprios teólogos, com muita boa fé, enganaram-se sobre o sentido de certas palavras e fatos do Evangelho. Ao quererem, a todo custo, encontrar nele a confirmação de um pensamento preconcebido, giravam em círculos, sem abandonar o próprio ponto de vista, retornando sempre ao mesmo círculo, sem abandonar suas ideias, de tal modo que só viam o que queriam ver. Por mais sábios teólogos que fossem, não podiam compreender as causas dependentes de leis que ignoravam.

Mas quem julgará as diferentes interpretações, muitas vezes contraditórias, dadas fora da Teologia? O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos à medida que novos fatos e novas leis vão sendo reveladas, saberão separar os sistemas utópicos da realidade. Ora, a Ciência faz conhecer algumas leis; o Espiritismo permite conhecer outras; todas são indispensáveis para a compreensão dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até o Cristianismo. Em relação à Teologia, ela não poderá, com seriedade, alegar contradições da Ciência, pois nem sempre está de acordo consigo mesma.

- 30.** O ESPIRITISMO, cujo ponto de partida está nas próprias palavras de Cristo, como Cristo partiu das de Moisés, é uma consequência direta de sua doutrina.

À ideia vaga da vida futura, ele acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos cerca e povoa o espaço, e assim dá forma precisa à crença; dá-lhe corpo, consistência, realidade ao modo de pensar. Define os laços que unem a alma e o corpo, retirando o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde vai, porque está na Terra, porque sofre temporariamente e vê por toda parte a justiça de Deus. Sabe que a alma progride sem cessar por meio de uma série de existência sucessivas, até alcançar o grau de perfeição que lhe permite se aproximar de Deus.

Ele sabe que todas as almas, como possuem um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com uma mesma aptidão para progredir em virtude de seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência, e que não

há entre elas diferença senão a do progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente conforme seu trabalho e sua boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserdadas nem mais favorecidas umas que as outras; que Deus não criou nenhuma que seja privilegiada e dispensada de um trabalho imposto a outras para progredir; que não há seres perpetuamente voltados ao mal e ao sofrimento; que aqueles designados pelo nome de *demônios* são Espíritos imperfeitos, ainda atrasados, que fazem o mal na condição de Espíritos, como praticavam enquanto eram homens, mas que avançarão e se aperfeiçoarão; que anjos não são seres à parte na criação, mas são Espíritos puros, que atingiram a meta após terem percorrido o caminho do progresso; que de tal modo não há criações múltiplas de diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas toda criação resulta da grande lei de unidade que rege o Universo, e que todos os seres gravitam para um alvo comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos em detrimento de outros, pois todos são filhos das próprias obras.

31. Pelas relações que agora pode estabelecer com os que deixaram a Terra, o homem possui não somente a prova material da existência e da individualidade da alma, mas compreende também a solidariedade que vincula os vivos com os mortos deste mundo, e os deste mundo com os de outros planetas. Conhece sua situação no mundo dos Espíritos; acompanha-os em suas migrações; é testemunha de suas alegrias e aflições; sabe por que são felizes ou infelizes, conhece a sorte que lhe está reservada, de acordo com o bem e o mal que tenha feito. Essas relações o iniciam na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro não é mais uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Desse modo, a morte não tem mais nada de assustador, porque é para ele a libertação, a porta da verdadeira vida.
32. Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a infelicidade na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada um sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas, por outras palavras, que ele é punido por onde pecou; que essas consequências duram tanto tempo quanto a causa que as produziu; e, portanto, o culpado sofrerá eternamente, se persistir sempre no mal, mas o sofrimento acaba com o arrependimento e a reparação; ora, como depende

de cada um se aperfeiçoar, todos podem, em virtude do livre-arbítrio, prolongar ou abreviar os sofrimentos, como o doente sofre por causa de seus excessos enquanto não lhes dá um fim.

33. Assim como a razão rejeita, como incompatível com a bondade de Deus, a ideia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas frequentemente infringidas por uma só falta, rejeita igualmente a ideia dos suplícios do inferno, que nem mesmo o arrependimento mais ardente e sincero pode atenuar. Por outro lado, a mesma razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, jamais fechando a porta ao arrependimento e estendendo constantemente a mão ao náufrago, em vez de empurrá-lo para o abismo.
34. A pluralidade das existências, cujo princípio Cristo estabeleceu no Evangelho, mas sem defini-lo, como o fez com muitos outros, é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, porque este demonstra sua realidade e sua necessidade para o progresso. Com essa lei, o homem explica a si todas as aparentes anomalias da vida humana; suas diferenças quanto à posição social; as mortes prematuras as quais, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as vidas de curta duração; explica a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, as quais se devem à antiguidade do Espírito que viveu mais ou menos tempo, tendo aprendido e progredido em maior ou menor grau, trazendo ao renascer o que conquistou em existências anteriores. (Veja o item 5)
35. Com a doutrina da criação da alma a cada nascimento, caímos no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga; os laços de família são puramente carnais. Não são em nada solidários com um passado no qual não existiram. Com a doutrina do nada depois da morte, todas as relações cessam com a vida e, desse modo, os homens não são solidários no futuro. Mediante a realidade da reencarnação, por sua vez, eles são solidários no passado e no futuro. Como suas relações se perpetuam, tanto no mundo espiritual quanto no corporal, a fraternidade tem como base as próprias leis da natureza. O bem tem um objetivo; e o mal, consequências inevitáveis.
36. Com a reencarnação desaparecem os preconceitos de raça e de casta, já que o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, mestre ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De

todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravatura, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, não existe nenhum que supere em lógica o fato material da reencarnação. Desse modo, assim como a reencarnação fundamenta numa lei da natureza o princípio da fraternidade universal, também fundamenta na mesma lei o princípio da igualdade dos direitos sociais e, por consequência, o da liberdade.

Somente pelo corpo os homens nascem inferiores e subordinados, pelo Espírito são iguais e livres. Daí o dever de tratar os inferiores com bondade, benevolência e humanidade, porque, aquele que é nosso subordinado hoje, pode ter sido nosso igual ou nosso superior, talvez um parente ou um amigo, e porque nós mesmos podemos chegar a ser subordinados daqueles que comandamos.

37. Tire ao homem seu Espírito livre, independente, sobrevivente à matéria, e fará dele uma simples máquina organizada, sem uma meta, sem responsabilidade, sem outro freio senão a lei civil, e *bom para ser explorado* como um animal inteligente. Nada esperando após a morte, faz de tudo para ampliar os prazeres do presente. Se sofre, só tem em perspectiva o desespero e o nada por refúgio. Pelo contrário, com a certeza do futuro, e de reencontrar aqueles aos quais amou, e pelo *temor de rever aqueles a quem tenha ofendido*, todas as suas ideias mudam. Ainda que o Espiritismo apenas servisse para libertar o ser humano da dúvida acerca da vida futura, haveria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral que todas as leis disciplinares, que algumas vezes o refreiam, mas não o modificam³¹.
38. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não seria somente inconciliável com a justiça de Deus, mas tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só indivíduo; seria um contrassenso, e injustificável, já que as almas não existiam à época em que se pretende remontar sua responsabilidade. De outro modo, com a preexistência e a

31 Enquanto na moral heterônoma as leis disciplinares agem por meio de punição das faltas, apenas impedindo, algumas vezes, os atos externos, a moral autônoma proposta pelo Espiritismo, por meio do mecanismo de entendimento das leis morais, leva o indivíduo, fazendo uso do livre-arbítrio e da razão, a modificar seu entendimento e agir pelo dever. Assim faz as próprias escolhas e aprende com os erros. Enquanto a moral heterônoma é paliativa, a autonomia moral é conquista definitiva do Espírito. (N. do E.)

reencarnação, o homem traz ao renascer a semente de suas imperfeições passadas e os defeitos dos quais não se corrigiu e se traduzem em seus instintos naturais, em sua disposição para esse ou aquele vício. Eis aí seu verdadeiro pecado original, do qual ele sofre naturalmente as consequências, mas com a diferença capital de que leva consigo a pena das próprias faltas, e não a cometida por um outro³². Ademais, existe outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajadora e, sobretudo, equitativa, segundo a qual cada existência oferece os meios de se resgatar pela reparação, e de progredir, seja despojando de alguma imperfeição, seja adquirindo novos conhecimentos, até que, suficientemente purificado, não tenha mais necessidade da vida corporal e possa viver exclusivamente da vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, em renascendo, qualidades inatas, assim como quem tenha progredido intelectualmente é portador de ideias inatas. Identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar nele. Aquele que é obrigado a combater as más tendências está ainda em luta. O primeiro já venceu; o segundo está no caminho da vitória. Existe, portanto, *virtude original*, como há *saber original* e também o dito *pecado*, ou, melhor dizendo, o *vício original*.

39. O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais³³ e sua ação sobre a matéria. Tem demonstrado a existência do

32 Na teoria moral espírita, afasta-se a falsa ideia de castigo e julgamento de exceção quanto à encarnação humana, presente no dogma do pecado original (e também em outras doutrinas religiosas ancestrais), explicando, por sua vez, o progresso do Espírito, desde simples até a perfeição relativa; pelo próprio esforço, dedicação e interesse; em virtude de leis morais universais, portanto equitativas, decorrentes da reencarnação. (N. do E.)

33 No século 19, a Física oficial considerava quatro diferentes estados dos corpos: estados sólido, líquido, fluido aeriforme e fluido incoercível ou imponderável. O fluido aeriforme é equivalente ao estado gasoso da matéria ou dos gases. Os fluidos imponderáveis foram imaginados teoricamente para explicar os fenômenos do calor, da eletricidade, do magnetismo e da luz, por meio de átomos sem peso, incoercíveis, sólidos e invisíveis, portanto diversos da matéria tangível. Os quatro tipos aceitos eram chamados fluido calórico, fluidos elétricos, fluidos magnéticos e fluido luminoso – constituindo a teoria dos fluidos especiais. (*Lições de filosofia química*,

perispírito, sobre o qual havia suspeitas desde a Antiguidade, sendo denominado por São Paulo como *Corpo Espiritual*, ou seja, o corpo fluídico da alma após a destruição do corpo tangível. Sabemos atualmente que esse envoltório é inseparável da alma; que é um dos elementos constitutivos do ser humano; que é o veículo de transmissão do pensamento e que, durante a vida do corpo, serve de ligação entre o Espírito e a matéria. O perispírito realiza um papel tão importante no organismo e em muitas afecções³⁴, que se liga tanto à Fisiologia quanto à Psicologia³⁵.

40. O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre horizontes à Ciência e dá a chave de

lição 3). Por outro lado, concorrente à oficialmente aceita, havia a teoria do fluido cósmico universal, adotada inicialmente por Franz Anton Mesmer (na Ciência do Magnetismo Animal), segundo a qual o Universo seria composto de um só elemento gerador, ocupando plenamente o espaço, dividido em inúmeras fases de densidade, progressivamente, desde a matéria tangível, líquida, gasosa, o éter e demais condições ainda mais sutis, imperceptíveis aos sentidos. Nessa outra teoria, as forças não seriam substâncias, mas estados de vibração em diversos níveis sutis do fluido universal. Por exemplo, a luz seria um estado de vibração do éter. POR analogia, considerando a adoção nessa obra da teoria do único elemento gerador como explicação universal dos fenômenos físicos, os fluidos espirituais estariam entre os estados mais sutis do fluido cósmico universal. (N. do E.)

34 Para a Ciência da época, as afecções podiam ser mudanças psicológicas, ou da alma, afetando a sensibilidade, o sentimento, as paixões e também as fisiológicas, alterando os sentidos ou causando doenças, as afecções nervosas, histéricas, mentais, crônicas, do sono, entre outras. Eram afecções nervosas, físicas e morais (MORAES, Mello. *Physiologia das paixões e afecções*. Rio de Janeiro: Casa Imperial, 1855). (N. do E.)

35 Atualmente, a Psicologia estuda os processos mentais a partir do comportamento humano, ou seja, sob o ponto de vista objetivo. No século 19, as Ciências Psicológicas eram espiritualistas, consideravam o ser humano como “alma encarnada”. Estudavam “o princípio interior que tem consciência de si mesmo, o *subjetivo*, ou estudo da própria alma”. Considerando vontade, razão e imaginação como faculdades, as Ciências Psicológicas eram, respectivamente, Moral (teórica e prática), Lógica e Estética. Na estrutura acadêmica, estavam entre as Ciências Morais, dedicadas aos “atos do espírito humano”. (JANET, Paul. *Tratado elementar de Filosofia*). É nesse contexto que Allan Kardec qualificou sua *Revista Espírita* como *Jornal de Estudos Psicológicos*. No capítulo 3 de *A Gênese*, ele faz uma correlação entre a doutrina espírita e os conceitos dessas Ciências Psicológicas de sua época. (N. do E.)

uma infinidade de fenômenos incompreendidos até hoje, pela falta de conhecimento da lei que os rege; fenômenos negados pelo materialismo, porque se ligam à espiritualidade, qualificados por outros como milagres e sortilégios, segundo suas crenças. Tais são, entre outros, o fenômeno da dupla vista, da visão a distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Ao demonstrar que esses fenômenos repousam em leis tão naturais como as dos fenômenos elétricos, e as condições normais nas quais se pode reproduzi-los, o Espiritismo destrói o império do maravilhoso e do sobrenatural e, por consequência, a fonte da maior parte das superstições. Assim como leva à crença na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede que se creia em muitas outras, pois demonstra sua impossibilidade e irracionalidade.

41. O Espiritismo, longe de negar ou de destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da natureza que revela, tudo o que disse e fez o Cristo. Esclarece os pontos obscuros de seu ensinamento, de tal modo que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis, ou pareciam *inadmissíveis*, podem ser compreendidas facilmente com a ajuda do Espiritismo e serem admitidas, vendo melhor seu alcance e podendo distinguir entre a realidade e a alegoria. Cristo lhes parece mais importante: já não é simplesmente um filósofo, mas um messias divino.
42. Além do mais, considerando-se o poder moralizador do Espiritismo pela finalidade que confere a todas as ações da vida; pelas consequências do bem e do mal que torna tangíveis; a força moral, a coragem, as consolaciones que dá nas aflições, mediante uma inalterável confiança no futuro; pela ideia de cada um ter perto de si os seres a quem amou, assim como a certeza de os rever, a possibilidade de se comunicar com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto fez, quanto se adquira em inteligência, em Ciência, em moralidade, *até a última hora da vida*, nada foi perdido, tudo se aproveita ao adiantamento, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo em relação ao *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito da Verdade* que preside o grande movimento da regeneração,

a promessa de sua vinda encontra-se cumprida, porque, de fato, ele é o verdadeiro *Consolador*³⁶.

43. Se a esses resultados juntarmos a espantosa rapidez da propagação do Espiritismo, apesar do quanto se tem feito para abatê-lo, não se poderá negar que sua vinda seja providencial, pois vence toda a força e má vontade dos homens. A facilidade com a qual é aceito por tantas pessoas, sem obrigação, apenas pelo poder de sua ideia, prova que ele atende a uma necessidade: a de crer em alguma coisa, após o vazio deixado pela incredulidade e que, portanto, veio no tempo certo³⁷.
44. O número dos aflitos é imenso. Não é, pois, surpreendente que tantas pessoas acolham uma doutrina que consola de preferência àqueles que se

36 Muitos pais de família deploram a morte prematura de filhos, para cuja educação fizeram grandes sacrifícios e dizem a si mesmos que tudo isso foi pura perda. Com o Espiritismo, eles não lamentam esses sacrifícios e estão prontos a enfrentá-los, mesmo com a certeza de ver os filhos morrerem, porque sabem que se eles não aproveitam tal educação no presente, ela servirá, primeiramente, para seu progresso como Espírito, depois, serão conquistas adquiridas para a nova existência. Quando regressarem a este mundo, possuirão uma bagagem intelectual que os tornará mais aptos para adquirir novos conhecimentos. Tais são os filhos que trazem ao nascer, ideias inatas, que sabem, sem precisar aprender. Se, como pais, não tiveram a satisfação imediata de ver os filhos usarem essa educação, eles a desfrutarão tarde, seja como Espíritos, seja como homens. Talvez venham a ser de novo os pais desses mesmos filhos, que se costuma dizer superdotados pela natureza, mas que devem suas aptidões a uma precedente educação. Como também se os filhos se desviam para o mal em sequência da negligência de seus pais, estes podem vir a sofrer mais tarde pelos aborrecimentos e desgostos que lhes suscitarão em nova existência. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*: cap. V, nº 21: Mortes prematuras). (N. de Allan Kardec)

37 Nesse item, Kardec, ao considerar o tempo certo para a vinda do Espiritismo, fez referência à reação espiritualista que sucedeu ao materialismo instaurado após a Revolução Francesa pelos ideólogos (Destutt de Tracy, Volney, Cabanis, etc.). Por sua vez, os materialistas se opuseram ao fanatismo cego do período anterior, dominado pela Igreja. A reação espiritualista foi representada pelo espiritualismo racional, que instituiu as Ciências Filosóficas nas universidades e nos colégios após 1830. “Foi nessas circunstâncias, extremamente favoráveis, que chegou o Espiritismo. Mais cedo, teria se chocado contra o materialismo todo-poderoso; num tempo ainda mais recuado, teria sido abafado pelo fanatismo cego. Surgiu num momento em que a reação espiritualista, provocada pelos próprios excessos do materialismo, se apoderou de todos os Espíritos.” (KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, outubro de 1863) (N. do E.)

desesperam, porque, aos deserdados, mais que aos felizes do mundo, se dirige o Espiritismo. O doente vê com mais satisfação chegar o médico que os sadios. Nesse sentido, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Vós, combatentes do Espiritismo, se quereis que o abandonemos para vos seguir, dai-nos mais e melhor que ele; curai com mais segurança as feridas da alma. Dai mais consolo, satisfação ao coração, esperanças mais legítimas, certezas maiores, fazendo do futuro um quadro mais racional, mais agradável. No entanto, não penseis vencê-lo, vós, com a perspectiva do nada; vós outros, com a alternativa das chamas do inferno ou da beata e inútil contemplação perpétua.

45. A primeira revelação foi personificada em Moisés; a segunda, em Cristo; a terceira não está em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais. A terceira é coletiva, característica essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não dar o privilégio de sua criação a ninguém. Portanto, ninguém pode se dizer seu profeta com exclusividade. Ela surgiu simultaneamente sobre toda a Terra, para milhões de pessoas, de todas as idades, épocas e condições, em todos os níveis da escala social, conforme essa predição narrada pelo autor de *Atos dos apóstolos*: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei meu espírito sobre toda carne; vossos filhos e filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos anciões terão sonhos”. Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de um dia servir como ponto de referência a todos³⁸.

38 Nosso papel pessoal no grande movimento das ideias que se prepara pelo Espiritismo, e já se inicia, é de um observador atento que estuda os fatos para deduzir a causa e extrair as consequências. Temos confrontado todos que nos foi possível reunir. Temos comparado e comentado as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo, e depois coordenamos metodicamente o conjunto. Em resumo, temos examinado meticulosamente e dado ao público o fruto de nossas pesquisas, sem atribuir aos nossos trabalhos valor maior que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência sem jamais nos colocarmos como chefe de doutrina, nem nossas ideias a ninguém. Ao publicá-las, usamos um direito público, e quem as aceita faz isso livremente. Se essas ideias encontraram numerosas simpatias, deve-se ao fato de responder às aspirações de muitos, e disso não nos envaidecemos de modo algum, porque não o criamos. Nosso maior mérito é a perseverança e dedicação à causa que abraçamos. Em tudo fizemos o que outros poderiam ter feito em nosso lugar; razão pela qual nunca tivemos a pretensão de acreditar sermos profeta ou messias, e menos ainda a dar essa impressão aos outros. (N. de Allan Kardec)

46. As duas primeiras revelações, sendo o produto de um ensinamento pessoal, foram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só lugar, em torno do qual a ideia se expandiu pouco a pouco. Mas foi preciso muitos séculos até atingir os extremos do mundo, sem tomá-lo por inteiro. A terceira tem isso de particular, pois, não estando personificada num só indivíduo, se fez simultaneamente em milhares de pontos distintos, tornados centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se – como as ondas circulares formadas por diversas pedras lançadas na água –, os raios de sua irradiação se unem pouco a pouco, de tal modo que, depois de um tempo, acabarão por cobrir a superfície inteira do globo.

Essa é uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela houvesse surgido em um só ponto, se fosse obra exclusiva de um só homem, formaria seitas em torno dele; e talvez levasse meio século antes de atingir os limites do país onde começou, tanto que, após dez anos, tem fincado marcos de um polo a outro.

47. Essa circunstância, inédita na história das doutrinas, dá a ela uma força excepcional e um poder de ação irresistível. De fato, se a perseguem em um ponto, em determinado país, será materialmente impossível persegui-lo em todos os pontos, em todos os países. Para cada lugar que o entravem, em mil outros florescerá. Além disso, se investem contra ela em um indivíduo, não poderão fazer o mesmo com os Espíritos, que são sua fonte. Ora, como os Espíritos estão por toda parte e existirão eternamente, mesmo que fosse possível sufocá-los por todo o globo, eles apareceriam novamente a qualquer momento, pois repousam sobre *um fato, um fato natural*, e é impossível extinguir leis da natureza. Disso devem se convencer aqueles que sonham com o fim do Espiritismo. (*Revista Espírita*, fevereiro de 1865: Perpetuidade do Espiritismo).

48. Entretanto, esses centros disseminados poderiam permanecer irradiando por longo tempo isolados uns dos outros, por alguns estarem confinados em países distantes. Era necessário entre eles um traço de ligação que colocasse em comunicação de pensamento seus irmãos em crença, ensinando o que ocorria a distância. Esse traço de união, que teria faltado ao Espiritismo na Antiguidade, hoje se encontra nas publicações que vão a todos os lugares, condensando, de forma única, concisa e metódica, o ensinamento dado em toda parte, de diferentes formas, em diversas línguas.

49. As duas primeiras revelações apenas poderiam ser o resultado de um ensino direto. Deviam se impor pela fé, mediante a autoridade da palavra de seu mestre, pois os homens não estavam avançados para cooperar em sua elaboração.

Entretanto, observa-se entre elas uma sensível diferença devido ao progresso dos costumes e das ideias, mesmo tendo sido feitas para o mesmo povo e no mesmo meio, após 18 séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica, não admite discussão e se impõe a todo o povo pela força. A de Jesus é essencialmente *conselheira*; é livremente aceita e só se impõe pela persuasão; foi contestada com seu fundador ainda vivo, pois se interessava por debater com seus adversários.

50. A terceira revelação chega numa época de emancipação e maturidade intelectual, quando a inteligência, já desenvolvida, não se reduz a um papel passivo, nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, compreender o porquê e o como de cada coisa. Por isso, ela devia ser, ao mesmo tempo, o resultado de um ensinamento e o fruto do trabalho, da investigação e do livre exame. Os Espíritos ensinam somente o necessário para colocar o homem no caminho da verdade, abstendo de revelar o que o homem pode encontrar por si próprio, deixando-lhe o cuidado de debater, controlar e submeter tudo ao crivo da razão, deixando-o frequentemente adquirir experiência às suas custas. Dão-lhe o princípio e os elementos, e ao homem cabe aproveitá-los, colocando-os em ação (veja no item 115).
51. Considerando que os elementos da revelação espírita foram ensinados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e diversos graus de instrução, fica evidente que as observações não podiam ser feitas por toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a extrair, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos – em suma, a conclusão sobre a qual deviam apoiar as ideias –, deveriam sair somente do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo apenas, frequentemente, uma ordem particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórias, tratando geralmente com a mesma categoria de Espíritos e, além disso, limitado por influências locais e partidárias, encontrava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso, seria incapaz de reunir as observações isoladas num princípio comum. Como cada um apreciava os fatos sob o ponto de

vista de seus conhecimentos e de suas crenças anteriores, ou segundo a opinião particular dos Espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quanto à quantidade de centros, e nenhum chegaria a ser completo por falta de elementos de comparação e de exame. Em resumo, cada um ficaria extático em sua revelação parcial, convencido de possuir toda a verdade, por não saber que em outros lugares se conseguia mais e melhor.

52. Além disso, deve-se assinalar que, em nenhuma parte, o ensino espírita foi dado de maneira completa. Abarca uma quantidade tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que requerem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, de modo que seria impossível estarem reunidas no mesmo ponto todas as condições necessárias. Devendo o ensino ser coletivo, e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho e distribuíram os temas de estudo e observação, da mesma forma que nas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida para diversos trabalhadores.

Desse modo, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários. Dessa maneira, prossegue ainda agora, já que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento daquilo que obtém, e tem sido o conjunto, a coordenação de todos os ensinamentos parciais, o que constitui a *doutrina* espírita.

Era necessário agrupar os fatos dispersos para verificar sua correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos nos diferentes pontos e sobre todos os assuntos, a fim de compará-los, analisá-los, estudar suas analogias e diferenças. Às comunicações, sendo dadas por Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era necessário avaliar os graus de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas, individuais e isoladas daquelas que receberam a sanção do ensinamento universal dos Espíritos, as utopias das ideias práticas; separar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e da lógica; e fazer uso também dos erros, das informações trazidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para tomar conhecimento do estado do mundo invisível, e formar um todo homogêneo. Seria preciso, numa palavra, um centro de elaboração independente das ideias preconcebidas, dos prejuízos de seita, *disposto a aceitar as evidências da verdade, mesmo contrárias a suas opiniões pessoais.*

Esse centro se formou por si mesmo, pela força das circunstâncias e *sem um desígnio premeditado*³⁹.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: uma, dirigindo-se das extremidades para o centro; outras, encaminhando-se do centro à periferia. Assim, a doutrina avançou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes das quais se originou; os sistemas divergentes, pouco a pouco, ruíram, por permanecerem isolados frente à ascensão de opiniões da maioria, pois não encontraram repercussão simpática. A partir de então, estabeleceu-se uma comunhão de pensamentos entre os diferentes centros parciais. E como falam a mesma linguagem espiritual, compreendem-se e estimam-se de um extremo ao outro do mundo.

Os *Espíritos* se sentiram fortalecidos, lutaram com mais coragem, caminharam com passos firmes, desde que não se viram isolados e perceberam um ponto de apoio, um laço unindo-os em grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas já não pareciam fatos estranhos nem anormais ou contraditórios, pois puderam associá-los com as leis gerais da harmonia,

39 *O Livro dos Espíritos*, a primeira obra que fez o Espiritismo entrar na trilha filosófica, mediante a dedução das consequências morais a partir dos fatos, e que abordou todas as partes da Doutrina, tocando nas mais importantes questões que propõe, tem sido, desde o surgimento, o ponto de união sobre o qual convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que a publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, permanecendo até então no campo das experiências para entreter a curiosidade. Se esse livro conquistou a simpatia da maioria é por ser a expressão dos sentimentos dela, correspondendo assim às suas aspirações; é também porque nele se encontrava a confirmação e a explicação racional daquilo que se obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensinamento geral dos Espíritos, cairia em total descrédito e no esquecimento. Ora, qual tem sido esse ponto de convergência? Por certo, não foi o homem, que nada vale por si, por ser trabalhador que morre e se vai, mas à ideia, que não perece por emanar de uma fonte superior ao homem. (N. de Allan Kardec)

Essa concentração espontânea de forças esparsas deu lugar à imensa correspondência, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, refletindo, ao mesmo tempo, os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que fizeram nascer a doutrina, as consequências morais, a dedicação de uns e as deserções de outros; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas por meio de documentos autênticos. Na presença desses depoimentos irrecusáveis, a que se reduzirão com o tempo todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme? (N. de Allan Kardec)

observando de uma só vez a totalidade do edifício, e vendo, nesse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.⁴⁰

Mas como saber se um princípio é ensinado por toda parte ou se é resultado de uma opinião individual? Como os grupos isolados não podiam saber o que se dizia fora deles, foi necessário que um centro reunisse todas as instruções para fazer uma espécie de depuração das vozes e levar ao conhecimento de todos a opinião da maioria.⁴¹

40 Um testemunho significativo, tão notável quanto tocante, dessa comunhão de pensamento que se estabeleceu entre os *Espíritas* pela conformidade de suas crenças, são os pedidos de preces chegados de países mais distantes, desde o Peru até as extremidades da Ásia, formulados por pessoas de religiões e nacionalidades diversas, as quais nunca tínhamos visto antes. Não será isso o prelúdio da grande unificação que se prepara? Não é a prova das raízes profundas formadas pelo Espiritismo em toda parte? É digno de nota que, de todos os grupos que se formaram com a intenção premeditada de promover a cisão, ao proclamar princípios divergentes, assim como todos aqueles motivados por razões de amor próprio ou outras, para não parecer que se submetem à lei comum, se consideraram suficientemente fortes para caminharem sozinhos, imaginando-se dotados de luzes suficientes para desprezar os conselhos, nenhum chegou a constituir uma ideia preponderante e viável. Todos se extinguíram ou vegetaram na sombra. Não poderia ser de outro modo, pois, para se distinguirem, em lugar de se esforçarem por proporcionar um número maior de satisfações, rejeitaram exatamente os princípios da doutrina como maior poder atrativo, os mais encorajadores, consoladores e racionais. Se houvessem compreendido a força dos elementos morais que constituíram sua unidade, não haveriam se enganado por uma quimérica ilusão. Mas, confundindo o pequeno círculo por eles constituído como o Universo, não viram nos adeptos mais que um grupo que poderia ser derrubado por outro grupo. Equivocaram-se derrubado por outro grupo. Trata-se de um estranho mal entendimento sobre as características essenciais da doutrina, tal erro só podia trazer desapontamentos. Em vez de romperem a unidade, quebraram o único vínculo que podia lhes dar força e vitalidade. (O Espiritismo sem os espíritos: o Espiritismo independente. *Revista Espírita*, abril de 1866) (N. de Allan Kardec)

41 Esse é o objetivo das nossas publicações, que podem ser consideradas como o resultado dessa depuração. Nelas, todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios, depois de haverem recebido a consagração de todos os exames, pois somente eles podem outorgar força de lei e permitir afirmações. Por essa razão não preconizamos levemente nenhuma teoria, e é por isso que a doutrina, em sendo consequência do ensino geral, não representa o resultado de um sistema preconcebido. É isso que lhe dá força e assegura seu futuro. (N. de Allan Kardec)

54. Não existe nenhuma Ciência que tenha saído inteiramente acabada do cérebro de um homem. Todas, sem exceção, são produto de observações sucessivas apoiadas em observações precedentes, como de um ponto conhecido chega-se ao desconhecido. Assim procederam os Espíritos com o Espiritismo, razão pela qual o ensino que transmitiram é gradual. Eles somente abordam as questões na medida em que os princípios sobre os quais se apoiavam estivessem suficientemente elaborados e a opinião tivesse alcançado a maturidade necessária para assimilá-los. Também é preciso levar em conta que todas as vezes em que os centros particulares abordaram questões prematuras, só obtiveram respostas contraditórias e inconclusas. Por outro lado, quando chega o momento oportuno, o ensinamento é completamente idêntico em quase todos os centros.

Há, entretanto, entre a marcha do Espiritismo e a das Ciências, uma diferença capital: enquanto estas só atingiram o ponto onde chegaram depois de longos períodos, foram suficientes poucos anos ao Espiritismo, não para alcançar o ponto culminante, mas para acumular uma soma de observações bastante grande para constituir uma doutrina. Isso se deve a imensa multidão de Espíritos que, pela vontade de Deus, se manifestaram simultaneamente, trazendo cada um deles, o contingente de seus conhecimentos. Resultou disso que todas as partes da doutrina, em lugar de serem elaboradas sucessivamente durante vários séculos, ocorreram mais ou menos simultaneamente, em alguns anos, e foi o suficiente agrupá-las para formarem um todo.

Deus quis que fosse assim, em primeiro lugar, para o edifício chegar mais rapidamente ao topo e, depois, para que se pudesse, por meio de comparação, ter um controle de alguma maneira imediato e permanente da universalidade do ensino. Dado nenhuma de suas partes ter nem valor nem *autoridade* maior que por sua conexão com o conjunto, todas devem harmonizar-se, tomar seu lugar no arranjo geral, chegando cada um a seu tempo.

Como Deus não confiou a um só Espírito a responsabilidade de promulgar a doutrina, quis assim mesmo tanto o menor quanto o maior, seja entre os Espíritos, seja entre os homens, levando sua pedra ao edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa que faltou a todas as doutrinas provenientes de uma fonte única.

Por outro lado, cada Espírito e cada homem, dispondo somente de uma limitada soma de conhecimentos, individualmente não estavam aptos a

tratar *ex professo* das inúmeras questões inerentes ao Espiritismo. A isso se deve também que a doutrina, em cumprimento dos desígnios do Criador, não poderia ser a obra de um só Espírito nem de um só médium; só poderia sair da coletividade, dos trabalhos verificados uns pelos outros.⁴²

55. Um último caráter da revelação espírita, e que ressalta as próprias condições que lhe dão origem, é que, apoiando-se em fatos, ela é, e só pode ser, essencialmente progressiva, como todas as Ciências de observação. Por sua essência, ela se alia com a Ciência que, sendo a exposição das leis da natureza, em certa ordem de fatos, não pode contrariar a vontade de Deus, autor das leis. *As descobertas da Ciência glorificam Deus em lugar de rebaixá-lo; elas só destroem o que os homens edificaram sobre as ideias falsas que fizeram de Deus.*

O Espiritismo estabelece como princípio absoluto somente o que seja demonstrado por evidências, ou o que seja deduzido logicamente da observação. Em contato com todos os ramos da economia social, aos quais oferece o apoio das próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, sejam de qualquer ordem, quando chegam ao estado de *verdades práticas*, e saiam do domínio da utopia, pois sem isso se aniquilariam. Deixando de ser o que é, desmentiria a origem e o objetivo providencial. *Avançando com o progresso, o Espiritismo jamais será superado, pois, se novas descobertas demonstrarem estar em erro em um determinado ponto, ele se modificará sobre esse ponto. Se uma nova verdade se revela, ele a aceita.*⁴³

56. Qual é a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, visto não ser outra senão a de Cristo? O homem necessita de uma revelação? Não pode encontrar em si mesmo tudo o que precisa para bem se conduzir?

42 Veja-se em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Introdução, item II, e *Revista Espírita*, abril de 1864: Autoridade da doutrina espírita; controle universal do ensino dos espíritos. (N. de Allan Kardec)

43 Diante de declarações tão precisas e categóricas, como as contidas neste capítulo, caem por terra todas as objeções de tendência ao absolutismo e à autocracia dos princípios, assim como todas as falsas interpretações de algumas pessoas desconfiadas ou mal informadas atribuem à doutrina. Essas declarações, por outro lado, não são novas; nós as temos repetido inúmeras vezes em nossos escritos para não permanecer dúvida alguma a esse respeito. Ademais, elas mostram o verdadeiro papel que nos corresponde, o único que desejamos: aquele de trabalhador. (N. de Allan Kardec)

Do ponto de vista moral, não há dúvida quanto a Deus ter outorgado ao homem um guia em sua consciência, que lhe diz: “Não faças a outrem o que não queres que te façam”. Por certo, a moral natural está inscrita no coração dos homens. Mas sabem todos lê-la nesse livro? Não tem menosprezado sempre esses sábios preceitos? O que fizeram da moral de Cristo? Como a praticam os que a ensinam? Não a tornaram letra morta, uma bela teoria, boa para os outros, e não para si mesmos? Censurai um pai por repetir dez vezes, cem vezes a mesma instrução a seus filhos, se eles não a aproveitam? Por que Deus faria menos do que um pai de família? Por que Ele não enviaria aos homens, de tempos em tempos, mensageiros especiais, encarregados de chamá-los a seus deveres e leva-los de novo pelo caminho do bem, quando dele se desviam? Por que não abrir os olhos da inteligência àqueles que os têm fechados, assim como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

Os Espíritos ensinam a moral de Cristo, pela razão de nada haver de melhor. Mas, então, para que serve seu ensino se só repete o que já sabemos? O mesmo poderia ser dito da moral de Cristo, pois foi ensinada 500 anos antes, por Sócrates e Platão, e em termos quase idênticos. O mesmo se pode dizer de todos os filósofos moralistas que repetem a mesma coisa, em todos os tons e de todas as maneiras. Pois bem: *os Espíritos vêm, muito simplesmente, aumentar o número dos estudiosos da moral*, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, se fazem ouvir tanto na cabana quanto no palácio, tanto pelos ignorantes como pelas pessoas instruídas.

O que o ensinamento dos Espíritos acrescenta à moral de Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre mortos e vivos. Eles completam as noções vagas que ele havia dado a respeito da alma, de seu passado e de seu futuro, sancionando a doutrina cristã pelas próprias leis da natureza. Com o auxílio das novas luzes trazidas pelo Espiritismo e pelos Espíritos, o homem compreende a solidariedade que une todos os seres; a caridade e a fraternidade se convertem numa necessidade social; os homens passam a fazer, por convicção, o que só faziam por dever, e fazem ainda melhor.

Quando os homens praticarem a moral de Cristo, somente então poderão afirmar que já não necessitam mais de moralistas encarnados ou desencarnados. E, nesse momento, Deus não mais os enviará.

57. Uma das questões mais importantes, entre as propostas no começo deste capítulo, é a seguinte: Qual autoridade tem a revelação espírita, visto que emana de seres cujas luzes são limitadas e não infalíveis?

A objeção seria válida se essa revelação consistisse somente no ensino dos Espíritos, se devêssemos recebê-la exclusivamente deles, como se a admitíssemos de olhos fechados. Porém, ela perde todo o seu valor a partir do momento que o homem contribui para essa revelação com sua inteligência e seu juízo; desde que os Espíritos se limitam a orientá-lo nas deduções que ele mesmo pode extrair da observação dos fatos. Pois bem: as manifestações, em suas inumeráveis variedades, são fatos que o homem estuda em busca de deduzir sua lei; e nessa tarefa recebe ajuda de Espíritos de todas as categorias, os quais, desse modo, são mais *colaboradores* do que *reveladores*, no sentido habitual do termo. O homem submete os conceitos dos Espíritos ao controle da lógica e do bom senso e, dessa maneira, se beneficiam dos conhecimentos especiais que eles possuem, relativos ao grau de seu adiantamento, sem abdicar do emprego de sua própria razão.

Como os Espíritos não são mais do que as almas dos homens, ao se comunicar com eles, *não saímos da humanidade*, que é uma circunstância primordial que deve ser considerada. Assim, os homens de gênio, que têm sido faróis para a humanidade, saíram do mundo dos Espíritos e para lá voltarão quando deixarem a Terra. Quando consideramos que os Espíritos podem se comunicar com os homens, esses mesmos gênios podem lhes dar instruções na condição espiritual, do mesmo modo que fizeram quando tinham forma corporal. Podem nos instruir após a morte, como faziam quando vivos. Em vez de visíveis, estão invisíveis, essa a diferença. Sua experiência e seu saber não devem ser menores que antes, e sua palavra como homens tinha autoridade; não há razão para que agora não tenha, pelo simples fato de se encontrarem no mundo dos Espíritos.

58. Contudo, não são somente os Espíritos superiores que se manifestam, mas também os de todas as categorias, e isso foi necessário para nos iniciar no verdadeiro caráter do mundo espiritual, mostrando-nos esse mundo em todos os seus aspectos. Disso resulta serem muito próximas as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, ficando mais evidente essa conexão. E, desse modo, vemos com clareza de onde viemos e para onde vamos; sendo esse o propósito essencial dessas manifestações. Assim, todos

os Espíritos, seja qual for o grau de elevação que se encontrem, ensinam algo a nós. Mas como são mais ou menos esclarecidos, cabe a nós discernir o que há de bom ou mau neles, tirando todo proveito possível de seus ensinamentos. Todos os Espíritos, quaisquer que sejam, podem nos ensinar ou nos revelar coisas que ignoramos e que sem eles não saberíamos.

59. Sem dúvida, os grandes Espíritos, quando encarnados, são individualidades poderosas, mas sua ação é restrita e inevitavelmente lenta para se espalhar. Se na atualidade viesse um só deles – Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão – revelar aos homens as condições do mundo espiritual, quem poderia provar a veracidade de suas afirmações nesta época de cepticismo? Não o tomariam por um sonhador ou utopista? Mesmo que dissessem a verdade absoluta, séculos passariam antes que suas ideias fossem admitidas pelas massas. Deus, em sua sabedoria, queria que o ensinamento fosse dado pelos *próprios espíritos*, e não pelos encarnados, para convencê-los de sua existência, e quis que isso ocorresse simultaneamente por toda a Terra, seja para o ensino se propagar mais rapidamente, seja para que, sendo o mesmo em todos os lugares, constituísse assim uma prova da verdade, cada um tendo os meios necessários para se convencer.
60. Os Espíritos não vêm para liberar o homem do trabalho, do estudo e das investigações; não lhe transmitem uma Ciência completamente elaborada. Com relação ao que o homem pode descobrir por si mesmo, eles o deixam livres às suas próprias forças. Os *Espíritas* sabem disso perfeitamente hoje em dia. Há tempos, a experiência tem demonstrado o erro de opinião ao atribuírem aos Espíritos todo saber e todo conhecimento, como se fosse suficiente dirigir-se ao primeiro Espírito a se apresentar para conhecer todas as coisas. Os Espíritos provêm da própria humanidade, constituindo uma de suas faces. Assim como na Terra, no mundo espiritual há os superiores e os comuns; muitos deles, portanto, sabem menos das questões científicas e filosóficas que certos homens; dizem o que sabem, nem mais, nem menos. Da mesma forma como ocorre entre os homens, os Espíritos mais adiantados podem ensinar muitas coisas, dando-nos opiniões mais justas que dos atrasados. Ao buscar conselhos dos Espíritos, não se está lidando com potências sobrenaturais, mas com *nostros iguais*, aqueles mesmos a quem nos dirigíamos neste mundo: parentes, amigos ou pessoas mais esclarecidas que nós. É isso que importa para

o convencimento e é ignorado por aqueles que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem uma ideia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações de além-túmulo.

61. Qual é, portanto, a utilidade dessas manifestações, ou, se preferem, dessa revelação, se os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem?

Em primeiro lugar, como já dissemos, eles se abstêm de nos dar aquilo que podemos adquirir pelo trabalho. Em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o grau de nosso adiantamento não o comporta. Mas, além disso, as condições de sua nova existência ampliam o círculo de suas percepções: veem o que não viam na Terra. Assim, libertos dos impedimentos da matéria, isentos das preocupações da vida corporal, apreciam as coisas de um ponto de vista mais elevado e, por isso, mais racional; sua perspicácia alcança um horizonte mais amplo; compreendem seus erros, retificam suas ideias e se desembaraçam dos preconceitos humanos.

É nisso que consiste a superioridade dos Espíritos sobre a humanidade corpórea e de seus conselhos serem, segundo o grau evolutivo alcançado, mais criteriosos e desinteressados que os dos encarnados. O meio no qual se encontram lhes permite nos iniciar nas coisas da vida futura que ignoramos e que não podemos aprender em nosso meio. Até esse dia, o homem só tinha criado hipóteses sobre o futuro. Por essa razão, suas crenças a esse respeito se dividiram em sistemas tão numerosos e divergentes, desde a doutrina do nada até as fantásticas concepções do inferno e do paraíso. Atualmente, são as testemunhas oculares, os atores da vida além-túmulo, quem nos diz no que consiste essa vida, e *só eles poderiam fazê-lo*. Por consequência, essas manifestações têm servido para nos dar conhecimento do mundo invisível que nos rodeia e do qual não suspeitávamos; e apenas esse único conhecimento já será de capital importância, supondo que os Espíritos não fossem capazes de nos ensinar mais nada.

Se você for num país que não conhece, rejeitaria os ensinamentos do mais humilde camponês que encontrasse? Recusaria indagar sobre o estado da rota porque ele é apenas um camponês? Você não esperaria certamente, esclarecimentos de alta envergadura, mas, tal como seja, e em sua esfera, ele poderá, sobre certos pontos, passar-lhe meios que um sábio não faria

sem conhecer o país. Você tirará de suas indicações consequências que ele próprio não poderia tirar, mas ele deixará de ser um instrumento útil para suas observações, não tendo ele servido senão para lhe fazer conhecer os costumes dos camponeses. Ele é igualmente semelhante aos Espíritos, em que o menor nos ensina alguma coisa.

62. Uma simples comparação tornará ainda mais compreensível a situação.

Um navio carregado de emigrantes parte para um destino distante. Transporta homens de todas as condições, parentes e amigos daqueles que permaneceram. Recebe-se a notícia do naufrágio desse navio. Nenhum vestígio permaneceu, nenhuma notícia sobre seu destino. Acredita-se que todos os passageiros tenham perecido e as famílias cobrem-se de luto. Enquanto isso, toda a tripulação, sem exceção de um homem sequer, aproximou-se de uma terra desconhecida, abundante e fértil, onde todos vivem felizes sob um céu ameno. Mas nada se sabe sobre isso. Um belo dia, outro navio aporta nessa terra e encontra ali todos os naufragos são e salvos. A feliz novidade se espalha com a rapidez de um relâmpago, e todos exclamam: “Nossos amigos não estão perdidos!”. E eles dão graças a Deus. Não podendo se ver, trocam correspondências e testemunhos de afeto; e então da tristeza se faz a alegria.

Essa é uma figura representativa da vida terrestre e da vida além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. Esta, como o segundo navio, nos traz as boas novas da sobrevivência de nossos entes queridos e da certeza de nos reunirmos um dia. Dúvida sobre o seu e o nosso destino não existe mais. O desânimo desaparece diante da esperança.

Mas outros resultados vêm enriquecer essa revelação. Deus, julgando a humanidade madura para penetrar nos mistérios de seu destino e contemplar calmamente as novas maravilhas, permitiu que fosse levantado o véu que separava o mundo visível do invisível. Os fatos das manifestações nada têm de sobre-humano. É *a humanidade espiritual que vem falar com a humanidade corporal e lhe dizer*: “Nós existimos, então o nada não existe. É isso o que somos e o que vocês serão. O futuro será para vocês como o nosso. Vocês caminhavam na escuridão; nós viemos clarear seu caminho e facilitar seu trajeto. Vocês iam ao acaso, nós mostramos o propósito. A vida terrena era tudo para vocês, porque não viam nada além dela; viemos para lhes contar, mostrando a vida espiritual: a vida terrena não é nada. Sua visão

se detinha no túmulo, e nós lhes mostramos além de um admirável horizonte. Não sabiam por que sofriam na Terra; agora, no sofrimento, veem a justiça de Deus; o bem não produzia nenhum fruto aparente para o futuro, porém terá agora um propósito e será uma necessidade; a fraternidade era apenas uma bela teoria, está agora assentada em uma lei da natureza. Sob a crença de que tudo termina com a vida, a imensidão é vazia, o egoísmo reina supremo entre vocês e seu lema é: ‘Cada um por si’. Com a certeza do futuro, os espaços sem fim se povoam ao infinito; o vazio e a solidão não existem, a solidariedade conecta todos os seres, além e aquém do túmulo. É o reino da caridade, com o lema: ‘Um por todos, todos por um’. Enfim, ao final da vida vocês davam um eterno adeus aos que lhes são caros, e agora dirão: ‘Até breve’”.

Esses são, em resumo, os resultados da nova revelação, veio preencher o vazio criado pela incredulidade, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e dar a todas as coisas uma razão de ser. Esse resultado seria irrelevante, só porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar saber aos ignorantes, ou aos preguiçosos os meios de se enriquecer sem dificuldade? No entanto, os frutos que o homem deve extrair da nova revelação não são apenas para a vida futura. Ele os colherá na Terra, pela transformação que essas novas crenças necessariamente devem operar em seu caráter, em seus gostos, em suas tendências e, conseqüentemente, sobre os hábitos e as relações sociais. Ao pôr fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus.

O propósito da revelação, portanto, é colocar o homem na posse de certas verdades que ele não pode adquirir por si mesmo com a intenção de acelerar o progresso. Essas verdades se limitam, em geral, a princípios fundamentais destinados a colocá-lo no caminho das investigações, e não a conduzi-lo pela mão. São marcos que lhe mostram o objetivo; é sua tarefa estudá-los e deduzir suas aplicações. Longe de libertá-lo do trabalho, fornece novos elementos para sua atividade.

CAPÍTULO II

DEUS⁴⁴

Existência de Deus – Da natureza divina
– A Providência – A visão de Deus

EXISTÊNCIA DE DEUS

1. Deus, sendo a causa primeira de todas as coisas, o ponto de partida de tudo, a base sobre o qual repousa o edifício da criação, é o ponto fundamental a considerar, antes de tudo.

É princípio elementar que se julgue uma causa pelos seus efeitos, mesmo que não se veja a causa. A Ciência vai mais longe: calcula o poder

44 Este capítulo teve um significado especial para os leitores contemporâneos de Allan Kardec. Em alguns outros capítulos, ele se valeu de Ciências como Geologia, Fisiologia, Química, para tratar da Gênese do mundo e da vida. Neste, também se vale de uma Ciência Filosófica de seu tempo, a Teodiceia. A Metafísica especial era dividida em três partes: Psicologia Racional (relações entre a alma e o corpo), Cosmologia Racional (natureza da matéria e da vida), e estudo racional de Deus, Teodiceia: “Deus, pois, que do nada cria cada cousa, porque é o próprio ser, e por consequência a causa primária, única e eficiente de todas as cousas” (JANET, Paul. *Tratado elementar de Filosofia*). Kardec segue a disposição de temas pertencente à filosofia do *espiritualismo racional*, apresentando a existência de Deus, sua natureza e atributos como nos manuais de tal Ciência. Mas, na parte final, *Providência e Visão de Deus*, amplia o entendimento com os conceitos da doutrina espírita, a partir dos ensinamentos dos Espíritos superiores. Dessa forma, se justifica a afirmativa de Allan Kardec na *Revista Espírita* de novembro de 1868: “A mais enérgica reação se opera a favor das ideias espiritualistas e que, como dissemos, toda defesa do *espiritualismo racional* abre o caminho para o Espiritismo, do qual é o desenvolvimento, combatendo seus mais tenazes adversários: o materialismo e o fanatismo”. (N. do E.)

da causa pelo poder do efeito e pode até mesmo determinar sua natureza. É assim, por exemplo, que a Astronomia deduziu a existência de planetas em determinadas regiões do espaço, pelo conhecimento das leis que regem o movimento dos astros. Ao buscá-los, encontrou-os, de modo que se pode dizer que, realmente, foram descobertos antes de terem sido vistos.

2. Numa ordem de fatos mais comuns, se estamos mergulhados em um denso nevoeiro, ao notar uma claridade difusa, julgamos que o Sol está sobre o horizonte, motivo pelo qual ele não é visto. Se um pássaro em pleno voo é atingido por um tiro mortal, deduzimos que um hábil atirador o acertou, embora não se veja o atirador. Não é necessário ter visto uma coisa para saber que ela existe. Em tudo, é observando os efeitos que se chega ao conhecimento das causas.
3. Um outro princípio, também elementar, que por força de ser verdadeiro, passou à condição de axioma, é que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.

Se indagássemos qual é o inventor de tal mecanismo engenhoso, o arquiteto de tal monumento, o escultor de tal estátua, o pintor de tal quadro, o que se pensaria se alguém respondesse que ele foi feito exclusivamente por si próprio? Quando se vê uma obra-prima da arte ou da indústria, diz-se que deve ser o produto de um homem genial, porque uma alta inteligência deve ter presidido sua concepção. Julgamos, no entanto, que tenha sido feita por um homem, porque se sabe que a obra não está acima da capacidade humana. Mas não ocorrerá a ninguém dizer que ela saiu do cérebro de um idiota ou de um ignorante, e ainda menos que seja trabalho de um animal ou produto do acaso.

4. Por toda parte, reconhecemos a presença do homem por suas obras. Se chegássemos a uma terra desconhecida, mesmo sendo desértica, e descobríssemos o menor vestígio de trabalhos humanos concluiríamos que criaturas humanas habitaram ou habitam essa região. A existência dos homens antediluvianos não é provada somente por fósseis humanos, mas também, e com igual certeza, pela presença, nos terrenos dessa época, de objetos produzidos pelos homens. Um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma, um tijolo bastariam para atestar sua presença. Pela rusticidade ou pela perfeição do trabalho, reconhece-se o grau de inteligência ou adiantamento dos que o tenham feito. Se então, estando em

um país habitado exclusivamente por selvagens, descobrimos uma estátua digna de Fídias, não hesitaremos em dizer que ela deva ser obra de uma inteligência superior à desses selvagens, sabendo que são incapazes de realizá-la.

5. Pois bem: olhando em torno de si para as obras da natureza, observando-se a providência, a sabedoria e a harmonia que a todas presidem, reconhece-se que não existe nenhuma que não ultrapasse a mais elevada capacidade da inteligência humana, pois o maior gênio da Terra não saberia criar o menor talo de erva. Uma vez que a inteligência humana não as pode produzir, é porque são produto de uma inteligência superior à da humanidade. A essa harmonia e essa sabedoria, estendendo-se desde o grão de areia e o ácaro até os astros inumeráveis que circulam no espaço, é preciso concluir que abrangem o infinito, a menos que se diga que haja efeito sem causa.
6. A isso alguns contrapõem o seguinte argumento:

As obras ditas da natureza são o produto de forças materiais que agem mecanicamente por causa das leis de atração e repulsão; as moléculas dos corpos inertes se agregam e se desagregam sob o domínio dessas leis. As plantas nascem, desenvolvem-se, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma na sua espécie, por efeito dessas mesmas leis; cada indivíduo é semelhante àquele do qual proveio; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração estão subordinadas a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade, etc. É o mesmo com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas, pelo efeito gravitacional. Essa regularidade mecânica, no emprego das forças naturais, não acusa jamais uma inteligência livre. O homem movimenta o braço quando quer e como quer, mas caso só o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato. Ora, as forças orgânicas da natureza, consideradas em seu conjunto, são, de certa maneira, automáticas.

Tudo isso é verdadeiro. Mas essas forças são efeitos que devem ter uma causa, e ninguém pretendeu que constituíssem a divindade. Elas são materiais e mecânicas. Não são, de forma alguma, inteligentes por si próprias, e isso também é verdade. Mas são postas em ação e distribuídas apropriadamente para as necessidades de cada coisa, por uma inteligência

que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente que denota uma causa inteligente. Um pêndulo se move com uma regularidade automática, é nela que está o mérito. A força que o move é toda material, e não é, de modo algum, inteligente. Mas o que seria desse pêndulo se uma inteligência não tivesse combinado, calculado, distribuído o emprego dessa força para fazê-lo movimentar-se com precisão? Pelo fato dessa inteligência não estar no mecanismo do pêndulo, e de não a vermos, seria racional concluir que ela não exista? Não, pois podemos considerá-la por seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; a engenhosidade do mecanismo atesta a inteligência e a sabedoria do relojoeiro. Quando se vê um desses relógios complicados, que marcam a hora das principais cidades do mundo e o movimento dos astros que se movem no espaço, relógios que parecem falar conosco para dar, no momento certo, a informação que precisamos, acaso ocorreria a alguém dizer: eis aí um relógio muito inteligente?

O mesmo acontece com o mecanismo do Universo. Deus não se mostra, mas afirma-se por suas obras.

7. A existência de Deus é, pois, um fato adquirido, não somente pela revelação, mas também pelas evidências materiais. Os povos mais selvagens não tiveram revelação. Entretanto, creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano; é que eles, por si próprios, não fogem às consequências lógicas; veem as coisas que estão acima do poder humano e concluem que elas provêm de um ser superior à humanidade.

DA NATUREZA DIVINA

8. Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Temerário seria aquele que pretendesse levantar o véu que a oculta de nossos olhos; falta-nos *ainda* o sentido que só se adquire pela completa purificação do Espírito. Porém, não podendo penetrar em sua essência, mas tendo como premissa sua existência, podemos, pelo raciocínio, chegar ao conhecimento de seus atributos necessários, porque, vendo o que ele não pode, absolutamente, ser, deduzimos o que deva ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus⁴⁵, seria impossível compreender a obra da criação. Esse é o ponto de partida de todas as crenças religiosas, e é por não terem se referido a eles, capaz de orientá-los, que a maior parte das religiões tem errado em seus dogmas. As que não atribuíram a Deus toda onipotência imaginaram vários deuses. As que não lhe atribuem a soberana bondade fazem dele um Deus ciumento, colérico, parcial e vingativo.

9. **Deus é a suprema e soberana inteligência.** A inteligência do homem é limitada, já que não pode fazer nem compreender tudo o que existe; a de Deus, abrangendo o infinito, deve ser infinita. Se a supuséssemos limitada em um ponto qualquer, poderíamos conceber um ser ainda mais inteligente, capaz de compreender e fazer o que o outro não faria, e assim sucessivamente, até o infinito.
10. **Deus é eterno.** Não teve começo nem terá fim. Se tivesse tido um começo, teria saído do nada; ora como o nada é nada, não pode produzir algo; ou então ele teria sido criado por outro ser anterior e, então, este ser é que seria Deus. Se supuséssemos que teve um começo ou um fim, poderíamos, então, conceber um ser tendo existido antes dele, ou podendo existir após ele, e assim por diante, até o infinito.
11. **Deus é imutável.** Se fosse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.
12. **Deus é imaterial;** sua natureza difere de tudo o que chamamos de matéria; de outro modo não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

Deus não tem forma apreciável a nossos sentidos. Se tivesse, seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque

45 Na Ciência Filosófica dedicada ao estudo de Deus, Teodiceia, os atributos de Deus eram os metafísicos, que excluía as limitações que encontramos na criação: composição (simplicidade), pluralidade (unidade), mudança (imutabilidade), sucessão (eternidade), localização (imensidade), limitação (perfeição). E também os atributos morais, que transferem a Deus a condição absoluta das criaturas, portanto inteligência, justiça e bondade supremas ou infinitas. A explicação de Paul Janet demonstra o quanto os espiritualistas racionais estavam preparados para compreender o Espiritismo: “Se só existisse um universo físico, os atributos metafísicos seriam suficientes. Mas existe um universo dos Espíritos, um universo moral, com origem na causa primeira. Deus é causa tanto dos espíritos quanto da matéria” (JANET, 1885). Há perfeita continuidade entre a filosofia espiritualista racional e a doutrina dos Espíritos. (N. do E.)

o homem, só conhecendo a si próprio, toma-se como termo de comparação para tudo o que não compreende. São ridículas essas imagens que representam Deus sob a figura de um ancião de longas barbas, coberto por um manto; elas têm o inconveniente de rebaixar o ser supremo às mesquinhas proporções da humanidade. Daí, atribuir-lhe as paixões humanas e fazerem dele um Deus colérico e ciumento, é só um passo.

13. **Deus é onipotente.** Se não tivesse o supremo poder, poderíamos conceber um ente mais poderoso, e assim por diante, até que se encontrasse um ser cujo poder nenhum outro pudesse ultrapassar; este então seria Deus. Como não teria feito todas as coisas, aquilo que não tivesse feito seria obra de outro deus.
14. **Deus é soberanamente justo e bom.** A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores e maiores coisas, e essa sabedoria não permite que se duvide nem da sua justiça nem da sua bondade. Essas duas qualidades implicam em todas as outras; se as supusermos limitadas, nem que seja em um só ponto, poderemos conceber um ser que as possuiria no mais alto grau, e que lhe seria superior.

O fato de uma qualidade ser infinita exclui a possibilidade da existência de uma qualidade contrária, que a reduzisse ou a anulasse. Um ser *infinitamente bom* não poderia ter a mínima parcela de maldade nem o ser *infinitamente mau* poderia ter a menor parcela de bondade; igualmente, um objeto não poderia ser de um negro absoluto com o mais ligeiro matiz branco nem um branco absoluto com a menor mancha negra.

Assim, Deus não poderia ser, ao mesmo tempo, bom e mau, porque então, não possuindo nem uma nem outra dessas qualidades no supremo grau, não seria Deus; todas as coisas estariam submetidas ao seu capricho e não haveria estabilidade para nada. Portanto, ele só poderia ser infinitamente bom ou mau; e se fosse infinitamente mau, não faria nada de bom; ora, como suas obras testemunham sua sabedoria, sua bondade e sua solicitude, é preciso concluir que não podendo ser, ao mesmo tempo, bom e mau, sem deixar de ser Deus, ele deve ser infinitamente bom.

A soberana bondade implica em soberana justiça, porque, se agisse injustamente ou com parcialidade, em *uma só circunstância* ou com relação a *uma só de suas criaturas*, ele não seria soberanamente justo e, por consequência, não seria soberanamente *bom*.

- 15. Deus é infinitamente perfeito.** É impossível conceber Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois poderíamos conceber um ser possuindo o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, é preciso que ele seja infinito em tudo.

Os atributos de Deus, sendo infinitos, não são passíveis nem de ampliação nem de diminuição, ou deixariam de ser infinitos, e Deus não seria perfeito. Se dele se tirasse a mínima parcela de um só de seus atributos, não seria Deus, já que poderia existir um ser mais perfeito.

- 16. Deus é único.** A unidade de Deus é consequência do infinito absoluto das suas perfeições. Um outro Deus não poderia existir sem a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, porque, se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao seu poder, e não seria Deus. Se houvesse entre eles igualdade absoluta, haveria para toda a eternidade um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder. Assim, confundidos em suas identidades, só haveria, na realidade, um Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um faria o que o outro não fizesse e, então, não existiria entre eles uma igualdade perfeita, já que nem um nem outro teria a soberana autoridade.

- 17.** Foi a ignorância do princípio do infinito das perfeições de Deus que engendrou o politeísmo, culto de todos os povos primitivos. Eles atribuíam um caráter divino a todo poder que parecesse estar acima da humanidade; mais tarde, a razão levou-os a reunir esses diferentes poderes em um só. Então, quando os homens entenderam a essência dos atributos divinos, removeram de seus símbolos as crenças que os negavam.

- 18.** Em resumo, Deus só pode ser Deus sob a condição de não ser ultrapassado em nada, por nenhum outro ser. Caso contrário, o ser que o ultrapassasse, seja no que for, ainda que apenas na espessura de um fio de cabelo, seria o verdadeiro Deus. Por isso, é preciso que ele seja infinito em todas as coisas.

É assim que, comprovada a existência de Deus pelas suas obras, chega-se, pela simples dedução lógica, a determinar os atributos que o caracterizam.

- 19.** Deus é, pois, *a suprema e soberana inteligência; é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições*, e não poderia ser diferente disso.

Essa é a base sobre a qual repousa o edifício universal; é o farol de onde os raios de luz se estendem sobre o Universo inteiro e que só pode guiar o homem na busca da verdade. Seguindo essa luz, jamais se extraviará, e se tantas vezes se equivocou é por não seguir o rumo que lhe fora indicado.

Esse é, também, o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas; o homem tem, para avaliá-las, uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus, e pode afirmar a si mesmo, com certeza, que toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com *um só* de seus atributos, que busque não somente anulá-lo mas, simplesmente, enfraquecê-lo, não pode estar com a verdade.

Em Filosofia, Psicologia, Moral⁴⁶ e em religião, só é verdadeiro o que não se separa nem por um milímetro das qualidades essenciais da divindade. A religião perfeita será aquela que nenhum artigo de fé esteja em oposição com essas qualidades e da qual todos os dogmas poderiam suportar a prova desse controle, sem que nada os afete.

A PROVIDÊNCIA

20. A providência é a solicitude de Deus para com todas as criaturas. Deus está por toda parte, tudo vê e a tudo preside, mesmo as pequenas coisas; e é nisso que consiste sua ação providencial.

“Como Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, pode imiscuir-se em detalhe ínfimos, preocupar-se com os menores atos e pensamentos de cada indivíduo? Essa é a pergunta que a incredulidade faz a si mesma, de onde ela conclui que, admitindo a existência de Deus, sua ação só deva se fazer sobre as leis gerais do Universo; que este funciona por toda

46 Aqui se faz referência às Ciências Filosóficas, próprias da filosofia oficial do espiritualismo racional: Psicologia Experimental, Moral teórica e prática (fundamentadas nos conceitos de dever, leis morais presentes na consciência, e ato moral determinado pela liberdade de escolhas). Realmente, todo o conjunto dessas Ciências tinham como referência os atributos definidos na Teodiceia. Segundo Kardec, a religião, para ser perfeita, deve seguir o mesmo compromisso conceitual, não se aceitando um Deus vingativo, que concede privilégios ou castiga eternamente, mas, sim, agindo por leis e renovando oportunidades. (N. do E.)

eternidade, em virtude dessas leis, às quais cada criatura acha-se submetida em sua esfera de atividade, sem que seja necessário o concurso incessante da providência.”

21. Em seu estado atual de inferioridade, os homens dificilmente compreendem um Deus infinito, porque, sendo eles mesmos restritos e limitados, só o entendem restrito e limitado como eles. Representam-no como um ser circunscrito e fazem dele uma imagem semelhante a si próprios. Os quadros que o pintam com traços humanos só contribuem para manter esse erro no espírito dos povos, que nele adoram mais a forma do que o pensamento. Para muita gente, ele é um soberano poderoso, sentado em um *trono* inacessível, perdido na imensidão dos céus; e por terem suas faculdades e percepções limitadas, não compreendem que Deus possa ou se digne a intervir diretamente nas pequenas coisas.
22. Ante a impossibilidade de compreender a essência da divindade, o homem só pode fazer dela uma ideia aproximada por meio de comparações, necessariamente muito imperfeitas, mas que podem, pelo menos, mostrar-lhe a possibilidade daquilo que, num primeiro momento, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar em todos os corpos. É evidente que cada molécula desse fluido, encontrando-se com cada molécula da matéria, produzirá sobre os corpos uma ação idêntica àquela que produziria a totalidade do fluido. É o que a Química demonstra todos os dias, em proporções limitadas.

Esse fluido, não sendo inteligente, age mecanicamente, somente pelas forças materiais; mas, se o supusermos dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, já não agirá às cegas, mas com discernimento, com vontade e liberdade; ele verá, entenderá e sentirá.

As propriedades do fluido perispiritual podem nos dar uma ideia sobre isso. Ele não é inteligente por si próprio, porque é matéria, mas serve de veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito. É por causa da sutileza desse fluido que os Espíritos penetram em tudo, examinam nossos pensamentos – os mais íntimos –, veem e agem a distância. É utilizando-se desse fluido, já num estado de maior depuração, que os Espíritos superiores adquirem o dom de ubiquidade; basta um raio de seu pensamento dirigido sobre diversos pontos para que possam manifestar

sua presença de forma simultânea. A extensão dessa faculdade depende do grau de elevação e purificação do Espírito. É ainda com a ajuda desse fluido que o próprio homem age a distância, sobre certos indivíduos, pelo poder da sua vontade; que modifica, dentro de certos limites, as propriedades da matéria; dá propriedades determinadas a substâncias inativas; repara desordens orgânicas e opera curas pela imposição das mãos.

23. Por mais elevados que sejam, os Espíritos são criaturas limitadas em suas faculdades, em seu poder e na extensão de suas percepções, e não saberiam, sob esse aspecto, aproximar-se de Deus. Mas podemos nos servir deles, como ponto de comparação. O que o Espírito não pode executar, senão em um limite restrito, Deus, que é infinito, executa-o em proporções infinitas. Há ainda a diferença de que a ação do Espírito está momentaneamente subordinada às circunstâncias, e a de Deus é permanente; o pensamento do Espírito abarca durante um tempo um espaço circunscrito, o de Deus abarca o Universo e a eternidade. Em uma palavra, entre os Espíritos e Deus existe a distância do finito ao infinito.
24. O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas o agente e o intermediário desse pensamento; como é ele que o transmite, de alguma forma, *impregnado dele*. Pela impossibilidade em que estamos de isolar o pensamento, parece-nos que ele e o fluido se confundem, como acontece com o som e o ar, de maneira que podemos, por assim dizer, materializá-lo. Da mesma forma que dizemos que o ar se torna sonoro, tomando o efeito pela causa, podemos dizer que o fluido se torna inteligente.
25. Que seja ou não assim quanto ao pensamento de Deus, quer dizer, que ele atue diretamente ou por intermédio de um fluido, para nosso raciocínio, vamos representá-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente, preenchendo o Universo infinito, penetrando todas as partes da criação: *a natureza inteira está imersa no fluido divino*. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades do todo, cada átomo desse fluido, se assim podemos nos exprimir, possuiria o pensamento, isto é, os atributos essenciais da divindade, e estando esse fluido por toda parte, tudo está sujeito à sua ação inteligente, à sua previsão, à sua solicitude. Não haverá um ser, por mais ínfimo que seja, que não esteja de alguma forma imerso nele. Estamos, assim, constantemente em presença da divindade e não podemos subtrair

uma só de nossas ações, do seu olhar; nosso pensamento está em contato incessante com seu pensamento, e é com razão que se diz que Deus lê nas mais profundas entranhas do nosso coração; *estamos nele, como ele está em nós*, conforme a palavra de Cristo.

Para estender sua solicitude sobre todas as criaturas, Deus não tem necessidade de lançar seu olhar do alto da imensidão. Para que ouça nossas preces, não tem necessidade de transpor o espaço, nem que elas sejam ditas com voz retumbante, porque estando Deus incessantemente ao nosso lado, nossos pensamentos repercutem nele; são como os sons de um sino que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

26. Longe de nós o pensamento de materializar a divindade. A imagem de um fluido inteligente universal é, evidentemente, apenas uma comparação capaz de dar uma ideia mais justa de Deus, que as pinturas que o representam sob uma figura humana. Essa comparação só objetiva a compreensão da possibilidade de Deus estar por toda parte e de se ocupar de tudo.

27. Temos, incessantemente sob os olhos, um exemplo que pode dar uma ideia da maneira pela qual Deus exerce sua ação sobre o íntimo de todos os seres e, por consequência, como as impressões, as mais sutis de nossa alma, chegam até ele. Foi tirado de uma instrução dada por um Espírito sobre esse assunto.

“Um dos atributos da divindade é ser infinito; não se pode representar o Criador como tendo uma forma, um limite, um marco qualquer. Se ele não fosse infinito, poderíamos conceber alguma coisa maior que ele, e esse algo seria Deus. Sendo infinito, Deus está em toda parte porque, se não estivesse, não seria infinito; não se pode sair desse dilema, pois, se há um Deus, e disso ninguém duvida, esse Deus é infinito e não se pode conceber a extensão que ele ocupa. Ele se encontra, por consequência, em contato com toda a sua criação; ele a envolve e ela está nele; é, pois, compreensível que ele esteja em relação direta com cada criatura, e para vos fazer compreender, também materialmente, por qual maneira essa comunicação acontece, universal e constantemente, examinemos o que se passa no homem, entre seu Espírito e seu corpo.

“O homem é um pequeno mundo do qual o diretor é o Espírito, e o princípio dirigido é o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação na qual o Espírito será Deus. (Compreenda que só pode haver aqui um

ponto de analogia, e não de identidade). Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos, suas articulações são igualmente individualidades materiais, se assim podemos falar, localizadas em um lugar especial do corpo; o número dessas partes constitutivas, tão variadas e de naturezas tão diferentes, é considerável, mas nem por isso alguém duvida que possa ter movimentos, que uma impressão qualquer não possa ocorrer em um lugar particular sem que o Espírito disso tenha consciência. Haverá sensações diversas em vários lugares simultâneos?

“O Espírito as experimenta todas, discerne, analisa, determinando em cada uma sua causa e seu lugar de ação.

“Um fenômeno análogo tem lugar entre a criação e Deus. Ele está em todo lugar da natureza, como o Espírito está no corpo; todos os elementos da criação estão em relação constante com Ele, como todas as células do corpo humano estão em contato imediato com o ser espiritual; não há, pois, razão para que fenômenos de mesma ordem não se produzam da mesma maneira, em um e outro caso.

“Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa, Deus sabe. Todos os membros estão em movimento. Os diferentes órgãos são postos em vibração: o Espírito percebe cada manifestação, distingue-as e as localiza. As diferentes criações, as diferentes criaturas se movem, pensam, agem diversamente, e Deus sabe de tudo o que se passa e destina a cada um o que lhe seja particular.

“Pode-se deduzir igualmente a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade de todos os seres de um mundo entre eles, a de todos os mundos e, enfim, as das criações e do criador.” (QUINEMANT. Sociedade de Paris, 1867).

- 28.** Compreendermos o efeito. Isso já é bastante. Do efeito, remontamos à causa e julgamos sua grandeza pela grandeza do efeito. Mas sua essência íntima nos escapa, como a da causa de uma multidão de fenômenos. Conhecemos o efeito da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação. Nós o calculamos e, entretanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que o produz. Será, pois, mais racional negar o princípio divino porque nós o compreendemos?
- 29.** Nada impede que se admita para o princípio da soberana inteligência um centro de ação, um foco irradiando sem cessar, inundando o Universo

de seus eflúvios, como o Sol faz com sua luz. Mas onde se encontra esse foco? É o que ninguém pode dizer. É provável que não esteja fixado sobre um ponto determinado, como não está sua ação, e que ele percorra incessantemente as regiões do espaço ilimitado. Se simples Espíritos têm o dom da ubiquidade, essa faculdade em Deus deve ser sem limite. Deus, preenchendo o Universo, poderíamos admitir, a título de hipótese, que esse foco não teria necessidade de se transportar e que se forma sobre todos os pontos onde a soberana vontade julga que deva se produzir, o que nos permite dizer que ele está em toda parte e em nenhuma.

- 30.** Ante esses problemas insondáveis, nossa razão deve se curvar. Deus existe: nós não saberíamos duvidar. É infinitamente justo e bom: é sua essência. Sua solicitude se estende a tudo: nós o compreendemos. Ele só pode querer nosso bem, é por isso que devemos ter confiança nele. Isso é o essencial sobre Deus, para saber mais, vamos esperar até que sejamos dignos de compreendê-lo.

A VISÃO DE DEUS

- 31.** Uma vez que Deus está em toda parte, por que não o vemos? Nós o veremos deixando a Terra? Tais são as questões que se apresentam diariamente.

À primeira é fácil de responder: nossos órgãos materiais têm percepções limitadas que os tornam impróprios à visão de certas coisas, mesmo materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente à nossa vista e aos nossos instrumentos de análise. Entretanto, não duvidamos de sua existência. Vemos o efeito da peste, e não vemos o fluido que a transporta; vemos os corpos se moverem sob influência da força de gravitação, e não vemos essa força⁴⁷.

47 Nesse parágrafo, Kardec não se refere aos fluidos perispirituais (matéria do mundo espiritual), mas a substâncias materiais consideradas reais pela Ciência de seu tempo. O fluido da peste eram os miasmas: “Na atmosfera que nos cerca aparecem partículas, os miasmas, que prejudicam a saúde. A peste, que devasta as populações, é uma invasão de miasmas impelidos pelo vento, tornando a atmosfera impura e mortífera” (*Revista Popular*. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, 1849). (N. do E.)

32. As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas por organismos materiais; só podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial pela visão espiritual; somente nossa alma pode ter a percepção de Deus. Ela o vê imediatamente após a morte? Somente as comunicações de além-túmulo podem nos responder. Por elas sabemos que a visão de Deus é privilégio somente das almas mais purificadas e que, bem poucas, ao deixarem o envoltório terrestre, possuem o grau de desmaterialização necessário para tal. Algumas comparações simples poderão facilitar a compreensão.
33. Uma pessoa que está no fundo de um vale envolto por um denso nevoeiro não vê o Sol. Todavia, como já dissemos anteriormente, por causa da luz difusa, ela percebe a presença do Sol. Se começar a subir a montanha, à medida que se eleva, o nevoeiro se dissipa, a luz começa a ser cada vez mais viva, mas ela ainda não vê o Sol. Quando começa a percebê-lo, ainda está encoberta, porque o menor nevoeiro é suficiente para encobrir seu brilho. Apenas quando a pessoa estiver acima da camada de névoa, chegando aonde o ar esteja perfeitamente límpido, ela o verá em todo o seu esplendor.

Da mesma forma ocorre com alguém que esteja com a cabeça coberta por vários véus. A princípio, não vê absolutamente nada; a cada véu que tirar, distingue uma luz cada vez mais clara. Só quando o último véu sair, perceberá nitidamente as coisas.

Assim também ocorre com um licor carregado de matérias estranhas: de início está turvo. A cada destilação, sua transparência aumenta, até que, estando completamente depurado, adquire uma limpidez perfeita. E não apresenta nenhum obstáculo à sua visão.

Assim é a alma. O envoltório perispiritual, embora invisível e impalpável para nós, é para ela uma verdadeira matéria, bastante grosseira ainda para certas percepções. Esse envoltório fica mais sutil à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como os véus que obscurecem sua vista; cada imperfeição superada é um véu a menos, mas somente quando estiver completamente depurada ela desfrutará da plenitude de suas faculdades⁴⁸.

48 Enquanto no mundo físico os corpos são iguais para todos os humanos (colocados num ambiente quente, todos sentem calor, independentemente de sua inteligên-

- 34.** Deus, sendo a essência divina por excelência, não pode ser percebido em todo o seu esplendor senão por Espíritos chegados ao mais alto grau de desmaterialização. Se os Espíritos imperfeitos não o vêm, não é que estejam mais distantes dele que os outros, porque todos os seres da natureza estão mergulhados no fluido divino, como nós estamos na luz; somente as imperfeições individuais são véus que lhes tiram a visão; quando o “nevocero” estiver dissipado, eles o verão resplandecer. Para isso, não terão necessidade de subir nem de ir procurá-lo nas profundezas do infinito. A visão espiritual, estando desimpedida das vendas morais que a obscureciam, eles a verão em qualquer lugar onde estiverem, mesmo na Terra, já que Deus está em toda parte.
- 35.** O Espírito só se depura com o tempo e as diferentes encarnações. É como alambiques, em cujo fundo ficam algumas impurezas. Ao deixar o envoltório corporal, não supera, instantaneamente, suas imperfeições. Por isso, depois da morte não vê Deus, como não via em vida; mas, à medida que se purifica, têm uma intuição mais distinta; se não o vê, compreende-o melhor; a luz é menos difusa. Assim, quando alguns Espíritos dizem que Deus lhes proíbe de responder a tal questão, não é que Deus lhes apareça, ou lhes dirija a palavra, para lhes prescrever ou interditar isso ou aquilo, mas eles sentem. Eles recebem os eflúvios de seu pensamento, como acontece conosco em relação aos Espíritos que nos envolvem com seus fluidos, embora não os vejamos.
- 36.** Nenhum homem pode, pois, ver Deus com os olhos da carne. Se esse favor fosse concedido a alguns, não o seria senão no estado de êxtase, situação em que a alma, estando despreendida dos laços da matéria, torna isso possível durante a encarnação. Tal privilégio só aconteceria com almas

cia ou moral), no mundo espiritual, diferenciam-se proporcionalmente à evolução moral: o perispírito torna-se mais sutil, ampliando as faculdades do Espírito. Seu pensamento e sua percepção vão mais longe. Ele se locomove mais rápido e distante. O passado e o futuro se ampliam. Os Espíritos imperfeitos, mais densos, ficam limitados; são como prisioneiros de si mesmos. As condições espirituais, portanto, no outro mundo, não estão relacionadas ao lugar físico que o Espírito se encontra, mas ao seu grau evolutivo, rompendo com todos os dogmas que descrevem locais como inferno ou céu. A noção de espaço ou localidade é substituída pela de qualidade ou natureza do corpo para se considerar seus efeitos. (N. do E.)

de escol, encarnadas em missão, e não em *expição*. Mas como os Espíritos de ordem mais elevada resplandecem, é possível que os menos elevados, encarnados ou desencarnados, pasmados com o esplendor que os envolve, creiam ter visto o próprio Deus. É como se víssemos um ministro e o considerássemos o soberano.

37. Sob qual aparência Deus se apresenta aos que se tornam dignos desse favor? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana ou como um foco resplandecente de luz? É que a linguagem humana é impotente para descrever, porque não existe entre nós nenhum ponto de comparação que possa nos dar uma ideia; somos como os cegos aos quais se procura, em vão, fazer que compreenda o brilho solar. Nosso vocabulário está limitado às nossas necessidades e ao âmbito de nossas ideias; o dos selvagens não saberia descrever as maravilhas da civilização; o dos povos mais civilizados é muito pobre para descrever os esplendores dos céus, nossa inteligência é muito limitada para compreendê-los e nossa visão, muito fraca, seria ofuscada por eles.

CAPÍTULO III

O BEM E O MAL

Fonte do bem e do mal – O instinto e a inteligência
– Destruição dos seres vivos uns pelos outros

FONTE DO BEM E DO MAL

1. Sendo Deus o princípio de todas as coisas e, sendo esse princípio todo sabedoria, toda bondade e toda justiça, tudo o que provém dele deve compartilhar esses atributos, pois o que é infinitamente sábio, justo e bom não pode produzir nada irracional, mau e injusto. O mal que observamos não pode ter originado dele.
2. Se o mal estivesse nas atribuições de um ser especial, seja ele chamado Ahriman, seja Satã⁴⁹, de duas, uma: ou ele seria igual a Deus e, por consequência, também poderoso e eterno, ou seria inferior.

No primeiro caso, haveria duas potências rivais, lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que o outro está fazendo, opondo-se mutuamente. Essa hipótese é inconciliável com a harmonia que se revela, na ordem do Universo.

No segundo caso, sendo inferior a Deus, esse ser estaria subordinado a ele. Não podendo ser eterno como ele sem ser seu igual; só poderia ter sido criado por Deus. Se foi criado, só poderia ter sido por Deus. Nesse

49 O zoroastrismo, religião ancestral da Pérsia, propunha a existência de deuses gêmeos: Ahura Mazda, da bondade e da luz, e Angra Mainyu, o Ahriman, deus das trevas e do mal. O mundo estaria numa batalha entre o bem e o mal. Satã, personagem da Bíblia, é identificado como anjo caído no Novo Testamento. (N. do E.)

caso, Deus teria criado o Espírito do mal, o que seria a negação de sua infinita bondade.

3. Conforme certa doutrina, o Espírito do mal, criado bom, teria se tornado mau, e Deus, para puni-lo, teria o condenado a permanecer eternamente mau, dando-lhe a missão de seduzir os homens para lhes induzir ao mal. Ora, podendo uma única queda⁵⁰ custar-lhes os mais cruéis castigos pela eternidade, sem esperança de perdão, nisso não haveria só uma falta de bondade. Porém, uma crueldade premeditada, porque, para tornar a sedução mais fácil e melhor ocultar a armadilha, Satã estaria autorizado a *se transformar em anjo de luz e a simular as obras próprias de Deus, até o ponto de enganar*. Assim, haveria mais iniquidade e imprevidência da parte de Deus, porque dando toda a liberdade para Satã emergir das trevas e se entregar aos prazeres mundanos para arrastar os homens, o provocador do mal seria menos punido que as vítimas de suas artimanhas, pois estas, caindo por fraqueza, uma vez no abismo, não mais podem sair. Deus lhes recusa um copo de água para saciar sua sede e, durante toda a eternidade, com os anjos, ouve seus gemidos, sem se deixar comover, ao mesmo tempo que permite a Satã todo o prazer que desejar.

De todas as doutrinas sobre a teoria do mal, esta é, sem dúvida, a mais irracional e a mais ofensiva para com a divindade. (Ver *O Céu e o Inferno*. Primeira parte, capítulo IX. *Os demônios*)

4. Entretanto, o mal existe e possui uma causa.

Há várias classes de mal⁵¹. Em primeiro lugar há o mal físico e o mal moral. Também podemos classificar os males entre aqueles que o homem

50 A queda, para as religiões dogmáticas representa um evento no qual o homem, em sua origem, cometendo falta grave contra Deus, perdendo sua santidade, justiça e sabedoria originais, caindo por castigo na condição presente: com sofrimento, ignorância, arrastamento ao pecado e morte. Ou seja, haveria degradação da alma. A Doutrina Espírita, fundada no conceito de evolução da alma desde simples e ignorante por seu esforço, estabelece por essa sólida lógica sua teoria. (N. do E.)

51 Na época de Allan Kardec, a Filosofia ensinada na universidade, na escola normal (atual magistério) e nos colégios era o Espiritualismo racional. Na disciplina de moral teórica (uma das Ciências Filosóficas), ensinava-se a diferença entre o mal físico e o moral, para demonstrar uma revolucionária teoria fundamentada na liberdade pessoal, contrária ao dogma da queda e do castigo divino das religiões ancestrais e da coação

pode evitar e os que são independentes de sua vontade. Entre estes últimos, é preciso incluir os flagelos naturais.

O homem, cujas faculdades são limitadas, não pode compreender todos nem abranger o conjunto dos desígnios do Criador; julga as coisas do ponto de vista de sua personalidade, dos interesses e das convenções artificiais que criou para si mesmo, não pertencentes à ordem da natureza. É por isso que, em geral, lhe parece prejudicial e injusto aquilo que consideraria justo e admirável, se conhecesse sua causa, seu objetivo e o resultado definitivo. Ao investigar a razão de ser e a utilidade de cada coisa, reconhecerá que tudo tem a marca da sabedoria infinita e se curvará ante a essa sabedoria, mesmo em relação a coisas que não compreenda.

5. O homem recebeu uma inteligência por meio da qual ele pode afastar, ou ao menos diminuir bastante os efeitos dos flagelos naturais. Quanto mais conhecimento adquire e avança na civilização, menos essas calamidades são desastrosas. Com sábia organização social, poderá até mesmo neutralizar seus efeitos, quando não puderem ser totalmente evitadas. Dessa forma, para os mesmos flagelos que são úteis na ordem geral da natureza e para o futuro, mas que nos atacam no presente, Deus deu ao homem, com as faculdades com as quais dotou seu Espírito, os meios para paralisar seus efeitos.

Assim, o homem limpa regiões insalubres, neutraliza os miasmas pestilentos⁵², fertiliza terras não cultivadas, preserva-as de inundações; cons-

externa, pelo materialismo: “O mal físico consiste em dor, doença, morte. São consequências inevitáveis da organização dos seres sencientes, estimulante essencial para sua atividade. O mal moral é a condição fundamental da liberdade. Sem o mal, o bem não é possível no mundo, pois, se o homem não pudesse errar, não estaria livre nem seria capaz de fazer o bem. Essa vida é uma época de provação e, sem o mal físico e moral, não há lugar para coragem, paciência, dedicação e demais virtudes”. (*Le Mansois-Duprey. Cours de Philosophie Élémentaire em L'école normale: journal de l'enseignement pratique*. v. 13. Paris: Larousse et Boyer, 1864. p. 235). A teoria moral espírita foi um desenvolvimento do Espiritualismo racional: “O Espiritismo repousa, pois, sobre princípios gerais independentes de todas as questões dogmáticas. Ele tem, é verdade, consequências morais como todas as Ciências Filosóficas”. (*Revista Espírita*, 1859) (N. do E.)

52 No século 19, ainda havia a teoria, hoje superada, na existência de partículas causadoras das doenças: “Na atmosfera que nos cerca, aparecem muitas vezes partículas que, respiradas com o ar, podem prejudicar gravemente a saúde. É a essas partículas

troem-se casas mais saudáveis, mais fortes para suportar os ventos, tão necessários para a purificação da atmosfera, e se protege do clima. É assim, finalmente, que, pouco a pouco, a necessidade o fez criar as Ciências, com a ajuda das quais ele melhora as condições de habitabilidade do globo e amplia o conjunto de seu bem-estar.

Como o homem deve progredir, os males aos quais está exposto constituem um incentivo para o exercício de sua inteligência e de todas as suas faculdades físicas e morais, convidando-o à pesquisa dos meios para evitá-los. Se ele nada tivesse a temer, nenhuma necessidade o levaria à busca do melhor; ele se entorpeceria na inatividade de sua mente; não inventaria nem descobriria nada. *A dor é o aguilhão que empurra o homem a seguir adiante, no caminho do progresso.*

6. Mas os males mais numerosos são aqueles que o homem cria pelos próprios vícios; provenientes de seu orgulho, de seu egoísmo, de sua ambição, de sua ganância, de seus excessos em todas as coisas. Essa é a causa das guerras e calamidades que causam desavenças, injustiças, a opressão do fraco pelo forte e, finalmente, a maioria das doenças.

Deus estabeleceu leis cheias de sabedoria, cujo objetivo é o bem. O homem encontra em si mesmo tudo o que é necessário para segui-las. Seu caminho é traçado por sua consciência, e a lei divina está gravada em seu coração. Além do mais, Deus o recorda, constantemente, por seus messias e profetas, por todos os Espíritos encarnados que receberam missão de esclarecer, moralizar e contribuir para seu aperfeiçoamento, assim como, nesses últimos tempos, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam por todos os lados. *Se os homens se conformarem rigorosamente com as leis divinas, não há dúvida de que evitariam os males mais graves, vivendo felizes na Terra.* Se não o faz, é em virtude de seu livre-arbítrio, e deve aceitar as consequências.

7. Mas, Deus, cheio de bondade, colocou o remédio ao lado do mal; quer dizer, do próprio mal faz nascer o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral se torna intolerável e faz o homem sentir a necessidade de mudar de vida. Instruído pela experiência, sente-se obrigado a

que se dá o nome de miasmas". (*Revista Popular. Primeiro volume.* Lisboa: Imprensa nacional, 1849. p. 210). Hoje é conhecida a causa de doenças transmissíveis por micro-organismos, como vírus e bactérias. (N. do E.)

procurar no bem o remédio que precisa, sempre em virtude de livre-arbítrio. Quando toma um caminho melhor, é por sua vontade e porque reconheceu as desvantagens da outra estrada. A necessidade o compele a melhorar moralmente para ser mais feliz, pois essa mesma necessidade o obriga a melhorar as condições materiais de sua existência.

Pode-se dizer que *o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor*. O mal não é mais um atributo distinto, assim como o frio não é um fluido especial⁵³; um é a negação do outro. Onde o bem não existe, há necessariamente o mal. Não fazer o mal já é o começo do bem. Deus só quer o bem, o mal somente vem do homem. Se houvesse na Criação um ser encarregado do mal, o homem não poderia evitá-lo. Contudo, tendo a causa do mal *em si mesmo* e, ao mesmo tempo, tendo seu livre-arbítrio e por guia as leis divinas, ele o evitará quando desejar.

Tomemos um fato comum, por comparação: um proprietário sabe que, na extremidade de sua terra, há um local perigoso, no qual pode se ferir ou morrer. O que faz para evitar acidentes? Coloca, próximo do lugar, um aviso para se afastar, por causa do perigo. Essa é a lei; ela é sábia e previdente. Se, apesar disso, um imprudente ignora o aviso e sofre um acidente, quem poderia ser responsabilizado, senão ele próprio?

Assim acontece em relação ao mal. O homem o evitaria se observasse as leis divinas. Deus, por exemplo, colocou um limite para a satisfação das necessidades; o homem é avisado pela saciedade; se ele ultrapassa esse limite, age voluntariamente. As doenças, as fraquezas do corpo, a morte que podem resultar disso são obra sua, e não de Deus.

8. Sendo o mal resultado das imperfeições do homem, e o homem criado por Deus, dirão, que se ele não criou o mal, pelo menos teria criado a causa dele. Se tivesse criado o homem perfeito, o mal não existiria.

53 Kardec faz referência a uma teoria de seu tempo, a de que o calor seria uma substância constituída de átomos imponderáveis, presente nos corpos e transferível – o *fluido calórico* –, enquanto o frio seria a sensação de perder esse fluido. Essa teoria, proposta por Lavoisier, em seu *Tratado elementar de Química*, está hoje superada pelo atual conceito de energia, então inexistente entre os conceitos aceitos na Física. É importante, ao estudar as obras de Allan Kardec, contextualizar seu cenário cultural, pelos recursos da história e filosofia das Ciências, para compreender suas referências, respeitando a cronologia para não cair em anacronismos. (N. do E.)

Se o homem tivesse sido criado perfeito, estaria fatalmente inclinado ao bem. Agora, em virtude de seu livre-arbítrio, não tende fatalmente nem para o bem nem para o mal. Deus quis que ele fosse submetido à lei do progresso, e que esse progresso fosse fruto do próprio trabalho, a fim de que o mérito fosse seu, mesmo tendo a responsabilidade pelo mal que pratica por sua vontade. A questão, portanto, está em saber qual é, no homem, a origem da sua propensão ao mal⁵⁴.

9. Se estudarmos todas as paixões, e até mesmo todos os vícios, vemos que eles têm seu princípio no instinto de conservação. Esse instinto, em toda sua força nos animais e nos seres primitivos que estão mais próximos da vida animal, ele domina sozinho, porque, entre eles, ainda não há de contrapeso o senso moral. O ser ainda não nasceu para a vida intelectual. O instinto enfraquece, ao contrário, à medida que a inteligência se desenvolve, porque domina a matéria. Com a inteligência racional, nasce o livre-arbítrio que o homem usa à sua vontade: então somente, para ele, começa a responsabilidade de seus atos⁵⁵.

54 O erro consiste em pretender que a alma tenha saído perfeita das mãos do Criador, quando Ele, ao contrário, quis que a perfeição fosse o resultado do refinamento gradual do espírito e sua própria obra. Quis Deus que a alma, em virtude de seu livre-arbítrio, pudesse escolher entre o bem e o mal, chegando aos seus derradeiros fins por uma vida dedicada e pela resistência ao mal. Se tivesse criado a alma com uma perfeição à sua semelhança – e que, saindo de suas mãos, ele a tivesse ligado à sua beatitude eterna –, Deus a teria feito, não à sua imagem, mas semelhante a si próprio, como já dito. Conhecedora de todas as coisas em razão de sua essência e sem ter aprendido nada, mas movida por um sentimento de orgulho nascido da consciência de seus atributos divinos, a alma seria induzida a renegar sua origem, a desconhecer o autor de sua existência, ficando em estado de rebelião contra seu Criador. (Bonnamy, juiz de instrução. *A razão do Espiritismo*, capítulo VI) (N. de Allan Kardec)

55 Na teoria moral espírita, o livre-arbítrio surge após o desenvolvimento da inteligência racional. Desse modo, a responsabilidade moral só aí se inicia e se amplia gradualmente, na proporção direta do desenvolvimento racional. Nos animais e nos seres ainda simples e ignorantes, não surgiu o livre-arbítrio, o senso moral e a responsabilidade pelos seus atos. Esses conceitos psicológicos afastam completamente os dogmas do pecado original, da queda e da encarnação como castigo. Também são falsas as hipóteses científicas do egoísmo e do sentimento antissocial inatos em todos os indivíduos. Traz alento, pois quanto maior a inteligência, maior a responsabilidade. Por fim, para uma evolução moral plena da humanidade é necessário garantir para todos os indivíduos a oportunidade do desenvolvimento racional pela educação. (N. do E.)

10. O destino do Espírito é a vida espiritual. Mas, nas primeiras fases de sua existência corporal, ele só possui necessidades materiais para satisfazer. Com essa finalidade, o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, materialmente falando. Porém, saindo desse período, possui outras necessidades, a princípio semimorais e semimateriais, e depois exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria. Na medida em que se liberta de seu jugo, avança pela vida adequada e se aproxima de seu destino final. Se, ao contrário, deixar-se dominar pela matéria, se atrasa e se identifica com os irracionais. Nessa situação, *o que antes era um bem, por ser uma necessidade da sua natureza, torna-se um mal, não só por não ser mais uma necessidade mas porque se torna nocivo para a espiritualização do ser*. Por isso, o mal é relativo, e a responsabilidade é proporcional ao grau de adiantamento.

Todas as paixões têm sua utilidade providencial, sem o que Deus teria feito algo inútil e nocivo. É o abuso que constitui o mal, e o homem abusa, conforme seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo próprio interesse, ele escolhe, livremente, entre o bem e o mal.

O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA

11. Qual a diferença entre o instinto e a inteligência? Onde termina um e começa o outro? O instinto é uma inteligência rudimentar, ou uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?⁵⁶

56 A Psicologia Experimental foi uma das Ciências Filosóficas do século 19 e adotava a definição de ser humano como “uma alma encarnada”, desde as pesquisas de Maine de Biran. Diferindo da atualidade, essa ciência adotava o espiritualismo como fundamento teórico. A partir de 1830, tomou lugar na Universidade de Paris e, progressivamente, tornou-se disciplina curricular oficial das escolas normais e dos colégios. Para esses acadêmicos espiritualistas, o instinto e as paixões, o prazer e a dor estão circunscritos à vida animal do ser humano, enquanto a inteligência é uma das faculdades da alma, assim como o livre-arbítrio e a imaginação. Desse modo, a liberdade e o dever são os fundamentos da moral, e não a submissão à divindade, como pregavam as religiões. Mas como essas faculdades surgiram? O que diferencia a alma humana dos animais? Paul Janet afirma: “Nada tão obscuro, como a origem do instinto. Contemo-nos em verificá-lo como um fato incontestável: demais, é essa

O instinto é a força oculta que impulsiona os seres orgânico a atos espontâneos e involuntários, visando à sua conservação. Nos atos instintivos, não existe reflexão, combinação nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, volta-se para a luz, encaminha suas raízes para a água e a terra nutritiva; que a flor se abre e se fecha, alternadamente, conforme a necessidade; que as plantas trepadeiras se enroscam em volta do apoio, ou se penduram com suas gavinhas. É pelo instinto que os animais são advertidos do que lhes seja útil ou nocivo; que eles se dirigem, conforme as estações, para os climas propícios; que constroem, sem lições preliminares, com maior ou menor arte, de acordo com a espécie, seus ninhos macios e abrigos para sua prole, assim como armadilhas engenhosas, para pegar a presa com a qual se nutrem; que manejam com destreza as armas ofensivas e defensivas de que são dotados; que os sexos se reaproximam; que a mãe esconde seus filhotes e que estes procuram o seio materno. Entre os homens, o instinto o domina exclusivamente no começo da vida. É por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, agarram o alimento, grita para exprimir os desejos, imita o som da voz, ensaia para falar e caminhar. Entre os adultos, certos atos são instintivos; tais são os movimentos espontâneos para evitar um risco, fugir de um perigo, para manter o equilíbrio do corpo. Também o piscar dos olhos para regular a claridade da luz, a abertura instintiva da boca para respirar, etc.

12. *A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados conforme a oportunidade das circunstâncias.* É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma.

Todos os atos mecânicos são instintivos. O ato que denota reflexão e combinação é inteligente. Um é livre, o outro não.

O instinto é um guia seguro, que jamais se engana; a inteligência, pelo simples fato de ser livre, ocasionalmente, está sujeita a erros.

a única função da Psicologia”. Não havia meios nem acesso aos fatos para encontrar respostas. O Espiritismo, surgindo no momento certo, veio enriquecer esse estudo. Com importante significado, Allan Kardec deu à sua *Revista Espírita* a designação: *Jornal de estudos psicológicos*. Nesse capítulo, o autor faz amplo uso dos conceitos dessa Ciência Psicológica, estabelecendo sua junção com a teoria dos Espíritos. Veja o desenvolvimento do tema em *Psicologia*, na obra *Tratado elementar de Filosofia*, de Paul Janet. v. I. Rio de Janeiro: Garnier, 1885. (N. do E.)

Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, ele revela, entretanto, uma causa inteligente essencialmente providente. Admitindo-se que o instinto procede da matéria, torna-se forçoso admitir que a matéria seja inteligente; até mais inteligente e providente que a alma, já que o instinto não se engana, ao passo que a inteligência se engana.

Se considerarmos o instinto como uma inteligência embrionária, como explicar em certos casos, que seja superior à inteligência racional?⁵⁷ O que lhe dá a possibilidade de executar coisas que ele próprio não pode produzir?

Se ele é um atributo de um princípio espiritual especial, o que vem a ser esse princípio? Depois que o instinto se apaga, este princípio seria destruído? Se os animais são dotados só de instinto, seu futuro fica sem saída; seus sofrimentos não teriam nenhuma compensação. Isso não estaria conforme a justiça e a bondade de Deus.

13. Conforme outro sistema, o instinto e a inteligência teriam um só e mesmo princípio. Chegado a certo grau de desenvolvimento, esse princípio que, inicialmente, teria apenas as qualidades do instinto, sofreria uma transformação, que lhe daria as qualidades da inteligência livre; receberia, numa palavra, o que se convencionou chamar de centelha divina. Essa transformação não seria súbita, mas gradual, de tal modo que, durante certo período, estariam misturadas às duas aptidões, a primeira diminuindo à medida que a segunda aumentasse⁵⁸.
14. Enfim, uma outra hipótese, que, de resto, se alia perfeitamente à ideia de unidade de princípio, resulta do caráter essencialmente providente do instinto e concorda com o que o Espiritismo nos ensina quanto às relações do mundo espiritual com o corporal.

57 Um João de barro constrói seu complexo ninho sem calcular ou planejar por uma inteligência racional, age apenas por instinto, mas sua obra denota grande complexidade. (N. do E.)

58 O desenvolvimento gradual da inteligência, ao mesmo tempo que o instinto decresce, coloca em novo patamar o entendimento do ser humano, diferenciando-o dos animais. Considerando uma só vida, tanto o dogma religioso quanto o materialismo não encontram explicações para a diversidade dos seres humanos, uns dominados pelos instintos, outros senhores de si mesmo. Sendo a inteligência uma conquista progressiva, fruto do esforço pessoal, desde as primeiras vidas humanas, a humanidade caminha para o progresso global, justificando a inadiável e imprescindível oferta de educação para todos. (N. do E.)

Sabe-se, atualmente, que alguns Espíritos desencarnados têm como missão velar pelos encarnados, dos quais se convertem em protetores e guias; que os envolvem com seus eflúvios fluídicos e que o homem atua, frequentemente, de maneira *inconsciente*, sob ação desses eflúvios.

Sabe-se ainda que o instinto, por si mesmo, produz atos inconscientes, predomina nas crianças e, em geral, entre os seres nos quais a razão é frágil. Ora, de acordo com essa hipótese, o instinto não seria um atributo nem da alma nem da matéria; ele não pertenceria ao ser vivo, mas seria *feito* da ação direta dos protetores invisíveis, que supririam a imperfeição da inteligência, provocando, eles próprios, os atos inconscientes necessários à conservação do ser. Seria como o andador, que sustenta a criança que ainda não sabe andar. Mas, do mesmo modo que a criança deixa de usar o andador, gradualmente, à medida que ganha equilíbrio, os Espíritos protetores deixam seus protegidos liberados, à medida que se tornam aptos a se guiar pela própria inteligência.

Assim, o instinto, longe de ser o produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, teria uma inteligência estranha, na *plenitude de sua força*, suprimindo a insuficiência, seja de uma inteligência mais jovem, que induziria a fazer, inconscientemente, para seu bem, o que fosse ainda incapaz de fazer por si própria, seja de uma inteligência madura, mas momentaneamente tolhida no uso de suas faculdades, assim como acontece com o homem durante a infância e nos casos de idiotice e de afecções mentais.

Diz-se proverbialmente que há um Deus para as crianças, os loucos e os ébrios; tal dito é mais verdadeiro do que se supõe. Esse Deus não é, senão, o Espírito protetor, que vela pelo ser incapaz de se proteger, pela própria razão.

15. Nessa ordem de ideias, podemos ir mais longe. Por mais racional que seja, essa teoria não resolve todas as dificuldades da questão. Para investigar as causas, é preciso estudar os efeitos e, pela natureza destes, pode-se concluir a natureza da causa.

Ao se observar os efeitos do instinto, distingue-se, em primeiro lugar, uma uniformidade, uma segurança de resultados que não existem mais, na medida em que o instinto é trocado pela inteligência livre. Além disso, reconhecemos uma profunda sabedoria na adequação tão perfeita e constante das faculdades instintivas, às necessidades de cada espécie. Essa uniformidade

não poderia existir sem a unidade de pensamento e, por consequência, com a multiplicidade das causas ativas. Ora, em consequência do progresso que as inteligências individuais realizam incessantemente, há entre elas uma diversidade de aptidões e vontades incompatível com esse conjunto tão perfeitamente harmonioso que se produziu, desde a origem dos tempos e em todas as regiões, com regularidade e precisão matemáticas, sem jamais falhar. Essa uniformidade no resultado das faculdades instintivas é um fato característico que implica, forçosamente, na unidade da causa. Se essa causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tanta variedade de instintos quanto de indivíduos, desde os vegetais até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante, deve ter uma causa geral, uniforme e constante; um efeito que revele sabedoria e previdência deve ter uma causa sábia e providente.

Ora, uma causa sábia e providente, sendo necessariamente inteligente, jamais poderá ser exclusivamente material.

Não se encontrando nas criaturas encarnadas ou desencarnadas as qualidades necessárias para produzir tal resultado, é preciso ir mais alto, isto é, ao próprio Criador. Se nos atermos à explicação que foi dada sobre a maneira como se pode conceber a ação providencial (veja no capítulo II, item 25), considerando todos os seres penetrados do fluido divino, soberanamente inteligente, compreende-se a sabedoria providente e a uniformidade que presidem a todos os movimentos instintivos, para o bem de cada um. Essa solicitude é tanto mais ativa quanto menor a quantidade de recursos que o indivíduo possui, em si mesmo, e em sua inteligência. É por isso que ela se mostra maior e mais absoluta entre os animais e nos seres inferiores aos homens.

De acordo com essa teoria, compreende-se porque o instinto é sempre um guia seguro. O instinto maternal, o mais nobre de todos, que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, fica realçado e enobrecido. Em razão de suas consequências, não poderia ser entregue aos eventuais caprichos volúveis da inteligência e do livre-arbítrio. *Pelo organismo das mães, o próprio Deus vela as criaturas que nascem*⁵⁹.

59 Até mesmo a cura pelo magnetismo humano encontra no instinto maternal o fenômeno natural que o fundamenta. Diante do filho doente, a mãe coloca-se ao seu lado, deposita sua mão sobre a fronte ou sobre o local adoentado, instintivamente,

16. Essa teoria não destrói, de nenhuma maneira, o papel dos Espíritos protetores, cuja colaboração é um fato obtido e provado pela experiência. Mas é de notar que a ação deles é essencialmente individual, que se modifica conforme as qualidades próprias do protetor e do protegido, e que em nenhuma parte tem a uniformidade e a generalidade do instinto. Deus, em sua sabedoria, conduz os cegos, mas ele confia às inteligências livres o papel de conduzir os que enxergam, a fim de deixar para cada um a responsabilidade de seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que eles aceitam voluntariamente e que é, para eles, um meio de adiantamento segundo a maneira pela qual eles a realizam.
17. Todas essas maneiras de encarar o instinto são necessariamente hipotéticas, e algumas não têm uma característica de autenticidade suficiente para se dar como solução definitiva. A questão será, certamente, resolvida um dia, quando forem reunidos os elementos de observação que ainda faltam. Até lá é preciso se limitar a submeter as opiniões diversas ao cadinho da razão e da lógica e esperar que a luz se faça. A solução que mais se aproximar da verdade será necessariamente aquela que corresponda ao máximo aos atributos de Deus, isto é, com sua soberana bondade e justiça (veja o capítulo II, item 19).
18. O instinto, sendo o guia e as paixões⁶⁰, a força motora das almas, no primeiro período de seu desenvolvimento, algumas vezes é confundido

por horas, possibilitando, por essa sintonia, a aceleração do ciclo da doença, ajudando em sua cura. O magnetizador apenas transformava em tratamento esse sublime gesto instintivo. (N. do E.)

60 Na Ciência Psicológica do século 19, os instintos eram definidos como apetites (fome, sede, repouso, atividade, reprodução, etc.) ou inclinações naturais da alma. Segundo Paul Janet, “todos são manifestações de um apetite fundamental que existe em todos os seres vivos, que é o instinto de conservação ou amor à vida” (*Tratado elementar de Filosofia*). Já as paixões eram as forças propulsoras, ou “comoções das inclinações primitivas da natureza humana”. Dividiam-se em duas trilogias, formando seis paixões primárias. De um lado: amor, alegria, desejo; de outro: ódio, tristeza, aversão. Delas derivam todas as outras, como admiração, desprezo, esperança, medo, segurança, desespero, inveja, magoa, cólera. Porém, explica Janet: “No uso comum, a palavra *paixão* significa os movimentos excessivos e violentos da alma que a levam além dos limites da razão, um fenômeno patológico. É nesse sentido que devem ser combatidas”. Mas, assim entendidas, são apenas exagero e abuso das comoções

quanto aos seus efeitos, sobretudo na linguagem humana que nem sempre contribui o suficiente para expressar todas as matrizes. Entretanto, há entre esses dois princípios diferenças essenciais a considerar.

O instinto é um guia seguro, sempre bom. Depois de certo tempo, torna-se inútil, mas nunca prejudicial. Ele se enfraquece com a predominância da inteligência.

As paixões, nas primeiras idades da alma, têm, em comum com o instinto, o fato de que as criaturas são incitadas, por uma força igualmente inconsciente. Elas nascem mais particularmente das necessidades do corpo e dependem do organismo mais que o instinto. O que as distingue melhor, sobretudo do instinto, é que são individuais e não produzem, como este, efeitos gerais e uniformes. Ao contrário, vemos que variam de intensidade e de natureza, conforme os indivíduos. São úteis como estímulo, até a eclosão do senso moral, que, de um ser passivo, faz um ser racional. A partir desse momento, elas se tornam não somente inúteis, mas prejudiciais ao adiantamento do Espírito, pois retardam seu domínio sobre a matéria. As paixões se enfraquecem com o desenvolvimento da razão.

19. O homem que agisse constantemente só por instinto poderia ser muito bom, mas manteria a inteligência adormecida. Seria como a criança que, se deixar o andador, não sabe usar as pernas. Quem não domina as paixões pode ser muito inteligente, mas, ao mesmo tempo, muito mau. *O instinto se extingue por si mesmo; as paixões só são dominadas pelo esforço da vontade.*

Todos os homens passam pelas paixões⁶¹. Os que as superaram, e não são, por natureza, orgulhosos, ambiciosos, egoístas, rancorosos, vingativos, cruéis, coléricos, sensuais, e fazem o bem sem esforços, sem premeditação e, por assim dizer, involuntariamente, é porque progrediram na sequência

naturais e inevitáveis que os psicólogos chamavam de paixões. Sendo muito difícil a distinção desses conceitos, esse estudo de Allan Kardec justifica-se e ganha importância. (N. do E.)

61 A afirmação de Kardec se justifica também pela Psicologia de seu tempo. Para essa Ciência, todos passam pelas paixões, pois elas são, a princípio, “afeições naturais e inevitáveis da alma” (Paul Janet, *idem*). Para alguns, tornam-se movimentos violentos e desordenados, convertendo-se em patologias. Num terceiro estado, por hábitos livremente adquiridos, mudam-se para virtudes e vícios. (N. do E.)

de suas existências anteriores, tendo se livrado desse incômodo peso⁶². É injusto dizer que eles têm menos mérito quando fazem o bem, em comparação com os que lutam contra suas tendências. Acontece que eles já alcançaram a vitória, enquanto os outros ainda não. Mas, quando alcançarem, serão como os outros. Farão o bem sem pensar nele, como crianças que leem correntemente sem ter necessidade de soletrar. É como se fossem dois doentes: um curado e cheio de força enquanto o outro está ainda em convalescença e hesita caminhar; ou como dois corredores, um dos quais está mais próximo da chegada que o outro⁶³.

DESTRUIÇÃO DOS SERES VIVOS UNS PELOS OUTROS

20. A destruição recíproca dos seres vivos é uma lei da natureza que, ao primeiro exame, não se concilia com a bondade de Deus. Pergunta-se por que Deus criou a necessidade de se destruírem mutuamente para se alimentarem uns às custas dos outros.

Para aquele que só veem a matéria e limitam sua visão à vida presente, isso parece uma imperfeição na obra divina. A partir daí, os incrédulos concluem que Deus não é perfeito e, por essa razão, não existe. Isso é que julgam a perfeição de Deus pelo ponto de vista deles; medem a sabedoria divina de acordo com o próprio entendimento e supõe que Deus não poderia fazer melhor que eles. Com sua visão estreita, não avaliam o conjunto, não compreendem que um bem real possa vir de um mal aparente. Só o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, bem como o da grande lei de unidade que constitui a harmonia da

62 No original: “ils sont purgés de la gourme”. Palavra em desuso que fazia referência a uma incômoda secreção nasal provocada por moléstia (mormo ou ozagre). No sentido figurado, um grande incômodo, um peso indevido a carregar. (*Novo dictionario Francez-Portuguez*. Paris: Livreiro de suas majestades, 1859) (N. do E.)

63 Esse progresso do Espírito pela autonomia intelecto-moral, por sua liberdade, esforço e mérito, sem visar recompensa ou temer castigo, afasta em definitivo as hipóteses dogmáticas: na religião positiva, do pecado original; na Ciência, do egoísmo inato e da tendência autodestrutiva da humanidade. Pelos fatos, o Espiritismo prevê a regeneração da humanidade e a transformação da Terra num planeta feliz. (N. do E.)

Criação, pode dar ao homem a chave desse mistério, mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia precisamente lá, onde vê uma anomalia e uma contradição. Acontece com essa verdade, o equivalente a muitas outras: o homem só é apto a sondar certas profundezas quando seu Espírito atingiu um nível suficiente de maturidade.

21. A verdadeira vida, tanto do animal quanto do homem, não está no envoltório corporal nem em uma roupa. Ela está no princípio inteligente, que preexiste e sobrevive ao corpo. Esse princípio precisa do corpo para se desenvolver, pelo trabalho que realiza na matéria bruta. O corpo se desgasta nesse trabalho, mas o Espírito não se cansa, ao contrário, sai dele cada vez mais fortalecido, lúcido e capaz. O que importa, então, é que o Espírito mude mais ou menos frequentemente do invólucro! Não deixa de ser Espírito por causa disso. É exatamente como se um homem mudasse de roupa cem vezes por ano: não deixaria de ser o mesmo homem.

Pelo espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens a pouca importância que deveriam dar ao envoltório material e desperta neles a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como compensação.

Alguém dirá: Deus poderia chegar ao mesmo resultado por outros meios, sem sujeitar os seres vivos a se destruírem entre uns aos outros? Bem arriscado aquele que deseja alcançar as intenções de Deus! Se em sua obra tudo é sabedoria, devemos supor que essa sabedoria não será maior num ponto que em outros; se não compreendemos assim, é por causa de nosso pouco adiantamento. Contudo, podemos tentar investigar a causa, tomando como orientação o princípio: *Deus deve ser infinitamente justo e sábio*. Portanto, procuremos em tudo sua justiça e sabedoria, curvando-nos diante do que ultrapassar nosso entendimento.

22. Uma primeira utilidade que aparece dessa destruição, puramente física, é que os corpos orgânicos somente se conservam com a ajuda de matéria orgânica, pois só ela contém os elementos nutritivos necessários à sua sobrevivência. Como os corpos, instrumentos de ação do princípio inteligente, precisam ser incessantemente renovados, a Providência faz com que sirvam à sua mútua manutenção. É por isso que os seres se alimentam uns dos outros. Os corpos se nutrem do corpo, mas o Espírito não é alterado nem destruído. Apenas fica sem o envoltório corporal.

23. Existem também considerações morais de uma ordem mais elevada.

A luta é necessária para o desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exercita suas faculdades. Aquele que ataca para ter seu alimento e o que se defende para conservar sua vida, usam de astúcia e inteligência, ampliando, por si mesmos, as forças intelectuais. Um dos dois sucumbe. Mas o que realmente o mais forte e hábil tirou do mais fraco? Sua vestimenta de carne e nada mais. O Espírito, que não morreu, depois de algum tempo terá um outro corpo.

24. Nos seres inferiores da Criação, aqueles cujo senso moral ainda não existe, no qual a inteligência não substituiu o instinto, a luta só pode ter como objetivo a satisfação de necessidades materiais. Uma das necessidades mais imperiosas é a da alimentação. Eles, então, lutam apenas para sobreviver, ou seja, por conquistar ou defender uma presa, mas não poderiam ser estimulados por um motivo mais elevado. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida. Assim que ela atinge o grau de maturidade, necessário para sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre-arbítrio e o senso moral, a centelha divina, em uma palavra, que dá um novo curso a suas ideias, dotando-a de novas aptidões e percepções.

Porém, as novas faculdades morais com as quais foi dotada, só se desenvolvem gradualmente porque nada é brusco na natureza. Há um período de transição, no qual o homem muito pouco se distancia dos irracionais. Nos primeiros tempos, o instinto animal domina e o motivo da luta continua sendo a satisfação das necessidades materiais. Mais adiante, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam/equilibram. Então, o homem luta não mais para se nutrir, mas para satisfazer a ambição, o orgulho, a necessidade de domínio. Mas, para isso, necessita destruir. Todavia, à medida que o senso moral ganha preponderância, a sensibilidade se desenvolve e a necessidade da destruição diminui até desaparecer, por tornar-se detestável: é quando o homem tem horror ao sangue.

Contudo, a luta é sempre necessária para o desenvolvimento do Espírito, porque, mesmo chegando a esse ponto, que nos parece culminante, está longe de ser perfeito. Somente à custa de sua atividade, ele conquista conhecimento, experiência e se despoja dos últimos vestígios da animalidade. No entanto, nessas circunstâncias, a luta, que já foi sanguinária

e brutal, torna-se puramente intelectual. O homem luta contra as dificuldades e não mais contra seus semelhantes⁶⁴.

64 Essa questão está ligada àquela das relações entre animalidade e humanidade, que não é menos importante, e sobre a qual trataremos mais tarde. Nós apenas quisemos mostrar, por meio dessa explicação, que a destruição mútua dos seres vivos não invalida a sabedoria divina e que tudo está unido nas leis da natureza. Essa conexão necessariamente quebra se o princípio espiritual for deixado de lado. Muitas questões permanecem insolúveis quando se considera unicamente a matéria. (N. de Allan Kardec)

CAPÍTULO IV

Papel da ciência na Gênese

1. A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a de suas religiões. É por isso que suas primeiras obras foram livros religiosos. E como todas as religiões estão ligadas ao princípio das coisas, e também ao da humanidade, deram explicações sobre a formação e a organização do Universo de acordo com o grau de conhecimento da época e de seus fundadores. Resultou disso que os primeiros livros sagrados foram, ao mesmo tempo, os primeiros livros de Ciência, como foram por muito tempo o único código de leis civis.
2. A religião era, nesse tempo, um freio poderoso para governar. Os povos se curvavam voluntariamente diante dos poderes invisíveis, em nome dos quais eram subjulgados e cujos governantes diziam possuir seu domínio, quando não se faziam passar por equivalentes a esses poderes.

Para dar mais força à religião, era necessário apresentá-la como absoluta, infalível e imutável, sem os quais ela teria perdido a ascendência sobre esses seres quase primitivos, apenas iniciados para a racionalidade. Ela não poderia ser discutida, assim como as ordens de um soberano. Disso resultou o princípio da fé cega e da obediência passiva, que tinha, na origem, sua razão de ser e sua utilidade. A veneração aos livros sagrados, quase sempre considerados como tendo descido do céu, ou inspirados pela divindade, proibiam qualquer exame⁶⁵.

65 Em sua análise histórica, Allan Kardec expõe a real intenção das religiões do passado utilizadas como instrumento para a dominação dos povos. Surgindo na época de superação desse mundo velho, o Espiritismo propõe a completa inversão dessas con-

3. Nos tempos primitivos, os meios de observação eram inevitavelmente imperfeitos, de modo que as primeiras teorias sobre o sistema do mundo estavam repletas de erros grosseiros. Mas se esses meios fossem tão completos quanto os de hoje, os homens não seriam capazes de aproveitá-los. Além disso, eles só poderiam ser o resultado do desenvolvimento da inteligência e do conhecimento sucessivo das leis da natureza. À medida que a humanidade progrediu no conhecimento dessas leis, aprofundou-se nos mistérios da criação e corrigiu a ideia que tinha feito sobre a origem das coisas.
4. Da mesma forma que se procede para compreender e definir as relações entre os movimentos dos ponteiros de um relógio, é preciso conhecer as leis que presidem seu mecanismo, avaliar a natureza dos materiais e calcular a potência das forças atuantes. Para compreender o mecanismo do Universo, é preciso conhecer as leis que regem todas as forças postas em ação neste vasto conjunto.

O homem foi impotente para resolver o problema da criação, até o momento em que a Ciência lhe deu a solução. Foi preciso que a Astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse mergulhar seus olhares nele; e pelo poder do cálculo, pôde determinar com rigorosa precisão o movimento, a posição, o volume, a natureza e a relação dos corpos celestes; que a Física lhe revelasse as leis da gravitação, do calor, da luz e da eletricidade, assim como a influência desses agentes sobre toda a natureza e a causa dos inumeráveis fenômenos que daí decorrem; que a Química lhe mostrasse as transformações da matéria e a Mineralogia, os materiais que formam a crosta do globo terrestre; que a Geologia lhe ensinasse ler nas camadas terrestres a formação gradual da Terra. A Botânica, a Zoologia, a Paleontologia, a Antropologia haveria de iniciá-lo quanto à filiação e

dições para o estabelecimento de um mundo novo: autonomia; igualdade de oportunidades; educação para todos; livre exame; fé racional; solidariedade participativa; liberdade de pensamento, opinião e crença. Desse modo, não se coaduna, nem por hierarquia, filiação, proselitismo ou convenção: "(...) o Espiritismo não é uma associação nem uma congregação; seus adeptos não são inscritos em registro oficial algum. Apenas uma minoria frequenta as sociedades. O Espiritismo é uma opinião que não exige profissão de fé alguma, podendo se espalhar os princípios da doutrina no todo ou em parte. Basta simpatizar com a ideia para ser espírita" (KARDEC, Allan. Estatística do Espiritismo. *Revista Espírita*, 1869). (N. do E.)

sucessão dos seres organizados. Com a Arqueologia pode seguir os vestígios da humanidade através dos tempos. Todas as Ciências, em uma palavra, completando-se, umas às outras, deviam fornecer sua contribuição indispensável para o conhecimento da história do mundo. Sem essas Ciências, o homem só teria por guia suas primeiras hipóteses.

Também, antes que o homem possuísse esses elementos de avaliação, todos os investigadores da Gênese, cujo raciocínio era limitado pelas impossibilidades materiais, giravam num mesmo círculo, sem poder sair dele. Isso só foi possível depois que a Ciência abriu o caminho, abrindo uma brecha no velho edifício das crenças. Então, tudo mudou de aspecto. Uma vez encontrado o fio condutor, essas dificuldades foram logo superadas. Em lugar de uma Gênese imaginária, surgiu uma positiva e, de certo modo, experimental. O campo do Universo ampliou-se ao infinito. Descobriu-se que a Terra e os astros se formaram gradualmente, conforme leis eternas e imutáveis, melhor comprovando a grandeza e a sabedoria de Deus, do que a ideia de uma criação miraculosa, saída repentinamente do nada, como uma troca brusca de cenário teatral, por efeito de uma súbita vontade da divindade, após permanecer uma eternidade na inação.

Desde que seja impossível conceber a Gênese sem os dados fornecidos pela Ciência, pode-se dizer com exatidão que *a Ciência é chamada para constituir a verdadeira Gênese a partir das leis da natureza.*

5. No ponto em que ela chegou no 19^o século, a ciência já resolveu todas as dificuldades do problema da Gênese?

Não, seguramente. Mas é indiscutível que corrigiu, de forma definitiva, todos os erros básicos e assentou os fundamentos essenciais, em dados irrefutáveis. Os pontos ainda duvidosos são só questões de detalhes, cuja solução futura, seja qual for, não pode prejudicar o conjunto. Apesar de todos os recursos de que a Ciência dispõe, faltou-lhe até agora um elemento importante, sem o qual a obra jamais poderá ser completa.

6. De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos dados científicos modernos é, incontestavelmente, a de Moisés, apesar dos erros que contém e que hoje estão demonstrados até a evidência. Alguns desses erros são mais aparentes do que reais, e vêm da falsa interpretação de certos termos, cujo significado original foi perdido ao longo das traduções, passando de uma língua para outra; ou porque a acepção de certos termos

mudou com os costumes dos povos, ou porque houve interpretação ao pé da letra, de formas alegóricas, peculiares ao estilo oriental, em vez de se procurar seu real significado.

7. Evidentemente, a Bíblia contém fatos que hoje a razão desenvolvida pela Ciência não poderia aceitar e que se mostram estranhos e repugnantes, que recusamos, porque se referem a costumes que não são mais os nossos. Porém, haveria parcialidade em não se reconhecer que ela encerra grandes e belas coisas. A alegoria tem um lugar considerável e, oculta sob esse véu, verdades sublimes, que aparecem quando se penetra na essência do pensamento, porque assim o absurdo desaparece.

Por que não se levantou esse véu há mais tempo? Por um lado, pela falta das luzes que somente a Ciência e uma sã filosofia poderiam fornecer e, por outro, pelo princípio da imutabilidade absoluta da fé, em consequência de um respeito obcecado à letra, perante a qual a razão deveria se inclinar e, por conseguinte, o temor de comprometer a base das crenças, sustentada sobre o sentido literal das palavras. Com essas crenças, partindo de um ponto inicial, temiam que se o primeiro elo da corrente fosse rompido, todas as malhas seriam desfeitas. É por isso que se fechou os olhos, mas fechá-los ao perigo não é evitá-lo. Quando um edifício se inclina, é mais prudente substituir a pedra defeituosa por uma boa, em vez de esperar, por respeito à Antiguidade do edifício, que o mal fique sem remédio e que seja necessário reconstruí-lo da base ao cume?

8. Ao levar suas investigações às entranhas da Terra e às profundezas dos céus, a Ciência demonstrou, de maneira irrecusável, os erros da Gênese mosaica tomada ao pé da letra e a impossibilidade material de que os fatos tenham ocorrido tal como estão textualmente descritos. Ela desferiu, por isso, um golpe profundo nas crenças seculares. A fé ortodoxa se revoltou, acreditando ver destruída sua pedra fundamental. Mas quem deveria ter razão: a Ciência caminhando prudente e progressivamente sobre o terreno sólido dos números e da observação, sem nada afirmar, antes de ter a prova nas mãos, ou uma narrativa escrita numa época em que não existiam os meios de observação? Quem deve triunfar: aquele que diz que 2 mais 2 são 5 e se recusa a verificar o resultado, ou o que diz que 2 mais 2 são 4 e prova sua afirmação?
9. Mas então, alguém dirá, se a Bíblia é uma revelação divina, Deus se enganou? E se não é, deixa de ter autoridade e a religião desmorona por falta de base.

Das duas uma: ou a Ciência tem razão ou não tem; se tem, não poderá fazer com que uma opinião contrária seja verdadeira, pois não existe revelação que possa prevalecer sobre a autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, Deus, que é todo verdade, não pode induzir os homens ao erro, nem consciente nem inconscientemente, ou não seria Deus. Se os fatos contradizem as palavras que lhe são atribuídas, é preciso concluir, logicamente, que Ele não as pronunciou ou então que elas tiveram uma interpretação errada.

Se, com essas contradições, a religião sofre algum prejuízo, a culpa não é da Ciência, que não deixa de ser o que é, mas dos homens, por terem estabelecido prematuramente dogmas absolutos, dos quais fizeram uma questão de vida ou morte, a partir de hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Há coisas as quais é preciso se resignar, queiramos ou não, cujo fim teremos de aceitar, quando não as pudermos evitar. Uma vez que o mundo avança, sem que a vontade de alguns possa detê-lo, o mais sensato é que o acompanhem e nos adaptemos à nova situação, em vez de nos agarrarmos ao passado que desmorona e correremos o risco de cairmos com ele.

10. Pelo respeito que se tenha aos textos vistos como sagrados, deveríamos impor silêncio à Ciência? Isso seria tão impossível como impedir a Terra de girar. As religiões, sejam quais forem, jamais ganharam alguma coisa, sustentando erros evidentes. A Ciência tem como missão inerente descobrir as leis da natureza. Como essas leis são obra de Deus, não podem ser contrárias às religiões que se baseiam na verdade. A Ciência cumpre sua missão naturalmente e como consequência do desenvolvimento da inteligência humana, que também é uma obra divina, e só avança com a permissão de Deus, em virtude das leis progressivas que ele estabeleceu. Lançar condenações ao progresso, como contrário à religião, é ir contra a vontade de Deus. Pior, é um trabalho inútil porque todas as maldições do mundo não impedirão a Ciência de avançar e a verdade de aparecer. *Se a religião recusa a avançar com a Ciência, esta avança sozinha.*
11. Somente as religiões estacionárias podem recear as descobertas da Ciência, que são fatais às que se distanciam das ideias progressivas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças. Essas religiões, em geral, fazem uma ideia tão mesquinha da divindade, de modo que não compreendem

que se ajustar conforme as leis da natureza, reveladas pela Ciência, é glorificar Deus em suas obras. Mas, em sua cegueira, preferem render homenagem ao Espírito do mal. *Uma religião que não esteja, de alguma forma, em contradição com as leis da natureza, não teria nada a temer do progresso e seria invulnerável.*

12. A Gênese compreende duas partes: a história da formação do mundo material e a da humanidade, considerada, em seu duplo princípio, corporal e espiritual. A Ciência limitou-se à pesquisa das leis que regem a matéria e, no homem, ela estuda apenas o envoltório carnal. Nesse aspecto, chegou a inteirar-se, com uma precisão incontestável, das principais partes do mecanismo do Universo e do organismo humano. Assim, sobre esse ponto principal, está em condições de completar a Gênese de Moisés e retificar as partes incorretas.

Mas a história do homem, considerado como ser espiritual, prende-se a uma ordem especial de ideias, que não são do domínio da Ciência propriamente dita, as quais, por esse motivo, não têm sido objeto de suas investigações. A Filosofia, que tem mais particularmente, em suas atribuições, esse gênero de estudos, só formulou sobre essa questão sistemas contraditórios, que vão desde a espiritualidade mais pura até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras bases, além das ideias pessoais de seus autores. Assim, deixou o assunto sem conclusão, por falta de suficiente exame.

13. Essa questão, entretanto, é para o homem a mais importante, porque trata do problema do seu passado e do seu futuro, enquanto que a questão relativa ao mundo material só o afeta indiretamente. O que lhe importa saber, antes de tudo, é de onde veio e para onde vai, assim como se já viveu e se voltará a viver, e qual a sorte que lhe está reservada.

Sobre todas essas questões, a Ciência é muda. A Filosofia só emite opiniões que chegam a conclusões diametralmente opostas, mas ao menos ela permite discutir o assunto, o que faz com que muitas pessoas fiquem a seu lado, de preferência ao da religião, que não discute nada.

14. Todas as religiões estão de acordo com o princípio da existência da alma, mas não o demonstram. Porém, elas não combinam nem sobre sua origem nem sobre seu passado e futuro; e o que é essencial: discordam principalmente quanto às condições das quais depende sua situação futura. A maioria delas apresenta, em relação ao futuro da alma, um

quadro imposto à crença de seus adeptos, que só pode ser aceito pela fé cega, mas não resiste a um exame sério. O destino que atribuem à alma, estando ligado a seus dogmas, às ideias que se fazia do mundo material e do mecanismo do Universo, nos tempos primitivos, é inconciliável com o nível de conhecimentos atuais. Por isso, como só poderiam perder ante o exame e a discussão, acham mais simples proscrever um e outro.

15. Dessas divergências em relação ao futuro dos homens, nasceram a dúvida e a incredulidade. E não poderia ser de outro modo, com cada religião pretendendo ser a única dona de toda a verdade, contradizendo-se umas às outras, sem dar provas suficientes de suas afirmações, para convencer a maioria. Na indecisão, o homem se restringiu ao presente. Entretanto, a incredulidade deixou um penoso vazio. O homem encara com ansiedade o desconhecido, onde deverá fatalmente estar, cedo ou tarde. A ideia de um nada o intimida; sua consciência lhe diz que, para além do presente, existe alguma coisa, mas o quê? Sua razão desenvolvida não lhe permite mais aceitar as histórias com as quais sua infância foi embalada nem tomar a alegoria pela realidade. Qual é o sentido dessa alegoria? A Ciência levantou uma ponta do véu, mas não revelou ao homem o que mais lhe interessava saber. Ele pergunta em vão, porém ela nada lhe responde de maneira definitiva e apropriada, para acalmar seus temores. Por toda parte ele encontra a afirmação se chocando com a negação, sem provas mais conclusivas de uma parte ou de outra. Daí a incerteza. *Mas a incerteza sobre as coisas da vida futura faz com que o homem se lance, possuído por uma espécie de frenesi, sobre as coisas da vida material.*

Esse é o inevitável efeito das épocas de transição; o edifício do passado desmorona sem que o do futuro esteja construído. O homem é como o adolescente que não tem mais a crença ingênua de seus primeiros anos, porém ainda não possui os conhecimentos da idade madura; só sente vagas aspirações que não sabe definir.

16. Se a questão do homem espiritual permaneceu, até nossos dias, no estado de teoria, é que lhe faltaram os meios de observação direta, que temos tido para comprovar o estado do mundo material, e o campo ficou aberto às especulações do espírito humano. Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a matéria, e não pôde aplicar o método experimental, errou de teoria em teoria, no que diz respeito ao mecanismo do

Universo e a formação da Terra. O que ocorreu na ordem moral, ocorreu também na ordem física; para fixar as ideias, faltou o elemento essencial: o conhecimento das leis que regem o princípio espiritual. Esse conhecimento estava reservado à nossa época, como o das leis da matéria, foi o trabalho dos dois últimos séculos⁶⁶.

17. Até o presente, o estudo do princípio espiritual, compreendido na Metafísica, foi puramente especulativo e teórico; no Espiritismo é inteiramente experimental⁶⁷. Com a ajuda da faculdade mediúmica, atualmente mais desenvolvida e, sobretudo, generalizada e melhor estudada, o homem possui um novo instrumento de observação. A mediunidade tem sido para o mundo espiritual o que o telescópio representou para o mundo sideral e o microscópio para o mundo do infinitamente pequeno. A mediunidade permitiu examinar e estudar – por assim dizer, por observação – as relações daquele mundo com o corporal; diferenciar no homem vivo o ser inteligente e o material, e de vê-los agindo separadamente. Uma vez estabelecidas as relações com os habitantes do mundo espiritual, tornou-se possível seguir a alma na sua trajetória ascendente, em suas migrações, em suas transformações; pôde-se, enfim, estudar o elemento espiritual. Era isso que faltava aos antigos comentadores da Gênese para compreendê-la e retificarem seus erros.

66 Allan Kardec faz referência à revolução científica empreendida por Copérnico, Galileu, Kepler, no século 16, dois antes de seu tempo. (N. do E.)

67 Na época de Allan Kardec, o princípio espiritual, a alma humana, era objeto de estudo das Ciências Psicológicas e Metafísicas na universidade e nos colégios. As Ciências que estudavam os fatos do espírito humano (Psicologia Experimental, Lógica, Moral teórica e prática), a partir de suas faculdades (consciência, razão, vontade), faziam uso do *método de observação* e da *dedução*. Já as Ciências Metafísicas estudavam os primeiros princípios e causas primeiras, ou seja, Deus, espírito e matéria, e se dividia em Psicologia Racional (Ciência da alma e sua ligação com o corpo), Cosmologia Racional (vida e matéria), e Teodiceia (Deus como causa primária, seus atributos e sua providência). Nessas Ciências, não havendo observação, usava-se o *método reflexivo*, por exemplo: “Por analogia consigo mesmo (pensamento, vontade e amor) caracteriza o absoluto (Deus) como inteligência suprema e demais atributos” (Janet, Paul. *Idem*). Dessa forma, a Ciência Metafísica era “especulativa e teórica”, como afirmou Kardec. Com a chegada do Espiritismo, a observação dos fatos *Espíritos* e o ensino dos espíritos superiores sobre o mundo espiritual, no qual elaboram sua Ciência, a Metafísica tornou-se experimental. (N. do E.)

18. Os mundos espiritual e material, estando em contato permanente, são solidários um com o outro; os dois tem sua parcela de ação na Gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o mundo espiritual, será também impossível constituir uma Gênese completa, tanto quanto é um escultor dar vida a uma estátua. Só agora, se bem que nem a Ciência material nem a Ciência espiritual tenham dado sua última palavra, o homem possui os dois elementos adequados para lançar luz sobre esse imenso problema. Essas duas chaves eram, absolutamente, necessárias para encontrar uma solução, mesmo aproximada. Quanto à solução definitiva, talvez jamais seja dada ao homem a possibilidade de encontrá-la aqui na Terra, porque há coisas que são segredos de Deus.

CAPÍTULO V

Antigos e modernos sistemas do mundo

1. A primeira noção que os homens fizeram da Terra, do movimento dos astros e da constituição do Universo teve de se fundamentar, em sua origem, unicamente no testemunho dos sentidos. Como ignoravam as mais elementares leis da Física e das forças da natureza, e não dispendo de nada além de sua limitada capacidade de visão como meio de observação, só podiam julgar pela aparência.

Vendo o Sol surgir pela manhã de um lado do horizonte e desaparecer à tarde do lado oposto, concluíam, naturalmente, que ele girava em torno da Terra, ao passo que esta permanecia imóvel. Se alguém dissesse a esses homens que ocorre exatamente o contrário, eles responderiam que tal coisa não era possível e teriam dito: vemos o Sol mudar de lugar e não sentimos a Terra se mexer.

2. A pouca extensão das viagens, que raramente ultrapassava os limites da tribo ou do vale, não permitia que constatassem a esfericidade da Terra. Como, então, supor que a Terra pudesse ser uma esfera? Sendo assim, os homens só poderiam se manter em pontos mais elevados e, supondo ser habitada em toda a sua superfície, como poderiam viver no hemisfério oposto, com a cabeça para baixo e os pés para cima? O fato lhes pareceria ainda menos possível, com um movimento de rotação. Quando se vê, ainda em nossos dias, quando já conhecemos a lei da gravitação, pessoas

relativamente esclarecidas não compreenderem esse fenômeno, não podemos nos surpreender que os homens primitivos não tenham jamais sequer suspeitado da sua existência⁶⁸.

A Terra era, para eles, uma superfície plana e circular, como uma pedra de moinho, que se estendia em direção horizontal até onde chegava a vista, daí a expressão ainda usual: ir ao fim do mundo. Desconheciam seus limites, sua espessura, seu interior, sua face inferior e tudo o que havia embaixo dela⁶⁹.

3. Como o céu aparentava uma forma côncava, segundo a crença comum, era considerado verdadeiramente uma abóbada, cujas bordas inferiores repousavam sobre a Terra e delimitavam seus limites. Uma imensa cúpula

68 Esse exemplo de Kardec sobre a existência de pessoas descrentes da esfericidade da Terra demonstra o quanto parte de seus leitores estavam ainda distantes do conhecimento científico, justificando a necessidade nesta obra de explicações didáticas sobre Astronomia, Geologia, Física, entre outras Ciências. Ao fazer isso, o professor Rivail usou os termos, conceitos e paradigmas científicos de seu tempo. Muitos destes encontram-se atualmente falseados e superados. Desse modo, é fundamental na leitura de suas obras a identificação histórica dessas apropriações da cultura humana da época, diferenciando-as dos ensinamentos dos Espíritos superiores, pois estes sabiam mais do que os homens. Inclusive, este capítulo, e mais alguns, nada possuem relativos à doutrina espírita diretamente, tendo origem na pesquisa de Allan Kardec em livros científicos então vigentes. (N. do E.)

69 A mitologia hindu ensinou que, ao anoitecer, o Sol, a estrela do dia, se despojava de sua luz e cruzava o céu durante a noite com uma face escura. Para a mitologia grega, representava a carruagem de Apolo desenhada por quatro cavalos. Anaximandro de Mileto afirmava, segundo Plutarco, que o Sol era um carro cheio de fogo vivo, que escapava por uma abertura circular. Epicuro, segundo alguns, teria dado a opinião de que o Sol estava aceso pela manhã e saía à noite nas águas do oceano; outros pensaram que ele imaginou que essa estrela era uma pedra-pomes aquecida à incandescência. Já Anaxágoras o considerou como um ferro em brasa do tamanho do Peloponeso. Coisa singular! Os antigos estavam tão fortemente induzidos a considerar a magnitude aparente real da estrela que perseguiram esse filósofo imprudente por ter atribuído esse volume para a tocha do dia, sendo necessária toda a autoridade de Péricles para salvá-lo de uma sentença de morte, comutada por uma de exílio. (Flammarion. *Estudos e leituras sobre Astronomia*. p. 6). (N. de Allan Kardec)

Diante dessas ideias, publicadas no século V antes de Cristo, época de maior esplendor da Grécia, não podemos nos surpreender com as ideias que os homens das primeiras eras haviam formado sobre o sistema do mundo. (N. de Allan Kardec)

totalmente preenchida com ar. Sem nenhuma noção sobre o infinito de espaço, incapazes até de o conceber, os homens supunham essa abóbada constituída de uma matéria sólida; daí o nome de *firmamento* que sobreviveu à crença e que significa firme, resistente (do latim, *firmamentum*, derivado de *firmus*, e do grego *herma*, *hermatos*, firme, arrimo, suporte, ponto de apoio).

4. As estrelas, das quais eles não podiam supor a natureza, eram consideradas simples pontos luminosos, maiores ou menores, presos na abóbada, como lâmpadas suspensas, dispostas em uma única superfície e, por conseguinte, todas elas a uma mesma distância da Terra, da mesma maneira que são representadas no interior de certas cúpulas pintadas de azul, para simbolizar o azul do céu.

Embora atualmente as ideias sejam outras, conservou-se o uso de antigas expressões; diz-se, ainda: a abóbada celeste, sob a cúpula do céu.

5. A formação das nuvens pela evaporação das águas terrenas também era desconhecida; ninguém poderia imaginar que a chuva que cai do céu tivesse sua origem na terra, de onde não se via a água subir. Daí a crença na existência *das águas superiores e das águas inferiores*, fontes celestes e fontes terrestres, dos reservatórios colocados nas altas regiões, suposição que estava perfeitamente de acordo com a ideia de uma abóbada sólida capaz de sustentá-los. As águas superiores escapavam por frestas da abóbada e caíam na forma de chuva; conforme a largura dessas aberturas, a chuva seria suave, torrencial ou diluviana.
6. A ignorância completa acerca do conjunto do Universo e das leis que o regem, bem como da natureza, da constituição e da finalidade dos astros, que pareciam ser tão pequenos comparados à Terra, devia, necessariamente, fazer com que esta fosse considerada como a coisa principal, o único motivo da criação, e os astros, como acessórios criados unicamente para deleite de seus habitantes. Esse preconceito perpetuou-se até hoje, apesar das descobertas da Ciência que mudaram, para o homem, o aspecto do mundo. Quantas pessoas ainda creem que as estrelas sejam ornamentos do céu, para dar prazer aos olhos dos habitantes da Terra!
7. O homem não tardou a perceber o movimento aparente das estrelas, que se deslocam, em conjunto, do Oriente para o Ocidente, aparecendo ao anoitecer e se ocultando pela manhã, mas conservando suas respectivas

posições. Contudo, essa observação só teve como consequência, durante muito tempo, a única função de confirmar a ideia de uma abóbada sólida, arrastando as estrelas em seu movimento de rotação.

Essas ideias primárias, ingênuas, foram, durante longos períodos seculares, o fundamento das crenças religiosas e serviram de base a todas as cosmogonias antigas.

8. Mais tarde, compreenderam, pela direção do movimento das estrelas e seu retorno periódico, na mesma ordem, que a abóbada celeste não podia ser simplesmente uma semiesfera pousada sobre a Terra, mas, sim, uma esfera inteira, oca, no centro da qual se encontrava a Terra, sempre plana ou, quando muito, convexa e habitada apenas na face superior. Já era um progresso.

Mas sobre o que estaria pousada a Terra? Seria inútil relatar todas as suposições ridículas, criadas pela imaginação, como a dos indianos, que diziam ser ela sustentada por quatro elefantes brancos, apoiados sobre as asas de um imenso abutre. Os mais sábios reconheciam nada saber a respeito.

9. Uma opinião, geralmente difundida nas teogonias pagãs, situava nos *lugares baixos*, ou seja, nas profundezas da Terra, ou debaixo dela, não se sabia ao certo, a morada dos condenados, chamada *inferno*, isto é, *lugar inferior*; e nos *lugares altos*, muito além da região das estrelas, a morada dos bem-aventurados. O termo *inferno* conservou-se até nossos dias, quando perdeu seu significado etimológico depois que a Geologia retirou o lugar dos suplícios eternos, das entranhas da Terra, e que a Astronomia demonstrou que não existe alto nem baixo no espaço infinito.
10. Sob o céu límpido da Caldeia, da Índia e do Egito, berços das mais antigas civilizações, puderam observar o movimento dos astros, com tanta precisão quanto permitia a ausência de instrumentos especiais. Primeiramente viu-se que certas estrelas tinham um movimento próprio, independente das demais, o que não permitia supor que elas estivessem atarraxadas na abóbada; foram chamadas de *estrelas errantes* ou *planetas*, para distingui-las das estrelas fixas. Calcularam seus movimentos e seus retornos periódicos.

No movimento diurno da esfera estrelada, notava-se a imobilidade da estrela Polar, em torno da qual as demais descreviam, em 24 horas, círculos oblíquos, paralelos, maiores ou menores, conforme seu distanciamento da estrela central. Esse foi o primeiro passo em direção à descoberta da

inclinação do eixo da Terra. As viagens mais longas permitiram observar a diferença de aspecto do céu, conforme as latitudes e as estações do ano. A constatação de que a elevação da estrela Polar acima do horizonte variava com a latitude ajudou a compreender a esfericidade da Terra. Foi assim que, pouco a pouco, se fez uma ideia mais exata do sistema do mundo.

Por volta do ano 600 antes de Cristo, *Tales de Mileto* (Ásia Menor) descobriu a esfericidade da Terra, a obliquidade da eclíptica e a causa dos eclipses.

Um século mais tarde, *Pitágoras* descobriu o movimento diurno da Terra sobre seu eixo, seu movimento anual em torno do Sol e juntou os planetas e os cometas no Sistema Solar.

Hiparco, de Alexandria, 160 anos antes de Cristo inventou o astrolábio, calculou e predisse os eclipses, observou as manchas do Sol, determinou o ano trópico e a duração das revoluções da Lua.

Por mais preciosas que essas descobertas fossem, para o progresso da Ciência, levaram cerca de 2 mil anos para se popularizarem. As ideias novas, tendo apenas como meio de propagação raros manuscritos, permaneciam restritas como patrimônio de filósofos, que as ensinavam a discípulos privilegiados; o povo, que ninguém pensava em esclarecer, não tirava proveito algum dessas ideias, continuando a alimentar-se das velhas crenças.

11. Por volta de 140 a. C., *Ptolomeu*, um dos homens mais ilustres da Escola de Alexandria, combinando suas ideias com as crenças vulgares e algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compôs um sistema que se pode chamar de misto, o qual leva seu nome. Durante aproximadamente 15 séculos, foi o único adotado pelo mundo civilizado.

Conforme o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera no centro do Universo; ela se comporia de quatro elementos: a terra, a água, o ar e o fogo. Essa seria a primeira região dita *elementar*. A segunda região, chamada etérea, compreendia 11 céus, ou esferas concêntricas, girando em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, o de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno e das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente, do segundo cristalino e, finalmente, do primeiro móvel, que daria movimento a todos os céus inferiores e os fazia realizar uma revolução em 24 horas. Além dos 11 céus, estava o *Empíreo*,

a morada dos bem-aventurados, denominação tirada do grego *pyr* ou *pur*, que significa *fogo*, porque se acreditava que essa região resplandecia de luz, como o fogo.

A crença em vários céus superpostos prevaleceu por longo tempo, mas variando sobre o número deles; o sétimo era, geralmente, visto como o mais elevado; vem daí a expressão: “Ser arrebatado ao sétimo céu”. Paulo disse que fora elevado ao terceiro céu.

Segundo Ptolomeu, além do movimento comum, os astros tinham movimentos próprios, particulares, maiores ou menores, segundo seu distanciamento do centro.

As estrelas fixas faziam uma revolução em 25.816 anos. Esta última avaliação denota conhecimento da precessão dos equinócios que, efetivamente, se completa em aproximados 25 mil anos.

12. No início do século 16, Copérnico, um célebre astrônomo, nascido em Thorn (Prússia), em 1472, e falecido em 1543, retomou as ideias de Pitágoras e tornou público um sistema que, confirmado a cada dia por novas observações, foi favoravelmente acolhido e não demorou a suplantá-lo de Ptolomeu.

Segundo esse sistema, o Sol está no centro, e os astros descrevem órbitas circulares ao seu redor, sendo a Lua um satélite da Terra.

Um século mais tarde, em 1609, Galileu, nascido em Florença, inventou o telescópio; em 1610, descobriu os quatro satélites de Júpiter e calculou suas revoluções; verificou que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol e são esferas semelhantes à Terra. Observou suas fases e determinou a duração de sua rotação sobre seu eixo. Desse modo, por meio de provas materiais, sancionou definitivamente o sistema concebido por Copérnico.

Desde então, desmoronou o sistema dos céus superpostos; os planetas foram reconhecidos como mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, habitados; o Sol como sendo uma estrela no centro de um turbilhão de planetas que lhe estão sujeitos e as estrelas como inumeráveis sóis, prováveis centros de outros sistemas planetários.

As estrelas não estão mais confinadas em uma região da esfera celeste, mas irregularmente disseminadas pelo espaço sem fim; aquelas que pareciam se tocar estão a distâncias incomensuráveis umas das outras; as

menores, em aparência, são as mais afastadas de nós; as mais volumosas, as que estão mais próximas, estando ainda a centenas de milhares de léguas.

Os grupos aos quais foi dado o nome de *constelação* são apenas conjuntos aparentes, causados pelo distanciamento, um efeito de perspectiva, como acontece com um grupo de luzes espalhadas em uma grande área, ou as árvores de uma floresta, para um observador colocado em um ponto fixo distante. Na realidade, esses agrupamentos não existem. Se pudéssemos viajar para a região de uma dessas constelações, à medida que nos aproximássemos, sua forma desapareceria e novos agrupamentos se formariam aos nossos olhos.

Desde que esses agrupamentos de estrelas só existem na aparência, o significado que uma crença vulgar supersticiosa lhes atribui é ilusória, e sua influência só pode existir na imaginação.

Para distinguir as constelações, deram a elas nomes como *Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Balança, Capricórnio, Câncer, Orion, Hércules, Grande Ursa* ou *Carruagem de Davi, Pequena Ursa, Lira, etc.* E foram representadas por figuras que lembram esses nomes, na maioria fantasiosas, não tendo nenhuma relação com a figura aparente do agrupamento de estrelas. Seria inútil procurar por essas figuras no céu.

A crença na influência das constelações, sobretudo aquelas que constituem os 12 signos do zodíaco, vem da ideia ligada ao nome que elas têm. Se a que é chamada Leão tivesse sido denominada Asno ou Ovelha, teriam, certamente, lhe atribuído outra influência.

13. A partir de Copérnico e de Galileu, as velhas cosmogonias desapareceram para sempre; a Astronomia só poderia avançar e nunca recuar. A história conta as lutas que esses homens de gênio tiveram de sustentar contra os preconceitos, principalmente contra o sectarismo, interessado em manter os erros sobre os quais haviam fundado crenças supostamente firmadas sobre uma base inabalável. Foi suficiente a invenção de um instrumento óptico para derrubar uma construção de vários milhares de anos, pois nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à imprensa, o público inteirou-se das ideias novas e começou a não mais se deixar enganar por fantasias, e tomava parte na luta; esta não era mais contra alguns indivíduos que era preciso combater, mas contra a opinião geral, que tomava consciência da verdade.

Como é grande o Universo diante das mesquinhas dimensões que lhe atribuíam nossos pais! Como a obra de Deus é sublime quando a vemos realizar-se em concordância com as eternas leis da natureza! Mas também quanto tempo, quantos esforços de talentos, quanto devotamento foi necessário para abrir os olhos e arrancar, enfim, a venda da ignorância!

14. Estava aberto o caminho, daí para frente, por onde ilustres e numerosos sábios entrariam para completar a obra iniciada. Kepler, na Alemanha, descobriu as célebres leis que levam seu nome e, com o auxílio delas, verificou que os planetas não descrevem órbitas circulares, mas elípticas, das quais o Sol ocupa um dos focos. Newton, na Inglaterra, descobriu a lei de gravitação universal; Laplace, na França, criou a Mecânica Celeste; a Astronomia, enfim, não é mais um sistema criado sobre conjecturas ou probabilidades, mas uma Ciência estabelecida sobre as bases mais rigorosas do cálculo e da geometria. Assim está assentada uma das pedras fundamentais da Gênese.

CAPÍTULO VI

URANOGRAFIA GERAL⁷⁰

O espaço e o tempo – A matéria – As leis e as forças –
A criação primeira – A criação universal – Os sóis e os planetas – Os satélites – Os
cometas – A Via Láctea – As estrelas fixas – Os desertos do espaço – Sucessão
eterna dos mundos – A vida universal – A Ciência – Considerações morais

O ESPAÇO E O TEMPO

1. Várias definições do espaço foram dadas. Eis a principal: o espaço é a extensão que separa dois corpos. Dela certos sofistas deduziram que onde não houvesse corpos, não haveria espaço. Foi nisso que se basearam alguns doutores em Teologia para estabelecer que o espaço era necessariamente finito, alegando que os corpos limitados a um certo número não poderiam formar uma série infinita; e que onde os corpos acabassem o espaço também acabaria.

Há ainda a definição de espaço: o lugar onde se movem os mundos, o vazio onde age a matéria, etc. Deixemos essas definições nos tratados onde jazem porque elas nada definem⁷¹.

70 Este capítulo é extraído textualmente de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título de *Estudos Uranográficos*, e assinado Galileu, médium senhor C.F.. (N. de Allan Kardec) Na *Revista Espírita*, as comunicações estão assinadas pelo médium Camille Flammarion (1842-1925), astrônomo, membro da Sociedade de Paris. (N. do E.)

71 A Ciência natural oficialmente aceita na época propunha um Universo absolutamente vazio, sendo a matéria constituída de esferas sólidas ponderáveis (matéria observável) e imponderáveis (forças: fluido elétrico, calórico, etc.), não existindo, portanto, possibilidade de movimento que não fosse mecânico. A teoria do Fluido Cósmico Universal, adotada pelas Ciências do magnetismo animal e também pela

Espaço é uma dessas palavras que representam uma ideia primitiva e axiomática, evidente por si mesma, e que as diversas definições que se possa dar só servem para deixá-la obscura. Todos sabemos o que é o espaço; e eu só quero estabelecer que é infinito, a fim de que nossos estudos posteriores não tenham nenhum obstáculo que se oponha às nossas investigações.

Ora, digo que o espaço é infinito pelo fato de ser impossível imaginar que tenha algum limite e porque, apesar da dificuldade que temos de conceber o infinito, para nós é mais fácil de avançar eternamente no espaço pelo pensamento do que nos determos em um lugar qualquer, após o qual não encontraríamos mais extensão a percorrer.

Para imaginarmos o infinito do espaço tanto quanto nos permitem nossas limitadas faculdades, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, em direção a um ponto qualquer do Universo com a velocidade prodigiosa de uma fâisca elétrica, que percorre *milhares de léguas por segundo*, mal tenhamos abandonado nosso globo após ter percorrido milhões de léguas, nós nos encontraríamos num lugar onde a Terra nos apareceria sob o aspecto de uma pálida estrela. Um instante após, seguindo sempre a mesma direção, nós nos encontraremos entre as estrelas longínquas, mal perceptíveis da posição terrena; de lá, não apenas a Terra teria desaparecido da nossa observação nas profundezas do céu mas ainda o vosso Sol, em seu esplendor, ficaria eclipsado pela distância que nos separa dele. Impulsionados sempre pela mesma velocidade do relâmpago, a cada passo que avançamos pela vastidão, atravessamos sistemas de mundos, ilhas de luz etérea, vias estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou mundos com a mesma profusão que semeou plantas nas pradarias terrestres.

Ora, há somente alguns minutos que avançamos e já centenas de milhões e milhões de léguas nos separam da Terra, milhares de mundos passaram sob nossas vistas, mas ouçam isto: Não avançamos, em realidade, um só passo no Universo.

doutrina espírita, considera o Universo como um pleno e uma falsa a hipótese das forças como sendo substâncias, pois estas seriam movimentos vibratórios do agente, como o som é um movimento vibratório do ar. Assim se pode compreender a recomendação de deixar a hipótese do vazio absoluto nos tratados científicos da época. (N. do E.)

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e *incessantemente com a mesma velocidade do relâmpago*, não teremos avançado um passo no Universo! E o mesmo acontecerá, seja qual for a direção que tomemos, a partir de algum ponto desse grão invisível que deixamos e que se chama Terra.

Eis, pois, o que é o espaço!

2. O tempo, como o espaço, é um termo que se autodefine; dele faremos uma ideia mais justa estabelecendo uma relação com o todo infinito.

O tempo é a sucessão das coisas; ele está ligado à eternidade da mesma maneira que as coisas estão ligadas ao infinito. Suponhamo-nos na origem de nosso mundo, época primitiva em que a Terra ainda não se equilibrava sob o impulso divino, numa palavra, no começo da Gênese. Nessa época, o tempo ainda não havia saído do misterioso berço da natureza e ninguém poderia dizer em que época nos encontrávamos, já que o pêndulo dos séculos não estava ainda em movimento.

Mas, silêncio! A primeira hora de uma Terra isolada soa ao timbre eterno, o planeta se move no espaço e, então, existe *tarde e manhã*. Além da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, embora o tempo prossiga, para o bem dos outros mundos. Sobre a Terra, o tempo substitui a eternidade e, durante uma série determinada de gerações, serão contados os anos e os séculos.

Transportemo-nos, agora, ao último dia desse mundo, a hora em que, curvada sob o peso da velhice, a Terra será apagada do livro da vida para não mais reaparecer: então a sucessão dos acontecimentos termina, os movimentos terrestres que medeiam o tempo se interrompem e o tempo para de existir.

Essa simples exposição das coisas naturais que dão nascimento ao tempo, o mantém e deixam que se extinga basta para mostrar que, do ponto de vista em que devemos nos colocar para nossos estudos, o tempo é uma gota d'água que cai de uma nuvem no mar e cuja queda é medida.

Tantos mundos na vasta extensão, tantos tempos diversos e incompatíveis. Fora dos mundos, somente a eternidade substitui essas efêmeras sucessões e preenche, passivamente, com sua luz imóvel, a imensidão dos céus. Imensidão sem bordas e eternidade sem limites, tais são as duas grandes propriedades da natureza universal.

O olhar do observador, que penetra, sem jamais encontrar obstáculo, as distâncias incomensuráveis do espaço, é o mesmo do geólogo que examina além dos limites das idades, ou que desce às profundezas da eternidade, onde ambos se perderam um dia e trabalham em concordância, cada um em sua direção, para adquirir esta dupla noção do infinito: extensão e duração.

Nessa ordem de ideias, será fácil conceber que o tempo, não sendo senão a relação das coisas transitórias, e dependendo unicamente das que são mensuráveis, se considerarmos os séculos terrestres um a um, juntaremos milhares e milhares para formar um número colossal que nunca representará mais que um ponto na eternidade; da mesma maneira que milhares de léguas somadas a outras milhares de léguas são apenas um ponto na extensão do tempo.

Assim, por exemplo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, poderemos escrever um número tão longo quanto o equador terrestre e nos supormos envelhecidos esse número de séculos sem que, na realidade, nossa alma tenha um dia a mais. E somando a esse número indefinível de séculos, uma série longa, como daqui ao Sol, ou maior ainda, e se nos imaginássemos vivendo durante uma sucessão prodigiosa de períodos seculares, representados pela soma de tais números, até que chegássemos ao fim, o inconcebível acúmulo de séculos que pesaria sobre nossa cabeça seria como se não existisse, pois restaria sempre, diante de nós, a eternidade inteira.

O tempo não é mais que uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é susceptível de nenhuma medida do ponto de vista da duração; para ela não há nem começo nem fim; tudo é presente.

Se séculos de séculos são menos que um segundo perante a eternidade, qual a duração da vida humana?

A MATÉRIA

3. À primeira vista, nada parece tão profundamente variado, tão essencialmente distinto como as diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a arte ou a natureza apresentam, diuturnamente, aos nossos olhares, estariam dois que mostram uma identidade perfeita, ou apenas uma semelhança de composição? Quanta diferença, sob o ponto de

vista da solidez, da compressibilidade, do peso e das propriedades múltiplas dos corpos, entre os gases atmosféricos e o filão de ouro; entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a constituição óssea do globo! Quanta diversidade entre o tecido químico das diversas plantas que decoram o reino vegetal e os dos representantes, não menos numerosos da animalidade na Terra!

Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias conhecidas e desconhecidas, por mais distintas que pareçam ser, seja sob o ponto de vista de sua constituição íntima, ou sob o aspecto de sua interação recíproca, são, apenas, modos diversos, sob os quais a matéria se apresenta, as variedades nas quais ela se transforma, sob a direção das inúmeras forças que a governam.

4. A Química, cujo progresso foi muito rápido, após a minha época, pois naquele tempo seus adeptos a relegavam ainda ao domínio secreto da magia, essa nova Ciência que, com justa razão pode-se considerar como filha do século da observação, e como baseada unicamente, e com mais solidez que suas irmãs mais velhas, sobre o método experimental⁷² a Química, digo eu, muito esclareceu quanto aos quatro elementos primitivos⁷³ que os antigos estavam de acordo em reconhecer na natureza; ela mostrou que o elemento terrestre é a combinação de substâncias diversas, variáveis ao infinito; que o ar e a água são igualmente decomponíveis, que são o produto de um certo número de equivalentes de gás; que o fogo, longe de ser um elemento principal, é apenas um estado da matéria, resultante do movimento universal⁷⁴, ao qual está submetida e de uma combustão perceptível ou latente.

Em compensação, ela descobriu um número considerável de princípios até então desconhecidos que lhe pareceram formar, mediante determinadas

72 Até o século 16, tempo de Galileu, que transmitiu este texto, dominava a Alquimia, que, apesar das influências mágicas, antecipou procedimentos futuros da Química. (N. do E.)

73 Os quatro elementos primitivos e irredutíveis considerados na Antiguidade eram a água, a terra, o fogo e o ar. Combinados, dariam origem a todas as substâncias. (N. do E.)

74 Ainda se imaginava o calor como um substância constituída de átomos sólidos e imponderáveis, o fluido calórico; reconhecido, como aqui se refere, como um estado de vibração das moléculas. (N. do E.)

combinações, as diversas substâncias, os diversos corpos que ela tem estudado e que atuam, simultaneamente, segundo certas leis e em certas proporções, nos trabalhos efetuados no grande laboratório da natureza. Esses princípios ela os denominou *corpos simples*, indicando que os considera primitivos e indecomponíveis⁷⁵ e que nenhuma operação, até hoje, soube reduzi-los a partes mais simples que eles próprios⁷⁶.

5. Mas lá onde se detêm as apreciações do homem, ajudado inclusive por seus mais impressionáveis sentidos artificiais, a obra da natureza prossegue; lá onde as pessoas comuns tomam a aparência pela realidade; lá onde o técnico levanta o véu e distingue o começo das coisas, o olhar daquele que pode perceber o modo de ação da natureza não vê, sob os materiais constitutivos do mundo, a *matéria cósmica* primitiva, simples e una, diversificada em certas regiões na época de sua aparição, repartida em corpos solidários entre si, enquanto têm vida, e desmembrada um dia no receptáculo da imensidão, por sua decomposição.
6. Existem questões que nós mesmos, Espíritos amantes da Ciência, não saberíamos aprofundar e sobre as quais não poderíamos emitir senão opiniões pessoais, mais ou menos hipotéticas. Sobre tais questões ou me calo ou justificarei minha maneira de pensar, mas isso não inclui a questão de qual nos ocupamos agora. Aos que quiserem ver em minhas palavras apenas uma teoria duvidosa, eu direi: Abarcai, se é possível, num olhar investigador, a multiplicidade das operações da natureza, e reconheceis que, sem admitirmos a unidade da matéria, é impossível explicar não somente os sóis e os planetas mas também a germinação de um grão sob a terra ou a formação de um inseto.

75 No século 19, a Ciência oficial considerava como *corpos simples* esferas sólidas, indestrutíveis, com uma força atrativa para com outras iguais, diferindo em suas propriedades conforme as características do elemento que representem. De acordo com esse paradigma científico, atualmente superado, uma pepita de ouro, por exemplo, se observada microscopicamente revelaria minúsculas esferas douradas unidas umas às outras sem deixar espaços, formando um todo sólido. (N. do E.)

76 Os principais corpos simples são: entre os corpos não metálicos, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo; entre os corpos metálicos: o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio, etc. (N. de Allan Kardec)

7. A grande diversidade observada na matéria deve-se ao fato de que, pelo número de forças que governaram suas transformações serem ilimitadas, bem como as condições em que ocorreram, as múltiplas combinações da matéria não poderiam deixar de ser também ilimitadas.

Sendo a substância que se examine pertencente aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, ou que ela se apresente com os caracteres e propriedades comuns da matéria, só há em todo o Universo uma única substância primitiva: o *cosmo* ou a *matéria cósmica* dos uranógrafos.

AS LEIS E AS FORÇAS

8. Se um desses seres desconhecidos que passam sua existência efêmera no fundo das regiões tenebrosas do oceano; se um desses poligástricos, dessas nereidas – ínfimos animálculos que só conhecem da natureza, os peixes ictiófagos e a flora submarina – recebesse, de repente, o dom da inteligência, a faculdade de estudar seu mundo e de estabelecer nas suas apreciações, um raciocínio conjectural estendido à universalidade das coisas, que ideia formaria da natureza viva que se desenvolve em seu meio e do mundo terrestre que não pertence ao campo de suas observações?

Se agora, por um efeito maravilhoso de seu novo poder, esse mesmo ser conseguisse se elevar à superfície do mar, acima das trevas eternas da profundidade, perto das praias opulentas de uma ilha com vegetação esplêndida, sob o Sol fecundo, distribuidor de um benfazejo calor, que julgamento faria de suas teorias antecipadas sobre a criação universal, as quais logo abandonaria por uma apreciação mais ampla, mas, ainda assim, relativamente tão incompleta como a primeira? Tal é – ó homens! – a imagem de vossa Ciência, toda especulativa⁷⁷.

⁷⁷ Tal é também a situação daqueles que negam a existência do mundo dos Espíritos. Logo após terem se despojado de seu corpo físico, os horizontes deste mundo se desmoronam a seus olhos. Compreendem, então, o vazio das teorias pelas quais pretendiam explicar tudo exclusivamente pela matéria. Entretanto, esses horizontes têm ainda, para eles, seus mistérios que só se revelam sucessivamente, à medida que se elevam pela depuração. Mas, desde seus primeiros passos neste mundo novo, eles

9. Já que venho tratar aqui da questão das leis e das forças que regem o Universo, eu que sou como vós, apenas um ser relativamente ignorante em relação à Ciência real, apesar da aparente superioridade sobre meus irmãos da Terra, pela possibilidade que tenho de estudar as questões naturais que lhes são vedadas, por causa da posição em que se encontram. Meu objetivo é somente expor a noção geral das leis universais, sem explicar em minúcias o modo de ação e a natureza das forças especiais que delas dependem.
10. Existe fluido etéreo que preenche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o *éter* ou a *matéria cósmica* primitiva geradora do mundo e dos seres. Ao éter são inerentes as forças que presidem as mudanças da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas forças múltiplas, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação, de acordo com as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra pelos nomes de *peso, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa*; os movimentos vibratórios do agente são: *som, calor, luz, etc.*⁷⁸ Em outros mundos, apresentam-se sob outros aspectos, oferecem outras características desconhecidas aqui, e na imensa extensão dos céus, um número indefinido de forças desenvolve-se, em uma escala inimaginável, cuja magnitude somos tão incapazes de avaliar como o crustáceo é, no fundo do oceano, impossibilitado de conceber a universalidade dos fenômenos terrestres⁷⁹.

são forçados a reconhecer sua cegueira, e quão longe eles estavam da verdade. (N. de Allan Kardec)

78 Faz-se referência à teoria do *Fluido Cósmico Universal*, proposto por Mesmer na Ciência do magnetismo animal. Divergindo da Ciência oficial, que considerava esses fenômenos como substâncias constituídas de minúsculas esferas sólidas sem peso ou imponderáveis (fluido elétrico, calórico, fluido magnético, fluido luminoso, etc.), nessa teoria eles são considerados movimentos vibratórios, inclusive, forças em diferentes escalas nos outros mundos. Enquanto a hipótese substancialista aceita oficialmente hoje é sabidamente falsa, considerar esses fenômenos como estados vibratórios do agente, em diversas escalas (propostas tanto nesta obra quanto em Mesmer), aproxima-se conceitualmente do paradigma da Física Moderna. (N. do E.)

79 Nós reportamo-nos em suma àquilo que conhecemos e não compreendemos, mas o que escapa à percepção de nossos sentidos, assim como o cego de nascença não compreende os efeitos da luz e a utilidade dos olhos. É possível, pois, que em outros meios o fluido cósmico tenha propriedades, combinações das quais não temos

Ora, do mesmo que só há uma única substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, porém diversificada em suas combinações, também todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos, que está na sua origem e que, pelos desígnios eternos, foi soberanamente imposta à criação, para imprimir-lhe harmonia e estabilidade permanentes.

11. A natureza jamais se opôs a ela própria. O brasão do Universo tem uma só divisa: UNIDADE / VARIEDADE. Remontando à escala dos mundos, encontra-se a *unidade* da harmonia e da criação, ao mesmo tempo que uma variedade infinita nesse imenso canteiro de estrelas. Percorrendo os degraus da vida desde o último dos seres até Deus, a grande lei da continuidade se faz reconhecer; considerando as forças nelas mesmas, pode-se formar uma série, cuja resultante, confundindo-se com a geratriz, é a lei universal.

Vós não saberíeis apreciar essa lei em toda a sua extensão, porque as forças que a representam, no campo de vossas observações, são restritas e limitadas. Entretanto, a gravitação e a eletricidade podem ser apreciadas como uma ampla aplicação da lei primordial que reina para além dos céus.

Todas essas forças são eternas – explicaremos essa palavra – e universais como a criação; sendo inerentes ao fluido cósmico, elas atuam necessariamente em tudo e para tudo, modificando sua ação por sua simultaneidade ou os pontos, latentes ou secretas em outros. Mas preparam, dirigem, conservam e destroem os mundos em seus diversos períodos de vida, governando os trabalhos maravilhosos da natureza, em qualquer ponto que se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da criação.

a menor ideia, dos efeitos apropriados às necessidades que nos sejam desconhecidas, dando lugar a percepções novas ou a outros modos de percepção. Não compreendemos, por exemplo, como se possa ver sem os olhos do corpo e sem a luz. Mas quem nos diz que não existe outros agentes que a luz para os quais sejam efeitos de organismos especiais? A visão sonambúlica, que não é detida pela distância nem por obstáculos materiais nem pela obscuridade nos oferece um exemplo. Suponhamos que, em um mundo qualquer, os seres sejam normalmente o que nossos sonâmbulos seriam excepcionalmente. Eles não terão necessidade nem de nossa luz nem de nossos olhos e, portanto, verão o que não podemos ver. Assim acontece com as demais sensações. As condições de vitalidade e perceptibilidade das sensações e das necessidades variam conforme os meios. (N. de Allan Kardec)

A CRIAÇÃO PRIMEIRA

12. Após ter considerado o Universo sob os pontos de vista gerais de sua composição, de suas leis e de suas propriedades, podemos levar nossos estudos para o modo de formação que deu origem aos mundos e aos seres; voltaremos, em seguida, à criação da Terra em particular e a seu estado atual na universalidade das coisas e então, tomando este globo como ponto de partida e como unidade relativa, procederemos a nossos estudos planetários e siderais.

13. Se tivermos compreendido bem a relação, ou antes, a oposição da eternidade com o tempo, se nos familiarizarmos com a ideia de que o tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, enquanto a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, e não é susceptível a nenhuma medida de duração, compreenderemos que para ela não há começo nem fim.

Por outro lado, se fizermos uma justa ideia – contudo ainda bem fraca – da infinitude do poder divino, compreenderemos como é possível que o Universo tenha sempre existido e exista sempre. Desde que Deus sempre foi Deus, suas perfeições eternas se manifestaram. Antes que os tempos existissem, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fecundou o espaço, igualmente eterno.

14. Deus sendo, por sua natureza, eterno criou toda a eternidade e não poderia ser de outra forma, porque a qualquer época longínqua que retrocedamos em imaginação, chegando até aos supostos limites da criação, restará sempre além desse limite uma eternidade – avalie bem esse pensamento – uma eternidade durante a qual as divinas hipóstases⁸⁰, as volições infinitas teriam estado sepultadas em uma muda letargia inativa e infecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que dá vida aos seres, de mutismo indiferente para o verbo que os governa, de esterilidade fria e egoística para o Espírito de amor e de vivificação.

80 Hipóstase divina é o ato concreto da subsistência de Deus. Segundo a visão dogmática, Deus seria três hipóstases numa só essência (*ousia*): o pai, o filho e o Espírito Santo. (N. do E.)

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e sua perpetuidade sob a mão do ser absoluto! Deus é o sol dos seres; é a iluminação do mundo. Ora, o surgimento diário do Sol dá, instantaneamente, nascimento a ondas de luz que vão se propagando por toda parte na vastidão. Do mesmo modo, o Universo, nascido do Eterno, remonta a períodos inimagináveis de infinita duração, ao *Fiat lux inicial*.

15. O início absoluto das coisas remonta a Deus; suas sucessivas intervenções, no domínio da existência, constituem a ordem da perpétua criação.

Qual imortal poderia falar das magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das idades, que se desenvolveram nesses tempos remotos, no quais nenhuma das maravilhas do Universo atual existia; nessa época primitiva em que, havendo-se feito ouvir a voz do Senhor, os materiais que deveriam agregar-se por si mesmos e simetricamente para formar o templo da natureza, logo se encontraram no centro dos vazios infinitos; quanto aquela voz misteriosa, que todas as criaturas veneram e amam como a de uma mãe, produziu notas harmoniosamente variadas, que haveriam de vibrar juntas e modular o concerto dos vastos céus!

O mundo, em seu surgimento, não se apresentava em sua força e plenitude de vida; não: o poder criador não se contradiz nunca e, como todas as coisas, o Universo nasceu “criança”. Constituída das leis antes mencionadas e da impulsão natural inerente à sua própria formação, a matéria cósmica primitiva deu, sucessivamente, origem a turbilhões, a aglomerações desse fluido difuso, a aglomerações de matéria nebulosa, que se dividiram por si e se modificaram ao infinito, para produzir, nas regiões incomensuráveis da amplidão, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em razão das forças que predominaram sobre um ou sobre outro, e das circunstâncias ulteriores que presidiram seu desenvolvimento, esses centros primitivos tornaram-se focos de uma vida especial; alguns, menos espalhados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram de imediato sua vida astral particular; outros, ocupando uma extensão ilimitada, desenvolveram-se com extrema lentidão ou se dividiram de novo em outros centros secundários.

16. Transportando-nos a alguns milhões de séculos somente, antes da época atual, verificamos que nossa Terra não existe ainda, e que nosso Sistema Solar não começou as evoluções da existência planetária. Mas

esplêndidos sóis já iluminavam o éter; planetas habitados davam vida e existência a uma multidão de seres que precederam a humanidade; as produções opulentas de uma natureza desconhecida e os fenômenos maravilhosos do espaço sideral desenvolveram, sob outros olhares, os imensos panoramas da criação. Que digo! Já deixaram de existir os esplendores, que muito antes fizeram palpitar o coração de outros mortais, sob o influxo do pensamento da potência infinita! E nós, pobres pequenos seres que chegamos depois de uma eternidade da vida existir, julgamo-nos contemporâneos da criação!

Ainda uma vez, compreendamos melhor a natureza. Sabemos que atrás de nós, como adiante, está a eternidade, que o espaço é teatro de uma sucessão e simultaneidade inimaginável de criações. Tais nebulosas que distinguimos com dificuldade, na profundidade do céu, são aglomerações de sóis em via de formação; outras são Vias Lácteas de mundos habitados; outras, enfim, a sede de catástrofes ou de extinção. Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, da mesma forma estamos no meio de uma dupla infinidade de durações anteriores e posteriores; que a criação universal não é apenas para nós e que não podemos aplicar esse conceito à formação isolada de nosso pequeno globo.

A CRIAÇÃO UNIVERSAL

17. Após ter recuado tanto quanto nos permitiu nossa limitação em direção à fonte oculta de onde os mundos provêm, como as gotas de água de um rio, consideremos a marcha das criações sucessivas e de seus desdobramentos sequenciados.

A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todo o Universo que estendem suas magnificências diante da eternidade; ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a ancestral e mais: a eterna geratriz. Não desapareceu essa substância, da qual provêm as esferas siderais. Não está morta, já que incessantemente gera criações e recebe os princípios reconstituídos dos mundos que se apagam do livro eterno.

A matéria etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde entre os espaços interplanetários; esse fluido cósmico que preenche o Universo, mais

ou menos rarefeito nas regiões imensas, ricas em aglomeração de estrelas, mais ou menos condensado, onde o céu astral ainda não brilha, mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localizações do espaço sideral, não é outra coisa senão a substância primitiva na qual reside as forças universais, de onde a natureza tem tirado todas as coisas⁸¹.

18. Esse fluido penetra os corpos, como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua sobre cada mundo, segundo sua condição inicial, no estado latente, que dormita lá, onde a voz de um ser não o chama. Cada criatura mineral, vegetal, animal ou outra – visto que há muitos outros reinos naturais, de cuja existência não suspeitais – sabe, em virtude desse princípio vital universal, apropriar-se das condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas do mineral têm certa quantidade dessa vida, tal como a semente e o embrião, e se agrupam como no organismo, em figuras simétricas que constituem o indivíduo.

É muito importante nos compenetrarmos na noção de que a matéria cósmica primitiva estava revestida não apenas nas leis que garantem a estabilidade dos corpos celestes mas também no princípio vital universal que forma as gerações espontâneas em cada mundo, à medida que apresentem as condições da existência sucessiva dos seres, e quando soa a hora da aparição dos filhos da vida, durante o período criador.

Assim se faz a criação universal. É, pois, correto dizer que as operações da natureza, sendo a expressão da vontade divina, Deus sempre criou, cria incessantemente e nunca deixará de criar.

19. Mas até aqui temos silenciado sobre o *mundo espiritual*, que também faz parte da criação e cumpre suas destinações, segundo as augustas prescrições do Senhor.

Eu só posso dar um ensinamento bem limitado sobre o modo de criação dos Espíritos, em virtude de minha própria ignorância, e também

81 Se indagássemos qual é o princípio dessas forças e como é possível estar na própria substância que o produziu, responderíamos que a mecânica nos oferece disso numerosos exemplos. A elasticidade que faz distender um elástico não estaria no próprio elástico, e não dependeria do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe sua impulsão do movimento primitivo que o tenha transmitido. (N. de Allan Kardec)

porque devo manter reserva sobre certas questões, as quais me foi permitido aprofundar.

Àqueles que estão religiosamente desejosos de conhecer, e que são humildes perante Deus, eu direi, solicitando-lhes que não deduzam de minhas palavras nenhum sistema prematuro, que o Espírito só chega a receber a iluminação divina que lhe dá, simultaneamente, com o livre-arbítrio e a consciência, a noção dos seus altos destinos, após ter passado pela série divinamente fatal, dos seres inferiores, entre os quais se elabora, lentamente, sua individualidade. É somente a partir do dia em que o Senhor imprime sobre sua fronte seu augusto sinal que o Espírito toma seu lugar entre as humanidades.

Reitero: não elaborem sobre minhas palavras, seus raciocínios, tão tristemente célebres na história da metafísica. Preferiria, mil vezes, calar-me sobre questões tão elevadas, acima das meditações habituais, que de vos expor a desnaturar o sentido de meu ensinamento, e vos jogar, por minha culpa, nos intrincados labirintos do deísmo ou do fatalismo⁸².

OS SÓIS E OS PLANETAS

20. Ora, ocorreu que em um ponto do Universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de uma imensa nebulosa. Essa nebulosa estava ativada pelas leis universais que regem a matéria. Em virtude dessas leis, principalmente da força molecular de atração, tomou uma forma esferoide, a única que pode assumir, primitivamente, uma massa de matéria isolada no espaço.

O movimento circular produzido pela gravitação, rigorosamente igual, de todas as zonas moleculares, em direção ao centro, logo modificou a

82 “Deísmo: O erro dos que aceitando a existência de Deus, só admitem a Teologia racional. (...) Fatalismo: Doutrina que atribui tudo à fatalidade, e não deixa nada ao livre-arbítrio.” (*Tesouro da língua portuguesa*. Porto: 1873). No caso do deísmo, por só aceitar deduções humanas, não dos Espíritos, estariam incompatíveis com o Espiritismo. Todavia, considerando-se os Espíritos como homens desencarnados, participando assim da humanidade, e desenvolvendo suas ideias pela razão e observação, poderiam ser aceitas por deístas. (N. do E.)

esfera primitiva, para conduzi-la, de movimento em movimento, à forma lenticular. Referimo-nos ao conjunto da nebulosa.

21. Novas forças surgiram após esse movimento de rotação: a força centrípeta e a força centrífuga. A primeira tendendo a reunir todas as partes no centro, a segunda tendendo a afastá-las. Ora, ao acelerar o movimento, à medida que a nebulosa se condensa e seu raio é aumentado, conforme ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga, incessantemente desenvolvida por essas duas causas, predominou rapidamente sobre a atração central.

Assim como um movimento muito rápido da atiradeira, rompe a corda, arremessando o projétil ao longe, a predominância da força centrífuga destacou o círculo equatorial da nebulosa, e desse anel formou uma nova massa, isolada da primeira, porém submetida ao seu domínio. Essa massa conservou seu movimento equatorial que, modificado, converteu-se em movimento de translação em torno do astro solar. Ademais, seu novo estado lhe conferiu um movimento de rotação em torno do próprio centro.

22. A nebulosa geratriz que deu origem a esse novo mundo condensou-se e retomou a forma esférica. Porém, como o calor primitivo, desenvolvido por seus movimentos diversos, diminuiu, pela extrema lentidão, o fenômeno que acabamos de descrever reproduziu-se muitas vezes, durante um longo período, até a nebulosa tornar-se muito densa, muito sólida, para opor uma resistência eficaz às modificações de forma, que lhe imprime, sucessivamente, seu movimento de rotação.

Assim, essa nebulosa não terá dado nascimento a um só astro, mas a centenas de mundos destacados no foco central, saídos dela, pelo modo de formação mencionado anteriormente. Ora, cada um desses mundos, formado, como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem a criação dos Universos, gerará, sucessivamente, novos mundos que, a partir de então, gravitarão em torno dele, do mesmo modo que ele, com seus irmãos, gravita em torno do foco que lhe deu existência e vida. Cada um desses mundos será um sol, centro de um turbilhão? De planetas, sucessivamente separados de seu equador. Esses planetas receberão uma vida especial, particular, ainda que dependente de seu astro gerador.

23. Os planetas, portanto, são formados de massas de matéria condensada, mas não ainda solidificada, destacadas da massa central, pela ação da força centrífuga, e que tomam, em virtude das leis do movimento, a forma

esferoidal mais ou menos elíptica, conforme o grau de fluidez que tenham conservado. Um desses planetas é a Terra que, antes de ser resfriada e revestida de uma crosta sólida, deu nascimento à Lua, pelo mesmo modo de formação astral, ao qual ela mesma deve sua existência. Desde então, a Terra está inscrita no livro da vida e é o berço de criaturas cuja fragilidade está protegida pela divina Providência; uma nova corda colocada na harpa infinita que, no lugar que ocupa, deve vibrar no concerto universal dos mundos.

OS SATÉLITES

24. Antes que as massas planetárias tivessem atingido um grau de resfriamento suficiente para se solidificarem, massas menores, verdadeiros glóbulos líquidos, destacaram-se da região equatorial de alguns deles, região na qual a força centrífuga é maior e, em consequência das mesmas leis, adquiriram um movimento de translação em torno do planeta que os gerou, como sucedeu a estes, com relação a seu astro central gerador.

Foi assim que a Terra deu nascimento à Lua, cuja massa, menos considerável, teve resfriamento mais rápido. Ora, as leis e as forças que presidiram seu deslocamento do equador terrestre e seu movimento de translação nesse mesmo plano agiram de tal maneira que este mundo, em vez de tomar a forma esferoide, tomou a de um globo ovoide, isto é, tomou a forma alongada de um ovo, com o centro de gravidade fixado na parte inferior.

25. As condições nas quais se efetuou a desagregação da Lua permitiram que se afastasse pouco da Terra, e a forçou a permanecer perpetuamente suspensa em seu céu, como uma figura ovoide, em que as partes mais pesadas formariam a parte inferior, voltada para a Terra, cujas partes menos densas ficam na parte de cima, se dissermos, desse jeito, que o lado oposto à Terra se volta para a imensidão do céu. É o que faz com que esse astro sempre nos mostre a mesma face. Para melhor compreensão, é possível comparar seu estado geológico a um globo de cortiça, em que a base voltada para a Terra seria formada de chumbo.

Há duas naturezas, essencialmente distintas, na superfície do mundo lunar: uma sem nenhuma analogia possível com o nosso, porque os corpos

fluídicos e etéreos são desconhecidos; a outra pouco densa em relação à Terra, já que todas as substâncias menos densas estão nesse hemisfério. A primeira perpetuamente voltada para a Terra, sem água nem atmosfera, a não ser nos limites desse hemisfério subterrestre; a outra, rica em fluidos, perpetuamente oposta ao nosso mundo⁸³.

26. O número e a situação dos satélites de cada planeta variam conforme as condições especiais como se formaram. Alguns não deram origem a nenhum astro secundário, como Mercúrio, Vênus e Marte, enquanto que outros formaram um ou vários, como a Terra, Júpiter, Saturno, etc.
27. Além de seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que parece, visto de longe, contorná-lo como uma auréola branca. Essa formação é para nós, uma nova prova da universalidade das leis da natureza. Esse anel é o resultado de uma separação que aconteceu, em tempos primitivos, no equador de Saturno, como se despreendeu da região equatorial da Terra, para formar seu satélite. A diferença está no fato de que o anel de Saturno se formou, todo, de moléculas homogêneas, provavelmente já num certo estado de condensação e pôde, dessa maneira, continuar seu movimento de rotação no mesmo sentido e, ao mesmo tempo, quase igual aquele que anima o planeta. Se um dos pontos desse anel tivesse ficado mais denso que os outros, uma ou várias aglomerações de substância seriam subitamente produzidas, e Saturno teria vários satélites a mais. Após o tempo de sua formação, esse anel se solidificou, do mesmo modo como os outros corpos planetários.

83 Essa teoria da Lua, absolutamente nova, explica, por meio da lei da gravitação, a razão pela qual essa estrela sempre apresenta a mesma face à Terra. Tendo o centro de gravidade em um dos pontos de sua superfície, em vez de estar no centro da esfera, e sendo conseqüentemente atraído para a Terra por uma força maior do que aquela que atrai as partes mais leves, a Lua produziria o efeito daqueles bonecos chamados João Teimoso, que são constantemente mantidos em sua base, enquanto os planetas, cujo centro de gravidade está a distâncias iguais da superfície, giram regularmente no próprio eixo. Fluxos vivificantes, gasosos ou líquidos, em virtude de sua leveza específica, seriam acumulados no hemisfério superior, constantemente oposto à Terra. O hemisfério inferior, o único que vemos, seria desprovido desses fluidos e, por essa razão, seria inadequado para a vida, que reinaria no outro. Portanto, se o hemisfério superior fosse habitado, seus habitantes nunca veriam a Terra, a menos que se movessem para o outro. (N. de Allan Kardec)

OS COMETAS

28. Astros errantes, mais ainda que os planetas que conservaram a denominação etimológica, os cometas serão os guias que nos ajudarão a transpor os limites do sistema ao qual pertence a Terra, para nos levar pelas regiões distantes da extensão sideral.

Mas, antes de explorar os domínios celestes, com o auxílio desses viajantes do Universo, será bom conhecer, tanto quanto seja possível, sua natureza intrínseca e seu papel na economia planetária.

29. Tem-se frequentemente visto nessas “estrelas cabeludas”⁸⁴, mundos nascentes elaborando em seu caos primitivo, as condições de vida e de existência que são patrimônio das terras habitadas. Outros imaginaram, nesses corpos extraordinários, mundos em estado de destruição, e sua aparência singular foi, para muitos, motivo de apreciações errôneas sobre sua natureza, de tal forma que não faltou até na Astrologia Judiciária quem os considerasse prenúncio de desgraças enviadas pela providência divina à Terra atemorizada e trêmula.

30. A lei de variedade é aplicada com uma tão grande profusão nos trabalhos da natureza que se indaga como os naturalistas, astrônomos ou filósofos têm criado tantos sistemas para assemelhar os cometas aos astros planetários, não vendo neles mais que astros em um grau mais ou menos elevado de desenvolvimento ou de caducidade. Os quadros da natureza deviam amplamente bastar para afastar do observador a preocupação de encontrar relações que não existam e deixar aos cometas o papel modesto, mas útil, de astros errantes, servindo de exploradores nos impérios solares. Esses corpos celestes dos quais estamos tratando são muito diferentes dos corpos planetários, porque não possuem o destino de servir de morada para humanidades; vão sucessivamente de sol em sol, enriquecendo-se em sua rota com os fragmentos planetários reduzidos a estado de vapor, absorvendo nos focos solares os princípios vivificantes e renovadores que derramam sobre os mundos terrestres.

84 No original: “astres chevelus”, ou cometas. Eram assim chamados antigamente, mesmo em português, por sua origem na palavra grega *kométes*, que significa cabeleira, em referência ao rastro de luz que remete a essa aparência. (N. do E.)

31. Se, quando um desses astros se aproxima de nosso pequeno globo para atravessar sua órbita e retornar a seu apogeu, situado a uma distância incalculável do Sol, nós o seguíssemos, pelo pensamento, para visitar com ele as regiões siderais, transporíamos essa extensão prodigiosa de matéria etérea que separa o Sol das estrelas mais vizinhas e, observando os movimentos combinados desse astro, que poderia ser suposto como perdido no deserto do infinito, lá encontraríamos uma prova eloquente da universalidade das leis da natureza, que funcionam em distâncias, que mesmo a imaginação mais fecunda mal pode conceber.

Lá, a forma elíptica se converte em parabólica e a marcha se torna tão lenta que o cometa não chega a percorrer mais que alguns metros, ao mesmo tempo que no seu perigeu percorre muitos milhares de léguas. Talvez um sol mais poderoso, mais importante do que o que ele acabou de deixar, exerça uma atração preponderante e o receba entre os próprios objetos. Então, as surpresas criaturas de vossa pequena Terra esperarão em vão o retorno que haviam previsto por observações incompletas. Nesse caso, nós, cujo pensamento seguiu o cometa errante até essas regiões desconhecidas, encontraremos uma nova nação, a qual as observações terrestres não podem encontrar, inimagináveis para os Espíritos que habitam a Terra, inconcebível para suas mentes, porque será o cenário de maravilhas inexploradas.

Somos oriundos do mundo astral, desse mundo resplandecente de imensos sóis que irradiam no espaço infinito, e que são as flores brilhantes do jardim magnífico da criação. Só depois de termos chegado de lá saberemos o que é a Terra.

A VIA LÁCTEA

32. Durante as belas noites estelares e sem Lua, pode-se distinguir essa faixa esbranquiçada que atravessa o céu, de uma extremidade à outra, e que os antigos tinham denominado *Via Láctea*, por causa de sua aparência leitosa. Esse esplendor difuso, nos tempos modernos, tem sido exaustivamente investigado pelas lentes do telescópio, e esse caminho de pó dourado, ou esse riacho de leite, da antiga mitologia, transformou-se em um vasto campo de maravilhas desconhecidas. As investigações dos observadores

têm levado ao conhecimento de sua natureza e revelado que ali, onde o olhar perdido só encontra uma tênue claridade, existem milhões de sóis mais luminosos e mais importantes do que o que ilumina nossa terra.

33. A Via Láctea, de fato, é uma campina semeada de flores solares e planetárias que brilham em sua vasta extensão. Nosso Sol e todos os corpos que o acompanham fazem parte desse conjunto de mundos radiantes, que compõe a Via Láctea. Entretanto, apesar de suas dimensões gigantescas relativamente à Terra, e à grandeza de seu império, o Sol ocupa apenas um lugar inapreciável nessa vasta criação. Pode-se contar uns 30 milhões de sóis semelhantes a ele que gravitam nessa imensa região, distanciados uns dos outros, de mais de 100 mil vezes o raio da órbita terrestre⁸⁵.

34. Pode-se avaliar, por esse cálculo aproximado, a extensão dessa região sideral e da relação que existe entre nosso sistema e a universalidade dos sistemas que ela contém. Do mesmo modo, podemos avaliar a exiguidade do domínio solar e, em consequência, o escasso valor de nossa pequena Terra. O que será dela, então, se considerarmos os seres que a povoam?

Eu digo *escasso valor* porque nossas constatações se aplicam não somente à extensão material, física, dos corpos que estudamos – isso seria pouco – mas também, e sobretudo, ao estado moral em que se acham, como morada, e a posição que ocupam na hierarquia universal dos seres. A criação aí se mostra em toda a sua majestade, criando e propagando ao redor do mundo solar e em cada um dos sistemas que o rodeiam as manifestações da vida e da inteligência.

35. Desse modo, conhece-se a posição ocupada pelo nosso Sol e a Terra no mundo das estrelas. Essas considerações ganharão um peso maior ainda se refletirmos sobre o estado da Via Láctea, que, vista de longe, na imensidão das criações siderais, não representa mais que um ponto insignificante e inapreciável, porque ela não é mais que uma nebulosa estelar entre os milhões delas que existem no espaço sideral. Se nos parece maior e mais rica que as outras, é pela simples razão de que nos rodeia e se desenvolve em toda a sua extensão, sob nossos olhos, enquanto que as outras, perdidas nas profundezas insondáveis, apenas se deixam entrever.

36. Ora, se sabemos que a Terra é nada ou quase nada no Sistema Solar, que ele é nada ou quase nada na Via Láctea, e esta é pouca coisa ou quase

85 Mais de 3 trilhões e 400 bilhões de léguas. (N. de Allan Kardec)

nada na universalidade das nebulosas, e essa universalidade é muito pouco no meio do imenso infinito só então começamos a compreender o que é o globo terrestre.

AS ESTRELAS FIXAS

- 37.** As estrelas denominadas fixas e que constelam nos dois hemisférios do firmamento não estão isentas da atração exterior, como supõem, geralmente. Longe disso, pertencem a uma mesma aglomeração de astros estelares. Essa aglomeração não é outra senão a grande nebulosa da qual fazemos parte e cuja região equatorial, projetada no céu, recebeu o nome de *Via Láctea*. Todos os sóis que a compõem são solidários; suas múltiplas influências reagem perpetuamente umas sobre as outras, e a gravitação universal as reúne todas em uma mesma família.
- 38.** Esses diversos sóis, como o nosso, estão rodeados, na maioria, de mundos secundários que iluminam e fecundam, pelas mesmas leis que presidem a vida de nosso sistema planetário. Uns, como “Syrius”, são milhares de vezes mais grandiosos em dimensões e em riquezas que o nosso, e o papel que desempenham no Universo é muito mais importante. Também estão rodeados por planetas em maior número e bem superiores aos nossos. Outros, são muito diferentes, por suas funções astrais. É assim que um certo número de sóis, verdadeiros gêmeos de ordem sideral, é acompanhado por seus irmãos da mesma idade e forma no espaço sistemas binários, aos quais a natureza deu funções distintas das que competem ao nosso Sol. Lá, os anos não se contam pelos mesmos períodos nem os dias pelos mesmos sóis, e esses mundos iluminados por uma luz dupla são dotados de condições de existência inimagináveis, para quem não saiu desse pequeno mundo terrestre.
- Outros astros, sem séquito, privados de planetas, receberam melhores condições de habitabilidade que os dados a qualquer dos demais. Em sua imensidade, as leis da natureza estão diversificadas, e se a unidade é a principal palavra do Universo, a variedade infinita é seu eterno atributo.
- 39.** Apesar do número prodigioso dessas estrelas e de seus sistemas, e das distâncias incomensuráveis que as separam, todas pertencem à mesma

nebulosa estelar, que a visão dos mais poderosos telescópios pode apenas atravessar, as concepções mais ousadas da imaginação só conseguem avaliar; nebulosa que não é mais que uma unidade no conjunto das nebulosas que compõem o mundo astral.

40. As estrelas que se chamam de fixas não são pontos imóveis no espaço sideral. As constelações que têm figurado na abóbada do firmamento não são criações simbólicas reais. A distância que se encontra a Terra, assim como a perspectiva sob a qual se mede o Universo a partir da Terra, são as duas causas dessa dupla ilusão de óptica.
41. Temos visto que a totalidade dos astros que brilham na cúpula azulada está contida numa mesma aglomeração cósmica, em uma mesma nebulosa que nomeaste *Via Láctea*. Embora todos pertençam ao mesmo grupo, cada um desses astros está impulsionado por um movimento próprio de translação no espaço. O repouso absoluto não existe em nenhuma parte; todos são regidos pelas leis universais de gravitação e giram no espaço sideral sob o impulso incessante dessa força imensa. Não giram seguindo rotas traçadas pelo acaso, mas segundo órbitas fechadas, cujo centro é ocupado por um astro superior. Para tornar minhas palavras mais compreensíveis pelo exemplo, falarei especialmente do vosso Sol.
42. Sabe-se, por observações modernas, que ele não é um ponto fixo nem central, como se acreditava nos primeiros dias da nova Astronomia, mas que ele avança pelo espaço, levando consigo seu enorme sistema de planetas, satélites e cometas.

Mas essa marcha não é um acaso, e ele não vai sem rumo perder seus filhos e dependentes pelos espaços infinitos, longe das regiões que lhe são designadas. Não, sua órbita é determinada e coordenada com outros sóis da mesma ordem, rodeados como ele de certo número de terras habitadas, e gravita em torno de um sol central. Seu movimento de gravitação, assim como o dos sóis seus irmãos, é imperceptível às observações anuais, já que somente um grande número de períodos seculares seriam suficientes para determinar de um de seus anos astrais.

43. Esse sol central, do qual acabamos de falar, é, por sua vez, um globo secundário que se relaciona com outro, mais importante ainda, ao redor do qual mantém uma marcha lenta e compassada, em companhia de outros sóis da mesma ordem.

Poderíamos comprovar essa subordinação sucessiva de sóis a sóis, até que nossa imaginação se canse de ascender por essa hierarquia, porque, não esqueçamos, que se pode contar em números redondos uns 30 milhões de sóis na Via Láctea, subordinados uns aos outros, como engrenagens gigantescas de um imenso sistema.

44. Esses astros, em quantidades incontáveis, vivem uma vida solidária. Do mesmo modo que nada está isolado na economia de vosso pequeno mundo terrestre, também nada se encontra isolado no incomensurável Universo.

Esses sistemas de sistemas pareceriam de longe – aos olhos investigadores do filósofo, que poderiam abranger o panorama desdobrado pelo espaço e pelo tempo –, uma poeira de pérolas de ouro, erguida em turbilhões sob o sopro divino, que faz voar nos céus os mundos siderais, como os grãos de areia sobre as dunas do deserto.

Nada de imobilidade, nada de silêncio, nada de noite! O grande espetáculo que se desdobra ante nossos olhos seria a criação real, imensa e plena da vida etérea, que engloba, em seu imenso conjunto, a visão infinita do Criador.

Mas só temos falado até aqui de uma nebulosa, cujos milhões de sóis e terras habitadas formam apenas uma ilha no arquipélago infinito.

OS DESERTOS DO ESPAÇO

45. Um deserto imenso, sem limites, estende-se além da aglomeração de estrelas das quais acabamos de falar e a envolve. Solidões sucedem solidões, e imensas planícies de vazio se estendem ao longe. Os aglomerados de matéria cósmica são isolados no espaço como ilhas flutuantes de um imenso arquipélago. Se quisermos calcular, de alguma maneira, a enorme distância que separa o aglomerado de estrelas do qual fazemos parte, das mais próximas aglomerações, é preciso saber que essas ilhas estelares estão disseminadas e são raras no vasto oceano dos céus, e que a extensão que separa umas das outras é incomparavelmente maior que a que mede suas respectivas dimensões. Ora, como vimos, a nebulosa estelar mede, em números redondos, mil vezes a distância que tem das mais próximas estrelas, tomadas por unidade. Isso quer dizer uns 100 mil trilhões de léguas. A

distância que existe entre elas, por ser muito maior, não pode ser expressa por números acessíveis à compreensão de nosso Espírito. Só a imaginação, em suas mais elevadas concepções, é capaz de transpor essa imensidão prodigiosa, essas solidões mudas e privadas de toda aparência de vida e encarar, de algum modo, a ideia desse infinito relativo.

46. Esse deserto celeste que envolve nosso Universo sideral e que parece estender-se como se fosse o mais longínquo final de nosso mundo astral é abrangido pela visão e pelo poder infinito de Deus que, para além dos céus de nossos céus, desenvolveu a trama de sua criação ilimitada.
47. Além dessas vastas solidões, mundos magníficos brilham tanto quanto nas regiões acessíveis às investigações humanas. Além desses desertos, esplêndidos oásis vagueiam no límpido éter e renovam, incessantemente, as cenas admiráveis da existência e da vida. Mais além, sucedem-se os conglomerados longínquos, de substância cósmica, que a visão profunda do telescópio entrevê, por meio das regiões transparentes de nosso céu e que nomeias de nebulosas irresolúveis, as quais parecem leves nuvens de poeira branca, perdidas em um ponto desconhecido do espaço etéreo. Lá se revelam e se desenvolvem mundos novos, cujas condições variadas e diferentes daquelas que são inerentes ao vosso globo dão-lhes uma vida que vossas concepções não podem imaginar nem vosso estudo constatar. É lá onde fulgura, em toda a sua plenitude, o poder criador. Para os que vêm das regiões ocupadas por vosso sistema, outras leis estão em ação, cujas forças regem as manifestações da vida e os novos caminhos que seguimos nessas regiões estranhas abrem-nos perspectivas desconhecidas.

SUCESSÃO ETERNA DOS MUNDOS

48. Vimos que uma só lei primordial e geral foi dada ao Universo a fim de assegurar a estabilidade eterna, e que essa lei geral é perceptível a nossos sentidos, por diversas ações particulares que nós denominamos forças diretrizes da natureza. Vamos mostrar, hoje, que a harmonia do mundo inteiro, considerado sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço, é assegurada por essa lei suprema.

49. Com efeito, se nos reportarmos à origem primeira das primitivas aglomerações de substância cósmica, notaremos que, desde então, sob o império dessa lei, a matéria sofreu as transformações necessárias que a levaram do germe ao fruto maduro, e que, sob a impulsão das forças diversas nascidas desta lei, ela percorreu a escala de suas revoluções periódicas; inicialmente, centro fluídico dos movimentos, em seguida gerador dos mundos, e mais tarde núcleo central e atrativo das esferas que nasceram em seu seio.

Já sabemos que essas leis presidem a história do cosmos. O que importa saber agora é se elas também regem a destruição dos astros, porque a morte não é somente uma metamorfose do ser vivo mas, além disso, uma transformação da matéria inanimada. E, se é verdade dizer, no sentido literal, que a vida só é acessível à foice da morte, ao mesmo tempo é exato afirmar que a substância deve passar, necessariamente, pelas transformações inerentes à sua constituição.

50. Eis um mundo que, desde seu berço primitivo, percorreu toda a extensão dos anos que sua organização especial lhe permitiu percorrer. O foco interior de sua existência se extinguiu, seus elementos próprios perderam sua virtude inicial; os fenômenos de sua natureza que requeriam, para serem produzidos, a presença e a ação das forças destinadas a esse mundo agora já não podem produzir-se, porque a alavanca da sua atividade não tem mais o ponto de apoio que lhe dava toda a sua força.

Ora, será que essa terra extinta e sem vida continuará orbitando no espaço celeste sem uma finalidade e passará como uma cinza inútil no turbilhão dos céus? Permanecerá inscrita no livro da vida universal, quando não passa de letra morta e despida de sentido? Não. As mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e a premiaram com os esplendores da vida, que a governaram durante os séculos de sua adolescência, consolidaram seus primeiros passos na existência e a conduziram à idade madura e à velhice, vão também presidir a degradação de seus elementos constitutivos para restituí-los ao laboratório, de onde o poder criador tira, incessantemente, as condições da estabilidade geral. Esses elementos vão voltar a essa massa comum do éter para se assimilar a outros corpos, ou para regenerar outros sóis. Assim, essa morte não será um acontecimento inútil nem para essa terra nem para suas irmãs; ela renovará, em outras regiões, criações

de natureza diferente e lá, onde os sistemas de mundo terão desaparecido, renascerá em breve outro canteiro de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

51. A eternidade real e efetiva do Universo está assegurada, desse modo, pelas mesmas leis que dirigem as operações do tempo. Assim, os mundos se sucedem aos mundos, os sóis aos sóis, sem que o imenso mecanismo da vastidão dos céus seja, jamais, afetado em suas gigantescas jurisdições.

Lá, onde vossos olhos admiram esplêndidas estrelas sob a abóbada noturna, e vosso Espírito contempla as irradiações magníficas que resplandecem nos espaços distantes, há muito tempo que o dedo da morte extinguiu tais esplendores, o vazio sucedeu a esses deslumbramentos e recebeu novas criações, ainda desconhecidas. A imensa distância em que se encontram esses astros, por efeito da qual a luz que nos enviam leva milhares de anos para chegar até nós, faz com que recebamos somente agora os raios enviados muito tempo antes da criação da Terra e que, entretanto, os admiramos durante milhares de anos depois de seu desaparecimento real.

O que são 6 mil anos da humanidade histórica frente aos períodos seculares? Apenas segundos nos vossos séculos? O que são vossas observações astronômicas frente ao estado absoluto do mundo? A sombra eclipsada pelo Sol.

52. Por isso, reconheçamos aqui, como em nossos outros estudos, que a Terra e o homem nada são em relação ao que existe e que as mais colossais operações de nosso pensamento transitam com dificuldade sobre um campo imperceptível, em comparação com a imensidão e a eternidade de um Universo que nunca terá fim.

E quando esses períodos de nossa imortalidade tiverem passado sobre nossa cabeça, quando a história atual da Terra nos parece como uma sombra vaporosa no fundo de nossa lembrança; quando tivermos habitado, durante séculos incontáveis, esses diversos graus de nossa hierarquia cosmológica; quando os mais longínquos domínios das futuras idades tiverem sido percorridos por inumeráveis peregrinações, então, teremos adiante a sucessão ilimitada dos mundos e, por perspectiva, a imóvel eternidade.

A VIDA UNIVERSAL

- 53.** A imortalidade das almas, da qual o sistema do mundo físico é a base, pareceu imaginária aos olhos de certos pensadores preconceituosos. Eles a qualificaram, ironicamente, como imortalidade viajante, e não compreenderam que só ela era verdadeira ante o espetáculo da criação. Contudo, é possível compreender toda a sua grandeza, inclusive, eu diria, toda a sua perfeição.
- 54.** Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e a inteligência; que os mundos sejam a estada de seres que os contemplam e que descobrem neles, sob seus véus, o poder e a sabedoria daquele que os formou. Essa questão não é mais incerta para nós. São questões que já não nos oferecem dúvidas. Mas, se as almas que as povoam são solidárias, é o que importa saber.
- 55.** A inteligência humana, de fato, encontra dificuldade em considerar que esses globos radiantes, que cintilam na vastidão, sejam simples massas de matéria inerte e sem vida. Fica difícil pensar que nessas regiões distantes não existam magníficos crepúsculos e noites esplêndidas, sóis fecundos e dias cheios de luz, vales e montanhas, onde as produções múltiplas da natureza desenvolveram toda a sua pompa luxuriante. Custa-lhe imaginar que o espetáculo divino, com o qual a alma pode se retemperar, como em sua própria vida, seja desprovido de existência e de qualquer ser pensante que o possa conhecer.
- 56.** Mas a essa ideia eminentemente acertada da criação é preciso juntar a da humanidade solidária, e é nisso que consiste o mistério da eternidade futura.

Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos, e a esses mundos foram confiados os laços de uma fraternidade que ainda não está ao alcance de seus entendimentos. Esses astros que se harmonizam nos seus vastos sistemas estão habitados por inteligências de que não são seres desconhecidos uns dos outros, mas seres que levam em sua frente os sinais do mesmo destino, que hão de se encontrar, temporariamente, segundo suas funções de vida e que se encontrarão de novo, conforme suas mútuas simpatias. É a grande família de Espíritos que povoam as terras

celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abraça a extensão dos céus e que permanece como modelo primitivo e último da perfeição espiritual.

57. Por qual estranha aberração se acreditou que era necessário negar a imortalidade as vastas regiões do éter para encerrá-la em um limite inadmissível e numa dualidade absoluta? O verdadeiro sistema do mundo deveria, então, preceder a verdadeira doutrina dogmática, e a Ciência preceder a Teologia? Esta se extraviará tanto que sua base se estabeleça na Metafísica? A resposta é fácil e nos mostra que a nova filosofia se assentará triunfante, sobre as ruínas da antiga, porque sua base se elevará vitoriosa sobre os velhos erros.

A CIÊNCIA

58. A inteligência humana expandiu suas poderosas concepções além dos limites do espaço e do tempo; penetrou no domínio inacessível dos velhos tempos, sondou o mistério dos céus insondáveis e explicou o enigma da criação. O mundo exterior desdobrou, sob os olhares da Ciência, seu panorama esplêndido e sua magnífica opulência, e os estudos do homem permitiram que se elevasse até o conhecimento da verdade; ele explorou o Universo, encontrou a expressão das leis que o regem e a aplicação das forças que o sustentam e se não lhe foi dado olhar, face a face, a causa primeira, ao menos chegou à noção matemática da série das causas secundárias.

Neste último século, sobretudo, o método experimental – o único verdadeiramente científico – foi posto em prática nas Ciências Naturais, e com sua ajuda o homem deixou, aos poucos, os prejudgments da antiga escola e das teorias especulativas para manter-se no campo da observação, cultivando-a com atenção e inteligência.

Sim, a Ciência dos homens é sólida e fecunda, digna de nossas homenagens pelo seu passado difícil e longamente provado, e digna de nossas simpatias pelo seu futuro repleto de descobertas úteis e proveitosas, porque a natureza é agora, um livro de fácil acesso às pesquisas do homem estudioso, um mundo aberto às investigações do pensador, uma região brilhante

que o Espírito humano já visitou, e na qual ele pode avançar com decisão, levando a experiência por bússola.

59. Um velho amigo de minha vida terrestre assim me falou recentemente. Uma peregrinação nos havia reconduzido à Terra, e nós, de novo, estudamos moralmente esse mundo. Meu companheiro acrescentou que o homem está atualmente familiarizado com as leis, as mais abstratas da Mecânica, da Física, da Química; que suas aplicações à indústria não são menos notáveis do que as deduções da Ciência pura, e que a criação inteira, sabiamente estudada por ele, parecia ser, daqui para frente, seu real atributo. E como prosseguíamos nossa marcha, já fora deste mundo, eu lhe respondi nesses termos:

60. Frágil átomo perdido em um ponto imperceptível do infinito, o homem acreditou abranger com seu olhar a extensão universal, quando apenas pode contemplar a região que habita; crê estudar as leis da natureza inteira, mas, suas percepções se limitam às forças em volta dele; acreditou que determinara a grandeza do céu quando se desgasta para definir um simples grão de poeira. O campo de suas observações é tão exíguo que lhe custa encontrar um fato perdido de vista. O céu e a terra do homem são tão pequenos que a alma, em seu voo, não tem o tempo de estender as asas, antes que chegue às últimas paragens acessíveis à observação.

O Universo incomensurável nos rodeia por todas as partes, ostentando para além dos céus riquezas desconhecidas, pondo em ação forças inapreciáveis, desenvolvendo modos de existência inconcebíveis para nós e propagando ao infinito o esplendor e a vida.

E o ácaro-da-farinha, minúsculo inseto privado de asas e de luz, cuja triste existência transcorre sobre a pétala onde nasceu, pretenderia – por ter dado alguns passos sobre essa pétala agitada pelo vento – ter o direito de falar sobre a árvore imensa a qual pertence e da qual apenas percebe a sombra? Acaso imaginaria, loucamente, poder raciocinar sobre a floresta da qual sua árvore faz parte e discutir com sabedoria sobre a natureza dos vegetais que aí se desenvolvem e sobre os seres que neles habitam, do sol longínquo, do qual os raios penetram algumas vezes, para levar-lhe o movimento e a vida? Em verdade, o homem seria demasiado pretensioso em querer medir a grandeza infinita com sua pequenez ínfima!

Também o homem deveria estar bem compenetrado desta ideia: que se o árduo trabalho dos séculos passados lhe tenham dotado os primeiros

conhecimentos das coisas, se o progresso do Espírito o haja colocado no vestíbulo do saber, ele nada mais fez que soletrar a primeira página do livro. Ele é como a criança, susceptível de enganar-se a cada palavra, de tal modo que, longe de pretender interpretar a obra de maneira doutoral, deve se contentar em estudar humildemente, página por página, linha por linha. Felizes aqueles que podem fazê-lo.

CONSIDERAÇÕES MORAIS

- 61.** Vós nos acompanhastes em nossas excursões celestes e visitastes conosco, regiões imensas do espaço. Sob nosso olhar, os sóis têm se sucedido aos sóis, os sistemas aos sistemas, as nebulosas às nebulosas. O panorama esplêndido da harmonia do cosmos se desenrola ante nossos passos, e temos recebido um antegozo da ideia de infinito que só poderemos compreender em toda a sua plenitude conforme nossa perfectibilidade futura. Os mistérios do éter nos desvendaram seu enigma, até aqui indecifráveis, e concebemos ao menos a ideia da universalidade das coisas. Importa, agora, parar e refletir.
- 62.** É belo, sem dúvida, ter reconhecido a insignificância da Terra e sua medíocre importância na hierarquia dos mundos; é belo ter abatido a presunção humana, que nos é tão cara, e de nos termos humilhado ante a grandeza absoluta. Mas será mais belo ainda interpretarmos sob o sentido da moral o espetáculo do qual fomos testemunha. Quero falar do poder infinito da natureza e da ideia que devemos fazer de seu modo de agir nas diversas partes do imenso Universo.
- 63.** Habitados como estamos a julgar as coisas segundo nossa pobre e pequena morada, imaginamos que a natureza só pode e deva agir nos outros mundos, dentro das regras que temos reconhecido na Terra. Ora, é precisamente nesse ponto que devemos reformular nosso modo de pensar.
- Lançai por um instante o olhar sobre uma região qualquer de vosso globo e sobre uma das produções de vossa natureza; não reconheceis aí a prova de uma variedade infinita e de uma atividade sem igual? Não vedes sobre a asa de um pequeno pássaro das Canárias, sobre a pétala de um botão de rosa entreaberto, a prodigiosa fecundidade dessa bela natureza?

Que vossos estudos se apliquem aos seres que planam nos ares; que se estendam à violeta dos bosques; que submerjam sob as profundezas do oceano e, em tudo e por toda parte, lereis esta verdade universal: a natureza todo-poderosa age conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias. Ela é única em sua harmonia geral, mas múltipla em suas produções. Brinca com um sol como com uma gota d'água; ela povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade que faz eclodir o ovo depositado por uma borboleta no outono.

- 64.** Ora, se tal é a variedade que a natureza tem podido nos descrever em todos os lugares, sobre esse pequeno mundo, tão estreito, tão limitado, quanto mais amplo deveis considerar esse modo de ação se avaliais as perspectivas de mundos enormes? Quanto mais desenvolvida e pujante haveis de reconhecer seu poderoso alcance, se a aplicais nesses mundos maravilhosos que, muito mais que a Terra, dão testemunho de sua incomensurável perfeição?

Não vejais, pois, nunca, em torno de cada um dos sóis do espaço, sistemas planetários semelhantes ao vosso; não vejais nesses planetas só os supostos três reinos da natureza que ocorrem em torno de vós, mas pensai, ao contrário, que, assim como nenhum rosto de homem é igual a outro, em todo gênero humano também uma diversidade prodigiosa, tem sido espalhada pelas moradas etéreas, que flutuam no espaço sideral.

Do fato de que a nossa natureza viva começa com o zoófito e termina com o homem; do fato de que a atmosfera alimenta a vida terrestre; que o elemento líquido a renova constantemente; que as estações fazem suceder nesta vida os fenômenos que as distinguem, não se deve concluir que os milhões de milhões de mundos que vagueiam no espaço sejam semelhantes a este no qual habitam. Longe disso, eles diferem segundo as diversas condições que lhes foram atribuídas e conforme seus respectivos papéis no cenário universal. Essas são as pedrarias variadas de um imenso mosaico, as flores diversificadas de um admirável jardim.

CAPÍTULO VII

Esboço geológico da Terra⁸⁶

Períodos geológicos – Estado primitivo do globo – Período primário – Período de transição – Período secundário – Período terciário – Período diluviano – Período pós-diluviano ou atual – Nascimento do homem

PERÍODOS GEOLÓGICOS

1. A Terra traz em si os traços evidentes de sua formação; seguem-se as fases com uma precisão matemática nos diversos terrenos que compõem sua estrutura. O conjunto desses estudos constitui a Ciência chamada *Geologia*, nascida neste século e que lançou luz sobre a questão tão controvertida da origem da Terra e dos seres vivos que a habitam. Nela não há

86 Todo este capítulo apresenta a formação da Terra pelos conceitos científicos da Geologia, situados no contexto histórico do século 19, quando essa obra foi publicada. Essa Ciência apenas iniciava, enfrentando a oposição dos religiosos, que defendiam como verdade a descrição da Gênese bíblica. Preparar e enriquecer o conhecimento de seu leitor contemporâneo para essa transição foi o objetivo de Allan Kardec. Nesse sentido, numa revista de divulgação científica de 1850, ao tratar de Geologia, essa questão foi apresentada: “As primeiras hipóteses emitidas sobre a origem, o progresso físico da Terra, foram quase inteiramente ditadas por um sentimento religioso, pela necessidade de subordinar as explicações físicas da Geologia à palavra inviolável, à letra rigorosa das divinas escrituras. No primeiro livro do Pentateuco, *Gênesis*, vem narrada a formação da Terra aos seis dias chamados da criação. A tradição divina passou durante séculos escudada pela autoridade infalível da igreja. Os sábios, dentro daqueles limites estreitíssimos, criaram sistemas com que se explicava a formação da Terra por um modo abrupto, instantâneo. A essas teorias exclusivas, subordinando a Ciência aos limites de tempo, que as letras divinas pareciam circunscrever, sucedeu uma doutrina mais ampla, mais racional e que traduz mais logicamente os fatos observados”. (*Revista Popular*. v. 2. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850). (N. do E.)

nenhuma hipótese; é o resultado rigoroso da observação dos fatos e, em presença deles, a dúvida jamais será permitida. A história da formação do globo está escrita nas camadas geológicas de um modo bem mais certo que nos livros preconcebidos, porque é a natureza que fala e se mostra descoberta, e não a imaginação dos homens, que criam sistemas. Onde se vê traços do fogo, pode-se dizer, com certeza, que o fogo existiu; onde se vê traços da água, diz-se, com certeza, que a água esteve lá; onde se vê traços dos animais, diz-se que os animais ali viveram.

A Geologia é, pois, uma Ciência toda de observação; só tira suas consequências do que vê. Sobre os pontos duvidosos, ela nada afirma. Só emite opiniões contestáveis, cuja solução definitiva espera observações mais completas. Sem as descobertas da Geologia, assim como da Astronomia, a Gênese do mundo estaria ainda nas trevas da lenda. Graças a ela, atualmente, o homem conhece a história da sua habitação e o alicerce das fábulas que embalsamaram seu berço desmoronaram para não mais se reerguer.

2. Por toda parte, onde existiam, nos terrenos, fendas, escavações naturais ou praticadas pelos homens, distingue-se o que se chama de *estratificação*, isto é, camadas superpostas. Os terrenos que apresentam tal disposição são designados *terrenos estratificados*. Essas camadas de uma espessura muito variada, desde alguns centímetros até 100 metros e mais, distinguem-se entre elas pela cor e a natureza das substâncias das quais se compõem. Os trabalhos de arte, a perfuração dos poços, a exploração das pedreiras e, sobretudo, das minas permitiram observá-las até uma assaz grande profundidade.
3. As camadas são geralmente homogêneas, ou seja, cada uma é formada de uma mesma substância, ou de diversas substâncias que existiram simultaneamente e tenham formado um todo compacto. A linha de separação que as isola umas das outras é sempre nitidamente cortada, como nas fileiras de pedra de um edifício. Em nenhuma parte elas se misturam e se perdem umas das outras nos sítios de seus limites respectivos, como é o caso, por exemplo, das cores do prisma e do arco-íris.

Por essas características, reconhece-se que elas foram formadas sucessivamente, depositadas umas sobre as outras em condições e causas distintas. As mais profundas foram naturalmente formadas primeiro e as mais superficiais, posteriormente. A última de todas, que se encontra na superfície,

é a camada de terra vegetal, que deve suas propriedades aos detritos das matérias orgânicas provenientes das plantas e dos animais.

As camadas inferiores, colocadas sob a camada vegetal, receberam, em Geologia, o nome de *rochas*, termo que, nessa acepção, não implica, sempre, na ideia de uma substância pedregosa, porém significa um leito ou banco composto de uma substância mineral qualquer. Umas são formadas de saibro, de argila ou terra argilosa, de marga, de calhaus roliços; outras, de pedras propriamente ditas, mais ou menos duras, tais como os arenitos, os mármore, o giz, os calcários ou pedras de cal, as pedras de mós, os carvões minerais, os asfaltos, etc. Diz-se que uma rocha é mais ou menos poderosa, conforme sua espessura.

4. Pela inspeção da natureza dessas *rochas* ou camadas, reconhece-se, por meio de certos sinais, que umas provêm de matérias fundidas e, por vezes, vitrificadas pela ação do fogo; outras, de substâncias terrosas, depositadas pelas águas (aluviões). Algumas dessas substâncias ficam desagregadas, como o saibro; outras, a princípio, no estado pastoso, sob ação de certos agentes químicos ou outras causas – endurecem-se e adquirem ao longo do tempo a consistência da pedra. Os bancos de pedras superpostos anunciam os depósitos sucessivos. O fogo e a água têm sido parte da ação, na formação dos materiais que compõem a estrutura sólida do globo.
5. A posição normal das camadas terrestres ou pedregosas, provindas de depósitos aquosos, é a horizontal. Logo que se veem essas imensas planícies que se estendem às vezes a perder de vista, de uma horizontalidade perfeita, unidas como se tivessem sido niveladas por rolos, ou esses fundos de vale também planos, como a superfície de um lago, pode-se estar certo de que em uma época mais ou menos recuada esses lugares estiveram, por longo tempo, cobertos por águas tranquilas que, ao se retirarem, deixaram a seco as terras que haviam sido depositadas durante sua permanência. Após a retirada das águas, essas terras se cobriram de vegetação. Se, no lugar de terras férteis, limosas, argilosas ou arenosas, próprias para assimilar os princípios nutritivos, as águas somente tivessem depositado saibros siliciosos, sem agregação, haveriam planícies arenosas e áridas, que constituem as charneças e os desertos. Os depósitos que deixaram as inundações parciais e os que formam os aterros nas embocaduras dos rios podem nos dar uma pequena ideia disso.

6. Ainda que a horizontalidade seja a posição normal e a mais geral das formações aquosas, vê-se frequentemente grandes extensões nos países montanhosos, de rochas duras, cuja natureza indica terem sido formadas pelas águas, numa posição inclinada e, por vezes, vertical. Ora, como, a partir das leis de equilíbrio dos líquidos e da gravidade, os depósitos aquosos só se podem formar em planos horizontais, atentando que os que se põem sobre planos inclinados são arrastados nos baixios, pelas correntes e o próprio peso, fica evidente que esses depósitos devam ter sido soerguidos por uma força qualquer após sua solidificação ou transformação em pedras.

Dessas considerações, pode-se concluir, com certeza, que todas as camadas petrificadas que provêm de depósitos aquosos de uma posição perfeitamente horizontal foram formadas na sequência dos séculos por águas tranquilas e que, todas as vezes que elas têm uma posição inclinada, o solo esteve abalado e deslocado, posteriormente, por convulsões generalizadas ou parciais, mais ou menos consideráveis.

7. Um fato característico, da mais alta importância, pelo testemunho irrecusável que fornece, consiste nos fragmentos *fósseis* de animais e de vegetais que se encontram, em quantidades incomensuráveis, nas diferentes camadas; e como esses fragmentos se encontram mesmo nas pedras mais duras, torna-se necessário concluir que a existência desses seres é anterior à formação das respectivas pedras. Considerando o número prodigioso de séculos que foi necessário para haver o endurecimento dessas rochas, até chegarem ao estado em que estão, desde tempos imemoriais, chega-se forçosamente à conclusão de que a aparição de seres orgânicos sobre a Terra se perde na noite dos tempos e que é bem anterior, por consequência, do que a data assinalada pela Gênese⁸⁷.

87 Fóssil, do latim *fossilia, fossilis*, derivado de *fossa*, cova, e de *fodere*, cavar, cavar a terra. Na Geologia, essa palavra é usada para designar corpos ou restos de corpos orgânicos pertencentes a seres que viveram antes das épocas históricas. Por extensão, também se fala das propriedades minerais que revelam traços da presença de seres organizados, como impressões deixadas por plantas ou animais.

A palavra “fóssil”, cujo significado é mais geral, substituiu o termo “petrificação”, que só se aplicava a corpos transformados em pedra pela infiltração de materiais siliciosos ou calcários em tecidos orgânicos. Todas as petrificações são necessariamente fósseis, mas nem todos os fósseis são petrificações.

8. Entre esses fragmentos de vegetais e de animais estão os que foram penetrados em todas as partes de sua substância, sem que sua forma fosse alterada, de matérias siliciosas ou calcárias, que as transformaram em pedras, algumas das quais têm a dureza do mármore; são as petrificações propriamente ditas. Outros foram simplesmente envolvidos por matéria no estado pastoso; encontram-se intactos e alguns inteiros nas pedras mais duras. Outros, enfim, só deixaram sua impressão, mas com uma nitidez e delicadeza perfeitas. No interior de certas pedras, encontram-se até a impressão de passos, com a forma do pé, dos dedos e das garras reconhecendo-se a qual espécie de animal elas pertenciam.
9. Os fósseis de animais não compreendem quase nada senão as partes sólidas e resistentes, a saber: a ossada, as carapaças e os chifres. Por vezes, são esqueletos completos. Na maioria das vezes, são apenas partes destacadas, mas é fácil reconhecer a procedência. Na inspeção de uma mandíbula, de um dente, vê-se logo se ela pertence a um animal herbívoro ou carnívoro. Como todas as partes do animal têm uma correlação necessária, a forma da cabeça, de uma omoplata, de um osso de perna, de um pé é suficiente para determinar a estatura, a forma geral, o gênero de vida do animal⁸⁸. Os animais terrestres têm uma organização que não permite que se confunda com os animais aquáticos. Os peixes e os moluscos fósseis são excessivamente numerosos; os moluscos formam, algumas vezes, bancos inteiros de uma grande espessura. Por sua natureza é possível reconhecer, sem dificuldade, se são animais marinhos ou de água doce.
10. Os calhaus roliços, que, em certos locais, constituem rochas poderosas, são um índice inequívoco de sua origem. Eles são arredondados como os seixos da borda do mar, sinal, certamente, do atrito a que foram submetidos pelo efeito das águas. Os sítios onde se encontram enterrados em

Os objetos que são cobertos por uma camada pedregosa, quando submersos em certas águas carregadas de substâncias calcárias, não são propriamente petrificações, mas simples incrustações. Quanto aos monumentos, às inscrições e aos objetos da fabricação humana, pertencem ao domínio da Arqueologia. (N. de Allan Kardec)

88 O ponto para o qual Georges Cuvier elevou a Ciência Paleontológica permite que ele, frequentemente, a partir de um único osso possa determinar o gênero, a espécie, a aparência de um animal, seus hábitos e até mesmo reconstruí-lo completamente. (N. de Allan Kardec)

massas consideráveis têm sido, incontestavelmente, ocupados pelo oceano ou por águas violentamente agitadas.

11. Os terrenos das diversas formações são distintamente caracterizados pela natureza própria dos fósseis que encerram. Os mais antigos contêm espécies animais e vegetais que desapareceram inteiramente da superfície do globo. Certas espécies mais recentes igualmente desapareceram, mas conservaram seus análogos que não diferem de sua estirpe, senão pelo porte e por algumas diferenças de forma. Outros, enfim, dos quais vemos os últimos representantes tendem evidentemente a desaparecer em um futuro mais ou menos próximo, tais como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos, etc. Assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam da nossa época, as espécies animais e vegetais se aproximam também das que existem atualmente.

As perturbações, os cataclismos que tiveram lugar sobre a Terra após sua origem, mudaram as condições de vitalidade e fizeram desaparecer gerações inteiras de seres vivos.

12. Observando a natureza das camadas geológicas, sabe-se da maneira mais positiva se, na época de sua formação, o sítio que a encerra estava ocupado pelo mar, por lagos ou por florestas e planícies repletas de populações animais terrestres. Se em uma mesma região encontra-se uma série de camadas superpostas, contendo alternativamente fósseis marinhos, terrestres e de água doce, várias vezes repetidas, isso é uma prova irrefutável de que essa mesma região esteve, por várias vezes, invadida pelo mar, coberta de lagos e postas a seco.

E quantos séculos de séculos certamente, quantos milhares de séculos talvez foram necessários a cada período para se cumprir! Que força poderosa não teria sido necessária para tirar e recolocar o oceano e para elevar as montanhas! Por quantas revoluções físicas, comoções violentas, a Terra não teve de passar antes de ser o que nós vemos hoje, após ter passado os tempos históricos! E queriam que fosse obra de tempo ínfimo, que não poderia servir nem para uma planta germinar!

13. O estudo das camadas geológicas atesta, assim como foi dito, as formações sucessivas que mudaram o aspecto do globo e dividem sua história em diversas épocas. Essas épocas constituem o que é chamado de *períodos geológicos*, dos quais o conhecimento é essencial para o estabelecimento da

Gênese. Conta-se em seis principais, assim designados: período primário, de transição, secundário, terciário, diluviano, pós-diluviano ou atual. Os terrenos formados durante a duração de cada período se chamam terrenos primitivos, de transição, secundários, etc. Diz-se assim que tal ou qual camada ou rocha, tal ou qual fóssil encontram-se nos terrenos de tal ou qual período.

14. É essencial notar que o nome desses períodos não é essencialmente absoluto e que depende de sistemas de classificação. Não se compreende nos seis principais designados anteriormente, senão que são marcados por uma transformação notável e geral no estado do globo. Mas a observação prova que várias formações sucessivas foram operadas durante a duração de cada uma; é porque se dividem em subperíodos caracterizados pela natureza dos terrenos e que portam a 26 o número das formações gerais bem caracterizadas, sem computar os que provêm de modificações vindas de causas puramente locais.

ESTADO PRIMITIVO DO GLOBO

15. O achatamento dos polos e outros fatos concludentes são indícios certos de que a Terra deve ter tido, em sua origem, um estado de fluidez ou de maleabilidade. Esse estado podia ter por causa a matéria liquefeita pelo fogo ou diluída pela água.

Diz-se proverbialmente: não há fumaça sem fogo. Essa proposição, rigorosamente verdadeira, é uma aplicação do princípio: não há efeito sem causa. Pela mesma razão pode-se dizer que não há fogo sem fogueira. Ora, pelos fatos que se passaram sob nossos olhos, não é apenas da fumaça que se produz, é de um fogo bem real que deva ter uma fogueira. Como esse fogo vem do interior da Terra e não de cima, o foco deve estar dentro dele; e como o fogo é permanente, o foco também deve ser.

O calor que aumenta à medida que penetra no interior da Terra e que, a certa distância da superfície, atinge uma temperatura muito elevada; as fontes termais tanto mais quentes quanto venham de uma profundidade maior; os fogos e as massas de matéria fundida e abrasada que se escapam dos vulcões, como por vastos suspiros, ou pelas clivagens produzidas em

certos tremores de terra não podem deixar dúvida sobre a existência de um fogo interior.

16. A experiência demonstra que a temperatura se eleva de um grau centígrado para cada 30 metros de profundidade; a uma profundidade de 300 metros, o aumento é de 10 °C; a 3 mil metros será de 100 graus, temperatura da água em ebulição; a 30 mil metros ou a 7 até 8 léguas de mais de 3.300 graus, temperatura na qual nenhuma matéria conhecida resiste à fusão. De lá, para o centro, que seria ocupado por materiais fundidos, ainda há uma distância de mais de 1.400 léguas, ou 2.800 léguas se o diâmetro for considerado.

Ainda que isso não seja senão mais uma conjectura, julgando-se a causa pelo efeito, possui todas as características da probabilidade e chega-se à conclusão de que a Terra é ainda uma massa incandescente recoberta de uma crosta sólida de 25 léguas ou mais de espessura, o que é somente a 120ª parte de seu diâmetro. Proporcionalmente, seria muito menos que a espessura da mais delgada casca de laranja.

De resto, a espessura da crosta terrestre é muito variável, porque há regiões, sobretudo em terrenos vulcânicos, onde o calor e a flexibilidade do solo indicam que ela é pequena. A alta temperatura das águas termais é igualmente o índice da vizinhança do fogo central.

17. Assim sendo, isso demonstra, evidentemente, que o estado primitivo de fluidez ou maleabilidade da Terra deve ter sido por causa da ação do calor, e não da água. A Terra era, em sua origem, uma massa incandescente. Como resultado da irradiação do calórico⁸⁹, chegou a toda matéria em fusão: ela esfriou pouco a pouco, o que naturalmente começou pela superfície, que endureceu, enquanto que o interior permaneceu fluido. Pode-se assim comparar a Terra a um bloco de carvão que sai todo vermelho da fornalha e cuja superfície se apaga e se resfria ao ter contato com o ar. Então, sendo quebrado, encontra-se o interior ainda em brasa.

89 Allan Kardec faz referência ao fluido calórico, hipótese de que o calor seria representado por uma substância material, fluido imponderável e indestrutível, constituída de átomos sem peso, invisíveis, atraídos pela matéria comum. Sendo absorvida, aumentaria o calor, e sua retirada, causaria o frio. Nesta obra, os Espíritos explicaram que o calor seria um estado de vibração das moléculas, adotando a teoria do Fluido Cósmico Universal (veja-se no capítulo VI, item 10). (N. do E.)

18. Na época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, ele não continha um átomo a mais ou a menos do que atualmente; apenas, sob a influência dessa alta temperatura, a maior parte da substância que lhe compõe, e que vemos sob a forma de líquidos ou de sólidos, de terras, de pedras, de metais e de cristais, encontrava-se em um estado bem diferente; só fizeram sofrer uma transformação. Por sequência do resfriamento e das misturas, os elementos formaram novas combinações. O ar, consideravelmente dilatado, devia se estender a uma distância incomensurável; toda água forçosamente reduzida a vapor estava misturada com o ar; todas as matérias susceptíveis de se volatilizar, tais como os metais, o enxofre, o carbono, encontravam-se em estado de gás. O estado da atmosfera não tinha nada de comparável ao que é atualmente; a densidade de todos esses vapores dava-lhe uma opacidade que não podia ser atravessada por nenhum raio de Sol. Se um ser vivo pudesse existir na superfície do globo nessa época, não teria claridade, senão pelo brilho sinistro da fornalha colocada sob seus pés e da atmosfera abrasada.

PERÍODO PRIMÁRIO

19. O primeiro efeito do resfriamento foi o de solidificar a superfície externa da massa em fusão e daí formar uma crosta resistente que, delgada a princípio, se adensou pouco a pouco. Essa crosta constitui a pedra chamada *granito*, de extrema dureza, cujo nome vem de seu aspecto granuloso. Nela distinguem-se três substâncias principais: o feldspato, o *quartz* ou cristal de rocha e a mica; esta última tem o brilho metálico, ainda que não seja um metal.

A camada granítica é a primeira formada sobre o globo, que o envolve por inteiro e da qual constitui de algum modo sua estruturação. Ela é o produto direto da matéria em fusão consolidada. Sobre ela e nas cavidades que se apresentava sua superfície revolta, foram sucessivamente depositadas as camadas dos outros terrenos, formados posteriormente. O que a distingue dessas últimas é a ausência de toda estratificação, ou seja, ela forma uma massa compacta e uniforme em toda a sua espessura, e não está constituída por camadas. A efervescência da matéria incandescente devia aí produzir numerosas e profundas fendas, pelas quais verteria essa matéria.

20. O segundo efeito do resfriamento foi o de liquefazer quaisquer uma das matérias contidas no ar, no estado de vapor, e que se precipitaram sobre a superfície do solo. Houve então chuvas e lagos sulfurosos e de betume, verdadeiros riachos de ferro, de chumbo e outros metais fundidos infiltraram-se nas fissuras e constituem, atualmente, os veios e filões metálicos.

Sob a influência desses diversos agentes, a superfície granítica experimentou decomposições alternativas; fizeram-se misturas que formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, distintos da rocha granítica, mas em massas confusas e sem estratificações regulares.

Vieram a seguir as águas que, caindo sobre um solo ardente, vaporizaram-se novamente, retornando em chuvas torrenciais, e assim por diante, até que a temperatura lhe permitiu permanecer sobre o solo em estado líquido.

É com a formação dos terrenos graníticos que começa a série dos períodos geológicos. Aos seis períodos principais, conviria, pois, juntar o estado primitivo de incandescência do globo.

21. O aspecto desse primeiro período foi um verdadeiro caos, em que todos os elementos foram confundidos, procurando seu assentamento, onde nenhum ser vivente poderia existir; também, um de seus caracteres distintivos em Geologia é a ausência de todo traço de vida vegetal e animal.

É impossível assinalar uma duração determinada para esse primeiro período, tanto como para os seguintes. Observando-se o tempo que se faz necessário para uma bala de canhão, de um volume dado, aquecida ao vermelho branco, para que sua superfície seja resfriada, até que uma gota de água fique no estado líquido, tem-se calculado que, se essa bala tivesse a diâmetro da Terra, seriam necessários mais de 1 milhão de anos.

PERÍODO DE TRANSIÇÃO

22⁹⁰. No começo do período de transição, a crosta sólida, granítica, não possuía ainda senão uma pequena espessura e só oferecia uma resistência muito fraca, à efervescência das matérias abrasadas que ela recobria

90 Na edição original a numeração do item 20 é repetida. (N. do E.)

e comprimia. Produziam-se aí inchações, rupturas numerosas, por onde se vertia a lava interior. O solo apresentava apenas desigualdades pouco consideráveis.

As águas, pouco profundas, cobriam quase toda a superfície do globo, à exceção das partes elevadas, formando terrenos baixos, frequentemente submersos.

O ar foi purificado pouco a pouco das matérias mais pesadas, momentaneamente em estado gasoso, e que, em se condensando pelo efeito do resfriamento, foram precipitadas na superfície do solo, posteriormente arrastadas e dissolvidas pelas águas.

Quando se fala do resfriamento, nessa época, é preciso entender essa palavra num sentido relativo, ou seja, por referência ao estado primitivo, porque a temperatura devia ser ainda ardente.

Os espessos vapores aquosos que se elevavam de todas as partes da imensa superfície líquida voltavam a cair em chuvas abundantes e quentes e obscureciam o ar. Não obstante, os raios do Sol começavam a aparecer nessa atmosfera brumosa.

Uma das últimas substâncias das quais o ar expurgou, porque é naturalmente gasosa, é a do ácido carbônico, que formava uma das partes constituintes dele.

- 23.** Nessa época começaram a se formar as camadas de terreno de sedimento, depositadas pelas águas carregadas de limo e de matérias diversas próprias da vida orgânica.

Então, apareceram os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal. Foram encontrados traços dele inicialmente em pequeno número, tornando-se cada vez mais frequentes à medida que se chega nas camadas mais elevadas dessa formação. É de se notar que, por toda parte, a vida se manifesta logo que as condições se tornam propícias à vitabilidade e que cada espécie nasce desde que se produzam as condições próprias para sua existência. Dir-se-ia que são germes em estado latente, aguardando as condições favoráveis para eclodir.

- 24.** Os primeiros seres orgânicos que apareceram sobre a Terra foram os vegetais de organização menos complexa, designados em Botânica sob o nome de criptógamos, acotilédones, monocotilédones, isto é, os líquens, cogumelos, musgos, fetos e plantas herbáceas. Não se via ainda árvores

de troncos lenhosos, mas o do gênero das palmeiras, nas quais o tronco esponjoso era análogo ao das ervas.

Os animais desse período, que sucederam aos primeiros vegetais, eram exclusivamente marinhos. Eram, a princípio, os pólipos, os radiados, os zoófitos, animais de organização simples e, por assim dizer, rudimentar, mais próximo dos vegetais; mais tarde vieram os crustáceos e os peixes, cujas espécies não mais existem atualmente.

25. Sob o império do calor e da umidade e, por conseguinte, do excesso de ácido carbônico derramado no ar, gás impróprio à respiração dos animais terrestres, mas necessário às plantas, os terrenos descobertos se cobriram rapidamente de uma vegetação pujante, ao mesmo tempo que as plantas aquáticas se multiplicaram no interior dos lodaçais. Plantas do gênero que, atualmente, são meras ervas de poucos centímetros atingiam uma altura e uma grossura prodigiosas. Foi assim que houve as florestas de fetos arborescentes de 8 a 10 metros de altura e de uma grossura proporcional, lycopódios (pé-de-lobo; gênero de musgo) do mesmo porte; prelas⁹¹ de 4 a 5 metros, das quais atualmente só existe uma. No fim desse período, começaram a aparecer algumas árvores do gênero conífero ou pinheiros.

26. Por consequência do deslocamento das águas, os terrenos que produziram essas massas de vegetais foram repetidas vezes submersos, recobertos por novos sedimentos terrosos, enquanto que os que estavam postos a seco se cobriam em sua volta por uma vegetação semelhante. Houve assim várias gerações de vegetais alternativamente aniquiladas e renovadas. O mesmo não aconteceu com os animais que, sendo todos aquáticos, não podiam sofrer tais alternâncias.

Esses fragmentos, acumulados durante uma longa série de séculos, formaram camadas de uma grande espessura. Sob ação do calor, da umidade e da pressão exercida pelos depósitos terrosos posteriores e, sem dúvida, de diversos agentes químicos, dos gases, dos ácidos e dos sais produzidos pela combinação de elementos primitivos, esses materiais vegetais sofreram uma fermentação que os transformou em *hulha* ou *carvão da terra*. As minas de carvão são, assim, o produto direto da decomposição de vegetais

91 Planta pantanosa, vulgarmente chamada cauda-de-cavalo. (N. de Allan Kardec)

acumulados durante o período de transição. É por isso que os encontramos em todas as regiões⁹².

- 27.** Os restos fósseis da vegetação pujante dessa época encontrando-se atualmente, sob os gelos das terras polares, bem como na zona tórrida, é preciso concluir que, uma vez que a vegetação era uniforme, a temperatura deveria ser idêntica. Os polos não eram cobertos de gelo, como atualmente. É que, então, a Terra tirava seu calor dela própria, do fogo central que aquecia de forma igual toda a camada sólida, ainda pouco espessa. Esse calor era bem superior àquele que poderia dar os raios solares, debilitados pela densidade atmosférica. Apenas mais tarde, quando o calor central só pôde exercer sobre a superfície exterior do globo uma atuação fraca ou nula, a do Sol se tornou preponderante e aquelas regiões passaram a receber apenas raios oblíquos, dando-lhe pouco calor. Dessa forma, cobriram-se de gelo. Compreende-se que naquela época, e ainda longo tempo depois, o gelo era desconhecido sobre a Terra.

Esse período deve ter sido muito longo, a julgar pela quantidade e espessura das camadas de hulha⁹³.

PERÍODO SECUNDÁRIO

- 28.** Com o período de transição desapareceram a vegetação colossal e os animais que caracterizaram essa época, seja porque as condições atmosféricas não fossem mais as mesmas, seja por causa de uma sequência de cataclismos que aniquilaram tudo isso que tinha vida sobre a Terra. É provável que as duas causas tenham contribuído para tais transformações, porque,

92 A turfa era formada da mesma forma pela decomposição das acumulações de vegetais em terras pantanosas, mas com a diferença de ser muito mais recente e, sem dúvida, sob outras condições, não teve tempo de se transformar em carvão. (N. de Allan Kardec)

93 Na Baía de Fundy (Nova Escócia), Lyell encontrou em um depósito de carvão de 400 metros de espessura e 68 níveis diferentes que mostravam os traços óbvios de muitos pisos florestais, cujos troncos ainda conservavam suas raízes. (L. Figuier). Se não dessem mais de mil anos para a formação de cada um desses níveis, já teríamos 68 mil anos apenas para essa camada de carvão. (N. de Allan Kardec)

por um lado, o estudo dos terrenos que assinalam o fim desse período atesta grandes transtornos causados pelo levantamento e pelas erupções que se derramaram sobre o solo, com grande quantidade de lavas e, por outro lado, pelas notáveis mudanças que se fizeram nos três reinos.

29. O período secundário caracterizou-se, em relação ao mineral, pela formação de camadas numerosas e poderosas, que atestaram uma formação lenta no interior das águas e marcaram diferentes épocas bem características.

A vegetação é menos rápida e menos colossal do que o período precedente, sem dúvida por causa da diminuição continuada do calor e da umidade e das modificações sobrevindas dos elementos constitutivos da atmosfera. Às plantas herbáceas e polpudas se juntam as de caules lenhosos e as primeiras árvores, propriamente ditas.

30. Os animais são ainda aquáticos, ou totalmente anfíbios; a vida animal sobre a Terra teve pouco progresso. Uma prodigiosa quantidade de animais de concha desenvolveu-se no interior dos mares após a formação das matérias calcárias; novos peixes, de uma organização mais aperfeiçoada do que a do período precedente, tornaram a nascer; vê-se o aparecimento dos primeiros cetáceos. Os animais mais característicos dessa época são os répteis monstruosos, entre os quais destacam-se:

O *ictiossauro*, espécie de peixe-lagarto que atingia até 10 metros de comprimento e cujos maxilares, prodigiosamente alongados, estavam constituídos de 180 dentes. Sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem couraça escamada; seus olhos tinham o volume da cabeça de um homem; ele tinha nadadeiras como a baleia e expelia água por fendas como elas.

O *plesiossauro*, outro réptil marinho, também grande como o ictiossauro, em que o pescoço excessivamente longo se curvava como o do cisne e lhe dava a aparência de uma enorme serpente presa a um corpo de tartaruga. Tinha a cabeça do lagarto e os dentes de crocodilo; sua pele devia ser lisa como a do precedente, pois não se encontrou nenhum traço de escamas nem de carapaça⁹⁴.

94 O primeiro fóssil desse animal foi descoberto na Inglaterra, em 1823. (N. de Allan Kardec)

O *teleossauro* se aproxima mais dos crocodilos atuais, que aparentam ser os diminutivos destes; como estes últimos, ele tinha uma couraça escamosa e vivia ao mesmo tempo na água e sobre a terra; seu talhe estava em volta de 10 metros, dos quais 3 ou 4 para a cabeça, apenas; sua enorme goela tinha 2 metros de abertura.

O *megalossauro*, grande lagarto, espécie de crocodilo de 14 a 15 metros de comprimento, essencialmente carnívoro, nutria-se de répteis, pequenos crocodilos e tartarugas. Sua formidável mandíbula estava armada de dentes em forma de lâminas de serrote, com dupla fiada, recurvadas para trás, de tal modo que, uma vez mordida a presa, era impossível dela se desgarrar.

O *iguanodonte*, o maior dos lagartos que apareceram sobre a Terra, tinha de 20 a 25 metros da cabeça à extremidade da cauda. Seu focinho era dominado por um chifre ósseo semelhante ao do iguana de nossos dias, do qual ele só parece diferir pelo porte, porque este último tem apenas 1 metro de comprimento. A forma dos dentes prova que era herbívoro e a dos pés, que era um animal terrestre.

O *pterodátilo*, animal bizarro, do tamanho de um cisne, tendo o corpo em forma de réptil, a cabeça de um pássaro e do morcego, tinha a membrana carnuda que ligava seus dedos, de um prodigioso comprimento, e lhe servia de paraquedas quando se precipitava sobre sua presa, do alto de uma árvore ou de um rochedo. Não tinha bico córneo como os pássaros, mas os ossos dos maxilares, também alongados, como a metade do corpo, eram guarnecidos de dentes, terminando em ponta, como um bico.

31. Durante esse período, que deve ter sido muito longo, assim como atestam o número e a espessura das camadas geológicas, a vida animal teve imenso desenvolvimento no seio das águas, como havia tido a vegetação no período precedente. O ar, mais purificado e mais próprio à respiração, começou a permitir a alguns animais viverem sobre a Terra. O mar foi várias vezes deslocado, mas ele recuou sem abalos violentos. Com esse período desapareceram, por sua vez, as raças de gigantescos animais aquáticos, substituídos mais tarde por espécies análogas, menos desproporcionais na forma e de estatura infinitamente menor.
32. O orgulho tem feito o homem dizer que todos os animais foram criados em sua intenção e para sua necessidade. Mas qual é o número dos que lhe servem diretamente, que tenha podido submeter, comparado ao

número incalculável daqueles com os quais jamais tiveram, nem jamais terão, alguma relação? Como sustentar uma semelhante tese na presença dessas inumeráveis espécies que só povoaram a Terra milhares e milhares de séculos antes dele ter vindo e que já sumiram? Pode-se dizer que elas tenham sido criadas para seu proveito? Entretanto, essas espécies tiveram, todas, sua razão de ser, sua utilidade. Deus não as teria criado por capricho de sua vontade e por se dar ao prazer de aniquilá-las, porque todas tiveram a vida, instintos, o sentimento da dor e do bem-estar. Com qual objetivo as teria feito? Esse objetivo deve ser soberanamente sábio, e nós não o compreendamos ainda. Talvez um dia seja dado ao homem conhecê-lo, para confundir seu orgulho. Mas, enquanto aguarda, uma grande quantidade de ideias surge face a esses novos horizontes, nos quais lhe é permitido, agora, mergulhar seu olhar, e que desenrolam diante dele o espetáculo imponente de uma criação, tão majestosa em sua lentidão, tão admirável em sua providência, tão pontual, tão precisa e tão invariável em seus resultados.

PERÍODO TERCIÁRIO

- 33.** Com o período terciário começa, para a Terra, uma nova ordem de coisas; o estado da sua superfície muda completamente sua aparência; as condições de vitalidade estão profundamente modificadas e se aproximam do estado atual. Os primeiros tempos desse período estão assinalados por uma parada na produção vegetal e animal. Tudo leva os traços de uma destruição gradativa, quase geral, dos seres vivos; e novas espécies aparecem depois, cuja organização, mais perfeita, se adapta à natureza do ambiente onde se destinam a viver.
- 34.** Durante os períodos precedentes, a crosta sólida do globo, em razão de sua pouca espessura, apresentava, como se tem dito, uma fraca resistência à ação do fogo interior. Esse invólucro, facilmente desfeito, permitia às matérias em fusão que se espalhassem livremente sobre a superfície do solo. Não aconteceu o mesmo quando ela adquiriu certa espessura; as matérias em brasa, comprimidas de todas as partes, como a água em ebulição em um vaso fechado, acabaram por realizar como que explosões;

a massa granítica, violentamente rompida sobre uma poção de pontos, foi sulcada de fendas como um *vaso estriado*. Sobre o *percurso dessas fendas*, a crosta sólida soerguida e aprumada, formou-se picos que são as cadeias de montanhas e suas ramificações. Certas partes do envoltório não rompidas foram simplesmente alteradas, tanto quanto em outros pontos, e produziram-se imersões e escavações.

A superfície do solo tornou-se então muito desigual; as águas, que até esse momento a cobriam de maneira quase uniforme, sobre a maior parte de sua extensão, foram repelidas para as partes mais baixas, deixando a seco vastos continentes, ou sequências de montanha isoladas, que formaram ilhas.

Tal é o grande fenômeno que aconteceu no período terciário e que transformou o aspecto do globo. Não foi produzido nem instantânea nem simultaneamente sobre todos os pontos, mas sucessivamente e a épocas mais ou menos distantes.

35. Uma das primeiras consequências dessas elevações foi, como se diz, a inclinação das camadas de sedimento primitivamente horizontais e que ficaram nessa posição por toda parte onde o solo não foi perturbado. É, pois, sobre os flancos e nas encostas das montanhas que essas inclinações ficaram mais pronunciadas.
36. Nas regiões onde as camadas de sedimento conservaram sua horizontalidade para atingir as camadas de primeira formação, foi preciso atravessar todas as outras, frequentemente, até uma profundidade considerável, onde se encontra, inevitavelmente, a rocha granítica. Mas logo que essas camadas se elevaram em montanhas, subiram acima do seu nível normal e, por vezes, a uma altitude muito grande, de tal maneira que, quando se faz um corte vertical na lateral da montanha, elas se mostraram em toda sua espessura e superpostas, como as fiadas de uma construção.

É assim que se encontram nas grandes elevações consideráveis áreas com conchas primitivamente formadas no fundo do mar. É perfeitamente reconhecido atualmente que, em alguma época, o mar não podia atingir a uma tal altitude, porque todas as águas que existiam sobre a Terra não eram suficientes para isso nem mesmo que houvesse cem vezes mais. Seria necessário supor que a quantidade de água tenha diminuído e então perguntar onde foi parar a porção desaparecida. Os soerguimentos que são

atualmente um fato incontestável e demonstrado pela Ciência explicam, de maneira também lógica e rigorosa, os depósitos marinhos que se encontram sobre certas montanhas. Esses terrenos estiveram evidentemente submersos durante uma longa sequência de séculos, mas a seu nível primitivo, e não no local que ocupam atualmente.

É exatamente como se uma porção do fundo de um lago se encontrasse elevado a 25 ou 30 metros acima da superfície da água. O cume dessa elevação levaria os restos das plantas e de animais, que jaziam outrora no fundo da água, o que não implicaria, de forma nenhuma, que as águas do lago fossem elevadas àquela altura.

37. Nos locais onde o levantamento da rocha primitiva produziu ruptura completa do solo, seja por sua rapidez, seja pela forma, altitude e volume da massa levantada, o granito mostrou-se a descoberto *como um dente que atravessa a gengiva*. As camadas que os cobriam, erguidas, partidas, superpostas, puseram-se a descoberto. É assim que terrenos aparentemente de formação mais antiga e que se encontravam em tais posições primitivas a uma grande profundidade formam, atualmente, o solo de certas regiões.

38. As massas graníticas, deslocadas pelo efeito dos soerguimentos, deixaram em alguns lugares fissuras por onde escapa o fogo interior e eclodem as matérias em fusão: são os vulcões. Os vulcões são como chaminés dessa imensa fornalha, ou melhor, são *válvulas de segurança* que, dando vazão ao demasiado volume das matérias ígneas, preservam nosso globo de comoções muito mais terríveis. Podemos dizer que o número de vulcões em atividade é um fator de segurança para o conjunto da superfície do solo.

Pode-se fazer uma ideia da intensidade desse fogo, supondo-se que os vulcões se abrem até no meio do mar e que a massa de água que os recobre e neles penetra não é suficiente para extingui-los.

39. Os soerguimentos operados na massa sólida necessariamente desalojaram as águas, que refluíram nas partes escavadas, tornadas mais profundas pela elevação dos terrenos emersos e pelas depressões. Mas esses mesmos terrenos baixos, elevados, por sua vez, ora num local, ora em outro, expulsaram as águas, que refluíram nas partes escavadas, e assim por diante, até que pudessem se acomodar num leito mais estável.

Os deslocamentos sucessivos dessa massa líquida forçosamente elaboraram e açoitaram a superfície do solo. As águas, escoando, arrastaram

parte dos terrenos de formações anteriores, postos a descoberto pelo soerguimento, desnudaram algumas montanhas que eram recobertas e foram postas à mostra sua base granítica ou calcária; profundos vales foram escavados e outros, aterrados.

Há montanhas formadas diretamente pela ação do fogo central. São principalmente as montanhas graníticas; outras ocorrem devido à ação das águas, que, arrastando as terras móveis e as matérias solúveis, cavaram várzeas em volta de uma base resistente, calcária ou de natureza diversa.

As matérias arrastadas pela corrente das águas formaram as camadas do período terciário, que se distingue das precedentes, por sua disposição, e não pela composição, que é quase a mesma.

As camadas dos períodos primário, de transição, e secundário, formadas sobre uma superfície pouco acidentada, são mais ou menos uniformes, por toda Terra; as do período terciário, ao contrário, formadas sobre uma base bastante distinta e pelo arrebatamento das águas, apresentam um caráter mais local. Por toda parte, cavando-se a certa profundidade, encontram-se todas as camadas anteriores, na ordem de sua formação, ao passo que não se encontra por toda parte o terreno terciário nem todas as camadas dele.

40. Durante a agitação do solo que teve lugar na apresentação desse período, concebe-se que a vida orgânica teve de ficar estacionária, o que se reconhece pela inspeção dos terrenos privados de fósseis. Mas, desde que veio um estado mais calmo, os vegetais e os animais ressurgiram. As condições de vitalidade, estando mudadas, a atmosfera mais depurada, viu-se formar novas espécies de uma organização mais perfeita, as plantas, que em relação à sua estrutura, diferem pouco das de nossos dias.

41. Durante os dois períodos precedentes, os terrenos não cobertos pelas águas ofereciam pouca extensão; eram ainda mais pantanosos e, frequentemente, submersos. Esse é o motivo pelo qual não haviam animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário, no qual se formaram vastos continentes, é caracterizado pela aparição dos animais terrestres.

Do mesmo modo que o período de transição viu nascer uma vegetação colossal e o período secundário, répteis monstruosos, este viu se produzirem mamíferos gigantescos, tais como *o elefante, o rinoceronte, o hipopótamo, o paleotério, o megatério, o dinatério, o mastodonte, o mamute*, etc. Viu nascer igualmente os pássaros, assim como a maior parte das espécies que vivem

ainda em nossos dias. Algumas espécies dessa época sobreviveram aos cataclismos posteriores. Por outro lado, aquelas que designamos pela qualificação genérica de *animais antediluvianos* estão completamente desaparecidas ou foram substituídas por espécies análogas, de formas menos grosseiras e menos compactas, dos quais os primeiros tipos foram como que esboços; tais são: o *félis spelæa*, animal carnívoro, do volume de um touro, tendo os caracteres anatômicos do tigre e do leão; o *cervus mégaceron*, variedade do cervo, do qual as galhadas, de 3 a 4 metros de comprimento, tinham espaços de 3 a 4 metros entre suas extremidades.

42. Tem-se por longo tempo acreditado que o macaco e as diversas variedades de quadrúmanos, animais que se reaproximam, ao máximo, do homem, pela conformação, não existiam ainda. Mas descobertas recentes parecem não deixar dúvidas sobre a presença desses animais, pelo menos ao fim do período.

PERÍODO DILUVIANO

43. Esse período está marcado por um dos maiores cataclismos que perturbaram o globo, mudando ainda o aspecto da superfície e destruindo, sem retorno, uma multidão de espécies vivas, das quais não se encontram senão vestígios. Por toda parte deixou seus traços, que atestam sua generalidade. As águas violentamente lançadas de seu leito invadiram os continentes, arrastando com elas as terras e as rochas, desnudando as montanhas, devastando as florestas seculares. Os novos depósitos que elas formaram são designados, em Geologia, de *terrenos diluvianos*.
44. Um dos traços mais significativos desse grande desastre são as rochas chamadas de *blocos erráticos*. Chamam-se, assim, rochas de granito que se encontram isoladas nas planícies, repousando sobre terrenos terciários e no meio de terrenos diluvianos, por vezes, a várias centenas de léguas das montanhas das quais foram arrancadas. É evidente que elas não foram transportadas a tão grandes distâncias, senão pela violência das correntes⁹⁵.

95 É um desses blocos, provindo, sem dúvida, pela sua composição, das montanhas da Noruega, que serve de pedestal à estátua de Pedro, o Grande, em São Petersburgo. (N. de Allan Kardec)

45. Um fato não menos característico e do qual não se explica ainda a causa é o que está nos terrenos diluvianos, onde se encontram os primeiros *aerólitos*⁹⁶, uma vez que somente nessa época eles começaram a cair. A causa que os produziu não existia anteriormente.
46. Foi ainda por essa época que os polos começaram a se cobrir de gelos e que se formaram as geleiras das montanhas, o que indica uma notável mudança na temperatura do globo. Essa mudança deve ter sido súbita, porque se ela operasse gradualmente, os animais, tais como os elefantes, que não vivem em nossos dias senão em climas quentes e que se encontram em tão grande número no estado fossilizado nas terras polares, teriam tido tempo de se retirar, pouco a pouco, para as regiões mais temperadas. Tudo prova, ao contrário, que eles foram surpreendidos bruscamente por um grande frio e envolvidos pelos gelos.
47. Esse foi, pois, o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões estão repartidas sobre as causas que puderam produzi-lo, mas, quaisquer que sejam, o fato existiu.

A suposição mais generalizada é que se deu uma *brusca* mudança na posição do eixo da Terra. Em consequência, os polos foram deslocados, resultando uma projeção geral das águas sobre a superfície. Se essa mudança ocorresse com lentidão, as águas teriam se deslocado gradualmente, sem abalo, mas tudo indica que houve uma comoção violenta e súbita. Pela ignorância de qual seja a verdadeira causa, só se pode emitir hipóteses.

O deslocamento súbito pode também ter sido ocasionado pelo soerguimento de certas partes da crosta sólida e a formação de novas montanhas no fundo dos mares, como aconteceu no começo do período terciário. Mas além do fato desse cataclismo não ter ocorrido de forma geral, isso não explicaria a mudança súbita da temperatura dos polos.

48. Na tormenta causada pela convulsão das águas, muitos animais pereceram; outros, para escaparem da inundação, retiraram-se para as alturas, nas cavernas e rachaduras, onde pereceram em massa, seja por fome, seja se entredivorando, ou talvez por irrupção das águas nos lugares onde estavam refugiados, e de onde não podiam escapar. Assim se explica a grande quantidade de ossadas de diversos animais, carnívoros e outros,

96 Pedras que caem da atmosfera. (N. de Allan Kardec)

que se encontram desordenados em certas cavernas, chamadas, com certa razão, de *cavernas* ou *brechas ósseas*. Em algumas, as ossadas pareceram ter sido arrastadas pelas correntezas das águas⁹⁷.

PERÍODO PÓS-DILUVIANO OU ATUAL - NASCIMENTO DO HOMEM

49. O equilíbrio, uma vez restabelecido na superfície do globo, possibilitou que a vida animal e vegetal prontamente tomasse seu curso. O solo consolidado ficou numa situação mais estável; o ar, mais depurado, convinha aos organismos mais delicados. O Sol que brilhava com todo seu esplendor, por meio de uma atmosfera límpida, derramava, com sua luz, um calor menos sufocante e mais vivificante do que o da fornalha interior. A Terra se povoava de animais menos selvagens e mais sociáveis; os vegetais mais suculentos ofereciam uma alimentação menos grosseira; tudo, enfim, estava preparado sobre a Terra para o novo hóspede que deveria habitá-la. Foi então que apareceu o *homem*, o último ser da criação, aquele cuja inteligência devia, a partir de então, colaborar para o progresso geral, à medida que realizava o próprio progresso.

50. O homem não teria existido realmente sobre a Terra senão depois do período diluviano, ou teria aparecido antes dessa época? Essa questão é muito controversa atualmente, mas a resposta, qualquer que seja, terá importância secundária, já que não mudaria nada em relação aos fatos acontecidos.

O que fazia pensar que a aparição dos homens foi posterior ao dilúvio foi que não encontraram nenhum traço autêntico de sua existência durante o período anterior. As ossadas descobertas em diversos lugares, e que têm feito crer na existência de uma pretensa raça de gigantes antediluvianos, foram reconhecidas como sendo de elefantes.

97 Um grande número de cavernas semelhantes é conhecido, algumas de enorme extensão. No México existem muitas ligas. O de Aldelsberg, em Carniole (Áustria), não é inferior a 3 léguas. Um dos mais notáveis é o de Gailenreuth, em Württemberg. Eles são numerosos na França, Inglaterra, Alemanha, Sicília e em outras regiões da Europa. (N. de Allan Kardec)

Sobre o que não há dúvida é que o homem não existiu nem no período primário nem no de transição, e muito menos no secundário. Não apenas porque não se encontra nenhum traço, mas porque as condições de vida não existiam para ele. Se somente apareceu no período terciário, não poderia ser senão no seu fim e, ainda, em número reduzido. Aliás, já que acharam vestígios, os mais delicados, de um grande número de animais que viveram nessa época, não se compreenderia que os homens não houvessem deixado nenhum indício de sua presença, quer pelos restos dos corpos, quer por quaisquer trabalhos.

De resto, o período diluviano, tendo sido curto, não ocasionou notáveis trocas nas condições climáticas e atmosféricas; os animais e os vegetais eram os mesmos, antes e depois; não há, pois, impossibilidade material de que a aparição do homem tenha precedido esse grande cataclismo; a presença do macaco nessa época aumenta a probabilidade do fato de que recentes descobertas parecem confirmar⁹⁸.

Seja como for, tendo o homem aparecido ou não antes do grande dilúvio universal, é certo que seu papel humanitário só começou a se desenhar no período pós-diluviano. Pode-se, pois, considerá-lo como caracterizado por sua presença.

98 Veja-se os trabalhos de Boucher de Perthes. (N. de Allan Kardec)

Cerca de 1850, Boucher (1788-1868) demonstrou em sua obra *Antiquités celtiques et antédiluviennes* que nos aluviões de Abbeville foram encontrados fósseis de mamíferos extintos, como o mamute, com produtos da ação humana, como machadinhas. Segundo o arqueólogo, as pedras lascadas provavam a existência do homem na época. Inicialmente sofre oposição dos sábios, mas pouco a pouco foram encontradas novas evidências e houve o apoio de geólogos e zoólogos eminentes, como Evans, Lyell, entre outros. (N. do E.)

CAPÍTULO VIII

Teorias da Terra⁹⁹

Teoria da Projeção – Teoria da Condensação – Teoria da Incrustação

TEORIA DA PROJEÇÃO

1. De todas as teorias sobre a origem da Terra, aquela que teve mais crédito nos últimos tempos é a de *Buffon*, seja pela posição que ele conquistou no meio científico, seja porque na época não sabiam nada mais sobre ela.

Observando todos os planetas se moverem na mesma direção, do Ocidente para o Oriente e no mesmo plano, percorrendo órbitas cuja

⁹⁹ Não cabe discutir os erros técnicos nem se aprofundar nas teorias apresentadas neste capítulo, mas compreender o contexto cultural no qual Allan Kardec o elaborou. Até Buffon, a hipótese da criação instantânea da Terra há 6 mil anos atendia aos interesses da igreja em fazer prevalecer as escrituras em detrimento das conquistas da razão por meio da Ciência. Em seu tempo, havia a tese do bispo James Ussher de a Terra ter sido criada no ano 4004 a.C., no dia 26 de outubro, às 9 horas. Buffon substituiu a ideia de um mundo criado por Deus instantaneamente pela de uma evolução progressiva do mundo, das formas vivas, segundo leis universais, abrindo caminho para a Ciência moderna. A partir dessas primeiras teorias, a evolução da Ciência permitiu considerar a formação da terra há cerca de 4,6 bilhões de anos. Inicialmente, uma esfera incandescente, a partir da compressão de uma nuvem de gases e poeira cósmicas, aos poucos, resfriando, formou-se uma sólida camada, a crosta terrestre. Ou seja, a *Teoria da Condensação*, considerada em seguida por Kardec, antecipa esse modelo atual. Similarmente, também o Espiritismo, com Kardec, tira os fenômenos *Espíritos* do campo do sobrenatural e da Teologia, trazendo-os para o campo da ciência. (N. do E.)

inclinação não excede 7 graus e meio, dessa uniformidade Buffon concluiu que eles foram postos em movimento pela mesma causa.

Segundo Buffon, sendo o Sol uma massa incandescente em fusão, um cometa teria se chocado obliquamente com ele e, raspando sua superfície, destacou uma porção de matéria que foi projetada no espaço pela violência do choque e se dividiu em vários fragmentos. Estes formaram os planetas, que continuaram a se mover circularmente pela combinação das forças centrípeta e centrífuga, no sentido imprimido pela direção do choque inicial, ou seja, no plano da eclíptica.

Os planetas seriam partes da substância incandescente do Sol e, conseqüentemente, teriam sido incandescentes em sua origem. Para se resfriarem e se solidificarem, levaram um tempo proporcional a seus respectivos volumes e, quando a temperatura permitiu, a vida surgiu nas suas superfícies.

Em razão da diminuição gradual do calor central, a Terra chegaria, num tempo dado, a um resfriamento completo; a massa líquida seria inteiramente congelada e o ar, cada vez mais condensado, acabaria desaparecendo. As baixas temperaturas tornariam a vida impossível, causando a diminuição e, posteriormente, o desaparecimento de todos os seres organizados. O resfriamento, que começou pelos polos, se estenderia gradativamente por todas as regiões, até o equador.

Para Buffon, esse é o estado atual da Lua, que, sendo menor que a Terra, seria um mundo extinto, do qual a vida está excluída. O próprio Sol teria, um dia, o mesmo destino. Segundo seus cálculos, a Terra teria gasto cerca de 74 mil anos para chegar à temperatura atual e, em 93 mil anos, veria o fim da existência da natureza organizada.

2. A teoria de Buffon, contestada pelas novas descobertas da Ciência, hoje está praticamente abandonada, pelos seguintes motivos:

1º: Por muito tempo acreditou-se que os cometas eram corpos sólidos, cujo encontro com um planeta pudesse provocar a destruição deste. Nessa hipótese, a suposição de Buffon não teria nada de improvável. Mas sabe-se atualmente que eles são formados de uma matéria gasosa condensada, suficientemente rarefeita, para que se possa perceber as estrelas de magnitude média, por meio de seu núcleo. Nesse estado, oferecendo menos resistência que o Sol, um choque violento capaz de projetar no espaço uma porção da massa solar é algo impossível.

2º: A natureza incandescente do Sol é igualmente uma hipótese que nada, até o presente, veio confirmar e que, ao contrário, as observações parecem desmentir. Embora ainda não se tenha certeza a respeito da sua natureza, o poder dos meios de observação atuais permite estudá-lo melhor. Hoje a Ciência admite, de modo geral, que o Sol seja um globo composto de matéria sólida, envolta em uma atmosfera luminosa que não estaria em contato com sua superfície¹⁰⁰.

3º: No tempo de Buffon, eram conhecidos apenas seis planetas, os mesmos que os antigos conheciam: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Depois, descobriu-se um grande número de asteroides, dos quais três deles, principalmente, Juno, Palas e Ceres, têm suas órbitas respectivamente inclinadas de 13, 10 e 34 graus, o que não está de acordo com a hipótese de um movimento de projeção único.

4º: Os cálculos de Buffon sobre o resfriamento da Terra foram reconhecidos como inexatos após o descobrimento da lei do decréscimo do calor por J. Fourier. Não foram necessários 74 mil anos para a Terra chegar à sua temperatura atual, mas alguns milhões de anos.

5º: Buffon só considerou o calor interno da Terra, sem levar em conta o proveniente dos raios solares. Agora se sabe, por dados científicos de rigorosa exatidão, baseados na experiência, que, devido à espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo só teria, após longo tempo, uma parte insignificante na temperatura da superfície exterior. As variações que a temperatura sofre são periódicas e devidas à ação preponderante do calor solar (capítulo VII, item 25). Dado que o efeito dessa causa é permanente, enquanto que o efeito do calor central é nulo, ou quase, a diminuição dele não pode produzir modificações sensíveis na superfície da Terra. Para que a Terra se tornasse inabitável pelo resfriamento geral, seria necessária a extinção do Sol¹⁰¹.

100 Há uma dissertação completa e à altura da Ciência moderna a respeito da natureza do Sol e dos cometas na obra *Estudos e leitura sobre a Astronomia*, por Camille Flammarion. v. 1. Tamanho In-12. Preço: 2 francos 50 c. Impressor: Casa Gauthier-Villard, 55, quai des Augustins, Paris. (N. de Allan Kardec)

101 Para saber mais detalhes sobre esse assunto e sobre a lei da diminuição do calor, veja a obra *Lettres sur les révolutions du Globe (Cartas sobre as revoluções do globo)*, por Bertrand, páginas 19 e 307. (N. de Allan Kardec)

TEORIA DA CONDENSAÇÃO

3. A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica prevalece atualmente na Ciência, por ser a que está melhor justificada pela observação, a que resolve o maior número de dificuldades e a que se apoia, mais do que todas as outras, sobre o grande princípio da unidade universal. Ela está descrita anteriormente no cap. VI, *Uranografia geral*.

Essas duas teorias, como se vê, tendem ao mesmo resultado: o estado primitivo de incandescência do globo, a formação de uma crosta sólida pelo resfriamento, a existência de um fogo central e a aparição da vida orgânica, tão logo a temperatura a tornou possível. Elas diferem pelo modo de formação da Terra e é provável que, se Buffon estivesse vivendo em nossos dias, teria tido outras ideias. São, pois, duas rotas diferentes conduzindo ao mesmo objetivo.

A Geologia estuda a Terra até o ponto em que a observação direta é possível. Seu estado anterior, escapando à experimentação, só pode ser conjectural a partir da lógica. Ora, entre duas hipóteses, o bom senso diz que é preciso procurar a que seja avalizada pela lógica e que concorde ao máximo com os fatos observados.

TEORIA DA INCRUSTAÇÃO

4. Só mencionamos essa teoria a título informativo, apesar dela nada ter de científico, mas porque obteve alguma repercussão nos últimos tempos e seduziu algumas pessoas. Resume-se na carta seguinte:

“Deus, conforme a Bíblia, criara o mundo em seis dias, 4 mil anos antes da era cristã. Porém, os geólogos contestam essa afirmação, pelo

Alexandre Bertrand (1795–1831), além de pesquisador do magnetismo animal, escrevia no jornal progressista *Le Globe* sobre Ciência, e publicou essa popular obra de divulgação científica da Geologia, então considerada atual e prestigiada, tendo cinco edições progressivamente ampliadas, da qual Kardec se serviu para escrever este capítulo. (N. do E.)

estudo dos fósseis e os milhares de indícios incontestáveis de Antiguidade, que fazem a origem da Terra recuar milhões de anos. No entanto, as Escrituras disseram a verdade e os geólogos também. E foi um simples camponês¹⁰² quem os colocou em acordo, quando declarou que a nossa Terra é apenas um planeta *incrustativo*, muito moderno, mas composto de materiais antiquíssimos.

“Após o desaparecimento do *planeta desconhecido*, chegado à maturidade, ou em harmonia com o que existia no lugar que ocupamos atualmente, a alma da Terra recebeu a ordem de reunir seus satélites para formar nosso globo atual, conforme as regras do progresso em tudo e por tudo. Apenas quatro desses astros consentiram na associação que lhes era proposta; a Lua apenas persistiu em sua autonomia, porque os globos têm também seu livre-arbítrio. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu sobre os satélites um raio magnético atrativo, que colocou em estado cataléptico todos os elementos vegetais, animais e hominais que possuíam e que trouxeram para a comunidade. A operação só teve por testemunho a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes, que a ajudaram nessa grande obra, abrindo os globos, para reunir suas entranhas. Após a soldagem, as águas escoaram para os vazios deixados pela ausência da Lua. As atmosferas se confundiram e começou o despertar ou a ressurreição dos *germes* que estavam em *catalepsia*. O homem foi tirado em último lugar de seu estado de hipnotismo e se viu cercado da vegetação luxuriante do paraíso terreal e dos animais que pastavam em paz, em volta dele. Tudo isso podia se fazer em seis dias, com operários tão poderosos como os que Deus encarregou dessa tarefa. O planeta *Ásia* nos trouxe a raça amarela, a de civilização mais antiga; a *África*, a raça negra; a *Europa*, a raça branca e a *América*, a raça vermelha. A Lua talvez tivesse trazido a raça verde ou azul.

“Assim, certos animais, dos quais só encontramos vestígios, não teriam nunca vivido sobre nossa Terra atual, mas, sim, sido trazidos de outros mundos, desfeitos pela velhice. Os fósseis, encontrados nos climas onde eles não poderiam ter existido neste mundo, vivam, sem dúvida, em zonas bem diferentes, sobre os globos onde nasceram. Os despojos que se encontram

102 Louis Michel de Figanières, autor de *Clef de la vie* (A chave da vida). (N. de Allan Kardec)

nos polos, aqui da Terra, são de animais que viviam no equador dos mundos aos quais pertenciam”.

5. Esta teoria tem contra si os mais positivos dados da Ciência Experimental, além de deixar sem solução a questão da origem, que pretendeu resolver. Ela diz como a Terra teria sido formada, mas não diz como se formaram os quatro mundos reunidos para constituí-la.

Se as coisas tivessem ocorrido assim, como explicar a inexistência dos vestígios dessas imensas soldaduras, apesar de terem chegado até o centro do planeta? Se cada um desses mundos – Ásia, África, Europa e América – trouxe seus materiais próprios, cada um teria sua geologia diferente, *o que não acontece*. Ao contrário, verifica-se que o núcleo granítico é uniforme, de composição homogênea em todas as partes do globo, *sem solução de continuidade*. As camadas geológicas são da mesma formação, idênticas na sua composição, superpostas, em todos os lugares, na mesma ordem, contínuas, sem interrupção de um lado a outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América e vice-versa. Essas camadas, testemunhas das transformações do globo, confirmam que elas ocorreram em toda a sua superfície, e não só em uma parte. Também mostram os períodos de aparecimento, existência e desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais, igualmente nas diferentes regiões do mundo. Mostram a fauna e a flora desses períodos longínquos, estendendo-se por toda a parte, simultaneamente, sob a influência de uma temperatura uniforme e mudando suas características, em todo o planeta, à medida que a temperatura se modificou. Tal estado de coisas é inconciliável com a formação da Terra pela junção de vários mundos distintos.

Se esse sistema houvesse sido concebido há apenas um século, poderia ter conquistado um lugar provisório nas cosmogonias especulativas puramente imaginárias e fundamentadas sem o método experimental. Porém, atualmente, não tem nenhuma validade e não suporta o menor exame, porque é contestada pelos fatos materiais.

Sem discutir aqui o livre-arbítrio atribuído aos planetas nem a questão de sua alma, pergunta-se o que seria do mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se esta não tivesse tido a má vontade de se reunir com seus irmãos? E o que aconteceria com a Terra atual se a Lua, um dia, tivesse o desejo de vir retomar seu lugar, expulsando o mar.

6. Essa teoria seduziu algumas pessoas, porque parecia explicar a presença das diferentes raças de homens na Terra, bem como sua localização. Mas, uma vez que essas raças puderam se desenvolver em mundos diferentes, por que não teriam podido desenvolver-se sobre pontos diversos do mesmo globo? É querer resolver uma dificuldade por meio de outra bem maior. De fato, fosse qual fosse a rapidez e a *destreza* com que se fizesse essa junção, ela não poderia ocorrer sem abalos violentos. Quanto mais rápida tenha sido, mais desastrosos teriam sido os cataclismos. Parece, pois, impossível que seres *simplesmente adormecidos do sono cataléptico* tenham podido resistir a isso para despertar, em seguida, tranquilamente. Se eram apenas germes, em que consistiam? Como seres totalmente formados teriam sido reduzidos ao estado de germes? Restaria sempre a questão de saber como esses germes se desenvolveram novamente. Ainda, nesse caso, teríamos a Terra formada por via miraculosa, mas, por um processo menos poético e menos grandioso que o primeiro, o da Gênese Bíblica, enquanto que as leis naturais dão uma explicação da sua formação, muito mais completa e, sobretudo, mais racional, deduzida da experiência e da observação¹⁰³.

103 Quando semelhante sistema está ligado a toda uma cosmogonia, é oportuno perguntar sobre qual base racional o resto pode estar baseado. A concordância que, por meio desse sistema, se pretende estabelecer entre a Gênese Bíblica e a Ciência é absolutamente ilusória, uma vez que a própria Ciência a contradiz. Por outro lado, todas as crenças baseadas no texto bíblico têm como base a criação de um casal único, do qual todos os homens surgiram. Se essa pedra for removida, todo o edifício entra em colapso. Agora, dado que esse sistema atribui à humanidade uma origem múltipla, é a negação da doutrina que atribui um pai comum.

O autor da carta anterior, um homem de profundo conhecimento, seduzido em certo momento por essa teoria, imediatamente descobriu seus aspectos vulneráveis e logo lutou com as armas da Ciência. (N. de Allan Kardec)

CAPÍTULO IX

Revoluções do globo¹⁰⁴

Revoluções gerais ou parciais – Dilúvio bíblico
– Revoluções periódicas – Cataclismos futuros

REVOLUÇÕES GERAIS OU PARCIAIS

1. Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo, em consequência de suas transformações. Mas, com exceção do período diluviano, que mostra os caracteres de uma transformação repentina, todas as demais transcorreram lentamente e sem transição brusca. Ao longo de todo o tempo que os elementos constituintes do globo levaram para se estabilizar, as mudanças foram gerais; uma vez consolidada a base, só se produziram modificações parciais na superfície.
2. Além das revoluções gerais, a Terra experimentou um grande número de perturbações locais que mudou o aspecto de algumas regiões. Duas causas contribuíram para essas perturbações: o fogo e a água.

O fogo: quer pelas erupções vulcânicas que enterraram sob espessas camadas de cinza e lava, os terrenos circundantes, fazendo desaparecer cidades e seus habitantes; quer pelos terremotos e pelo soerguimento da crosta sólida, que empurraram as águas para as regiões mais baixas; quer

104 Todas as explicações deste capítulo foram pesquisadas por Allan Kardec nos manuais e obras de divulgação científica aceitos em seu tempo, não constituindo ensinamentos originários do Espíritos. Seu claro objetivo está em afastar a leitura ao pé da letra da Gênese bíblica, acompanhando a Ciência, progressivamente. (N. do E.)

pelo afundamento dessa mesma crosta em certos lugares, de maior ou menor extensão, onde as águas se acumularam, deixando outros terrenos secos. Foi assim que surgiram ilhas no meio do oceano, enquanto outras desapareceram; que porções de continentes se separaram e formaram ilhas; que, ao secarem, braços de mar ligaram ilhas aos continentes.

A água: quer pela invasão ou pelo recuo do mar em alguns litorais; quer pelos desmoronamentos que, interceptando os cursos de água, formaram os lagos; por causa de transbordamentos e inundações; enfim, pelos aterros formados nas embocaduras dos rios. Esses aterros, fazendo o mar recuar, criaram novas regiões. Essa é a origem do delta do Nilo ou Baixo Egito, do delta do Ródano ou Camarga e de tantos outros.

DILÚVIO BÍBLICO

3. Pelo exame dos terrenos dilacerados pelo soerguimento das montanhas e as camadas que formam seus contrafortes, pode-se determinar sua idade geológica. Por idade geológica das montanhas, não se deve entender o número de anos de sua existência, mas o período durante o qual elas foram formadas e, por consequência, sua antiguidade relativa. Seria um erro crer que essa antiguidade corresponde a sua elevação ou a sua natureza exclusivamente granítica, uma vez que a massa granítica, ao se erguer, pode ter perfurado e separado as camadas superpostas.

Constatou-se assim, pela observação, que as montanhas dos Vosges, da Bretanha e da Cote-D'Or, na França, que não são muito elevadas, pertencem às mais antigas formações. Elas datam do período de transição e são anteriores aos depósitos de carvão mineral. O Jura formou-se em meados do período secundário, sendo contemporâneo dos répteis gigantes. Os Pirineus formaram-se mais tarde, no começo do período terciário. O Monte Blanco e o grupo dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pirineus e datam da metade do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são mais recentes ainda, porque só se formaram no fim do período terciário. Algumas montanhas da Ásia são até posteriores ao período diluviano ou lhe são contemporâneas.

Esses soerguimentos devem ter ocasionado grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis, pelo deslocamento das águas, assim como pela interrupção e mudança do curso dos rios¹⁰⁵.

4. O dilúvio bíblico, designado também pelo nome de grande dilúvio asiático, é um fato cuja existência não se pode duvidar. Provavelmente foi causado pelo erguimento de uma parte de montanhas daquela região, como ocorreu no México. O que corrobora essa opinião é a existência de um mar interior, que em épocas remotas se estendia do mar Negro ao oceano Boreal, comprovado pelas observações geológicas. O mar de Azoff, o mar Cáspio – cujas águas são salgadas, embora não se comunicando com nenhum outro mar –, o lago Aral e os inúmeros lagos espalhados pelas imensas planícies da Tartária e pelas estepes da Rússia parecem ser restos daquele antigo mar. Desde o levantamento das montanhas do Cáucaso, parte daquelas águas foi empurrada para o norte, em direção ao oceano Boreal; a outra parte para o sul, em direção ao oceano Índico. Essas águas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região habitada pelos antepassados do povo hebreu. Embora esse dilúvio tenha se estendido por uma grande área, sabe-se, atualmente, com certeza, que ele foi apenas local; que não foi causado pelas chuvas, porque, ainda que abundante e contínua durante 40 dias, os cálculos provam que a quantidade de

105 O último século oferece um exemplo memorável de um fenômeno desse gênero. A seis jornadas de distância da cidade do México encontrava-se, em 1750, um campo fértil e bem cultivado, onde cresciam em abundância o arroz, o milho e as bananas. No mês de junho, assustadores tremores de terra agitaram o solo, e esses tremores se repetiram sem cessar, durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro, a terra teve uma violenta convulsão; um terreno de várias léguas de extensão se elevava pouco a pouco e atingiu uma altura de 500 pés, sobre uma superfície de 10 léguas quadradas. O terreno ondulava como as vagas do mar, sob o sopro da tempestade; milhares de montículos se elevavam e afundavam a seu turno; enfim, um abismo de aproximadamente 3 léguas abriu-se; fumaça, fogo, pedras abrasadas, cinzas foram lançadas a uma altura prodigiosa. Seis montanhas surgiram desse abismo escancarado, entre os quais o vulcão, ao qual se deu o nome de Jorullo e eleva-se atualmente a 550 metros acima da antiga planície. No momento em que começou o abalo do solo, os dois rios, Cuitimba e São Pedro, refluindo para montante, inundaram toda a planície ocupada até então pelo Jorullo. Mas, no terreno que surgia, uma rachadura se abriu e os devorou. Elas ressurgiram a oeste, sobre um ponto muito distante de seu antigo leito. (FIGUIER, Louis. *La Terre avant le déluge*. p. 379) (N. de Allan Kardec)

água caída não seria suficiente para cobrir toda a Terra até acima das mais altas montanhas.

Para os homens dessa época, que só conheciam uma extensão muito limitada da superfície do globo e não tinham nenhuma ideia de sua configuração desde que a inundação invadiu os países conhecidos, foi como se a Terra inteira tivesse sido invadida pelas  guas. Se a essa crença juntarmos a forma imaginosa e hiperbólica própria do estilo oriental, não nos surpreende o exagero da narração bíblica.

5. O dilúvio asiático foi, evidentemente, posterior   aparição do homem sobre a Terra, já que a memória o conservou como tradição de todos os povos daquela parte do mundo, ficando consagrado em suas teogonias.

Também   posterior ao grande dilúvio universal que assinalou o período geológico atual e, quando se fala de homens e de animais antediluvianos, estamos nos referindo àquele primeiro cataclismo.

REVOLUÇÕES PERIÓDICAS

6. A terra, além do seu movimento anual em torno do Sol, que d  origem às estações, e o movimento de rotação sobre si mesma, em 24 horas, que origina o dia e a noite, possui um terceiro movimento, que se complementa em aproximadamente 25 mil anos (mais exatamente 25.868 anos), que produz o fenômeno designado, em Astronomia, pelo nome de *precessão dos equinócios*.

Esse movimento, que seria impossível explicar em poucas palavras, sem a ajuda de figuras e sem uma demonstração geométrica, consiste em uma espécie de oscilação circular, que se pode comparar a de um pião prestes a cair. Em consequência dessa oscilação, o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um duplo cone, cujo v rtice está no centro do planeta, e as bases abrangem a superfície circunscrita pelos círculos polares; ou seja, uma amplitude de 23 graus e meio de raio¹⁰⁶.

106 Uma ampulheta composta de dois copos c nicos, que gira sobre si mesma numa posição inclinada; ou ainda dois bastões cruzados em forma de x girando sobre seu ponto de intersecção podem dar uma ideia aproximada da figura formada por esse movimento do eixo. (N. de Allan Kardec)

7. O equinócio é o instante em que o Sol, ao passar de um hemisfério para o outro, encontra-se perpendicular ao equador, o que acontece duas vezes por ano, em 20 de março, quando o Sol passa para o hemisfério boreal, e em 22 de setembro, quando retorna ao hemisfério austral.

Em consequência da mudança gradual na obliquidade do eixo, o que resulta em mudança também na obliquidade do equador sobre a eclíptica, o momento do equinócio fica, cada ano, adiantado de alguns minutos (25 min 7 seg). É a esse avanço que se deu o nome de *precessão dos equinócios* (do latim *præcedere*, marchar adiante, composto de *præ* – adiante e *cedere* – ir-se).

Com o passar dos anos, esses alguns minutos formam horas, dias, meses e anos. Disso resulta que o equinócio da primavera, que chega atualmente em março, passado certo tempo chegará em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro e, então, o mês de dezembro terá a temperatura do mês de março, e março a de junho, e assim sucessivamente, até que, ao voltar ao mês de março, as coisas se encontrarão, de novo, na situação atual, o que acontecerá em 25.868 anos, para recomeçar a mesma revolução, indefinidamente¹⁰⁷.

8. Resulta desse movimento cônico do eixo que os polos da Terra não têm sempre diante de si os mesmos pontos do céu; que a estrela Polar não será sempre estrela Polar; que os polos gradualmente se inclinam ou mais ou menos para o Sol, recebendo raios, ou mais ou menos diretos. Disso resulta, por exemplo, que a Islândia e a Lapônia, que estão sob o círculo polar, poderão, dentro de determinado tempo, receber os raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália, e que, na posição extrema oposta, a Espanha e a Itália poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia, e assim sucessivamente, a cada reinício do período de 25 mil anos.

107 A precessão dos equinócios causa outra troca, a que se opera na posição dos signos do zodíaco. A Terra girando em torno do Sol em um ano, à medida que ela avança, o Sol se encontra cada mês diante de uma nova constelação. Estas constelações são em número de 12, a saber: *Áries*, *Touro*, *Gêmeos*, *Câncer*, *Leão*, *Virgem*, *Balança*, *Escorpião*, *Sagitário*, *Capricórnio*, *Aquário* e *Peixes*. São chamadas de constelações zodiacais ou signos do zodíaco e formam um círculo no plano do equador terrestre. Conforme o mês de nascimento do indivíduo, diz-se que ele seria nascido sob tal signo. Daí os prognósticos da astrologia. Mas, pela sequência da precessão dos equinócios, chega-se a que os meses não correspondem mais às mesmas constelações que havia a 2 mil anos; o que nasce no mês de julho não é mais do signo de Leão, mas do de Câncer. Assim cai a ideia supersticiosa relacionada com a influência dos signos (cap. V, n. 12). (N. de Allan Kardec)

9. As consequências desses movimentos não puderam ainda ser determinadas com precisão, porque só se pôde observar uma pequena parte de sua revolução. Não existem, por isso, mais que suposições, ainda que muitas delas possuam a seu favor algumas probabilidades.

Essas consequências são:

1º: O aquecimento e o esfriamento alternados dos polos e, por conseguinte, a fusão dos gelos polares durante a primeira metade do período de 25 mil anos e sua formação, novamente, durante a outra metade desse período, do que resultará que os polos não estariam condenados a uma esterilidade perpétua, mas desfrutariam dos benefícios da fertilidade.

2º: O deslocamento gradual do mar, que de pouco em pouco invade algumas terras, e deixa outras descobertas, para de novo abandoná-las e regressar a seu antigo leito. Esse movimento periódico, renovado indefinidamente, constituiria uma verdadeira maré universal de 25 mil anos.

A lentidão com que se opera esse movimento do mar faz com que esse fenômeno resulte quase imperceptível para cada geração, mas é observável, ao fim de alguns séculos. Não pode causar nenhum cataclismo súbito, porque os homens, de geração em geração, se retiram, à medida que o mar avança, assim como avançam sobre as terras de onde o mar se retira. Essa é a causa, mais que provável, para que alguns cientistas atribuam o afastamento do mar de certos litorais e sua invasão sobre outros.

10. O deslocamento lento, gradual e periódico do mar é um fato provado pela experiência e atestado por numerosos exemplos sobre todos os pontos do globo. Tem por consequência a conservação das forças produtivas da Terra. Essa longa imersão é um tempo de repouso durante o qual as terras submersas recuperam os princípios vitais esgotados por um também longo período de produção. Os imensos depósitos de matéria orgânica formados pela permanência das águas durante séculos e séculos são adubos naturais, periodicamente renovados, e as gerações se sucedem sem se aperceberem dessas mudanças¹⁰⁸.

108 Entre os fatos, os mais recentes que provam o deslocamento do mar, pode-se citar os seguintes:

No golfo de Gasconha, entre o velho Soulac e a torre de Corduan, quando o mar está calmo, descobre-se ao fundo da água partes de uma muralha; são os restos de antiga

CATACLISMOS FUTUROS

11. As grandes comoções da Terra tiveram lugar na época em que a crosta sólida, por sua pouca espessura, só ofereceu uma tênue resistência à eferescência das matérias incandescentes do interior. Essas comoções foram diminuindo de intensidade e de frequência à medida que a crosta se torna consolidada. Numerosos vulcões estão atualmente extintos, enquanto outros foram recobertos por terrenos de formação posterior.

Certamente, ainda poderão ocorrer perturbações locais, por causa de erupções vulcânicas, pela eclosão de novos vulcões, por inundações súbitas de certas regiões; algumas ilhas poderão surgir do mar e outras submergir. Mas passou o tempo dos cataclismos gerais, como os que marcaram

e grande cidade de Noviomagus, invadida pelo mar em 580. O penedo de Corduan, que era então ligado à margem, está agora a 12 quilômetros.

No mar da Mancha, na Costa do Havre, o mar ganha cada dia terreno e mina as falésias de Santa Andressa, que se desmoronam pouco a pouco. A 2 quilômetros da costa, entre Santa Andressa e Cabo da Heveia, existe o Banco do Esplendor, outrora descoberto e reunido à terra firme. De velhos documentos constavam que sobre esse local, onde se navega atualmente, existia a vila de São Denis, chefe de Caux. O mar invadindo o terreno no século 14, a igreja foi encoberta em 1378. Pretende-se que se seus restos sejam vistos no fundo da água, nas calmarias.

Sobre quase toda extensão do litoral da Holanda, o mar só é retido pela força de diques que se rompem de tempos em tempos. O antigo lago *Flevo*, unido ao mar em 1225, forma atualmente o golfo da *Zuyderzée*. Essa invasão do oceano engoliu várias aldeias.

Depois disso, o território de Paris e da França será um dia de novo, ocupado pelo mar, como já tem sido por diversas vezes, tal como provam as observações geológicas. As partes montanhosas, então, formarão, como aconteceu no passado, ilhas próximas ao continente, como são atualmente Jersey, Guernesey, na Inglaterra.

Navegar-se-á sobre os campos que se percorre atualmente em ferrovias; os navios aportarão em Montmartre, no monte Valério, nas costas de Saint Cloud e de Meudon; os bosques e as florestas onde se passeia serão sepultados sob as águas, recobertos de limo e povoados de peixes em lugar dos pássaros.

O dilúvio bíblico não pode ter tido essa causa, já que a invasão das águas foi súbita e sua permanência, de curta duração, enquanto que, de outra forma, ela teria sido de vários milhares de anos e perduraria ainda, sem que os homens se dessem por apercebidos. (N. de Allan Kardec)

os grandes períodos geológicos. A Terra adquiriu uma estabilidade que, sem ser absolutamente invariável, mantém o gênero humano ao abrigo de perturbações gerais, a não ser pela intervenção de causas desconhecidas, estranhas ao nosso globo, e que nada poderia prevenir.

12. Quanto aos cometas, na atualidade temos plena certeza sobre a influência, mais salutar que nociva, que exercem, por parecem destinados a revitalizar os mundos, se assim podemos dizer, pois trazem os princípios vitais que armazenaram durante sua trajetória pelo espaço sideral e nas vizinhanças dos Sóis. Assim, seriam fontes de prosperidade, em vez de mensageiros de desgraças.

Por sua natureza fluídica, atualmente bem constatada¹⁰⁹ (cap. VI, item 28 e seguintes), já pode ser afastado o receio de choques violentos, porque, no caso de um deles vir de encontro à Terra, seria ela que o atravessaria, como se passasse através um nevoeiro.

Menos temível é sua cauda, porque não é mais que a reflexão da luz solar, na imensa atmosfera que os envolve, motivo pelo qual está sempre voltada para o lado oposto ao Sol, e muda de direção de acordo com a posição dele. Essa matéria gasosa poderia, em razão da rapidez de seu deslocamento, constituir uma espécie de cabeleira, como a esteira deixada por um navio em movimento ou a fumaça de uma locomotiva. De resto, vários deles já se aproximaram da Terra sem lhe causar nenhum dano. Em razão da grande diferença de massa, a Terra exerceria sobre um cometa uma atração maior do que ele sobre a Terra. Apenas resquícios de velhos preconceitos podem fazer que a presença de um cometa inspire terror¹¹⁰.

13. É preciso igualmente relegar entre as hipóteses quiméricas a possibilidade da colisão da Terra com outro planeta; a regularidade e a invariabilidade das leis que presidem os movimentos dos corpos celestes tornam impossível qualquer probabilidade de semelhante choque.

109 Na época de Kardec, a mais aceita hipótese era de que a constituição dos cometas não fosse sólida: “Qual pode ser a constituição íntima de um cometa? Tyndall considera-a como um vapor decomponível pela luz solar” (BREWER. *A chave da Ciência*. Lisboa: Editora de Mattos, 1874). (N. do E.)

110 O cometa de 1861 atravessou a órbita da Terra a 20 horas de distância do ponto de onde se encontrava, razão pela qual a Terra esteve mergulhada na esteira vaporosa do cometa sem que ocorresse qualquer acidente. (N. de Allan Kardec)

A Terra, no entanto, terá um fim. Como? Isso é impossível de prever. Mas como ela está ainda longe da perfeição que pode atingir e do envelhecimento que seria um sinal de declínio, seus habitantes atuais podem estar seguros de que tal fato não ocorrerá na época atual. (cap. IV, item 48 e seguintes)

14. Fisicamente, a Terra teve as convulsões de sua infância; entrou, então, em um período de estabilidade relativa, no progresso pacífico que se realiza mediante a repetição regular dos mesmos fenômenos físicos e pela participação inteligente do homem. *Porém, está ainda em pleno trabalho de gestação do progresso moral.* Ele será a causa de suas maiores comoções. *Até que a humanidade tenha crescido suficientemente em perfeição, tanto pela inteligência como pela prática das leis divinas, as maiores perturbações serão causadas mais pelos homens que pela natureza, isto é, serão mais morais e sociais que físicas.*¹¹¹

111 Independentemente das referências científicas então disponíveis, muitas delas superadas, a ideia de fundo de Allan Kardec neste capítulo se sustenta por novas descobertas e constatações: não se deve temer ou interpretar as profecias do fim do mundo como tendo características físicas, catastróficas, mas, sim, transformações morais da humanidade. (N. do E.)

CAPÍTULO X

Gênese orgânica

Primeira formação dos seres vivos – Princípio vital
– Geração espontânea – Escala dos seres corpóreos – O homem

PRIMEIRA FORMAÇÃO DOS SERES VIVOS

1. Houve um tempo em que os animais não existiam. Logo, tiveram um início. Cada espécie apareceu à medida que o globo adquiriu as condições necessárias para sua existência: eis o que é positivo. Como foram formados os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que, a partir da existência de um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram. Mas de onde surgiu esse casal? Esse é um dos mistérios relacionados à origem das coisas e sobre o qual só podemos formular hipóteses. Se a Ciência não pode resolver completamente o problema, pode, pelo menos, buscar uma solução.
2. Uma primeira questão se apresenta: cada espécie animal veio de um *casal primitivo* ou de vários pares criados ou desenvolvidos a partir de *germes*¹¹², simultaneamente em diferentes lugares?

112 Duas teorias concorriam quanto à formação dos seres a *epigênese*, surgida com Aristóteles, segundo o qual a “alma” (em sua concepção: forma do corpo) gera o corpo a partir de uma quantidade de substância material amorfa. No século 18, surgiu a teoria da pré-formação: o *germe*, que já possui a forma original, apenas cresce; ou o desenvolvimento da forma da espécie pela agregação da matéria conforme leis naturais próprias da germinação, em cada espécie. Esse último sentido, resultante da Ciência evolucionista, é a que Kardec considera mais provável. (N. do E.)

Essa última suposição é a mais provável. Pode-se dizer que ela resulta da observação¹¹³. Com efeito, existe em uma mesma espécie uma infinita variedade de gêneros que diferem por características particulares distintas. Era preciso, necessariamente, ao menos um tipo para cada variedade, apropriada ao meio em que devia viver, já que cada uma reproduz de forma idêntica a si mesma.

Por outro lado, a vida de um indivíduo, sobretudo a de um recém-nascido, está sujeita a tantos incidentes que uma criação inteira poderia se comprometer sem a pluralidade dos tipos primitivos, o que, dessa maneira, ficaria em desacordo com a providência divina. Além disso, se um tipo distinto pode se formar em um local, não há razão para que não possa ser formado em vários outros locais pela mesma causa.

Enfim, a observação das camadas geológicas atesta a presença nos terrenos de formação idêntica e em proporções enormes das mesmas espécies sobre pontos distantes do globo. Essa multiplicação, tão geral e, de algum modo, contemporânea, teria sido impossível com um único tipo primitivo.

Tudo concorre para provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal¹¹⁴.

3. A formação dos primeiros seres vivos pode-se deduzir por analogia da mesma lei segundo a qual são formados, e se formam diariamente, os corpos inorgânicos. À medida que nos aprofundamos nas leis da natureza, vemos seus mecanismos, que, a princípio, pareciam tão complicados simplificarem-se e se confundirem na grande lei da unidade, que preside toda obra da criação. Compreende-se melhor quando se leva em conta a formação dos corpos inorgânicos como seu primeiro estágio.

113 *Observação* aqui faz referência à metodologia científica apresentada na época na Ciência Filosófica da Lógica Experimental. Kardec afirma que essa hipótese é científica. (N. do E.)

114 O raciocínio de Kardec se aproxima dos conceitos então ainda recentes na Ciência quanto à evolução das espécies propostos por Alfred Russell Wallace e Charles Darwin (N. do E.).

4. A Química considera como elementares um certo número de substâncias¹¹⁵, tais como o oxigênio, o hidrogênio, o azoto¹¹⁶, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Por suas combinações, eles formam os corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inumeráveis variedades que resultam da interação deles.

A combinação de dois corpos, para formar um terceiro, requer a existência de determinadas condições: seja um grau determinado de calor, de secura, de umidade, seja o movimento, o repouso, seja uma corrente elétrica, etc. Se essas condições não existirem, a combinação não ocorrerá.

5. Quando há combinação, os corpos componentes perdem suas propriedades características, enquanto que o composto resultante adquire novas, diferentes das primeiras. É assim, por exemplo, que o hidrogênio e o oxigênio, que são gases invisíveis, combinando-se quimicamente, formam a água, que é líquida, sólida ou gasosa, conforme a temperatura. Na água não há mais, propriamente dito, hidrogênio e oxigênio, mas uma nova substância. Decompondo-se a água, os dois gases tornam-se livres, readquirindo suas propriedades, e não haverá mais água. A mesma quantidade de água pode ser, alternadamente, decomposta e recomposta infinitas vezes.

Na simples mistura, não há produção de um novo corpo, e os princípios misturados conservam suas propriedades intrínsecas, que são simplesmente minoradas, como no caso do vinho misturado à água. É assim que uma mistura de 21 partes de oxigênio e de 79 partes de azoto formam o ar respirável, da mesma forma que cinco partes de oxigênio e duas de azoto produzem o ácido nítrico.

6. A composição e a decomposição dos corpos ocorrem por causa do grau de afinidade¹¹⁷ que existe entre os princípios elementares. A formação da

115 Desde a organização da Química por Lavoisier, no *Tratado Elementar de Química*, de 1789, as substâncias elementares passaram a designar “as partículas simples e indivisíveis que compõem os corpos”, e também sólidas e indestrutíveis. Ou seja, os átomos. Atualmente, porém, sabemos que não são sólidos, e são compostos por prótons, nêutrons, elétrons, além de outras divisões. (N. do E.)

116 Atualmente, nitrogênio. (N. do E.)

117 Kardec faz uso de termos próprios da Química de seu tempo. Os átomos de ferro, por exemplo, se unem por uma atração então chamada *coesão*. “A uma atração

água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca do oxigênio e do hidrogênio. Mas, se colocarmos em contato com a água um elemento que tenha maior afinidade com o oxigênio que o hidrogênio, a água se decompõe. O oxigênio é absorvido, liberando o hidrogênio, e não há mais água.

7. Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, ou seja, pela combinação de uma quantidade determinada dos princípios constituintes. Assim, para formar a água é preciso uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Então, mesmo que se pusesse, nas mesmas condições, uma proporção maior de um ou do outro dos dois gases, só a quantidade necessária seria absorvida e a excedente ficaria livre. Se, em outras condições, houver duas partes de hidrogênio combinadas com duas de hidrogênio, no lugar da água comum teríamos o dióxido de hidrogênio, um líquido corrosivo, entretanto formado pelos mesmos elementos que a água, mas numa outra proporção.

8. Essa é, em poucas palavras, a lei que preside a formação de todos os corpos da natureza. A inumerável variedade desses corpos resulta de um reduzido número de princípios elementares, combinados em proporções diferentes.

Assim, o oxigênio combinado em certas proporções com o carbono, o enxofre, o fósforo forma o ácido carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo, ambos inofensivos, dão lugar aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o branco de alvaiade, o mínio, que são venenosos. O oxigênio, com os metais chamados cálcio, sódio, potássio, forma a cal, a soda cáustica, a potassa. A cal unida ao ácido carbônico forma os carbonatos de cálcio ou pedras calcárias, tais como o mármore, o giz, a pedra de batimento, as estalactites das grutas, unidos ao ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio, ou gesso, e o alabastro; ao ácido fosfórico, o fosfato de cálcio, base sólida dos ossos; o hidrogênio e o cloro formam o ácido clorídrico; o cloro e o sódio formam o cloreto de sódio, ou sal marinho.

entre moléculas de diferentes naturezas, atribuem os químicos a combinação, e para distinguir de coesão, a designam pelo nome de afinidade.” (CARVALHO, Joaquim. *Lições de Filosofia Chimica*. Coimbra, 1850). As substâncias constituídas de um só tipo de átomo eram os corpos simples, e aqueles pelos de diferentes naturezas, corpos compostos. (N. do E.)

9. Todas essas combinações e milhares de outras obtêm-se artificialmente, em pequenas quantidades nos laboratórios de química e se produzem, espontaneamente, em grande escala, no imenso laboratório da natureza.

A Terra, em sua origem, não continha essas matérias combinadas, mas apenas seus princípios constituintes volatilizados. Quando as terras calcárias e outras tornaram-se pedregosas, no passar do tempo, e foram depositadas em sua superfície, não estavam totalmente formadas. Mas no ar encontravam-se, em estado gasoso, todas as substâncias primitivas. Estas, precipitadas por efeito do resfriamento e submetidas ao domínio de circunstâncias favoráveis, combinaram-se segundo o grau de sua afinidade molecular. Foi então que se formaram as diferentes variedades de carbonatos, sulfatos, etc., a princípio dissolvidos nas águas, depois, depositados na superfície do solo.

Supondo que, por uma causa qualquer, a Terra volte ao seu estado primitivo de incandescência, tudo isso se decomporia; os elementos se separariam; todas as substâncias fusíveis se fundiriam; todas as que são voláteis se volatilizariam. Posteriormente, um segundo resfriamento levaria a uma nova precipitação e as antigas combinações se formariam novamente.

10. Essas considerações mostram o quanto a Química era necessária para a compreensão da Gênese. Antes do conhecimento das leis da afinidade molecular, era impossível compreender a formação da Terra. Essa Ciência esclareceu a questão de um jeito novo, como a Astronomia e a Geologia fizeram por outros pontos de vista.

11. Na formação dos corpos sólidos, um dos fenômenos mais notáveis é o da cristalização, que consiste na forma regular que certas substâncias assumem ao passar do estado líquido ou gasoso para o sólido. Essa forma, que varia de acordo com a natureza da substância, é geralmente a de sólidos geométricos, tais como o prisma, o romboide, o cubo, a pirâmide. Todos conhecem os cristais de açúcar cândi, os cristais de rocha, ou silício cristalizado, que são prismas de seis faces que terminam em uma pirâmide, também hexagonal. O diamante é carbono puro, ou carvão cristalizado. Os desenhos que se produzem sobre os vidros, no inverno, são devido à cristalização do vapor de água sob a forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais corresponde à forma particular das moléculas de cada corpo. Essas partículas, infinitamente pequenas para nós,

não deixam de ocupar um certo espaço, ligadas umas às outras, pela atração molecular. Elas se arranjam e se justapõem conforme sua forma exige, de maneira que cada uma tome seu lugar em torno do núcleo, ou primeiro centro de atração, para constituir um conjunto simétrico.

A cristalização só ocorre em certas circunstâncias favoráveis, fora das quais não pode acontecer; o grau da temperatura e o repouso absoluto são condições essenciais. Compreende-se que um calor muito forte, mantendo as moléculas afastadas, não permite a condensação, e que com a agitação, impossibilitando seu arranjo simétrico, elas apenas formarão uma massa confusa e irregular, não havendo, portanto, a cristalização propriamente dita.

12. A lei que rege a formação dos minerais conduz, naturalmente, à formação dos corpos orgânicos.

A análise química nos mostra que todas as substâncias vegetais e animais são compostas pelos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, os que ocupam o principal papel são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono; os outros são acessórios. Como no reino mineral, a diferença de proporção na combinação desses elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas diversas propriedades, tais como os músculos, os ossos, o sangue, a bile, os nervos, a matéria cerebral, a gordura nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas, etc. nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, não entra nenhum elemento especial que não se encontre, igualmente, no reino mineral¹¹⁸.

118 A tabela a seguir, de análise de algumas substâncias, mostra a diferença das propriedades que resultam da exclusiva diferença na proporção dos elementos constituintes. Para cem partes:

	Carbono	Hidrogênio	Oxigênio	Nitrogênio
Açúcar de cana	42.470	6.900	50.630	--
Açúcar de uva	36.710	6.780	56.510	--
Álcool	51.980	13.700	34.320	--
Azeite de oliva	77.210	13.360	9.430	--
Óleo de nozes	79.774	10.570	9.122	0.534
Banha	78.996	11.700	9.304	--
Fibrina	53.360	7.021	19.685	19.934

(N. de Allan Kardec)

13. Alguns exemplos comuns farão compreender as transformações que se operam no reino orgânico pela simples modificação dos elementos constitutivos.

No suco da uva não há ainda nem o vinho nem o álcool, mas simplesmente água e açúcar. Quando ele amadurece e as condições são propícias, acontece uma atividade interna denominada fermentação. Nesse trabalho, parte do suco se decompõe; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono se separam e se combinam nas proporções necessárias para produzir o álcool, de tal modo que, quando bebemos suco de uva, não estamos bebendo álcool, já que ele ainda não existe.

No pão e nos legumes que se come, não há, certamente, carne, sangue, osso, bile nem matéria cerebral, mas, conforme esses alimentos vão se decompondo e se recompondo, pelo trabalho da digestão, produzem essas diferentes substâncias, pela simples transformação de seus elementos constitutivos.

Na semente de uma árvore, não há madeira, folhas, flores nem frutos, e é um erro infantil crer que a árvore inteira, sob forma microscópica, está ali. Não existe nela nem a quantidade de oxigênio, de hidrogênio e de carbono necessária para formar uma folha da árvore. A semente contém um germe que eclode quando ela se acha em condições favoráveis; esse germe cresce graças aos nutrientes que tira da terra e dos gases que aspira do ar. Esses nutrientes, que não são tronco, folhas nem frutos, infiltram-se na planta e nela formam a seiva, do mesmo modo como, nos animais, os alimentos formam o sangue. Essa seiva, levada pela circulação em todas as partes do vegetal, conforme os órgãos onde chegam, ela passa por uma elaboração, transforma-se em troncos, folhas, frutos, como o sangue se transforma em carne, osso, bile, etc. e, entretanto, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, nitrogênio e carbono, diversamente combinados.

14. As diferentes combinações dos elementos para a formação das substâncias minerais, vegetais e animais só podem ser produzidas nos meios e nas circunstâncias propícias. Fora dessa condição, os princípios elementares permanecem numa espécie de inércia. Mas, a partir do momento em que as circunstâncias se tornem favoráveis, começa um trabalho de elaboração. As moléculas entram em movimento, agitam-se, atraem-se, aproximam-se e separam-se, em virtude da lei das afinidades, e, mediante suas múltiplas combinações, compõem a infinita variedade das substâncias. Quando essas

condições cessam de existir, o trabalho é bruscamente interrompido para recomeçar quando elas se apresentarem novamente. É assim que a vegetação se ativa, debilita-se, detém-se e prossegue sob ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca. É por isso que uma planta se desenvolve num clima ou num terreno, e se debilita ou morre em outro.

15. O que acontece diariamente, sob as nossas vistas, pode nos ajudar a compreender o que se passou na origem dos tempos, porque as leis da natureza são sempre as mesmas.

Uma vez que os elementos constituintes dos seres orgânicos e seres inorgânicos são os mesmos, e que os vemos incessantemente, sob o domínio de certas circunstâncias, formarem as pedras, as plantas e os frutos, podemos concluir que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram, como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares, de acordo com a lei de afinidade, à medida que as condições de vida do globo se tornaram propícias a tal ou qual espécie.

A semelhança de forma e cores, na reprodução dos indivíduos de cada espécie, pode ser comparada à semelhança de forma de cada espécie de cristal. As moléculas, justapondo-se sob o domínio da mesma lei, produzem um conjunto análogo.

PRINCÍPIO VITAL¹¹⁹

16. Dizendo que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constitutivos dos minerais, é preciso que se entenda isso no sentido exclusivamente material, pois só se trata aqui da questão do corpo.

119 O conceito de princípio vital foi desenvolvido pelo médico Paul Joseph Barthez (1734-1806). Até então, animistas, como Sthal, propunham que a própria alma dava vida ao corpo, criando a dificuldade de explicar como algo imaterial age sobre a matéria. Com o objetivo de estabelecer uma ciência do homem, Barthez estabelece a ideia de que, independentemente da alma, algo indefinível, que não a alma, é responsável pelos movimentos orgânicos: “Eu provarei que o princípio vital explica os fenômenos biológicos e deve ser concebido por meio de ideias distintas das relacionadas com o corpo e a alma” (*Nouveaux Éléments de la science de l’homme*). Ou seja, o princípio vital não explica a causa da vida orgânica, mas a diferencia da alma imaterial. Allan Kardec, nesta obra, faz uso desse conceito para se referir ao fenômeno da vida (princípio vital) como distinto da alma (princípio inteligente). (N. do E.)

Sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte, existe na matéria orgânica um princípio especial, imperceptível e que ainda não pôde ser definido: é o *princípio vital*¹²⁰. Esse princípio, ativo no ser vivo, está *extinto* no ser morto, mas nem por isso deixa de dar à substância propriedades características que a distinguem das inorgânicas. A Química que decompõe e recompõe a maior parte dos corpos inorgânicos também conseguiu decompor os orgânicos, mas jamais conseguiu reconstituir sequer uma folha morta, prova evidente que há neles alguma coisa que não existe nos outros.

17. O princípio vital é algo distinto, tendo uma existência própria? Ou então, para ser integrado no sistema de unidade do elemento gerador, é apenas um estado particular, uma das modificações do fluido cósmico universal, que se torna princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade?¹²¹ É nesse último sentido que a questão é resolvida pelas comunicações reproduzidas anteriormente. (cap. VI, *Uranografia geral*).

120 *Princípio vital* foi uma expressão adotada por fisiologistas e psicólogos, no século 19, para fazer referência à causa da vida, independente da alma, sem fazer referência à uma hipótese ou teoria que a explique. (N. do E.)

121 Kardec faz referência às teorias então em voga para explicar os fenômenos do *princípio vital*. De um lado, poderia ser “algo distinto, tendo existência própria”, na época, a hipótese de uma substância especial constituída por átomos indestrutíveis, sem peso, o *fluido vital*. Essa ideia se baseava por semelhança à teoria do fluido calórico, adotada para explicar o fenômeno do calor. (Os físicos não aceitavam a hipótese do fluido vital, pois, diferente do calórico, não apresentava manifestação física que a justificasse). A outra, “modificação do fluido cósmico universal”, é a hipótese de Mesmer: “Não sendo, absolutamente, uma substância, mas um movimento, como o som no ar, a luz no éter, modificado numa determinada sequência do fluido cósmico. (...) sua propagação ocorre por meio de uma vibração, como a luz, o som ou a eletricidade (...) torna-se condutor e veículo do pensamento e da vontade” (*Mesmerismus*, Berlin, 1814). Kardec afirma, então, que é nesse segundo sentido que as comunicações a resolvem. A interação entre dois indivíduos, portanto, como no caso do tratamento pelo magnetismo animal ou na ação do sonambulismo provocado (magnetizador e sonâmbulo), não ocorre por uma emissão de substância de um ao outro (fluido vital), mas pela ação dinâmica, sintonia vibratória, a partir de uma modificação do fluido cósmico universal (movimento) causado pelo pensamento e pela vontade do agente (magnetizador). Essa explicação amplia e justifica a interdependência das ciências de Mesmer (Magnetismo Animal) e a doutrina dos Espíritos (Espiritismo), justificando

Mas, seja qual for a opinião que se faça sobre a natureza do princípio vital, o certo é que ele existe, porque observamos seus efeitos. Pode-se admitir, logicamente, que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital que era necessário à sua destinação; ou, se preferirem, que esse princípio se desenvolveu em cada indivíduo por efeito da combinação dos elementos, tal como se desenvolveram, em certas circunstâncias, o calor, a luz e a eletricidade.

18. O oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, combinando-se sem o princípio vital, só formam um mineral ou corpo inorgânico. O princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, dá-lhe propriedades especiais. No lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica¹²².

A atividade do princípio vital é mantida durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Ao cessar essa ação pela morte, o princípio vital se *extingue*, como o calor, quando a roda cessa de girar. Mas o *efeito* produzido sobre o estado molecular do corpo pelo princípio vital subsiste, mesmo após a extinção desse princípio, assim como a carbonização da madeira após a extinção do calor e a cessação do movimento da roda.

a afirmativa de Allan Kardec, na *Revista Espírita* de 1869: “O magnetismo e o Espiritismo são, com efeito, duas ciências gêmeas, que se completam e se explicam uma pela outra, e das quais aquela das duas que não quer se imobilizar, não pode chegar a seu complemento sem se apoiar sobre a sua congênere; isoladas uma da outra, elas se detêm num impasse; elas são reciprocamente como a Física e a Química, a Anatomia e a Fisiologia”. De forma coerente, Kardec jamais cita a teoria do *fluido vital* nesta obra. No século 20, essa hipótese foi falseada e abandonada pela Ciência. (N. do E.)

122 O sistema da *molécula orgânica* foi proposto pelo conde de Buffon, em 1778 (*Les époques de la nature*). Seriam partículas vivas indestrutíveis produzidas pela ação do calor sobre a matéria inorgânica, cuja agregação originaria os organismos. Alimentando-se um dos outros, fauna e flora consumiriam regularmente essas moléculas, permitindo seu crescimento e sua manutenção. Nos parágrafos seguintes, Kardec vai expor essa teoria como era defendida por fisiologistas no século 19. Por mais que sejam interessantes, foram superadas pelo conhecimento atual da Citologia e Genética, sendo que as moléculas dos corpos orgânicos são iguais às dos inorgânicos, além de desnecessária, é falsa a hipótese de *eletricidade animal* ou qualquer outra substância própria da vida. (N. do E.)

Na análise dos corpos orgânicos, a Química encontra os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, nitrogênio e carbono, mas não pode reconstituí-los, porque a causa não existindo mais; não é possível reproduzir o *efeito*. No entanto, ela pode reconstituir uma pedra.

19. Tomamos, como termo de comparação, o calor desenvolvido pelo movimento de uma roda, porque é um efeito comum, conhecido por todos, e mais fácil de compreender. Mas teria sido mais exato dizer que, na combinação dos elementos, para formar os corpos orgânicos, desenvolve-se a *eletricidade*. Eles seriam, assim, verdadeiras *pilhas elétricas* que funcionam enquanto os elementos dessa pilha estão em condições necessárias para produzir eletricidade: é a vida; e que param de funcionar quando cessam as condições: é a morte. Por essa ótica, o princípio vital não seria mais que uma espécie particular de eletricidade, designada de *eletricidade animal*¹²³, desprendida, durante a vida, pela ação dos órgãos, e cuja produção cessa após a morte, devido à extinção dessa ação.

GERAÇÃO ESPONTÂNEA¹²⁴

20. Indaga-se naturalmente porque não se formam mais seres vivos nas mesmas condições em que se formaram os primeiros que apareceram na Terra.

123 Allan Kardec não está descrevendo uma hipótese originária do ensino dos Espíritos, mas da Ciência humana. Experimentando com patas de rãs, cujos músculos contraíam quando estimulados por metais, o cientista Luigi Galvani (1737-1798) conjecturou que os nervos não conduziam líquidos como até então se pensava, mas uma substância própria dos seres vivos, semelhante, mas diferente dos fenômenos da eletricidade comum, que chamou *eletricidade animal*. Naquele tempo, a comunidade científica ainda não havia concluído a existência de energia, e todo movimento para eles teria origem mecânica, causado por átomos imaginados como minúsculas esferas móveis. Hoje sabemos que os organismos são compostos de trilhões de células, cujas mitocôndrias convertem energia presente nos alimentos ingeridos. Há também atividade elétrica nas células, como na rede de conexões dos neurônios. (N. do E.)

124 Kardec, nesta obra, analisou as mais importantes questões que preocupavam o pensamento científico de sua época, que tinham relação com o tema da Gênese, e a geração espontânea estava entre elas. No fim do século 19, cientistas como Musset,

A questão da geração espontânea atualmente preocupa a Ciência, sem que haja um consenso quanto à sua solução, mas não deixa de lançar luz sobre esse assunto. O problema proposto é o seguinte: seres orgânicos formam-se espontaneamente, em nossos dias, pela simples reunião dos elementos que os constituem, sem embriões previamente produzidos, pelo modo habitual de germinação, ou seja, sem pais nem mães?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente e se apoiam em observações diretas que parecem conclusivas. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns em decorrência dos outros e se baseiam no fato, constatado pela experiência, de que os germes de certas espécies vegetais e animais, mesmo dispersos, podem conservar uma vitalidade latente durante um tempo considerável, até que as circunstâncias sejam favoráveis à sua eclosão. Essa opinião deixa pendente a questão de como se formaram os primeiros tipos de cada espécie.

21. Sem discutir os dois sistemas, convém destacar que o princípio da geração espontânea só pode, evidentemente, ser aplicado aos seres de ordem inferior do reino vegetal e do reino animal, naqueles em que a vida começa a despontar e cujo organismo, extremamente simples, está de alguma forma ainda rudimentar. Foram esses, efetivamente, os primeiros seres vivos que apareceram na Terra e dos quais a geração deve ter sido espontânea. Nesse caso, estaríamos assistindo a uma criação permanente, análoga a que ocorreu nos primórdios do mundo.
22. Mas, então, por que não se formam, da mesma maneira, seres de uma organização complexa? É um fato real que esses seres não existiram sempre. Portanto, tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem se produzir espontaneamente, por que não se dá o mesmo com as árvores, os peixes, os cães, os cavalos?

Wyman, Owen, Joly aceitavam essa hipótese. A Academia de Ciências de Paris formou uma comissão e estabeleceu um prêmio, vencido por Pasteur, “que se serviu de uma experiência muito simples e engenhosa, para provar que efetivamente são os germes, que andam na atmosfera, a causa das pretendidas gerações espontâneas” (*Espériences relatives aux générations spontanées*. Comp. Rend. De l’Acad. Des sciences. Sessão de 6 de fevereiro de 1860). Mas a mudança de paradigma ocorreu naturalmente, após a transição entre as gerações da comunidade científica. (N. do E.)

Aqui param, por enquanto, as investigações. O fio condutor se perde, e até que ele seja encontrado, o campo está aberto às hipóteses. Seria imprudente e prematuro apresentar esses sistemas como verdades absolutas.

23. Se o fato da geração espontânea está demonstrado, ainda que de forma limitada, não deixa de ser básico um marco que pode conduzir o olhar para novas observações. Se os seres orgânicos complexos não se reproduzem dessa maneira, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Quando se vê o carvalho e a bolota (semente do carvalho), quem poderá dizer que não há um elo misterioso entre o pólipó e o elefante?

Deixemos ao tempo o cuidado de levar a luz ao fundo desse abismo, se um dia ele puder ser sondado. Esses conhecimentos são interessantes, sem dúvida, sob o ponto de vista da Ciência pura, mas não são eles que influem sobre os destinos do homem.

ESCALA DOS SERES CORPÓREOS

24. Entre os reinos vegetal e animal não há delimitação nitidamente traçada. Na fronteira dos dois estão os *zoófitos* ou *animais-plantas* cujo nome indica que participam de um e do outro: é um traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Também necessitam de luz, calor e água. Faltando esses elementos, definham e morrem. A absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Sua característica distintiva mais marcante é a de estarem fixadas ao solo e de aí retirarem sua nutrição, sem se deslocarem.

O zoófito tem aparência exterior da planta. Como planta, ele se atém ao solo. Como animal, a vida nele é mais acentuada; ele tira sua nutrição do meio ambiente.

Um grau acima, o animal está livre e vai procurar seu alimento; inicialmente são as inumeráveis variedades de pólipos, em corpos gelatinosos, sem órgãos distintos e que só se diferem das plantas pela locomoção; depois, seguindo a ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto: os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnosos,

sem osso, dos quais uns são nus, como as lesmas, as polpas ou os polvos, outros são revestidos de conchas, como os caramujos, as ostras. Depois vem os crustáceos, cuja crosta é revestida de uma casca dura, como os caranguejos e as lagostas; os insetos, nos quais a vida toma uma atividade prodigiosa e se manifesta o instinto industrioso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns sofrem metamorfose, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem, a seguir, a ordem dos vertebrados, animais com esqueleto ósseo, que compreende os peixes, os répteis, os pássaros e, por último, os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

O HOMEM

25. Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais difere apenas em pequenas mudanças na forma exterior. No demais, possui a mesma composição química dos animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, respiração, secreção e de reprodução; nasce, vive, morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe como o de todo ser vivente. Não há em seu sangue, sua carne, seus ossos, um átomo a mais nem a menos do que nos corpos dos animais. Tal como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o nitrogênio e o carbono que se encontravam combinados para formá-lo. Por meio de novas combinações, esses elementos vão formar novos corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande que se estudam suas funções orgânicas em certos animais, quando as experiências não possam ser feitas neles mesmos.
26. Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos *bímanos*. Imediatamente abaixo dele vêm os *quadrúmanos* (animais com quatro mãos) ou macacos, dos quais, alguns, como o orangotango, o chipanzé, o jongo, têm certos gestos como o do homem, a tal ponto que têm sido designados, por muito tempo, como *homens dos bosques*. Tal qual os homens, eles caminham eretos, serve-se de bastões, e levam os alimentos à boca com a mão: sinais característicos.
27. Por pouco que se observe a escala dos seres vivos sob o ponto de vista do organismo, reconhece-se que, desde o líquen até as árvores e desde o

zoófito até o homem, existe uma cadeia que se eleva, gradativamente, em solução de continuidade, e da qual todos os elos têm um ponto de contato com o elo precedente. Acompanhando passo a passo a série de seres, pode-se dizer que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior. Uma vez que o corpo do homem está, nas condições idênticas aos outros corpos, química e constitucionalmente, já que nasce, vive e morre da mesma maneira, ele deve ser formado nas mesmas condições.

- 28.** Ainda que isso possa ferir seu orgulho, o homem deve se resignar a não ver em *seu corpo material* mais que o último elo da animalidade *sobre a Terra*. O inexorável argumento dos fatos está aí, contra o qual será inútil protestar.

Mas, quanto mais o corpo diminui de valor a seus olhos, mais o princípio espiritual cresce em importância. Se o primeiro o nivela aos irracionais, o segundo o eleva a uma altura incomensurável. Vemos o círculo onde se detém o animal; não vemos o limite onde possa atingir o Espírito do homem.

- 29.** O materialismo pode ver por aí que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da Ciência e sua positividade, vai ao seu encontro e as provoca, por ter a certeza de que o princípio espiritual, que tem sua existência própria, não pode sofrer nenhum prejuízo.

CAPÍTULO XI

Gênese espiritual

Princípio espiritual – União do princípio espiritual e da matéria – Hipótese sobre a origem do corpo humano – Encarnação dos Espíritos – Reencarnação
– Emigrações e imigrações dos Espíritos – Raça adâmica
– Doutrina dos anjos decaídos

PRINCÍPIO ESPIRITUAL¹²⁵

1. A existência do princípio espiritual é um fato que não tem, por assim dizer, necessidade maior de demonstração que o princípio material. É, de certa forma, uma verdade axiomática. Afirma-se, por seus efeitos, como a matéria pelos que lhe são próprios.

De acordo com a máxima: “Todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente, deve ter uma causa inteligente”, não há quem não faça a diferença entre o movimento mecânico de um sino agitado pelo vento e o movimento desse mesmo sino destinado a dar um sinal, um aviso, comprovando, por esse fato, um pensamento, uma intenção. Ora, como não pode ocorrer a ninguém a ideia de atribuir pensamento ao sino, conclui-se que ele está movido por uma inteligência, à qual ele serve de instrumento para se manifestar.

Pela mesma razão, ninguém terá a ideia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Se quando está vivo o homem pensa, é porque

125 O materialismo nega a existência de um princípio espiritual, creditando todos os fenômenos ao princípio material. A Ciência Psicológica adotada oficialmente na França durante o século 19 (iniciada por Maine de Biran) considerava o ser humano como “alma encarnada”: um princípio espiritual dotado de faculdades como razão, vontade, imaginação, senso moral; tendo o corpo como seu instrumento, por uma união necessária. Para o Espiritismo, a criação se compõe de dois princípios: o espiritual e o material. (N. do E.)

há nele algo que não existe quando está morto. A diferença que existe entre ele e o sino é que a inteligência que faz este se mover está fora dele, enquanto que a que faz o homem agir está nele mesmo.

2. O princípio espiritual é o corolário da existência de Deus. Sem esse princípio, Deus não teria razão de existir, porque não se poderia conceber a soberana inteligência reinando durante a eternidade somente sobre a matéria bruta, assim como um monarca terrestre não reinaria durante toda a sua vida sobre as pedras. Como não se pode admitir Deus sem os atributos essenciais da divindade: a justiça e a bondade, essas qualidades seriam inúteis se só devessem ser exercidas sobre a matéria.
3. Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, criando seres inteligentes e sensíveis para consagrá-los ao nada, após alguns dias de sofrimentos sem compensações, entretendo sua vida nessa sucessão indefinida de seres que nascem sem desejarem, pensam um instante, apenas para conhecerem a dor, e se apagam para sempre, após uma existência efêmera.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem motivo. Por esse motivo, o materialismo e o ateísmo são consequência um do outro: negando a causa, não se pode admitir o efeito; negando o efeito, não se pode admitir a causa. O materialismo é, pois, coerente consigo mesmo, ainda que não o seja com a razão

4. A ideia da perpetuidade do ser espiritual é inata no homem; está nele no estado de intuição e de aspiração, pois ele compreende que somente aí está a compensação das misérias da vida. É por causa disso que sempre houve, e sempre haverá, mais espiritualistas que materialistas, e mais deístas que ateus.

À ideia intuitiva e ao poder do raciocínio, o Espiritismo vem juntar a confirmação pelos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, de sua sobrevivência, de sua imortalidade e de sua individualidade; especifica e define o que essa ideia tinha de vago e de abstrato. Mostra-nos o ser inteligente agindo fora da matéria, tanto depois como durante a vida do corpo.

5. O princípio espiritual e o princípio vital¹²⁶ são um só e a mesma coisa?

Partindo como sempre da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria alguma razão

126 Desde o século 18, a Ciência busca explicar o fenômeno da vida, a vitalidade da matéria orgânica. Havia a hipótese animista para o médico Georg Ernst Stahl

de confundi-los. Mas como se veem seres que vivem e que não pensam, como as plantas; corpos humanos que continuam animados de vida orgânica, nos quais não existe mais nenhuma manifestação do pensamento; que no ser vivo são produzidos movimentos vitais, independentes de todo ato da vontade; que durante o sono a vida orgânica está em toda a sua atividade, ao passo que a vida intelectual não se manifesta por nenhum sinal exterior, é válido admitir que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao Espírito. Desde que a matéria tenha uma vitalidade independente do Espírito, e este uma vitalidade independente da matéria, fica evidente que essa dupla vitalidade repousa sobre dois princípios diferentes.

6. O princípio espiritual teria sua origem no elemento cósmico universal? Seria só uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.¹²⁷

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria. Ele se extinguiria pela desagregação, como o princípio vital. O ser inteligente só teria uma existência momentânea como o corpo e, ao morrer, retornaria ao nada, ou o que daria no mesmo, sumiria no todo universal; seria, em uma palavra, a confirmação das doutrinas materialistas.

As propriedades *sui generis* que se reconhecem no princípio espiritual provam que ele tem existência própria, independente. Se tivesse sua origem na matéria, não teria essas propriedades. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se à conclusão,

(1659-1734) de a alma imaterial seria a responsável direta pelo movimento e pelas funções orgânicas do corpo físico. Posteriormente, o vitalismo vai separar a alma, possuidora das faculdades (razão, vontade, imaginação) do princípio vital, causa ainda desconhecida da vida orgânica. É a esse debate ao qual Kardec se refere nesta questão. (N. do E.)

127 No capítulo X (no subtítulo *Princípio vital*), Allan Kardec define o princípio vital como uma transformação do fluido cósmico universal, ou seja, um movimento vibracional do agente, como a luz, o calor, a eletricidade – conceito proposto pelo médico Franz Anton Mesmer na Ciência do magnetismo animal (veja em *Mesmer – a ciência negada do magnetismo animal*, por Paulo Henrique de Figueiredo. São Paulo: Feal/Maat). Aqui questiona-se quanto à origem do princípio espiritual, ou Espírito, afirmando-se sua imaterialidade. (N. do E.)

remontando dos efeitos às causas, que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios constituintes do Universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados *Espíritos*, como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos.

7. O ser espiritual, sendo admitido e como não pode proceder da matéria, qual é sua origem, seu ponto de partida?

Aqui, os meios de investigação não existem, como sucede com tudo que seja relativo ao princípio das coisas. O homem só pode comprovar o que existe. Sobre tudo mais, só pode emitir hipóteses; e seja porque esse conhecimento ultrapassa o limite da sua inteligência atual, seja uma inutilidade ou inconveniência, para ele possui-lo nesse momento, Deus não lhe dará nem mesmo por revelação.

O que Deus transmite por seus mensageiros e que o homem pode deduzir por si próprio do princípio da soberana justiça, que é um dos atributos essenciais da divindade, é que todos os seres espirituais têm o mesmo ponto de partida: todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir mediante sua atividade individual. Todos atingirão o grau de perfeição compatível com os esforços pessoais de cada criatura; que todos, sendo filhos de um mesmo pai, são objeto de sua igual solicitude; nenhum será mais favorecido ou melhor dotado que os demais, nem dispensado do trabalho imposto aos demais para atingirem a meta.

8. Ao mesmo tempo que Deus criou os mundos materiais, de toda eternidade, igualmente criou seres espirituais, de toda eternidade: sem o que os mundos materiais estariam sem finalidade. Seria mais fácil imaginarmos os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes últimos sem os seres espirituais. São os mundos materiais que devem fornecer aos seres espirituais os elementos de atividade para o desenvolvimento de sua inteligência.
9. O progresso é a condição normal dos seres espirituais, e a perfeição relativa é a meta que devem atingir. Deus, tendo criado de toda a eternidade, e criando sem cessar, também por toda eternidade, tem havido seres que alcançaram o ponto culminante da escala.

Antes que a Terra existisse, mundos sucederam mundos e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço já estava povoado por seres espirituais, em todos os graus de adiantamento, desde os que nasciam para

a vida até os que, por toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os Espíritos puros, vulgarmente chamados de anjos.

UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL E DA MATÉRIA

10. Como a matéria tinha que ser o objeto da atividade do Espírito para o desenvolvimento de suas faculdades¹²⁸, era necessário que ele pudesse agir sobre ela, e é por isso que ele teve que habitá-la, como o lenhador vive na floresta. Devendo ela ser, por sua vez, o motivo e o instrumento do trabalho, Deus, em vez de uni-lo à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todos os impulsos de sua vontade e de se prestar a todos os seus movimentos.

O corpo é, ao mesmo tempo, invólucro e instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste-se de um corpo apropriado ao novo gênero de trabalho que deve realizar, como se dá a um operário ferramentas menos grosseiras à medida que ele seja capaz de fazer uma obra mais delicada.

11. Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio Espírito que elabora seu envoltório e o adapta às suas novas necessidades. Ele aperfeiçoa, desenvolve e completa seu organismo à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades. Em uma palavra, ele o molda de acordo com sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais. Cabe a ele fazer uso. É dessa forma que as raças mais avançadas têm um organismo, ou se preferem, uma ferramenta mais aperfeiçoada que a das raças primitivas. Assim se explica igualmente o estilo especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e as maneiras do corpo.
12. Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, ele deve, para seu adiantamento, fazer uso de suas faculdades, a princípio, rudimentares. Por

128 O Espiritualismo racional, aceita oficialmente pela Universidade na época de Kardec, tinha por base a psicologia das faculdades da alma (razão, vontade, livre arbítrio, imaginação, senso moral). A Doutrina Espírita afirma que essas faculdades ainda não existem na alma em sua primeira encarnação humana, sendo conquistadas progressivamente pelo espírito, por seu esforço, no decorrer de centenas ou milhares de vidas. (N. do E.)

essa razão, ele se recobre de um envoltório corporal adequado ao seu estado de infância intelectual, o qual deixa, para se revestir de outro, à medida que suas forças vão aumentando. Ora, como houve em todos os tempos mundos, e estes deram nascimento a corpos organizados, próprios a receber Espíritos, em tempos esses encontraram, qualquer que fosse seu grau de adiantamento, os elementos necessários à sua vida carnal.

13. O corpo, sendo exclusivamente material, sofre as vicissitudes da matéria. Após ter funcionado algum tempo, desorganiza-se e decompõe-se. O princípio vital, não encontrando mais o elemento para sua atividade, esvai-se, e o corpo morre. O Espírito, para quem o corpo sem vida é inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas ou uma roupa que não serve.
14. O corpo não é mais que um envoltório destinado a receber o Espírito. Por isso, pouco lhe importa sua origem e os materiais dos quais ele seja constituído. Sendo ou não uma criação especial, não resta dúvida de que o corpo do homem é formado dos mesmos elementos que o dos animais e é animado pelo mesmo princípio vital. Em outras palavras, aquecido pelo mesmo fogo, iluminado pela mesma luz, sujeito às mesmas vicissitudes e necessidades. Esse é um ponto sobre o qual não há contestação.

Considerando apenas a matéria, e fazendo abstração do Espírito, o homem não tem nada que o distinga do animal. Mas tudo muda de aspecto quando se faz uma distinção entre a *habitação* e o *habitante*.

Um grande senhor, sob um barraco ou vestido com a bata de um camponês, não deixa de ser um grande senhor. É o mesmo com o homem: não é sua vestimenta carnal que o situa acima do bruto e faz dele um ser à parte, é seu ser espiritual, seu Espírito.

HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DO CORPO HUMANO

15. Da semelhança de formas exteriores que existe entre o corpo do homem e o de um macaco, alguns fisiologistas concluíram que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nisso não há nada de impossível e, se for assim, não há razão para que o homem sinta sua dignidade afetada. Os corpos dos símios podem, muito bem, ter servido de vestimenta aos primitivos Espíritos humanos, necessariamente pouco avançados, que vieram

encarnar na Terra, porque eram as mais apropriadas às suas necessidades e as mais adequadas ao exercício de suas faculdades que os corpos de qualquer outro animal. Em vez de uma veste especial que tenha sido feita para o Espírito, ele teria encontrado uma pronta. Vestiu-se então com a pele do macaco, sem deixar de ser um Espírito humano, como o homem se reveste por vezes da pele de certos animais sem deixar de ser homem.

Fique bem entendido que aqui só se trata de uma hipótese que de nenhuma maneira se enuncia como princípio, mas que é apenas apresentada para mostrar que a origem do corpo não prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica na paridade entre seu Espírito e o dele.

16. Admitindo essa hipótese, pode-se dizer que, sob a influência e pelo efeito da atividade intelectual de seu novo habitante, o invólucro se modificou, embelezando-se nos detalhes, conservando no todo a forma geral do conjunto. Os corpos melhorados, ao procriarem, reproduziram-se nas mesmas condições, como acontece com as árvores enxertadas, e deram nascimento a uma nova espécie que, aos poucos, se distanciou do tipo primitivo, à medida que o Espírito progrediu. O Espírito simiesco, que não foi aniquilado, continuou procriando para seu uso corpos de macacos, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie e o Espírito humano procriou corpos de homens variantes do primeiro molde em que se estabeleceu. O tronco se bifurcou; produziu um ramo, e este se tornou um tronco.

Como não existem transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros homens que apareceram na Terra se diferenciavam pouco do macaco, na forma exterior e, sem dúvida, pouco também na inteligência. Há ainda, em nossos dias, selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés, e a conformação da cabeça, tem tanta semelhança com os macacos que lhe faltam somente serem peludos para que a semelhança seja completa.

ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

17. O Espiritismo nos ensina como se realiza a união do Espírito com o corpo na encarnação. Por sua essência espiritual, o Espírito é um ser

indefinido, abstrato, que não pode ter uma atuação direta sobre a matéria, sendo-lhe necessário um intermediário, que é o envoltório fluídico, que faz, de certo modo, parte integrante do Espírito, revestimento semimaterial, isto é, pertence à matéria por sua origem e à espiritualidade por sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal, que nessa circunstância sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado *perispírito*, de um ser abstrato, faz do Espírito um ser concreto, definido, perceptível pelo pensamento; ele o torna apto a atuar sobre a matéria tangível, assim como ocorre com todos os fluidos imponderáveis¹²⁹ que são, como se sabe, os mais possantes motores.

O fluido perispiritual é o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante sua união com o corpo, é o veículo do pensamento do Espírito para transmitir movimento às diferentes partes do organismo, as quais atuam sob o impulso da sua vontade, e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes externos. Tem por fios condutores os nervos, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.

18. Quando o Espírito tem de encarnar em um corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que é apenas uma expansão de seu perispírito, liga-o ao embrião, para o qual ele se acha atraído por uma força irresistível desde o momento da concepção. À medida que o embrião se desenvolve, o laço se estreita. Sob a influência do *princípio vital material do embrião*, o

129 Para a Física, durante o século 19, todo movimento seria originado num fenômeno mecânico causado por impacto, pois o Universo seria composto de átomos sólidos e indestrutíveis em meio ao absoluto vazio. Ao aproximar um ímã do outro, em polos contrários, observa-se uma força de repulsão. Os físicos acreditavam que isso só seria possível se minúsculas esferas sólidas com capacidade de movimento estivessem empurrando a barra. Como não podiam ser vistas, foram consideradas invisíveis. Ao imantar uma barra de ferro, constata-se que não fica mais pesada. Como considerava-se que ela estaria impregnada de átomos de magnetismo, imaginaram então que essa substância não teria peso, sendo, portanto, “imponderável”. Por fim, o estado gasoso era denominado fluídico (o ar chamava-se fluido aeriforme). Desse modo, além da matéria comum (ponderável), foi adotada a teoria da matéria imponderável, explicando mecanicamente os movimentos causados pelos fenômenos do magnetismo, da eletricidade, da luz e do calor pelas substâncias respectivas (os fluidos imponderáveis): fluidos magnéticos, fluido elétrico, fluido luminoso e fluido calórico. É à essa teoria, atualmente superada, mas vigente em sua época, à qual Allan Kardec se refere. (N. do E.)

perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une *molécula por molécula* com o corpo que se forma. Por isso, podemos dizer que o Espírito, por intermédio do perispírito, se *enraíza* nesse embrião, como uma planta na terra. Quando o embrião está inteiramente desenvolvido, a união está completa, e ele nasce para a vida exterior.

Por um efeito contrário, essa união do perispírito e da matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do embrião, quando esse princípio deixa de agir, em consequência da desorganização do corpo, que conduz à morte, essa união, que era mantida por uma força atuante, cessa quando essa força cessa de agir. Então, o perispírito se separa, *molécula por molécula*¹³⁰, tal como se unira, e o Espírito volta à liberdade. *Portanto, não é a partida do Espírito a causa da morte do corpo, mas é a morte deste que causa a partida do Espírito.*

19. O Espiritismo nos ensina, pelos fatos que nos facilita observar, os fenômenos que acompanham essa separação: ela é, algumas vezes, rápida, fácil, doce e imperceptível; outras vezes é muito lenta, trabalhosa, horrivelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.
20. Um fenômeno particular, igualmente registrado pela observação, acompanha sempre a encarnação do Espírito. Preso ao laço fluídico que o une ao embrião, a perturbação se apodera dele, aumentando à medida que o laço se estreita e, nos últimos momentos, o Espírito perde a consciência de si mesmo, não sendo, jamais, testemunha consciente de seu nascimento. No momento em que a criança respira, o Espírito começa a recobrar suas faculdades, que se desenvolvem à medida que se formam e se consolidam os órgãos que servirão à sua manifestação. Aqui se mostra a sabedoria que preside a todas as partes da obra da criação. Faculdades demasiadamente ativas usariam e destruiriam órgãos delicados, apenas esboçados. É por isso que a energia é proporcional à força de resistência desses órgãos.

130 Não era ainda amplamente divulgado o fato de o corpo físico se constituir de células, como unidades fundamentais da vida pluricelular. Considerava-se, inclusive, a hipótese da existência de moléculas orgânicas, que seriam alterações das moléculas inorgânicas pela ação do princípio vital, inicialmente imaginada por Buffon. Kardec desenvolve seu raciocínio quanto à ligação e separação entre perispírito e o corpo, de acordo com as limitações da Ciência em seu tempo. (N. do E.)

21. Mas, ao mesmo tempo que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança de seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente; aptidões que haviam ficado, temporariamente, em estado latente e que, retomando sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que fizera antes. Ele renasce como se fez por seu trabalho anterior; é para ele um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Aqui ainda se manifesta a bondade do Criador, porque a lembrança de um passado muitas vezes penoso ou humilhante, juntando-se às amarguras de sua nova existência, poderia perturbá-lo e criar-lhe impedimentos. Ele se lembra apenas do que aprendeu, porque lhe será útil. Se, por vezes, conserva uma vaga intuição dos acontecimentos passados, é como a lembrança de um sonho fugidio. É um homem novo, qualquer que seja a idade do seu Espírito; adota novos modos de proceder, ajudado pelo que tenha adquirido. Tão logo retorna à vida espiritual, seu passado se desenrola a seus olhos e avalia se empregou bem ou mal o seu tempo.
22. Por isso, não há solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado. *O Espírito é sempre ele*, antes, durante e depois da encarnação, pois ela é só uma fase especial de sua existência. Esse esquecimento ocorre apenas durante a vida exterior de relação. Durante o sono, o Espírito, parcialmente desligado dos laços carnis, restituído à liberdade e à vida espiritual, se lembra; sua visão espiritual não está mais tão obscurecida pela matéria.
23. Considerando a humanidade no menor grau da escala intelectual, entre os selvagens mais atrasados, cabe perguntar se esse é o ponto de partida da alma humana.

Conforme a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza, se elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Seria, por assim dizer, seu período de incubação. Chegando ao grau de desenvolvimento que essa fase comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria, assim, filiação espiritual, como há corporal.

Esse sistema, baseado sobre a grande lei de unidade que preside a criação, corresponde, é preciso convir, à justiça e à bondade do Criador. Dá uma saída, um alvo, um destino aos animais, que não seriam mais seres deserdados, mas

encontrariam no futuro que lhes está reservado uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é sua origem, mas os atributos especiais dos quais está dotado quando entra na humanidade; atributos que o transformam e fazem dele um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga de onde saiu. Por ter passado pela feira da animalidade, o homem não seria menos homem; não seria animal, como o fruto não é raiz, ou o sábio não é o disforme feto, pelo qual veio ao mundo.

Mas esse sistema levanta numerosas questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui nem examinar as diferentes hipóteses feitas sobre esse assunto. Sem procurar a origem da alma e as etapas pelas quais tenha passado, *vamos considerá-la ao entrar na humanidade*, ponto em que está dotada do senso moral e do livre-arbítrio e começa a exercer responsabilidade por seus atos¹³¹.

24. A obrigação que tem o Espírito encarnado de prover o alimento do corpo, sua segurança e seu bem-estar, impulsiona-o a empregar suas faculdades nessas investigações, a exercê-las e desenvolvê-las. Sua união com a matéria é útil ao seu adiantamento. Eis porque a encarnação é uma necessidade. Por outro lado, pelo trabalho inteligente que realiza em seu proveito sobre a matéria, ele contribui com a transformação e o progresso material do globo em que habita. Assim, à medida que progride, colabora com obra do Criador, da qual é agente inconsciente.
25. Mas a encarnação do Espírito não é nem constante nem perpétua, é apenas transitória. Deixando um corpo, ele não retoma um outro instantaneamente. Durante um lapso de tempo mais ou menos considerável, ele vive a vida espiritual, que é sua vida normal, de tal modo que a soma do

131 Segundo o Espiritismo, os espíritos, em suas primeiras encarnações humanas, são simples e ignorantes, ou seja, sem moral e inteligência. O livre-arbítrio se desenvolve pouco a pouco, como consequência do desenvolvimento da inteligência. Só então se inicia e cresce proporcionalmente a responsabilidade pelos seus atos. Isso não ocorre de imediato, nas primeiras encarnações: “Não é nem depois da primeira ou segunda encarnação que a alma tem uma consciência clara de si mesma, para ser responsável por seus atos; é talvez depois da centésima ou milésima. Ocorre o mesmo com a criança que não goza da plenitude das suas faculdades nem um nem dois dias depois de seu nascimento, mas depois de anos. E ainda, na medida em que a alma goza de seu livre-arbítrio, sua responsabilidade cresce em razão do desenvolvimento de sua inteligência” (Allan Kardec, *Revista Espírita* de 1864).

tempo passado nas diferentes encarnações é pouca coisa comparada àquela dos tempos que ele passa no estado de Espírito livre.

No intervalo de suas encarnações, o Espírito progride igualmente no sentido de que aproveita, para seu adiantamento, os conhecimentos e a experiência adquiridos durante a vida corporal – falamos de Espírito chegado ao estado de alma humana, tendo a liberdade de ação e a consciência de seus atos. Ele examina o que fez durante sua estada terrestre, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, elabora seus planos e toma as resoluções pelas quais conta conduzir-se em uma nova existência, tratando de fazer o melhor. É assim que cada existência é um passo adiante no caminho do progresso, uma espécie de escola de aplicação.

A encarnação não é, em absoluto, normalmente uma punição para o Espírito, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de progredir¹³².

À medida que o Espírito progride moralmente, ele se desmaterializa, isto é, subtrai-se à influência da matéria, depura-se. Sua vida espiritualiza suas faculdades e as percepções se ampliam; sua felicidade está em razão do progresso completado¹³³. Mas como age de acordo com seu livre-arbítrio, pode, por negligência ou má vontade, retardar seu avanço. Prolonga, por consequência, a

132 Kardec afasta, por essa definição, os dogmas das religiões ancestrais (sejam cristãs, mas também o hinduísmo e budismo) que consideravam toda encarnação como um castigo causado pelo erro original, de uma alma originalmente justa, sábia e virtuosa. Para o Espiritismo, a reencarnação é um processo natural e progressivo, desde simples e ignorante, meio pelo qual o Espírito adquire progressivamente por seu esforço suas faculdades: inteligência, livre-arbítrio, senso moral e virtudes, depois de centenas de vidas nas quais elabora a consciência de si mesmo. O mal é um abuso das paixões e dos instintos, a partir de um desvio de finalidade da inteligência, criando hábitos que são as imperfeições. Essa condição, trilhada por alguns, pedirá conscientização e descondicionamento, denominados arrependimento, expiação e reparação nas palavras de Allan Kardec. O sofrimento moral é então inerente à essa condição de imperfeição. O primeiro dura enquanto dura o segundo, e cessará quando aquele for superado. (N. do E.)

133 Assim como o sofrimento moral é inerente à imperfeição (vide *O céu e o inferno*), a felicidade é uma conquista que se amplia na medida do progresso realizado. Deus não castiga nem premia, mas age por meio de leis naturais morais que regem as sensações dos Espíritos, como também o fazem quanto ao elemento material. (N. do E.)

duração de suas encarnações materiais, que se transformam para ele em punição, já que, por suas falhas, permanece nas categorias inferiores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa. Depende, pois, do Espírito abreviar, por seu trabalho de depuração sobre si próprio, a duração do período de encarnações.

26. O progresso moral de um globo acompanha o de seus habitantes. Ora, como a criação dos mundos e dos Espíritos é incessante, e como estes progridem, mais ou menos rapidamente, em virtude de seu livre-arbítrio, resulta disso que há mundos mais ou menos antigos, com diferentes graus de adiantamento físico e moral, nos quais a encarnação é ou mais ou menos material e, por consequência, o trabalho, para os Espíritos é ou mais ou menos rude. Nesse ponto de vista, a Terra é um dos menos adiantados. Povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corporal é mais penosa do que em outros, embora existam mundos ainda mais atrasados, onde a existência é bem mais penosa do que na Terra e para os quais esta seria relativamente um mundo feliz.

27. Quando os Espíritos alcançam em um mundo a totalidade de progresso que o estado dele permite, eles o abandonam para encarnarem em outro mais avançado, onde adquirem novos conhecimentos, e assim sucessivamente, até que a encarnação em um corpo material, não lhes sendo mais útil, passam a viver exclusivamente da vida espiritual, na qual progridem em outro sentido e por outros meios. Chegado ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade. Admitidos nos conselhos do Todo-Poderoso, conhecem seu pensamento e tornam-se seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de diferentes graus de adiantamento.

Assim, todos os Espíritos encarnados ou desencarnados, em qualquer grau da hierarquia que se apresentem, desde o menor até o maior, têm suas atribuições no grande mecanismo do Universo. Todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo que são úteis a si mesmos. Aos menos avançados, como simples operários, cabe desempenhar uma tarefa material que, de início, é inconsciente, depois, gradualmente, inteligente. No mundo espiritual, há atividade por toda parte, e em nenhum lugar há ociosidade inútil¹³⁴.

134 Pela definição da importância proporcional de todos os seres na estrutura do Universo, justifica-se por leis naturais a igualdade que fundamenta a moral autô-

A coletividade dos Espíritos é, de certa forma, a alma do Universo; é o elemento espiritual que atua em tudo e por tudo, sob o impulso do pensamento divino. Sem esse elemento, só existe a matéria inerte, sem finalidade, sem inteligência, sem outro motor além das forças materiais que deixam uma imensidade de problemas insolúveis. Pela ação do elemento espiritual *individualizado*, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica. Eis por que sem a espiritualidade tropeçamos em dificuldades insuperáveis.

28. Quando a Terra se encontrou em condições climáticas próprias para a existência da espécie humana, os Espíritos vieram encarnar; e se admitirmos que encontraram os envoltórios prontos e que só tiveram de adaptar a seu uso, compreende-se melhor ainda que pudessem nascer, simultaneamente, em vários pontos do globo.
29. Embora os primeiros que vieram fossem pouco adiantados, até porque encarnariam em corpos muito imperfeitos, deveria haver entre eles diferenças sensíveis nos caracteres e nas aptidões, conforme o grau de seu desenvolvimento moral e intelectual. Os Espíritos similares se agruparam naturalmente por analogia e simpatia. A Terra viu-se povoada de Espíritos de diferentes categorias, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Os corpos, recebendo a influência do caráter do Espírito e sendo reproduzidos conforme seu tipo respectivo, deu origem às diferentes raças, seja no aspecto físico, seja no moral. Os Espíritos similares, continuando a encarnar, de preferência entre seus semelhantes, perpetuaram as características distintivas, físicas e morais das raças e dos povos, que só desaparecerão com o tempo, mediante a fusão e o progresso dos Espíritos. (*Revista Espírita*, julho 1860: *Frenologia e Fisiognomia*).
30. Pode-se comparar os Espíritos que vieram povoar a Terra a esses grupos de emigrantes de origens diversas que vão se estabelecer em uma terra virgem. Encontram madeira e pedra para fazer suas habitações, e cada um dá a sua um estilo diferente, conforme seu grau de saber e sua inteligência. Grupam-se por analogia de origens e de gostos. Esses grupos acabam formando tribos e depois povos, cada qual com seus costumes e caráter próprio.

noma, consagrando como universais os princípios do apoio mútuo, reciprocidade, cooperação e solidariedade. (N. do E.)

31. O progresso não foi uniforme em toda espécie humana. As raças mais inteligentes adiantaram-se naturalmente às outras, sem contar que Espíritos recém-nascidos para a vida espiritual vieram encarnar na Terra, entre os primeiros que chegaram, tornando mais evidente a diferença de progresso. Seria impossível, de fato, atribuir à criação dos selvagens que mal se distinguem dos macacos a mesma antiguidade que a dos chineses, e menos ainda que a dos europeus civilizados.

Esses Espíritos de selvagens pertencem também à humanidade. Eles atingirão, um dia, o nível de seus irmãos mais velhos, mas isso não será, certamente, em corpos da mesma raça física, impróprio a um certo desenvolvimento intelectual e moral¹³⁵. Quando o instrumento não estiver mais de acordo com o desenvolvimento que alcançarem, eles emigrarão desse meio para encarnar em um grau superior, e assim por diante, até que tenham conquistado todas as gradações terrestres, após o que deixarão a Terra, passando a mundos cada vez mais adiantados. (*Revista Espírita*, abril 1862: *Perfectibilidade da raça negra*).

REENCARNAÇÕES

32. O princípio da reencarnação é uma consequência inevitável da lei do progresso. Sem ela, como explicar a diferença que existe entre o estado social atual e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem atualmente são todas tão novas, tão primitivas como as que viveram há mil anos. Também não haveria entre elas nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; seriam completamente independentes

135 Quando Allan Kardec escreveu esta obra, a hierarquização evolutiva das então consideradas raças humanas não era vista como racismo, mas adotada por cientistas eminentes como Cuvier, Charles Darwin, Buchner, ou Karl Vogt, que afirmou: “Logo que os jovens negros atingem o período da puberdade, assiste-se a um fenômeno idêntico ao que ocorre nos macacos. Doravante, as faculdades intelectuais permanecem estacionárias e o indivíduo, tal como toda a raça, torna-se incapaz de qualquer progresso” (*Leçons sur l’homme*, p. 253). Esse entendimento era hegemônico no meio científico, contextualizando assim as descrições ultrapassadas aqui desenvolvidas, pertencentes à Ciência da época, e não ao Espiritismo. (N. do E.)

umas das outras. Por que então as almas da atualidade estariam melhor dotadas por Deus que as precedentes? Por que elas compreenderiam melhor? Por que teriam instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que teriam intuições de certas coisas? Duvidamos que se possa sair desse dilema, a menos que se admita que Deus criasse almas de diversas qualidades, conforme os tempos e os lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma soberana justiça.

Admitindo, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em tempos remotos; que puderam ser bárbaras como seu século, mas progrediram; que a cada nova existência elas trazem as aquisições das anteriores; e, por consequência, as almas dos tempos civilizados não foram criadas mais perfeitas, mas se aperfeiçoaram, elas mesmas, com o tempo, e teremos a única explicação plausível da causa do progresso social. (Veja em *O Livro dos Espíritos*, livro II, capítulo IV e V)¹³⁶

136 Algumas pessoas pensam que as diferentes existências da alma acontecem de mundo em mundo, e não sobre um mesmo globo, no qual cada Espírito viria uma única vez.

Essa doutrina seria admissível se todos os habitantes da Terra estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. Eles não poderiam então progredir senão indo para um outro mundo, e sua reencarnação na Terra seria sem utilidade. Ora, Deus não faz nada de inútil. Desde o instante que aí se encontram todos os graus de inteligência e de moralidade, a partir da selvageria que se aproxima do animal até a civilização mais avançada, ela apresenta um vasto campo de progresso. Perguntar-se-ia por que o selvagem seria obrigado a ir procurar em outro lugar o grau acima dele, quando se encontra a seu lado, e assim de próximo em próximo; por que o homem avançado não teria podido fazer suas primeiras etapas senão em mundos inferiores, enquanto que os análogos de todos esses mundos estão em torno dele; que há diferentes graus de progresso, não somente de povo a povo, mas no mesmo povo, e na mesma família? Sendo assim, Deus teria feito algo de inútil, colocando lado a lado a ignorância e o saber, a barbárie e a civilização, o bem e o mal, ao passo que é precisamente esse contato que faz avançar os retardatários.

Não há, pois, mais necessidade que os homens troquem de mundo a cada etapa. Como não há por que um escolar troque de colégio a cada classe. Longe disso, foi uma vantagem para o progresso o que seria um entrave, porque o Espírito estaria privado do exemplo que lhe oferece a vida dos graus superiores, e da possibilidade de reparar seus danos no mesmo meio e na presença dos que ofendeu, possibilidade que lhe é o mais poderoso meio de adiantamento moral. Após uma curta coabitação, os Espíritos, dispersando-se e tornando-se estranhos uns dos outros, os laços de família e de amizade, não tendo tempo de se consolidar, seriam rompidos.

EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO DE ESPÍRITOS

33. No intervalo de suas existências corpóreas, os Espíritos estão no estado de erradicidade e compõem a população espiritual ambiente do globo. Pelas mortes e nascimentos, essas duas populações se mesclam, incessantemente, uma na outra. Há diariamente emigrações do mundo corporal para o espiritual e imigrações do mundo espiritual para o corpóreo. Isso é o normal.
34. Em certas épocas, reguladas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações ocorrem em massas consideráveis, devido a grandes revoluções, que se fazem partir, ao mesmo tempo, quantidades inumeráveis, que são logo substituídas por quantidades equivalentes de encarnações. É preciso, pois, considerar os flagelos destruidores e os cataclismos como ocasiões de chegadas e de partidas coletivas, meios providenciais de renovar a população corporal do globo, de retemperá-la, pela introdução de novos elementos espirituais, mais depurados. Se nessas catástrofes há destruição de um grande número de corpos, não senão *vestimentas dilaceradas*, mas nenhum Espírito perece: só mudam de meio. Em vez de partirem isoladamente, partem em quantidade. Essa é toda diferença, pois partir por uma causa ou por outra fatalmente todos partirão, cedo ou tarde.

Que os Espíritos deixem um mundo no qual nada mais podem adquirir ir, por um mais desenvolvido, isto é, cabível. Tal é o princípio. Se existe os que partem adiantadamente do mundo onde encarnavam, deve-se isso a causas individuais, que Deus analisa em sua sabedoria. Tudo tem um objetivo na criação, sem o que Deus não seria nem prudente nem sábio. Ora, se a Terra não devesse ser senão uma só etapa para o progresso de cada indivíduo, que utilidade teria ela para os jovens em tenra idade, de aí vir passar alguns anos, alguns meses, algumas horas, durante as quais eles nada podem adquirir? Da mesma forma, para os idiotas e os cretinos. Uma teoria só é boa quando tem condição de resolver todas as questões que a ela se ligam. A questão do morto prematuro tem sido uma pedra de tropeço para todas as doutrinas, exceto para a doutrina espírita, que é a única que tem solução de maneira racional. Para os que percorrem sobre a Terra uma carreira normal, há para o progresso uma vantagem real a se reencontrar no mesmo meio, para aí continuar o que deixaram inacabado, na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, para reparar o mal que tenham podido fazer, ou para sofrer a pena de talião. (N. de Allan Kardec)

As renovações rápidas e quase instantâneas que se operam no elemento espiritual da população, em consequência dos flagelos destruidores, aceleram o progresso social; sem as emigrações e imigrações que vêm, de tempos em tempos, dar-lhe um violento impulso, ele avançaria com extrema lentidão.

É notório que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso na ordem física, intelectual ou moral, e por seqüência no estado social das nações onde acontecem. Elas objetivam realizar um remanejamento na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

35. Essa transfusão que se opera entre a população encarnada e a desencarnada de um mesmo globo ocorre igualmente entre os mundos, seja individualmente nas condições normais, seja de forma massiva, em circunstâncias especiais. Há, pois, emigrações e imigrações coletivas de um mundo a outro. Resulta disso a introdução, na população de um globo, de elementos inteiramente novos; novas raças de Espíritos vindo se misturar às existentes constituem novas raças de humanos. Ora, como os Espíritos não perdem nunca o que adquiriram, trazem consigo sua inteligência e intuição dos conhecimentos que possuem; imprimem, por consequência, suas características à raça corporal que vão animar. Não têm necessidade de que novos corpos sejam criados especialmente para seu uso; desde que a espécie corporal exista, eles os encontram prontos para os receber. São, pois, simplesmente novos habitantes chegando à Terra; fazem, a princípio, parte de sua população espiritual, depois encarnam como os outros.

RAÇA ADÂMICA

36. Segundo o ensinamento dos Espíritos, é uma dessas grandes imigrações – ou, como queiram, uma dessas *colônias espirituais* vindas de uma outra esfera –, que deu nascimento à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão, denominada *raça adâmica*. Quando ela chegou, a Terra era povoada desde tempos imemoriais, *como a América, quando chegaram os europeus*.

A raça adâmica, mais avançada do que aquelas que a tinham precedido na Terra, é a mais inteligente; é ela que conduziu todas as outras ao

progresso. A Gênese a mostra desde os primórdios, industriosa, apta às Artes e às Ciências, sem ter passado pela infância intelectual, o que não é próprio das raças primitivas, mas que concorda com a opinião de que era composta de Espíritos com mais progresso. Tudo prova que ela não é antiga sobre a terra, e nada se opõe a que esteja aqui só alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos nem com as observações antropológicas. Ao contrário, tenderia a confirmá-las.

- 37.** No estado atual dos conhecimentos, não é admissível uma doutrina de 6 mil anos segundo a qual todo o gênero humano procede de um único indivíduo. As principais considerações que a contradizem, tiradas da ordem física e da ordem moral, resumem-se nos seguintes pontos:
- 38.** No ponto de vista fisiológico, certas raças apresentam tipos particulares característicos, que não permitem atribuir-lhes uma origem comum. Há diferenças que não são, evidentemente, efeito do clima, já que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros, e reciprocamente. O ardor do Sol queima e bronzeia a pele, mas jamais transformou um branco em negro, achatando o nariz, trocando a forma dos traços da fisionomia, nem tornou encrespado e lanoso os cabelos longos e sedosos. Sabe-se atualmente que a cor do negro provém de um tecido particular subcutâneo, inerente à espécie.

É necessário considerar as raças negras, mongólicas e caucásicas, como tendo suas origens próprias e nascido, simultânea ou sucessivamente, em diferentes partes do globo. Seu cruzamento produziu raças mistas secundárias. Os caracteres fisiológicos das raças primitivas são o indicativo evidente de que elas provêm de tipos especiais. As mesmas considerações existem para o homem e para os animais quanto à pluralidade dos troncos¹³⁷.

- 39.** Adão e seus descendentes são representados na Gênese como homens essencialmente inteligentes, porque desde a segunda geração construíram cidades, cultivaram a terra, trabalharam os metais. Seus progressos nas

137 Nesse parágrafo, Allan Kardec transcreve a teoria poligenista do surgimento das raças vigente na Biologia do século 19. O alemão Karl Vogt (1817-1895), por exemplo, justificava observando a existência de três estirpes diferentes de macacos (chimpanzé, gorila, orangotango), as quais teriam gerado três raças humanas diferentes. (N. do E.)

Artes e nas Ciências foram rápidos e constantemente sustentados. Não se conceberia, pois, que esse tronco tenha tido como descendentes povos numerosos e tão atrasados, de uma inteligência tão rudimentar, que beiram, ainda em nossos dias, a animalidade; que teriam perdido todos os traços e até a menor lembrança tradicional do que faziam seus pais. Uma diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta, com evidência, uma diferença de origem.

40. Independentemente dos fatos geológicos, a prova da existência do homem sobre a terra, antes da época fixada pela Gênese, é tirada da população do globo.

Sem falar da cronologia chinesa, que remonta a 30 mil anos, os documentos mais autênticos atestam que o Egito, a Índia e outros países eram povoados e florescentes pelo menos 3 mil anos antes da era Cristã; mil anos, portanto, antes da criação do primeiro homem, conforme a cronologia bíblica. Documentos e observações recentes hoje não deixam nenhuma dúvida sobre as relações que existiram entre a América e os velhos egípcios. Do que se conclui que essa região já era povoada naquela época. Seria preciso, então, admitir que em mil anos a posteridade de um só homem fosse capaz de povoar a maior parte da Terra; ora, uma tal fecundidade seria contrária a todas as leis antropológicas. A própria Gênese nunca atribuiu aos primeiros descendentes de Adão uma fecundidade anormal, já que os enumera, nominalmente, até Noé.

41. A impossibilidade torna-se mais evidente quando se admite, de acordo com o livro bíblico Gênese, que o dilúvio destruiu *todo o gênero humano*, à exceção de Noé e de sua família, que não era numerosa, no ano de 1656, ou seja, 2.348 anos antes de Jesus Cristo. Isso significa que o povoamento da Terra começou com Noé. Mas, nessa época, a história mostra Menés como rei do Egito.

Quando os hebreus se estabeleceram nesse país, 642 anos depois do dilúvio, o Egito já era um poderoso império que teria sido povoado, sem falar das outras regiões, em menos de seis séculos, somente pelos descendentes de Noé, o que não é admissível.

Notemos que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros. Seria espantoso que tivessem perdido a lembrança de uma origem comum, tão próxima, ao mesmo tempo que conservavam religiosamente os monumentos de sua história.

Uma rigorosa lógica, apoiada pelos fatos, demonstra, da maneira mais categórica, que o homem está sobre a Terra desde um tempo indeterminado, muito anterior à época assinalada pela Gênese. Do mesmo modo, a diversidade dos troncos primitivos, porque demonstrar a impossibilidade de uma proposição é demonstrar a proposição contrária. Se a Geologia descobre sinais autênticos da presença do homem na Terra, antes do grande período diluviano, a demonstração é ainda mais absoluta.

DOUTRINA DOS ANJOS DECAÍDOS E DO PARAÍSO PERDIDO¹³⁸

42. A palavra *anjo*, como muitas outras, tem várias acepções: pode ser usada, indiferentemente, para o bem ou o mal, uma vez que dizemos: os bons e os maus anjos, o anjo de luz e o anjo das trevas. Disso resulta que, em sua acepção geral, significa simplesmente *Espírito*.

Os anjos não são seres fora da humanidade, criados perfeitos, mas Espíritos que alcançaram a perfeição, como todas as criaturas, por meio de seus esforços e de seu mérito¹³⁹. Se fossem seres criados perfeitos, sendo

138 Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a *interpretação da doutrina dos anjos decaídos*, apresentamos apenas como uma hipótese, tendo somente a autoridade de uma opinião pessoal controversa, já que, então, faltava-nos elementos completos para uma afirmação absoluta. Demos título de ensaio, com vistas de provocar o exame, com a determinação de abandoná-lo ou modificá-lo, se fosse preciso. Atualmente, essa teoria sofreu a prova do controle universal; não somente foi acolhida pela maioria dos Espíritos como a mais racional e de acordo com a soberana justiça de Deus, mas ela foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos Espíritos sobre esse assunto. É o mesmo que concerne à origem da raça adâmica. (N. de Allan Kardec)

139 As religiões ancestrais, como judaísmo, cristianismo, hinduísmo, budismo, partem do princípio de que Deus teria criado os seres numa condição de perfeição, e, por ter errado ou se rebelado, teriam sofrido uma queda na encarnação humana. Ou seja, caracterizando a degeneração da alma e a vida humana como castigo. Todas adotam, portanto, a moral heterônoma (leis externas, castigos e recompensas, submissão). O Espiritismo, por sua vez, se fundamenta na moral autônoma, justificada pela evolução do Espírito desde simples e ignorante, conquistando suas faculdades (inteligência, livre-arbítrio, senso moral) pelo próprio esforço e adesão voluntária e racional ao

uma rebelião contra Deus um sinal de inferioridade, os que se rebelaram não poderiam ser anjos. A rebelião contra Deus é inconcebível em seres que ele criou perfeitos, ao passo que é possível em seres ainda atrasados.

Por sua etimologia, a palavra *anjo* (do grego *aggelos*), significa *enviado, mensageiro*. Ora, não é racional supor que Deus tenha escolhido seus mensageiros entre seres suficientemente imperfeitos, para se revoltarem contra ele.

43. Até que os Espíritos tenham atingido certo grau de perfeição, estão sujeitos a falir, seja no estado de erraticidade, seja de encarnação. Falir é infringir a lei de Deus, que está inscrita no coração de todos os homens, a fim de que não tenham necessidade da revelação, para conhecer seus deveres. O Espírito só a compreende gradualmente, e à medida que sua inteligência se desenvolve. Quem infringe essa lei por ignorância e falta de experiência, a qual só vem com o tempo, apenas incorre em uma responsabilidade relativa. Mas aquele cuja inteligência está desenvolvida, que tendo todos os meios de se esclarecer, desrespeita a lei voluntariamente e pratica o mal com conhecimento de causa, incorre em uma revolta, uma rebelião contra o autor da lei.
44. Os mundos progredem fisicamente pela elaboração da matéria, e moralmente pela depuração dos Espíritos que os habitam. A felicidade está na razão da predominância do bem sobre o mal, e a predominância do bem é o resultado do avanço moral dos Espíritos. O progresso intelectual não é suficiente, pois com a inteligência podem fazer o mal.

Tão logo um mundo chegue a um de seus períodos de transformação, que o deva elevar na hierarquia, mudanças ocorrem em sua população encarnada e desencarnada. É então que acontecem as grandes emigrações e imigrações. Aqueles que, apesar da sua inteligência e saber, perseveram no mal, em sua revolta contra Deus e suas leis, serão, daí para frente, mais um entrave para o progresso moral posterior, uma causa permanente de perturbação para o repouso e a felicidade dos bons. É por causa disso que são excluídos e

princípio moral, pela compreensão de que é bom e universal. No lugar de fé cega e obediência passiva, requer reciprocidade, cooperação e solidariedade. Desse modo, a felicidade não é uma recompensa divina, mas meritória e progressiva, proporcional ao progresso moral. (N. do E.)

enviados para mundos menos adiantados. Lá eles aplicarão sua inteligência e a intuição de seus conhecimentos adquiridos para o progresso daqueles entre os quais são chamados a viver, ao mesmo tempo que expiarão em uma série de existências penosas e por um trabalho árduo suas faltas passadas e seu endurecimento *voluntário*.

O que serão eles entre essas populações novas, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos caídos, enviados em expiação? A terra de onde *foram expulsos* não será para eles um paraíso perdido? Não seria para eles um *lugar de delícias*, em comparação com o meio ingrato onde vão ficar relegados durante milhares de séculos, até o dia em que terão merecido a libertação? A vaga lembrança intuitiva que conservam é para eles como uma miragem distante, que os chama àquilo que *perderam por sua falha*.

45. Mas, ao mesmo tempo que os maus saem do mundo que habitavam, são substituídos por Espíritos melhores, vindos da erraticidade desse mesmo mundo ou de um mundo menos avançado, o qual tiveram o mérito de deixar e para os quais sua nova morada é uma recompensa. A população espiritual, estando assim renovada e purgada de seus maus elementos, ao fim de algum tempo o estado moral do mundo se estará melhor.

Essas mudanças são, às vezes, parciais, isto é, limitadas a um povo, a uma raça; em outras, são gerais, quando o período de renovação chega para o globo.

46. A raça adâmica tem todas as características de uma raça proscrita. Os Espíritos que dela fazem parte foram exilados na Terra, já povoada, mas de homens primitivos, mergulhados na ignorância, e que eles tiveram a missão de fazer progredir, trazendo as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não será este, com efeito, o papel que essa raça desempenhou até nossos dias? Sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde saíram estava mais avançado que a Terra. Mas esse mundo, devendo entrar em uma nova fase de progresso, e esses Espíritos, ante sua obstinação, não querendo colocar-se à altura, ficaram deslocados, tornando-se um entrave à marcha providencial das coisas. Eis por que foram excluídos, ao passo que outros mereceram substituí-los.

Ao relegar aquela raça sobre essa terra de labor e de sofrimentos, Deus teve razão de lhes dizer: “Dela tirarás o teu alimento, com o suor do teu rosto”. Em sua bondade, prometeu que lhe enviaria um *salvador*, isto é, aquele

que deveria esclarecê-la a respeito da rota a seguir, para sair desse lugar de miséria, desse *inferno*, e encontrar a felicidade dos eleitos. Enviou-lhes esse salvador na figura do Cristo, que ensinou a lei de amor e de caridade, desconhecida por eles, e que deveria ser a verdadeira âncora de salvação. O Cristo não só ensinou a lei, mas deu o exemplo prático dela, por sua mansuetude, sua humildade, sua paciência ao sofrer, sem murmúrios, os tratamentos mais ignominiosos e as maiores dores. Para que uma tal missão fosse cumprida sem desvios, era preciso um Espírito acima das fraquezas humanas.

É igualmente com vistas a fazer a humanidade avançar num sentido determinado que os Espíritos superiores, sem ter a qualidade de Cristo, encarnam de tempos em tempos sobre a Terra, para cumprir missões especiais que também são proveitosas para seu adiantamento pessoal, se as cumprirem de acordo com os desígnios do Criador.

47. Sem a reencarnação, a missão de Cristo seria um contrassenso, tal como a promessa feita por Deus. Suponhamos que a alma de cada homem seja criada no ato do nascimento de seu corpo e que ela não faça mais que aparecer e desaparecer na Terra, não havendo nenhuma relação entre aquelas que vieram desde Adão até Jesus Cristo nem entre as que vieram depois, sendo todas estranhas umas às outras. A promessa de um salvador feita por Deus não poderia se aplicar aos descendentes de Adão se suas almas ainda não estivessem criadas. Para que a missão de Cristo pudesse corresponder às palavras de Deus, era preciso que elas pudessem se aplicar às mesmas almas. Se estas são novas, não podem estar manchadas pela falta cometida pelo primeiro pai, que seria apenas um pai carnal e não espiritual, senão, Deus teria *criado* almas maculadas por uma falta que não cometeram. A doutrina vulgar do pecado original implica na necessidade de uma correlação entre as almas do tempo de Cristo e as do tempo de Adão e, por consequência, da reencarnação.

Dizendo que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados na Terra, no tempo de Adão, e que estavam maculadas pelas faltas que as haviam excluído de um mundo melhor, essa seria a única interpretação racional do pecado original, pecado próprio de cada indivíduo, e não o resultado da responsabilidade pela falta de um outro que jamais conheceram, afirmando que tais almas ou Espíritos renascem diversas vezes na Terra, na vida corporal, para progredir e se depurar; que Cristo veio

para as esclarecer não apenas suas vidas passadas mas também as futuras, e somente assim estará sendo dada à sua missão um papel real e sério, aceitável pela razão.

48. Um exemplo familiar, marcado por sua analogia, trará melhor compreensão sobre os princípios que acabaram de ser expostos:

Em 24 de maio de 1861, a fragata *Ifigênia* conduziu à Nova Caledônia, uma companhia disciplinar composta de 291 homens. O comandante da colônia lhes endereçou, à sua chegada, uma ordem do dia, assim concebida:

“Colocando o pé sobre esta terra longínqua, já cumpristes o papel que vos está reservado.

“A exemplo de nossos bravos soldados da marinha, servindo sob vossos olhos, vós nos ajudareis a levar com clareza, ao meio das tribos selvagens da Nova Caledônia, a bandeira da civilização. Não é uma bela e nobre missão, eu vos pergunto? Vós a cumprireis dignamente. Escutai a voz e os conselhos de vossos chefes. Estou à frente deles; que minhas palavras sejam bem entendidas.

“A escolha de vosso comandante, oficiais, suboficiais e cabos, é uma segura garantia de todos os esforços que serão tentados, para fazer de vós excelentes soldados; digo mais, para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em colonos honrados, se quiserdes.

“Vossa disciplina é severa; e deve ser. Colocada em nossas mãos, ela será firme e inflexível, é bom que saibais; como também, será justa e paternal, e saberá distinguir o erro do vício e da degradação...”

Eis aí homens expulsos de um país civilizado, por sua má conduta, e enviados, como punição, para o meio de um povo bárbaro. O que lhe diz o chefe? “Vocês infringiram as leis do seu país; lá, causaram perturbações e escândalos, e então foram expulsos, e os enviaram para cá, mas poderão resgatar seu passado, pelo trabalho, criar uma posição honrada e tornarem-se honestos cidadãos. Você tem uma bela missão a realizar: levar a civilização para tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que se conduzirem bem.”

Para esses homens colocados no meio de selvagens, a mãe pátria não será um paraíso perdido por suas faltas e rebelião à lei? Sobre essa terra longínqua, não são anjos decaídos? A linguagem do chefe não é a que Deus utilizou para falar aos Espíritos exilados sobre a Terra: “Haveis

desobedecido minhas leis e é por isso que vos expulsei do mundo onde poderíeis viver felizes e em paz; aqui sereis condenados ao trabalho, mas podereis, por vossa boa conduta, merecer o perdão e reconquistar a pátria perdida, isto é, o céu?”

49. À primeira vista, a ideia de decaídos parece em contradição com o princípio de que os Espíritos não podem regredir, mas é necessário considerar que não se cogita de um retorno ao estado primitivo. O Espírito, embora em uma posição inferior, não perde nada daquilo que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde seja colocado. Está na posição do homem condenado à prisão por seus delitos. Certamente está decaído, do ponto de vista social, porém não se tornou nem estúpido nem ignorante.
50. Podemos crer que esses homens enviados à Nova Caledônia vão se transformar, subitamente, em modelos de virtude? Que vão desistir de repente de seus erros passados? Seria preciso não conhecer a humanidade para supor isso. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica, uma vez transferidos para a Terra do exílio, não eliminaram, instantaneamente, seu orgulho e maus instintos. Por longo tempo, ainda conservaram suas tendências de origem, um resquício do velho fermento; ora, não é esse o pecado original? O sinal que eles trazem de nascença é a da raça de Espíritos culpados e punidos, a qual pertenciam; sinal que podem afastar pelo arrependimento a expiação e a renovação moral. O pecado original, considerado como a responsabilidade pela falta cometida por outro, é um contrassenso e a negação da justiça de Deus. Mas, considerado como consequência e resíduo de uma primitiva imperfeição do indivíduo, não somente é admitido pela razão como também a responsabilidade derivada dele está em total conformidade com a justiça.

CAPÍTULO XII

Gênese mosaica

Os seis dias – O Paraíso Perdido

OS SEIS DIAS

1. *CAPÍTULO I. 1. No começo, Deus criou o céu e a Terra. 2. A Terra era uniforme e toda nua. As trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus estava colocado sobre as águas. 3. Ora, Deus disse: Que a luz seja feita e a luz foi feita. 4. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. 5. Deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia. 6. Deus disse também: Que o firmamento seja feito no meio das águas, e que ele separe as águas com as águas. 7. E Deus fez o firmamento; e ele separou as águas que estavam sob o firmamento daquelas acima do firmamento. E tal se fez assim. 8. E Deus deu ao firmamento o nome de céu; e de tarde e de manhã se fez o segundo dia. 9. Deus disse ainda que as águas que estão sob o céu se reunissem em um só lugar, e que o elemento árido aparecesse. E isso se fez assim. 10. Deus deu ao elemento árido o nome de terra, e chamou de mares todas as águas reunidas. E viu que isso era bom. 11. Deus disse ainda que a terra produza a erva verde, que porte grão e árvores frutíferas que portem fruta, cada qual conforme sua espécie e encerrem suas sementes nelas mesmas para se reproduzirem sobre a terra. E isso se fez assim. 12. A terra produziu erva verde que continha o grão conforme sua espécie e árvores frutíferas que encerrava suas sementes nelas mesmas, cada qual conforme sua espécie. E Deus viu que isso era bom. 13. E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia. 14. Deus disse também que corpos de luz sejam feitos no firmamento do céu a fim de que*

separem os dias das noites e que sirvam de símbolo para marcarem o tempo e as estações, os dias e os anos. 15. Que eles luzam no firmamento do céu e que clareiem a Terra. E isso se fez assim. 16. Deus fez, pois, dois grandes corpos luminosos, um maior, para presidir o dia, e o outro menor, para presidir a noite; fez também as estrelas. 17. E as colocou no firmamento do céu para luzir sobre a Terra. 18. Para presidir o dia e a noite e para separar a luz das trevas. E Deus viu que isso era bom. 19. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia. 20. Deus disse ainda que as águas produzam animais vivos que nadem na água, e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento do céu. 21. Deus criou, pois, os grandes peixes e todos os animais que possuam a vida e o movimento; que as águas produziram cada um conforme sua espécie e criou também os pássaros conforme sua espécie. Ele viu que isso era bom. 22. E os abençoou dizendo: Crescei e multiplicai, e enchei as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem sobre a Terra. 23. E da tarde e da manhã se fez o quinto dia. 24. Deus disse também que a Terra produz animais vivos, cada um conforme sua espécie, os animais domésticos, os répteis e as bestas selvagens da Terra conforme suas diferentes espécies. E isso se fez assim. 25. Deus fez, pois, as bestas selvagens da Terra conforme suas espécies, os animais domésticos e todos os répteis, cada um conforme sua espécie. E Deus viu que isso era bom. 26. Ele disse em seguida: Façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança e que ele comande os peixes do mar, os pássaros do céu, as bestas, toda a Terra e todos os répteis que se movam sobre a Terra. 27. Deus criou, pois, o homem à sua imagem e o criou à imagem de Deus e os criou macho e fêmea. 28. Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, encheis a Terra e vos sujeitai-a, e dominai os peixes do mar, os pássaros do céu e todos os animais que se movam sobre a Terra. 29. Deus disse ainda: E vos dei todas as ervas que portam seus grãos sobre a terra e todas as árvores que encerram nelas mesmas sua semente, cada uma conforme sua espécie, a fim de que vos sirvam de nutrição. 30. E a todos os animais da Terra, a todos os pássaros do céu, a todos os que se movem sobre a Terra e que estão vivos e animados, a fim de que tenham com que se nutrir. E isso se fez assim. 31. Deus viu todas as coisas que havia feito; e elas eram muito boas. 32. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

CAPÍTULO II. 1. O céu e a Terra foram, pois, assim acabados com todos os seus ornamentos. 2. Deus terminou ao sétimo dia toda a obra que havia feito e repousou ao sétimo dia, após ter concluído todas as suas obras. 3. Ele abençoou

o sétimo dia e o santificou porque havia cessado nesse dia a produção de todas as obras que havia criado. 4. Tal é a origem do céu e da Terra e é assim que foram criados no dia em que o Senhor Deus fez um e outro. 5. E que criou todas as plantas dos campos antes que fossem saídas da terra, e todas as ervas da campanha antes que elas fossem impulsionadas. Porque o Senhor Deus não havia ainda feito chover sobre a Terra, e não possuía nenhum homem para laborá-la. 6. Mas se elevara da Terra uma fonte que regaria toda a superfície. 7. O Senhor Deus formou, pois, o homem do limo da terra e derramou sobre sua face um sopro de vida e o homem se tornou vivente e animado.

2. Após as explicações contidas nos capítulos precedentes sobre a origem e a constituição do Universo, conforme os dados fornecidos pela Ciência quanto à parte material, e pelo Espiritismo para a parte espiritual, seria útil colocar em paralelo o próprio texto da Gênese de Moisés a fim de que cada um possa estabelecer uma comparação e julgar com conhecimento de causa. Algumas explicações suplementares bastarão para fazer compreender as partes que tenham necessidade de esclarecimentos especiais.
3. Sobre alguns pontos, há certamente uma concordância notável entre a Gênese de Moisés e a doutrina científica, mas seria um erro crer que basta substituir os seis dias de 24 horas da criação pelos seis períodos indeterminados para encontrar uma analogia completa. Um erro, não menor, seria crer que, exceto o sentido alegórico, a Gênese e a Ciência caminham passo a passo e é certo que seria um erro não menor do que crer que, salvo o senso alegórico de algumas palavras, a Gênese e a Ciência seguem passo a passo e seriam somente a paráfrase uma da outra.
4. Reparemos, primeiramente, aquilo que já foi dito no capítulo VII, item 14, que o número dos seis períodos geológicos é arbitrário, posto que se conta mais de 25 formações bem caracterizadas. Esse número só marca as grandes fases gerais. Foi adotado, a princípio, para que a Ciência se adequasse o próximo mais possível dentro do texto bíblico. Isso foi feito numa época não tão distante, quando ainda se acreditava que se deveria controlar a Ciência pela Bíblia. Esse é o motivo pelo qual a maior parte dos autores de teoria cosmogônicas, para serem mais facilmente aceitos, se esforçavam por se colocar em acordo com o texto sagrado. Quando a Ciência se apoiou sobre o método experimental, ela se sentiu mais forte e se emancipou. Hoje é a Bíblia que é controlada pela Ciência.

Por outro lado, a Geologia, tomando como ponto de partida somente a formação dos terrenos graníticos, não abrange, no cálculo, os períodos do estado primitivo da Terra. Ela não se ocupa mais do Sol, da Lua, das estrelas nem do conjunto do Universo que pertence à Astronomia. Para se encaixar no quadro da Gênese, é necessário acrescentar um primeiro período abarcando essa ordem de fenômenos que poderíamos chamar de *período astronômico*.

Além disso, o período diluviano não é considerado por todos os geólogos como formando um período distinto, mas como um feito transitório e passageiro que não mudou de forma sensível o estado climático do globo nem marcou uma nova fase nas espécies vegetais e animais, já que, com poucas exceções, as mesmas espécies encontram-se antes e depois do dilúvio. Pode-se, pois, fazer abstração sem descartar a verdade.

5. O quadro comparativo seguinte resume os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permitindo abranger o conjunto e analisar as relações e as diferenças que existem entre eles e a Gênese bíblica.

CIÊNCIA	GÊNESE
<p>I. PERÍODO ASTRONÔMICO: Aglomeração da matéria cósmica universal sobre um ponto do espaço em uma nebulosa que deu origem, pela condensação da matéria, sobre diversos pontos, às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas. Estado primitivo fluídico e incandescente da Terra. Atmosfera imensa carregada com toda a água em vapor e de todas as matérias volatilizáveis.</p>	<p>1º DIA O céu e a Terra; a Lua.</p>
<p>II. PERÍODO PRIMÁRIO: Endurecimento da superfície da Terra pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios do Sol. Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. Ausência de qualquer vida orgânica.</p>	<p>2º DIA O firmamento; separações das águas que estão sobre o firmamento das que estão abaixo.</p>
<p>III. PERÍODO DE TRANSIÇÃO: As águas cobrem toda a superfície do globo. Primeiros depósitos de sedimento formados pelas águas. Calor úmido. O Sol começa a penetrar na atmosfera mais depurada. Primeiros seres organizados da constituição, a mais rudimentar. Líquenes, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. Primeiros animais marinhos: zoófitos, pólipos, crustáceos. Depósitos mineiros.</p>	<p>3º DIA As águas que estão sob o firmamento se reúnem; o elemento árido aparece. A Terra e os mares. As plantas.</p>

CIÊNCIA	GÊNESE
IV. PERÍODO SECUNDÁRIO: Superfície da Terra pouco acidentada; águas pouco profundas e pantanosas. Temperatura menos ardente; atmosfera mais depurada. Depósitos consideráveis de calcários pelas águas. Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. Peixes, cetáceos; animais com conchas; grandes répteis aquáticos e anfíbios.	4º DIA O Sol, a Lua e as estrelas.
V. PERÍODO TERCIÁRIO: Grandes levantamentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retraimento das águas nos lugares baixos; formação dos mares. Atmosfera depurada; temperatura atual pelo calor solar. Animais terrestres gigantescos. Vegetais e animais atuais. Pássaros.	5º DIA Os peixes e os pássaros.
DILÚVIO UNIVERSAL	
VI. PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO: Terrenos de aluvião. Vegetais e animais da atualidade. O homem.	6º DIA Os animais terrestres. O homem.

6. Um primeiro fato que ressalta do quadro comparativo acima é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde, de maneira rigorosa, como muitos creem, a cada um dos seis períodos geológicos. A concordância mais notável é a da sucessão de seres orgânicos, que é muito próxima, e na aparição do homem por último. Isso é um fato importante.

Há igualmente coincidência não com a ordem numérica dos períodos, mas com o fato, na passagem onde se diz que no terceiro dia “As águas que estão sob o céu se reuniram em um só lugar e que o elemento árido surgiu”. É a expressão do que se deu no período terciário, quando os soerguimentos da crosta sólida colocaram a descoberto os continentes e comprimiram as águas que formaram os mares. Foi somente então que apareceram os animais terrestres, conforme a Geologia e Moisés.

7. Quando Moisés disse que a criação foi feita em seis dias, teria querido falar em dias de 24 horas, ou, na verdade, compreendeu esse termo no sentido de: período, duração, espaço de tempo indeterminado. O termo *hebreu*, traduzido por *dia*, tendo essa dupla acepção? A primeira hipótese é a mais provável, caso se refira ao próprio texto. A especificação de tarde

e de manhã que limitam cada um dos seis dias dá lugar em se supor que ele quis falar de dias ordinários. Não se pode mesmo conceber nenhuma dúvida a essa consideração desde o que ele diz no versículo 5: “Ele deu à luz o nome de dia e às trevas o nome de noite, e de tarde e de manhã fizera-se o primeiro dia”. Isso não pode se aplicar senão ao dia de 24 horas, dividido pela luz e as trevas. O sentido é ainda mais preciso quando ele diz, no versículo 17, do Sol, da Lua e das estrelas: “Ele os colocou no firmamento para luzir sobre a Terra; para presidir o dia e a noite e para separar a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia”.

Além disso, tudo na criação era miraculoso e, desde quando se entra na via dos milagres, pode-se perfeitamente crer que a Terra fora feita em seis vezes 24 horas, sobretudo quando se ignora as primeiras leis naturais. Essa crença tem sido compartilhada por todos os povos civilizados até o momento em que a Geologia veio, amostras de rochas na mão, demonstrar-lhe a impossibilidade.

8. Um dos pontos que tem sido dos mais criticados na Gênese é a criação do Sol depois da luz. Tem-se procurado explicar, após os próprios dados fornecidos pela Geologia, em dizendo que nos primeiros tempos de sua formação a atmosfera terrestre, estando carregada de vapores densos e opacos, não permitia ver o Sol, que a partir dessa situação deixaria de existir para a Terra. Essa razão seria talvez admissível se a essa época houvesse habitantes na presença ou ausência do Sol; ora, conforme Moisés mesmo, nem plantas ainda havia que, todavia, não poderiam crescer e se multiplicar sem a ação do calor solar.

Há, pois, evidentemente, um anacronismo na ordem em que Moisés assinala a criação do Sol, mas, involuntariamente ou não, ele não cometeu erro ao dizer que a luz tinha precedido o Sol.

O Sol não é absolutamente o princípio da luz universal, mas uma concentração de elementos luminosos em um local, de outro modo, dito, do fluido que, pelas circunstâncias dadas, adquirem as propriedades luminosas. Esse fluido, que é a causa, devia necessariamente existir antes do Sol, que é, apenas, um *efeito*. O Sol é causa para a luz que ele resplandece, mas é efeito àquela que ele recebe.

Num quarto escuro, uma vela acesa é um pequeno sol. O que se fez para acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade clareadora do fluido

luminoso e se concentrou esse fluido sobre um ponto; a vela é a causa da luz resplandecente no cômodo, mas se o princípio luminoso não existisse anteriormente à vela, ela não poderia estar acesa.

É o mesmo com o Sol. O erro advém da ideia falsa que se tem tido durante longo tempo que o Universo todo tenha começado com a Terra e não se compreendia que o Sol pudesse ser criado após a luz. Sabe-se agora que, antes do nosso Sol e da nossa Terra, milhões de sóis e de terras existiam e desfrutavam, por consequência, da luz. A assertiva de Moisés é perfeitamente exata em princípio; ela é falsa no que faz crer a Terra antes do Sol. A Terra, estando sujeita ao Sol pelo seu movimento de translação, formou-se após ele. É o que Moisés não podia saber, já que ele ignorava a lei de gravitação.

O mesmo pensamento encontra-se na Gênese dos antigos persas, no primeiro capítulo do *Vendedad*, ao descrever a origem do mundo, Ormuzd disse: “Criei a luz que foi clarear o Sol, a Lua e as estrelas”. (Dicionário de Mitologia Universal). A forma aqui é, sem dúvida, mais clara e mais científica do que no Gênesis de Moisés, e dispensa comentários.

9. Moisés partilhava evidentemente as crenças mais primitivas sobre a cosmogonia. Como os homens de seu tempo, acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Esse pensamento está expresso sem alegorias nem ambiguidades nesta passagem (versículo 6 e seguintes): “*Deus disse que o firmamento seja feito no meio das águas e que ele separe as águas com as águas. Deus fez o firmamento e separou as águas que estava sobre o firmamento das que estavam abaixo do firmamento*”. (Ver capítulo V, Sistema dos mundos antigos e modernos, itens 3, 4 e 5).

Uma antiga crença fazia considerar a água como o princípio, o elemento gerador primitivo. Moisés também não fala da criação das águas que parece já existirem. “As trevas cobriam o abismo”, ou seja, as profundezas do espaço que a imaginação concebia vagamente ocupada pelas águas e nas trevas antes da criação da luz. Eis por que Moisés disse que “o Espírito de Deus se conduzia sobre as águas”. A Terra, estando supostamente formada no meio das águas, era preciso isolá-la; supôs-se, pois, que Deus tinha feito o firmamento, abóbada sólida, que separava as águas do alto das que estavam restantes sobre a Terra.

Para compreender certas partes da Gênese, é preciso necessariamente se situar do ponto de vista das ideias cosmogônicas do tempo em que ela é o reflexo.

10. Ante o progresso da Física e da Astronomia, uma semelhante doutrina não é sustentável¹⁴⁰. Contudo, Moisés atribui essas palavras ao próprio Deus. Ora, posto que elas exprimem um fato notoriamente falho, das duas uma: ou Deus se enganou no relato que faz de sua obra, ou esse relato não é uma revelação divina. A primeira suposição, não sendo admissível, é necessário concluir que Moisés exprimiu suas próprias ideias (cap. I, item 3).
11. Moisés está mais próximo da verdade quando diz que Deus formou o homem com o limo da Terra¹⁴¹. A Ciência nos mostra, com efeito (cap. X), que o corpo do homem é composto de elementos retirados da matéria inorgânica, ou seja, do limo da terra.

A mulher, formada de uma costela de Adão, é uma alegoria pueril na aparência, se a tomarmos ao pé da letra, mas profunda pelo sentido. Tem por alvo mostrar que a mulher é da mesma natureza do homem, sua igual por consequência, ante Deus, e não uma criatura à parte feita para ser sujeita e tratada como pessoa abjeta, saída de sua própria carne. A imagem da igualdade é bem mais comovente do que se ela tivesse sido formada separadamente do mesmo barro. É para dizer ao homem que ela é sua igual, e não sua escrava. Que ele deve amá-la como parte de si próprio.

12. Para Espíritos incultos, sem nenhuma ideia das leis gerais, incapazes de abranger o conjunto e conceber o infinito, essa criação miraculosa e instantânea tinha algo de fantástico que impressionava a imaginação. O quadro do Universo nascido do nada em poucos dias, por um só ato da vontade criadora, era para eles a marca mais incontestável do poder de Deus. Qual pintura, de fato, mais sublime e mais poética desse poder que estas palavras: “Deus disse que a luz se faça e a luz se fez!” Deus, criando o Universo pelo cumprimento lento e gradual das leis da natureza, ter-lhe-ia parecido menor e menos poderoso. Era preciso algo de maravilhoso que saísse das vias ordinárias, senão teriam dito que Deus não era mais

140 Por mais grosseiro que seja o erro de uma crença, ainda se a engambela menos em nossos dias as crianças como sendo uma verdade sacra. Não é que esteja cheio de medo que os instrutores ousam arriscar uma tímida interpretação. Como querem que isso não faça incrédulos mais tarde? (N. de Allan Kardec)

141 O termo hebreu *haadam*, homem do qual deu Adão, e o termo *haadama*, terra, têm o mesmo radical. (N. de Allan Kardec)

hábil que os homens. Uma teoria científica e racional da criação tê-los-ia deixado frios e indiferentes.

Os homens primitivos são como as crianças às quais é preciso dar apenas o alimento intelectual que comporte sua inteligência. Atualmente, por estarmos esclarecidos pelas luzes da Ciência, relevamos os erros materiais do relato de Moisés, mas não o censuramos por ter falado a linguagem do seu tempo sem o que não seria, nem compreendido nem aceito.

Respeitemos esses quadros que nos parecem pueris atualmente, como respeitamos os apólogos que clarearam nossa primeira infância e abriram nossa inteligência, ensinando-nos a pensar. Foi com esses quadros que Moisés inculcou no coração dos homens primitivos a fé em Deus e em seu poder, fé ingênua que devia se purificar mais tarde ao brilho da Ciência. Que nós saibamos ler corretamente, não desprezemos o livro onde aprendemos a soletrar.

Não rejeitemos, pois, a Gênese bíblica; estudemo-la, pelo contrário, como se estuda a história da infância dos povos. É uma epopeia rica em alegorias onde se torna necessário procurar o sentido oculto, que é preciso comentar e explicar com a ajuda das luzes da razão e da Ciência. Que ressaltamos as belezas poéticas e as instruções veladas sob a forma de metáforas, é preciso demonstrar decididamente os erros, no próprio interesse da religião. Vamos respeitá-la mais quando esses erros não forem mais impostos pela fé, como verdades, e Deus parecerá maior e mais poderoso, quando seu nome não estiver mais misturado a fatos controversos.

O PARAÍSO PERDIDO¹⁴²

13. *CAPÍTULO II. 8. Ora, o Senhor Deus plantara desde o início um jardim delicioso no qual colocou o homem que tinha formado. 9. O Senhor Deus tinha também produzido da terra toda a sorte de árvores belas à vista e cujos frutos eram agradáveis ao gosto, e a árvore da vida no meio do paraíso, com a árvore da ciência do bem e do mal. [Fez sair Jeová, Eloim, da terra (min haadama)*

142 Na seqüência de alguns versículos colocou-se a tradução literal do texto hebreu, que encontra mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico resulta-lhe mais claramente. (N. de Allan Kardec)

toda árvore boa à vista e bom para comer e a árvore da vida (*vehetz hachayim*) no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal]. 15. O Senhor tomou, pois, o homem e o colocou no Paraíso¹⁴³ de delícias, a fim de que o cultivasse e o guardasse. 16. Ele lhe fez também este comando, e lhe disse: comei de todas as árvores do Paraíso. [Ele ordenou Jeová Eloim, ao homem (*hal haadam*), dizendo: de toda árvore do jardim (*haga*) tu podes comer]. 17. Mas não coma jamais do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque simultaneamente que vós o comeis, morrereis muito certamente. [E da árvore da ciência do bem e do mal (*oumehetz hadaat teb vara*) não comerás, porque, no dia em que tu o comeres, tu o morrerás].

14. **CAPÍTULO III.** 1. Ora, a serpente era o mais sutil de todos os animais que o Senhor Deus havia formado sobre a Terra; e ela disse à mulher. Por que Deus a comandou a não comer do fruto de todas as árvores do Paraíso? [E a serpente era astuta mais que todos os animais terrestres que houvera feito Jeová Eloim; ela disse à mulher (*el haïscha*): Eis o que lhe disse Eloim: Vós não comereis de nenhuma árvore do jardim?]. 2. A mulher respondeu-lhe: Comemos de todas as frutas de todas as árvores que estão no Paraíso. [Ela disse, a mulher, à serpente, do fruto (*miperi*) das árvores do jardim nós podemos comer]. 3. Mas, para aquele que é o fruto da árvore que está no meio do Paraíso, Deus nos comandou de não o comer jamais nem jamais toca-lo, do perigo que não fugiríamos do perigo de morrer. 4. A serpente retrucou à mulher: seguramente nunca morrereis. 5. Mas é que Deus sabe que tão logo comerdes dessas frutas vossos olhos serão abertos e vós sereis como deuses conhecedores do bem e do mal. 6. A mulher considerou então que o fruto dessa árvore era bom para comer; que era belo e agradável à vista. E tendo tomado dele, ela o comeu e o deu a seu marido que o comeu também. [Ela viu, a mulher, que era boa a árvore como nutrição e que era viável a árvores para COMPREENDER (*léaskil*), e ela tomou de seu fruto, etc.]. 7. Como eles perceberam a voz do Senhor Deus, que passeava pelo Paraíso à tarde, quando um vento doce se eleva, eles se retiraram para o meio das árvores do Paraíso para se esconder de ante sua face. 8. Então, o Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: Onde estás? 9. Adão respondeu-lhe: Percebi sua voz no Paraíso

143 Paraíso, do latim *paradisus*, feito do grego *paradeisos*, jardim, vergel, local plantado de árvores. O termo hebreu empregado na Gênese é *hagan*, que tem o mesmo significado. (N. de Allan Kardec)

e eu tive temor, porque eu estava nu, eis por que eu me escondia. 10. O Senhor lhe replicou: E de onde soubestes que estáveis nus, senão do que comeste do fruto da árvore da qual eu vos havia proibido de comer? 11. Adão respondeu-lhe: A mulher que me destes por companheira presenteou-me com o fruto dessa árvore e eu o comi. 12. O Senhor Deus disse à mulher: Por que fizeste isto? Ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi dessa fruta. 13. Então o Senhor Deus disse à serpente: Porque fizeste isto, tu és maldita entre todos os animais e todas as bestas da terra; rastejarás sobre o ventre e comerás a terra todos os dias de tua vida. 14. Colocarei um ódio entre ti e a mulher, entre a raça dela e a tua. Ela te romperá a cabeça e tu tentarás de mordê-la pelo calcanhar. 15. Deus disse também à mulher: eu vos afligirei de vários males durante a gravidez; vós parireis na dor; estareis sob o domínio de seu marido e ele vos dominará. 16. Disse, em seguida, a Adão: Porque escutastes a voz de vossa mulher, e que comestes o fruto da árvore da qual eu vos havia resguardado de comer, a Terra será maldita por causa do que fizeste e vós não tiraráis do que nutrir durante toda vossa vida senão com muito trabalho. 17. Ela vos produzirá espinhos e dificuldades e vós vos nutrireis da erva da terra. 18. E comerás vosso pão com o suor do vosso rosto até que retornéis à Terra de onde houverdes sido tirados, porque sois pó e voltareis ao pó. 19. E Adão deu à sua mulher o nome de Eva, que significa a vida porque ela era a mãe de todos os seres viventes. 20. O Senhor Deus fez também para Adão e sua mulher hábitos de pele com os quais Ele os revestiu. 21. E disse: eis Adão tornar-se como um de nós sabendo sobre o bem e o mal. Impeçamos, pois, agora, não conduza sua mão à árvore da vida, que não tome também seu fruto e que, comendo deste fruto não viva eternamente. [Ele disse, Jeová Eloim: Eis o homem foi como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; e atualmente ele pode estender a mão e pode tomar a árvore da vida (*veata pen ischlach yado velaleach mehetz hachayim*); ela a comerá e viverá eternamente]. 22. O Senhor Deus o fez sair do jardim das delícias a fim de que fosse laborar a cultura da terra de onde ele havia sido tirado. 23. E em o tendo expulsado, pôs querubins¹⁴⁴ ante o jardim das delícias os quais faziam cintilar uma espada de fogo, para guardar o caminho que conduzia à árvore da vida.

144 Do hebreu *cherub*, *kerub* (boi), *charab* (trabalhar). Anjos do segundo da primeira hierarquia, que se apresentavam com quatro asas, quatro faces e pés de boi. (N. de Allan Kardec)

15. Sob uma imagem pueril e, por vezes, ridícula, se nos prendermos a forma, a alegoria oculta por vezes, as maiores verdades. Existe uma fábula mais absurda, à primeira vista, que a de Saturno, um deus devorando pedras que ele tomara por seus filhos? Mas, ao mesmo tempo, o que há de mais profundamente filosófico que essa figura, se nela procurarmos o sentido moral? Saturno é a personificação do tempo; todas as coisas, sendo a obra do tempo, ele será o pai de tudo o que exista, mas também tudo se destrói com o tempo. Saturno, devorando as pedras, é o emblema da destruição pelo tempo dos corpos, os mais duros que são seus filhos, já que eles se formaram com o tempo.

O que escapa a essa destruição a partir dessa alegoria? Júpiter, o emblema da inteligência superior, do princípio espiritual, que é indestrutível. Essa imagem é mesmo tão natural que, na linguagem moderna, sem alusão à fabula antiga, diz-se de uma coisa deteriorada ao longo dos anos, que ela é devorada pelo tempo, corroída e devastada pelo tempo.

16. Toda a mitologia pagã, na realidade, é apenas um vasto quadro alegórico dos diversos lados bons e maus da humanidade. Para aqueles que procuram seu espírito, é um curso completo da mais alta filosofia, como são nossas fábulas modernas. O absurdo era tomarmos forma pelo fundo. Mas os padres pagãos só ensinavam a forma, seja porque alguns nada soubessem, seja porque tinham interesse em manter o povo nessas crenças, que favoreciam seu domínio e, por isso, era mais proveitoso que a filosofia. A veneração do povo pela forma era uma fonte inesgotável de riquezas; os bens acumulados no templo, as oferendas e os sacrifícios feitos por intenção dos deuses, na realidade eram em proveito de seus representantes. Um povo menos crédulo seria menos dado às imagens, às estátuas, aos emblemas e aos oráculos. Sócrates também fora condenado como ímpio, a beber cicuta, por ter querido secar essa fonte, colocando a verdade no lugar do erro. Naquele tempo ainda não estava em uso queimar, vivos, os heréticos. E cinco séculos mais tarde, Cristo foi condenado a uma morte infamante, como ímpio, por ter, como Sócrates, querido substituir a letra pelo espírito e porque sua doutrina, toda espiritual, faria ruir a supremacia dos escribas, dos fariseus e dos doutos da lei.

17. Da mesma forma como a Gênese, onde é preciso ver as grandes verdades morais sob figuras materiais que, tomadas literalmente seriam também

absurdas tanto quanto, em nossas fábulas, tomar-se-ia literalmente as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão é a personificação da humanidade; sua falta individualiza a fraqueza do homem, onde predominam os instintos materiais que não sabe resistir.

A árvore, como árvore da vida, é o emblema da vida espiritual, como árvore da Ciência é o da consciência que o homem adquire do bem e do mal pelo desenvolvimento de sua inteligência e do livre-arbítrio em virtude do qual ele escolhe entre os dois. Ele assinala o momento onde a alma do homem, cessando de ser conduzida pelos seus instintos, toma posse de sua liberdade e incorre na responsabilidade de seus atos¹⁴⁵.

O fruto da árvore é o emblema, o objetivo dos desejos materiais do homem; é a alegoria da cobiça; resume sob uma mesma figura os motivos de sedução ao mal; ao comer ele sucumbe à tentação¹⁴⁶. A árvore cresce no meio do jardim de delícias para mostrar que a sedução está no próprio seio dos prazeres, e mostrar, ao mesmo tempo, que, se o homem dá preponderância aos divertimentos materiais, ele se ata à Terra e se distancia de seu destino espiritual¹⁴⁷.

145 Interpretando dogmaticamente esta passagem, a igreja, como todas as religiões ancestrais, considera a degeneração da alma, admitindo Adão criado virtuoso, justo e sábio; tornando-se ignorante, mortal e passível de sofrimento físico depois da queda. A Doutrina Espírita explica a alegoria do fruto do bem e do mal como a aquisição do livre arbítrio de forma progressiva, assim a responsabilidade pelos atos também é progressiva e proporcional ao progresso adquirido. Desse modo, a alma se desenvolve pela moral autônoma, respondendo por seus atos somente na medida que adquire entendimento e experiência, no decorrer das reencarnações: supera os instintos pela razão, da razão advém o livre arbítrio, e por meio deste adquire o senso moral. (N. do E.)

146 Em nenhum texto, o fruto é identificado pela maçã. Esse termo só é encontrado nas versões infantis. A palavra do texto hebraico é *peri*, que tem as mesmas acepções do francês, sem especificação de espécie e talvez tomado no sentido material, moral alegórico, próprio e figurado. Entre os israelitas não há interpretação obrigatória; desde que uma palavra tenha várias acepções, cada qual a entende como queira, desde que a interpretação não seja contrária à gramática. O termo *peri* (de pericarpo) tem sido traduzido em latim por *malum*, que se fala da maçã e de todas as frutas. É derivado do grego *mélon*, particípio do verbo *mélo*, interessar, tomar atenção, atrair. (N. de Allan Kardec)

147 Em sua interpretação psicológica pelo Espiritismo, o mal é o abuso das necessidades instintivas, e quando transformado em hábito torna-se imperfeição. O espírito

A morte da qual está ameaçado, caso enfrente a proibição que lhe é feita, é uma advertência das consequências inevitáveis, físicas e morais que arrastam a violação das leis divinas que Deus gravou em sua consciência. É bem evidente que não se trata da morte corporal, já que, após sua falta, Adão viveu por longo tempo, bem antes da morte, senão, dito da perda dos bens que resultam do progresso moral, prejuízo do qual sua expulsão do jardim de delícias é a imagem.

A serpente está longe de ser atualmente o tipo de esperteza. Entra aqui mais pela sua forma que por sua índole. É, pois, uma alusão à perfídia dos maus conselhos que se insinuam como a serpente e dos quais, frequentemente, por essa razão, não se desconfia dela.

Aliás, se a serpente, por ter enganado a mulher, foi condenada a rastejar sobre o ventre, seria preciso dizer que anteriormente ela tinha pernas, e então não seria uma serpente.

Por que impor como verdade, à fé ingênua e crédula das crianças, tão evidentes alegorias, e que, iludindo o seu julgamento, fazem-nas, mais tarde, verem a Bíblia como uma trama de fábulas absurdas?

- 18.** Se a falta de Adão é literalmente ter comido uma fruta, não poderia incontestavelmente, por sua natureza quase pueril, justificar o rigor com o que foi ferido. Não seria nem mais racional admitir que este seja o fato que geralmente lhe é atribuído. Deus, considerando esse fato como um crime irremissível, teria condenado sua própria obra, já que tinha criado o homem para a propagação. Se Adão entendeu nesse sentido a proibição de tocar na fruta da árvore e ele se tornasse escrupulosamente conformado, onde estaria a humanidade e o que teria sido dos descendentes do Criador? Se fosse assim, Deus teria criado o imenso aparelho do Universo para dois indivíduos e a humanidade teria surgido contra sua vontade e suas previsões.

Deus não teria jamais criado Adão e Eva para ficarem sós na Terra; e a prova está mesmo nessas palavras que ele lhe endereçou imediatamente

simples e ignorante não é bom nem mau, somente quando adquire razão e livre arbítrio é que se torna responsável por seus atos e escolhas, e pode, então, adquirir imperfeição se escolher esse caminho. Sendo o sofrimento moral inerente à imperfeição, aquele só termina quando o espírito supera este. Assim o mundo moral é regido por leis naturais e não por atos intempestivos de Deus, como castigos e recompensas. (N. do E.)

após sua formação. Então, eles estariam ainda no Paraíso terreal; “Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, enchei a Terra e vos a subjugue”. (Gênesis I,28) Pois a multiplicação do homem era uma lei desde o paraíso terrestre, sua expulsão não pode ter por causa o fato suposto.

O que deu crédito a essa suposição é o sentimento de vergonha pelo qual Adão e Eva sentiram à vista de Deus e que os levaram a se cobrir. Mas essa vergonha, ela mesma, é uma figura por comparação: simboliza a confusão que todo culpado sente em presença de quem tenha ofendido.

19. Qual é, pois, em definitivo, essa falta tão grande que pudesse resultar na reprovação à perpetuidade de todos os descendentes daquele que a tenha cometido? Caim, o fratricida, não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo pôde defini-la logicamente porque todos, não saindo da letra, voltam-se num círculo vicioso.

Atualmente, sabemos que essa falta não é um fato isolado, pessoal de um indivíduo, mas que compreende, sob um fato alegórico único, o conjunto dos abusos dos quais pode-se tornar culpada a humanidade ainda imperfeita na Terra e que se resumem nestas palavras: *infração às leis de Deus*. Eis por que a falta do primeiro homem, simbolizando a humanidade, é simbolizada ela mesmo por um ato de desobediência.

20. Dizendo a Adão que ele tiraria seu alimento da Terra com o suor da sua frente, Deus simboliza a obrigação do trabalho. Mas por que faz Ele do trabalho uma punição? O que seria da Terra se ela não fosse fecundada, transformada, saneada pelo trabalho inteligente do homem?

Disse (Gênesis, II,5 e 7): “O Senhor Deus não tinha ainda feito chover sobre a Terra e não havia nenhum homem para trabalhá-la. O Senhor formou, pois, o homem do barro da Terra”. Essas palavras, comparadas com as seguintes – *Enchei a Terra* –, prova que o homem estava desde a origem destinado *a ocupar toda a Terra e a cultivá-la*; e outra que o Paraíso não era um lugar circunscrito a um canto do globo. Se a cultura da Terra devia ser uma consequência da falta de Adão, resultaria que, se Adão não tivesse pecado, a Terra não teria sido cultivada e que os desígnios de Deus não teriam sido cumpridos.

Por que ele disse à mulher que, porque ela cometeu a falta, ela parirá com dor? Como a dor do parto pode ser um castigo, já que é uma consequência do organismo, e que está provado fisiologicamente que é necessária?

Como uma coisa que é conforme as leis da natureza pode ser uma punição? É o que os teólogos nem podem ainda explicar e o que não poderão fazer enquanto não saírem do ponto de vista onde se situaram. Entretanto, essas palavras, que parecem tão contraditórias, podem ser justificadas.

21. Observemos a princípio que se, no momento da criação de Adão e Eva, sua alma viesse de ser tirada do nada, como se ensina, eles deveriam ser novíços em todas as coisas; eles não poderiam saber o que é morrer. Já que estavam *sós* sobre a Terra, tanto que eles adivinham do Paraíso terrestre, não haviam visto ninguém morrer. Como teriam podido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como poderia Eva compreender que parir com dor seria uma punição, já que, tendo acabado de nascer para a vida, ela nunca tinha tido filhos, além do que ela era a única mulher no mundo?

As palavras de Deus não deviam ter para Adão e Eva nenhum sentido. Apenas, tirados do nada, não podiam saber nem por que nem como eles surgiram; não deviam compreender nem o Criador nem o motivo da proibição que Ele lhes fazia. Sem nenhuma experiência das condições da vida, eles pecaram como crianças que atuam sem discernimento, o que torna mais incompreensível ainda a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre a humanidade inteira.

22. O que é um impasse para a Teologia, o Espiritismo explica sem dificuldade e de maneira racional, pela anterioridade da alma e pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do homem. Com efeito, admitamos que Adão e Eva, tendo já vivido, tudo se encontraria justificado. Deus não lhes fala nunca como crianças, mas como seres em estado de compreender e que o compreendem, prova evidente de que eles tiveram uma experiência anterior. Admitamos, entre outras coisas, que eles tivessem vivido em um mundo mais avançado e menos material que o nosso, onde o trabalho do Espírito suplantava o trabalho do corpo; que, por sua rebelião à lei de Deus, caracterizada pela desobediência, eles tivessem sido excluídos e exilados para reparação na Terra, onde o homem, por consequência da natureza do globo, está sujeito a um trabalho corporal, Deus tinha razão de lhes dizer: No mundo em que ides viver de hoje em diante, “vós cultivareis a terra e dela tirareis vosso alimento com o suor de vossa fronte”; e, para a mulher: “vós parireis com dor”, porque tal é a condição deste mundo (cap. XI, item 31 e seguintes).

O Paraíso terrestre do qual se tem inutilmente procurado os vestígios sobre a Terra era, pois, a figura do mundo venturoso onde tinham vivido Adão, ou antes, a raça dos Espíritos dos quais ele é a personificação. A expulsão do Paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar-se entre os habitantes do mundo, e a mudança de situação que veio a seguir. O anjo armado com uma espada reluzente, que defende a entrada do Paraíso, simboliza a impossibilidade na qual estão os Espíritos dos mundos inferiores em penetrar nos mundos superiores, antes de terem mérito, pela sua depuração. (Ver logo após o capítulo XIV, item 9 e seguintes).

23. *Caim (após a morte de Abel) respondeu ao Senhor: minha iniquidade é por demais grande para poder obter seu perdão. Vós me enxotastes hoje da superfície da Terra e eu irei me esconder ante vossa face. Serei fugitivo e vagabundo sobre a Terra. Qualquer um, pois, me encontrará e me matará. O senhor lhe respondeu: Não, isso não ocorrerá porque quem destruir Caim será punido severamente. E o Senhor colocou um sinal sobre Caim, a fim de que quem o encontrasse nunca lhe matasse.*

Caim, sendo retirado de diante do Senhor, tornou-se vagabundo sobre a Terra e habitou pela região oriental do Éden. E tendo conhecido sua mulher, ela concebeu e pariu Henocho. Ele construiu, em seguida, uma cidade que se chamou Enóquia, do nome do seu filho (Gênesis, 4,13-16).

24. Caso se reporte à letra da Gênese, as quais consequências se chegam: Adão e Eva estavam sozinhos no mundo após sua expulsão do Paraíso terrestre; só posteriormente tiveram os filhos Caim e Abel. Ora, Caim, matando seu irmão e retirando-se para outra região, não reviu mais seu pai e sua mãe, que se tornaram novamente sós. Só muito tempo depois, com a idade de 130 anos, que Adão teve um terceiro filho, chamado Seth. Após o nascimento de Seth, ele viveu ainda, conforme a genealogia bíblica, 800 anos e teve filhos e filhas.

Quando Caim veio estabelecer-se no oriente do Éden, existia apenas sobre a Terra três pessoas: seu pai e sua mãe, e *ele* próprio, por seu lado. Entretanto, ele teve uma mulher e um filho. Quem poderia ser essa mulher e onde teria podido encontrá-la? Ele construiu uma cidade, mas uma cidade supõe habitantes, já que não é presumível que ele a tenha feito para si próprio, sua mulher e seu filho, nem que a tenha podido construir sozinho.

É preciso, pois, inferir desse relato que a região era povoada. Ora, não poderia ser pelos descendentes de Adão, que, então, não havia outro senão Caim.

A presença de outros habitantes resulta desta palavra de Caim: “Eu serei fugitivo e vagabundo e aquele que me encontrar me matará”, e, da resposta que Deus lhe deu. Quem poderia ele temer que o matasse e que utilidade teria o signo que lhe foi incutido para preservá-lo se não devesse encontrar ninguém? Ora, se havia sobre a Terra outros homens além da família de Adão, é que eles aí estavam antes deles. De onde essa consequência, tirada do próprio texto da Gênese, que Adão não é nem o primeiro nem o único pai do gênero humano (cap. XI, item 34).

25. Seriam precisos os conhecimentos que o Espiritismo trouxe tocante ao relacionamento do princípio espiritual e do material, sobre a natureza da alma, sua criação em estado de simplicidade e ignorância, sua união com o corpo, sua marcha progressiva, indefinida por meio de existências sucessivas e dos mundos que são igualmente degraus na trilha do aperfeiçoamento, sua libertação gradual da influência da matéria pelo uso do seu livre-arbítrio, a causa de suas tendências boas ou más e de suas aptidões, o fenômeno do nascimento e da morte, o estado do Espírito na erraticidade, enfim, o porvir que é o prêmio de seus esforços para melhorar-se e de sua perseverança no bem, para lançar a luz por todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a essa luz, o homem sabe daí para a frente de onde ele vem, para onde ele vai, porque está sobre a Terra e porque sofre. Sabe que seu futuro está entre suas mãos e que a duração de sua privação da liberdade¹⁴⁸ neste mundo depende dele. A Gênese, saída da alegoria estreita e mesquinha, mostra-se a ele grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, a Gênese confundirá a incredulidade e a vencerá.

148 Quando toda a humanidade, agindo pelo dever, sem desejo de privilégios em nome da igualdade, por meio da solidariedade participativa, permitindo o acolhimento de todos os seres por meio da fraternidade social é que se conquistará a verdadeira liberdade. (N. do E.)



Os milagres
segundo o
Espiritismo

Caracteres dos milagres

1. Em sua acepção etimológica, o termo *milagre* (de *mirari*, admirar) significa *admirável, coisa extraordinária, surpreendente*. A academia definiu essa palavra: *Um ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da natureza*.

Em sua acepção usual, esse termo perdeu, como tantos outros, seu significado primitivo. Deixando de ser geral, como era, ficou restrito a uma ordem particular de fatos. No pensamento das massas, um *milagre* implica na ideia de um fato sobrenatural. No senso litúrgico, é uma derrogação das leis da natureza pela qual Deus manifesta seu poder. Essa é sua acepção vulgar, que se converteu em sentido próprio, de modo que só por comparação e por metáfora esse termo é utilizado nas circunstâncias comuns da vida.

Um dos caracteres do milagre propriamente dito é ser inexplicável, porque ocorre à revelia das leis naturais. Tanto essa é a ideia associada ao milagre que, se for encontrada uma explicação para um fato miraculoso, diz-se que não é mais um milagre, por mais surpreendente que seja.

Outra característica do milagre é de ser insólito, isolado e excepcional. A partir do momento em que um fenômeno é reproduzido, seja espontaneamente, seja por um ato da vontade, é porque está submetido a uma lei, conhecida ou não, mas já não pode mais ser um milagre.

2. A Ciência faz, todos os dias, milagres aos olhos dos ignorantes. Que um homem realmente morto retorne à vida por uma intervenção divina é, de fato, um verdadeiro milagre, porque é um fato contrário às leis da natureza. Mas se esse homem apenas tem a aparência da morte, se há ainda nele um

pouco de *vitalidade latente* e se a Ciência ou uma ação magnética¹⁴⁹ torne a reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas, é um fenômeno natural, mas, aos olhos do homem comum, o fato passará por milagroso.

Se um físico lançar no meio de uma campina uma pipa elétrica¹⁵⁰, fazendo um raio cair sobre uma árvore, esse novo Prometeu será considerado como tendo um poder diabólico. Mas Josué, parando o movimento do Sol ou, de preferência, da Terra, admitindo-se o fato, eis aí o verdadeiro milagre, porque não existe nenhum magnetizador dotado de um tão grande poder para realizar tal prodígio.

Os séculos da ignorância foram fecundos em milagres, porque tudo que tinha uma causa desconhecida era considerado milagroso. À medida que a Ciência revelou novas leis, o domínio das maravilhas se restringiu. Mas como a Ciência não havia explorado todo o campo da natureza, restava ainda uma grande parte para o maravilhoso.

3. Expulso pela Ciência, do domínio da materialidade, o maravilhoso entrincheirou-se no da espiritualidade, que tem sido seu último refúgio. O Espiritismo, demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da natureza, força que atua incessantemente, em conjunção com a força material. Isso faz os fenômenos que dele resultam entrarem no círculo dos efeitos naturais, porque esses fatos, como os demais, estão sujeitos a leis. Se o maravilhoso for expulso da espiritualidade, não terá mais razão de ser. Então, poderá ser dito que o tempo dos milagres passou¹⁵¹.

149 Refere-se à Ciência do magnetismo animal (cuja teoria médica era tão comum na época quanto hoje é a homeopatia), e não do fenômeno magnético comum, da Física. (N. do E.)

150 Benjamin Franklin empinou uma pipa com uma chave metálica presa a ela durante uma tempestade. Ao observar o momento no qual as fibras da linha ficaram de pé, tocou a chave e sentiu nela uma carga elétrica. Deduziu, então, que o raio era a eletricidade. (N. do E.)

151 O termo *elemento* não se emprega aqui no sentido de *corpo simples elementar*, de *moléculas primitivas*, mas, sim, no de *parte constituinte de um todo*. Nesse sentido, diz-se que o *elemento espiritual* tem uma parte ativa na economia do Universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* são partes integrantes da população; que o *elemento religioso* forma parte da educação; que na Argélia é considerada participante do *elemento árabe*, etc. (N. de Allan Kardec)

4. O Espiritismo vem, por sua vez, fazer o que cada Ciência fez quando surgiu: revelar novas leis da natureza e, conseqüentemente, explicar os fenômenos da competência delas.

É certo que esses fenômenos se prendem à existência dos Espíritos e à sua intervenção no mundo material; e é precisamente nisso – dizem alguns – que consiste o sobrenatural. No entanto, para se fazer essa afirmação seria necessário provar que os Espíritos e suas manifestações são contrários às leis da natureza; e que ali não existe nem poderia existir nenhuma dessas leis naturais.

O Espírito é apenas uma alma que sobreviveu ao corpo. É o ser principal, já que não morre, ao passo que o corpo é apenas um acessório que se destrói. Sua existência é tão natural depois como durante a encarnação. É submissa às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo é submisso àquelas do princípio material. Porém, como esses dois princípios possuem uma afinidade necessária, como interagem, incessantemente, e como de sua ação simultânea resultam o movimento e a harmonia do conjunto, entende-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, uma tão natural quanto a outra, e que a primeira não é uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

5. Durante sua encarnação, o Espírito age sobre a matéria por intermédio de seu corpo fluídico ou perispírito; ocorre o mesmo fora da encarnação. Como Espírito, e, na medida da sua capacidade, faz o que faria como criatura humana. Mas, não tendo o corpo carnal por instrumento, ele se serve, quando necessário, dos órgãos materiais de um encarnado, que vem a ser o que se chama de *médium*. Ele faz como aquele que, não podendo escrever por si mesmo, se vale da mão de um secretário, ou, não sabendo uma língua, serve-se de um intérprete. Um secretário, um intérprete são os *médiuns* de um encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.
6. O meio no qual agem os Espíritos e os modos de execução, não sendo os mesmos que no estado de encarnação, os efeitos também são distintos. Esses efeitos apenas parecem sobrenaturais, porque são produzidos por agentes que não são aqueles dos quais nos servimos. Mas desde que esses agentes estejam na natureza, e que as manifestações ocorram em virtude de certas leis, não há nada de sobrenatural nem de maravilhoso. Antes de se conhecer

as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos eram considerados prodígios, aos olhos de certas pessoas; desde que a causa foi conhecida, o maravilhoso desapareceu. Acontece o mesmo com os fenômenos *Espíritas*, que não fogem da ordem das leis naturais mais do que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que foram a fonte de uma imensidade de crenças supersticiosas.

7. Contudo, nos dirão: “Admitis que um Espírito possa levantar uma mesa e a manter suspensa no espaço, sem ponto de apoio; não seria uma derrogação da lei de gravidade?”. Sim, da lei conhecida. Por acaso conheceis todas as leis? Antes de se ter experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma pesada máquina, transportando vários homens, pudesse vencer a força de atração? Aos olhos do homem comum, isso não deveria parecer maravilhoso, diabólico? Aquele que propusesse, um século atrás, a transmitir uma mensagem a 500 léguas e receber a resposta em poucos minutos, teria passado por louco; e se tivesse feito, muitos teriam acreditado que possuía o diabo às suas ordens, porque só ele estaria capacitado a ir tão depressa. Hoje, não só de reconhece esse fato como possível, mas mostra-se totalmente natural. Por que, pois, um fluido desconhecido não teria a propriedade de contrabalançar, em determinadas circunstâncias, o efeito da gravidade, assim como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? É o que sucede, no caso com o qual nos ocupamos. (*O Livro dos Médiuns*, cap. IV)
8. Os fenômenos *Espíritas*, estando na natureza, produziram-se em todos os tempos. Mais precisamente porque seu estudo não podia ser feito pelos meios materiais que a Ciência comum dispunha, permaneceram por mais tempo do que outros, no domínio do sobrenatural, de onde, agora, o Espiritismo os fez sair. O sobrenatural, baseando-se em aparências inexplicáveis, deixa um livre curso à imaginação, que, vagando no desconhecido, produz as crenças supersticiosas. Uma explicação racional, baseada nas leis da natureza, reconduzindo o homem à realidade, coloca um freio aos desvios da imaginação e destrói as superstições. Longe de ampliar o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o restringe a limites extremos e lhe tira seu último refúgio. Se faz crer na possibilidade de certos fatos, impede a crença em muitos outros, porque demonstra, no âmbito da espiritualidade, como a Ciência, no campo da materialidade, o que seja ou não possível. Contudo, como não tem a pretensão de possuir a última palavra

sobre todas as coisas nem mesmo sobre o que é da sua competência, não se coloca jamais como regulador absoluto do possível, e deixa de lado os conhecimentos reservados ao futuro.

9. Os fenômenos *Espíritos* consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito¹⁵², seja durante a encarnação, seja no estado de erradicidade. É por essas manifestações que a alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade. A julgamos por seus efeitos, a causa, sendo natural, o efeito é igualmente. São esses efeitos que constituem o objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de que se chegue a um conhecimento tão completo quanto possível da natureza e dos atributos da alma como também das leis que regem o princípio espiritual.
10. Para aqueles que negam a existência do princípio espiritual independente e, por consequência, negam a alma individual e sobrevivente, toda a natureza estaria na matéria tangível. Todos os fenômenos que se prendem à Espiritualidade são, a seus olhos, sobrenaturais e, por consequência, quiméricos. Não admitindo a causa, não podem admitir o efeito; e quando os efeitos são patentes, eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação e se negam a investigá-los. Disso resulta que têm uma opinião preconcebida, o que os torna incapazes de julgar sadiamente o Espiritismo, pois partem do princípio da negação de tudo o que não seja material.
11. O Espiritismo admite efeitos que sejam a consequência da existência da alma, mas disso não resulta que aceite todos os que são qualificados de maravilhosos nem que se proponha a justificá-los e crer neles, fazendo-se o campeão de todos os visionários, das utopias, excentricidades sistemáticas e todas as lendas miraculosas. Seria necessário conhecê-lo muito pouco para pensar que seja assim. Seus adversários, crendo lhe opor um argumento sem réplica, quando, após terem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard, sobre os Camisards de Cévennes, ou as religiosas de Loudun¹⁵³, chegaram a descobrir aí fatos patentes de fraude que ninguém

152 A Psicologia Experimental do século 19 considerava o ser humano como “alma encarnada”, e o Espiritismo definiu o *espírito* como uma “alma desencarnada”. Desse modo, utilizava-se o termo *alma* para os encarnados e *espírito* para os desencarnados. (N. do E.)

153 Sobre o caso de Saint-Médard há um relato na *Revista Espírita* de 1859. Os Camisards foram os protestantes franceses, huguenotes, da região de Cévennes, que,

contesta. Mas essas histórias seriam o evangelho do Espiritismo? Seus adeptos teriam negado que o charlatanismo havia especulado certos fatos a seu proveito; que a imaginação os tenha criado; que o fanatismo os tenha exagerado bastante? O Espiritismo é tão pouco solidário com as extravagâncias que se possam cometer em seu nome como a verdadeira Ciência é com os abusos da ignorância e a verdadeira religião com os excessos do fanatismo. Muitos críticos julgam-no pelos contos de fada e pelas lendas populares, que são apenas ficções. Seria como julgar a história tendo como base os romances históricos ou as tragédias.

12. Os fenômenos *Espíritas* são, frequentemente, espontâneos, e se produzem sem qualquer ideia preconcebida entre as pessoas que menos pensam neles. Em certas circunstâncias, podem ser provocados pelos agentes designados sob o nome de *médiuns*: no primeiro caso, o médium é *inconsciente*, do que se produz por seu intermédio; no segundo ele atua com conhecimento de causa; eis a distinção *entre médiuns conscientes e inconscientes*. Estes últimos são os mais numerosos e frequentemente são encontrados entre os incrédulos mais obstinados, que assim praticam o Espiritismo sem saber e sem querer. Os fenômenos espontâneos têm, por isso, uma importância fundamental, porque não se pode suspeitar da boa-fé dos que os obtêm. Ocorre aqui, como no sonambulismo¹⁵⁴, que em certos indivíduos é natural e involuntário, enquanto que em outros é provocado pela ação magnética¹⁵⁵.

ao serem perseguidos foram ajudados a se proteger pelas informações de profecias recebidas por alguns de seus membros. O famoso caso da possessão das freiras ocorreu em Loudun, França, em 1634. (N. do E.)

154 Veja-se em *O Livro dos Médiuns*, segunda parte, capítulo V e exemplos na *Revista Espírita* de dezembro de 1865, página 370; de agosto de 1865, página 231. (N. de Allan Kardec. [As páginas se referem à edição original em francês])

155 O médico Franz Anton Mesmer, durante sua pesquisa sobre o tratamento de seus pacientes pelo magnetismo animal, descobriu que, pela ação dos passes e imposição de mãos, depois de algum tempo, o indivíduo caía num estado de sono profundo, no qual seus sentidos se aguçavam de maneira extraordinária. Enxergavam além das paredes, liam livros fechados, sentiam odores a distâncias incomuns, conheciam o pensamento e a vontade do magnetizador sem que este os falasse, entre outros fenômenos. Pois se a visão era a percepção das vibrações do éter ou da luz, a audição das

Ainda que esses fenômenos sejam ou não, o resultado de um ato da vontade, a causa primária é exatamente a mesma e não se afasta em nada das leis naturais. Os médiuns não produzem, portanto, absolutamente nada de sobrenatural; em consequência, não fazem *nenhum milagre*. As curas instantâneas não são mais miraculosas do que os outros efeitos, porque são devidas à ação de um agente fluidico, que desempenha o papel de agente terapêutico, cujas propriedades não deixam de ser naturais, por terem sido desconhecidas até nossos dias. O epíteto de *taumaturgos*, dado a certos médiuns, pela crítica ignorante dos princípios do Espiritismo, é totalmente impróprio. A qualificação de *milagre* atribuída, por comparação, a essa espécie de fenômenos, só pode induzir a erro, sobre seu verdadeiro caráter.

13. A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos *Espíritos* não os torna mais miraculosos do que todos os outros fenômenos que são devidos a agentes invisíveis, já que esses seres ocultos, que povoam os espaços, são uma das potências da natureza, cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral.

O Espiritismo, esclarecendo-nos sobre essa força, dá-nos a chave de uma multidão de situações inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que, por isso, em tempos remotos, foram consideradas como prodígios. Do mesmo modo que o magnetismo, o Espiritismo revela uma lei que, se não é desconhecida, é, no mínimo, mal compreendida; ou melhor dizendo: os efeitos eram conhecidos, porque ocorreram em todos os tempos, porém não se conhecia a lei, e foi a ignorância dela que engendrou a superstição. Uma vez conhecida a lei, o maravilhoso desaparece e os

vibrações do ar concebeu que tudo fazia parte de um só elemento gerador, o fluido cósmico universal, e haveria então vibrações acima da luz, impressionando diretamente o sistema nervoso: um *sexto sentido*. Durante o sono provocado por sua técnica, os demais sentidos estariam dormentes, e o sexto torna-se o principal do paciente, e como seria a percepção de vibrações sutis, isso explica sua capacidade extraordinária. Inicialmente chamado de *sono mesmérico*, em homenagem ao seu descobridor, pela semelhança desse sono com o sonambulismo natural, passou a ser chamado *sonambulismo provocado*, em virtude da ação do magnetizador para o indivíduo alcançar esse estado. Todavia, alguns sonâmbulos podiam alcançar essa condição sozinhos, justificando o exemplo dado por Allan Kardec (N. do E.)

fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os *Espíritas* não fazem milagres quando uma mesa se move sozinha ou quando os mortos escrevem, do mesmo modo que o médico revive um moribundo, ou o físico faz cair um raio. Aquele que pretendesse *fazer milagres*, com ajuda dessa Ciência, seria ou um ignorante do assunto ou um enganador de tolos.

14. Uma vez que o Espiritismo repudia toda pretensão a fatos miraculosos, haveria milagres fora dele, na acepção usual da palavra?

Digamos primeiramente que entre os fatos considerados milagrosos que ocorreram antes do advento do Espiritismo e que ocorrem ainda em nossos dias, a maior parte, senão todos, encontram explicação nas novas leis que ele veio revelar. Esses fatos se incluem, embora com outro nome, na ordem dos fenômenos *Espíritas*, e como tal, nada têm de sobrenatural. Fica bem entendido que só nos referimos a fatos autênticos, e não desses que, sob o nome de milagre, são o produto de uma indigna charlatanice, com o objetivo de explorar a credulidade. Tão pouco nos referimos a certos fatos lendários, que podem ter tido, na origem, um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou até ao absurdo. É sobre esses fatos que o Espiritismo vem jogar luz, fornecendo os meios de se separar o erro da verdade.

15. Quanto aos milagres propriamente ditos, nada sendo impossível a Deus, ele pode fazê-los sem dúvida. Mas ele os faz? Em outros termos, ele próprio derroga as leis que estabeleceu? Não cabe ao homem prejudicar os atos da divindade e os subordinar à fraqueza de seu entendimento. Entretanto, temos os atributos próprios de Deus, como critério de nosso julgamento, no que diz respeito às coisas divinas. Ao seu soberano poder, ele junta a soberana sabedoria, razão pela qual devemos concluir que ele não faz nada de inútil.

Por que então faria milagres? Para dar testemunho de seu poder, dirão. Mas o poder de Deus não se manifesta de maneira bem mais eloquente, pelo conjunto grandioso das obras da criação, pela sábia providência com que a preside, desde as partes mais ínfimas, até as maiores, e pela harmonia das leis que regem o Universo, do que por algumas pequenas e pueris derrogações que os prestidigitadores sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar sua habilidade, destruísse o relógio que construiu, obra-prima da Ciência, a fim de mostrar que pode desfazer o que fez? Ao contrário, seu saber não ressalta mais da regularidade e da precisão do funcionamento de sua obra?

A questão dos milagres propriamente ditos não é da alçada do Espiritismo. Mas, apoiando-se sobre o raciocínio de que Deus não faz nada inútil, a doutrina espírita emite a seguinte opinião: não sendo os milagres necessários à glorificação de Deus, nada no Universo se afasta das leis gerais. Se existem fatos que não compreendemos, é que nos faltam, ainda, os conhecimentos necessários.

16. Admitindo-se que Deus tenha, por razões que não podemos avaliar, derogado, acidentalmente, as leis que estabeleceu, então elas não são mais imutáveis; mas, ao menos, é racional pensar que só ele tem esse poder. Não seria possível admitir, sem negar a onipotência de Deus, que o espírito do mal possa desorganizar sua obra, fazendo prodígios para seduzir até mesmo os eleitos, o que implicaria na ideia de um poder igual ao seu. Entretanto, é isso que ensinam. Se Satanás tem o poder de interromper o curso das leis naturais, que são obra divina, sem a permissão de Deus, ele é mais poderoso que Deus. Portanto, Deus não tem a onipotência. E se ele, como pretendem, lhe delega esse poder, para induzir, mais facilmente, os homens ao mal, Deus não tem a soberana bondade. Em um caso, como em outro, ocorre a negação de um dos atributos, sem os quais Deus não seria mais Deus.

Dessa forma, a igreja distingue os bons milagres que vêm de Deus, dos maus que procedem de Satã. Mas como poderia diferenciá-los? Se um milagre fosse considerado oficial ou não, é uma derrogação das leis que emanam unicamente de Deus. Se um indivíduo é curado de uma forma intitulada de miraculosa, quer seja por Deus, quer seja por Satanás, ele não deixa de estar curado. É preciso ter uma ideia bem pobre da inteligência humana para esperar que semelhantes doutrinas pudessem ser aceitas em nossos dias.

A possibilidade de certos fatos considerados miraculosos, sendo reconhecida, é preciso concluir que, qualquer que seja a origem que se lhes atribuem, são efeitos naturais de que se podem valer *Espíritos* ou *encarnados*, como da própria inteligência e de seus conhecimentos científicos, para o bem ou para o mal, conforme sua bondade ou sua perversidade. Um ser perverso, valendo-se de seu saber, pode fazer coisas que passam por prodígios aos olhos dos ignorantes. Mas quando esses efeitos resultam em um bem qualquer, seria ilógico atribuir-lhe uma origem diabólica.

17. Mas, dizem, a religião se apoia sobre fatos que não são nem explicados nem explicáveis. Inexplicados, talvez; inexplicáveis é uma outra questão. O que sabemos das descobertas e dos conhecimentos que o futuro nos reserva? Sem falar do milagre da criação, o maior de todos, incontestavelmente, e que já pertence ao domínio da lei universal; e não vemos, no âmbito do magnetismo, do sonambulismo e do Espiritismo, os êxtases¹⁵⁶, as visões, as aparições, a visão a distância, as curas instantâneas, as levitações de objetos, as comunicações orais e outras, com os seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos de tempos imemoriais, considerados outrora como maravilhosos, e provados atualmente, como pertencentes à ordem das coisas naturais, conforme a lei constitutiva dos seres? Os livros sacros estão plenos de fatos desse gênero, que foram classificados de sobrenaturais. Porém, como se encontram análogos e mais maravilhosos ainda, em todas as religiões pagãs da Antiguidade, se a verdade de uma religião dependesse do número e da natureza desses fatos, não se saberia dizer qual delas deveria prevalecer.
18. Pretender que o sobrenatural seja o fundamento necessário de toda religião, que seja o ponto principal do edifício cristão, é sustentar uma tese perigosa. Apoiar as verdades do cristianismo sobre uma base exclusivamente maravilhosa é dar-lhe um apoio frágil, de onde as pedras se soltam facilmente. Essa tese, da qual eminentes teólogos se fizeram defensores, conduz direto à conclusão de que, em algum tempo, não haverá mais religião possível, nem mesmo a cristã, se o que é olhado como sobrenatural for demonstrado como natural, porque, por mais que se acumulem os argumentos, não se poderá manter a crença de que um fato é miraculoso quando está provado que não é. A prova que um fato não é uma exceção às leis naturais se faz quando ele é explicado por essas mesmas leis e que, podendo ser reproduzido por intermédio de um indivíduo qualquer, deixa

156 O estado de sonambulismo é explicado pelo Espiritismo como decorrente de um desprendimento do perispírito do sonâmbulo de tal forma que os sentidos físicos adormecem e o sonâmbulo percebe pelo sentido espiritual. O êxtase era um estado mais profundo do que o sonambulismo, quando o indivíduo se desprendia do mundo físico e passava a perceber o mundo espiritual, comumente descrevendo as belezas, as sensações sublimes e as informações que percebe. Há relatos de dificuldade em retornar à condição lúcida pelas sensações agradáveis que sentiam. (N. do E.)

de ser privilégio dos santos. Não é o *sobrenatural* que é necessário às religiões, porém o *princípio espiritual*, que confundem, erradamente, com o maravilhoso e sem o qual não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto de vista mais elevado. Dá-lhe uma base mais sólida que os milagres: as imutáveis leis de Deus que regem tanto o princípio espiritual como o material. Essa base desafia o tempo e a Ciência, porque ambos virão sancioná-la.

Deus não é menos digno de nossa admiração, de nosso reconhecimento, de nosso respeito, por não ter derogado suas leis grandiosas, sobretudo, por sua imutabilidade. Não há necessidade do sobrenatural para render a Deus o culto que lhe seja devido. O que falta à natureza, bastante imponente por si própria, para provar o poder supremo? A religião encontrará, igualmente, menos incrédulos quanto for em todos os pontos, sancionada pela razão. O cristianismo nada tem a perder com essa sanção. Ao contrário, ele só pode ganhar com isso. Se alguma coisa o tem prejudicado, na opinião de certas pessoas, é precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural.

19. Se tomarmos o termo *milagre* na sua acepção etimológica, no sentido de *coisa admirável*, teremos milagres acontecendo incessantemente sob nossos olhos; nós os aspiramos no ar e os pisamos sob nossos pés, porque tudo é milagre na natureza.

Querem dar ao povo, aos ignorantes, aos pobres de espírito, uma ideia do poder de Deus? É necessário mostrar-lhe na sabedoria infinita que preside a tudo, na admirável organização de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na adaptação de todas as partes de cada ser, suas necessidades, conforme o meio onde é chamado a viver. É necessário mostrar-lhe a ação de Deus num broto de planta, na flor que se desabrocha, no Sol que tudo vivifica; mostrar sua bondade na solicitude que dispensa todas as criaturas, por ínfimas que sejam; sua providência na razão de ser de cada coisa, nenhuma das quais é inútil, e no bem que sempre decorre de um mal aparente e momentâneo. Faça-os compreender, principalmente, que o mal real é a obra do homem, e não de Deus. Não procure amedrontá-los pelo quadro das penas eternas, nas quais acabam não acreditando mais, e que lhes faz duvidar da bondade de Deus. Mas encoraje-os pela certeza de poderem redimir-se, um dia, e reparar o mal que tenham feito. Mostrelhes as descobertas da Ciência como revelação das leis divinas, e não como

obra de Satã. Ensine-lhes, enfim, a ler no livro da natureza, sempre aberto ante eles. Nesse livro inesgotável, onde a sabedoria e a bondade do Criador estão inscritas em cada página. Assim, eles compreenderão que um Ser tão grande, ocupando-se de tudo, velando por tudo, prevendo tudo, deva ser soberanamente poderoso. O trabalhador o verá, ao sulcar seus campos, e o infortunado o louvará, em suas aflições, porque dirá a si mesmo: Se sou infeliz é por minha culpa. Então, os homens serão verdadeiramente religiosos, racionalmente religiosos, sobretudo, muito mais do que se forem forçados a crer em pedras que suam o sangue ou em estátuas que piscam olhos e derramam lágrimas.

CAPÍTULO XIV

Os fluidos¹⁵⁷

Natureza e propriedade dos fluidos – Explicação de alguns fatos reputados como sobrenaturais

NATUREZA E PROPRIEDADE DOS FLUIDOS

1. A Ciência deu a chave dos milagres que derivam mais particularmente do elemento material, quer explicando-os, quer demonstrando sua impossibilidade pelas leis que regem a matéria. Mas os fenômenos nos quais o elemento espiritual é parte preponderante, não podendo ser explicados somente pelas leis da matéria, escapam às investigações da Ciência. Isso porque eles têm, mais que os outros, os caracteres *aparentes* do maravilhoso.

157 Neste capítulo, Allan Kardec trata dos fluidos psíquicos ou espirituais, considerados como matéria constitutiva do mundo espiritual, tendo a mesma origem que a matéria comum no fluido cósmico universal, porém inacessível à observação em nosso mundo. Não se pode confundir esse conceito fundamental da doutrina espírita com substâncias imaginadas pela comunidade científica na Física da época: substâncias elásticas denominadas fluidos imponderáveis. Em 1865, o professor e escritor João de Andrade Corvo, homem de Ciência, explicou o equívoco dessa teoria substancialista: “A antiga teoria das emissões, que supunha a existência de diferentes fluidos sem peso, que saíam em sucessivas emissões dos corpos luminosos, quentes, magnéticos ou eletrizados, não está, de modo algum, de acordo com os fatos, não explica muitos fenômenos que a Ciência conhece, e é contrária à harmonia e simplicidade das leis que regem a natureza. A teoria das ondulações explica tudo” (*Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, quinto ano, abril de 1864. Lisboa: 1865). A teoria do fluido cósmico universal, por sua vez, era uma teoria de ondulações. (N. do E.)

É, pois, nas leis que regem a vida espiritual que se pode encontrar a chave dos milagres dessa categoria.

2. Como já foi demonstrado, o fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva da qual as modificações e transformações constituem a inumerável variedade de corpos da natureza. Como princípio elementar do Universo, ela apresenta dois estados distintos: o de eterização ou de imponderabilidade que se pode considerar como o estado primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que vem a ser, de alguma forma, sua consequência. O ponto intermediário é o de transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não existe transição brusca, pois pode-se considerar nossos fluidos imponderáveis como um ponto intermediário entre os dois estados¹⁵⁸ (cap. IV, item 10 e seguintes).

Cada um desses dois estados dá necessariamente, lugar a fenômenos especiais. Ao segundo pertencem os do mundo visível e ao primeiro os do mundo invisível. Os chamados *fenômenos materiais* são da alçada da Ciência propriamente dita; os outros, qualificados de *fenômenos espirituais* ou *psíquicos*, porque se ligam mais especificamente à existência do Espírito, estão nas atribuições do Espiritismo. Mas, como a vida espiritual e a vida corpórea estão em contato incessante, os fenômenos de ambas as ordens se apresentam simultaneamente. O homem, no estado de encarnação, só pode ter a percepção dos fenômenos físicos que se ligam à vida corpórea; os que são do domínio exclusivo da vida espiritual

158 Para compreender as afirmações de Allan Kardec é fundamental considerar que havia em seu tempo, na Física, a teoria de que a matéria seria constituída por duas classes: matéria comum, tangível ou ponderável, e matéria imponderável ou átomos representativos da luz, da eletricidade, do calor, etc. (são os fluidos luminoso, elétrico, calórico, etc.). Os fluidos psíquicos ou espirituais (tema deste capítulo) seriam, então, estados ainda mais sutis do fluido cósmico universal do que desses fluidos imponderáveis então aceitos. Haveria, então, numa sequência de maior para menor sutileza: matéria comum, matéria imponderável, matéria psíquica. Atualmente sabemos que a hipótese da substância imponderável é falsa, e esses fenômenos são explicados como ondas eletromagnéticas. Transpondo o raciocínio de Kardec para a Física Moderna, poderíamos concluir que a matéria psíquica ou espiritual estaria acima da luz. Mas essa hipótese leva a questões e implicações mais complexas no atual paradigma científico, para as quais não temos, nesta obra, os desenvolvimentos que permitam resolvê-las. (N. do E.)

escapam aos sentidos materiais, e só podem ser percebidos no estado de Espírito¹⁵⁹.

3. No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme. Sem deixar de ser etéreo, passa por modificações também variáveis em seu gênero, e mais numerosas, talvez, que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem diferentes fluidos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos particulares do mundo invisível.

Tudo sendo relativo, esses fluidos têm para os Espíritos, que são também fluídicos, uma aparência tão material como a dos objetos tangíveis para os encarnados, e são para eles o que para nós são as substâncias do mundo terrestre: eles os elaboram e combinam para produzir determinados efeitos, como fazem os homens com seus materiais, mas por processos diferentes.

Lá, como aqui, só é dado aos Espíritos mais esclarecidos compreender o papel dos elementos constitutivos de seu mundo. Os ignorantes do mundo invisível também são incapazes de explicar os fenômenos que testemunham e para os quais contribuem, muitas vezes, maquinalmente, como os ignorantes da Terra o são para explicar os efeitos da luz ou da eletricidade, e dizer como veem e ouvem.

4. Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam a nossos instrumentos de análise e à percepção de nossos sentidos feitos para a matéria tangível e não para a matéria etérea. Há os que pertencem a um meio tão diferente do nosso que deles só podemos fazer uma ideia por comparações, também imperfeitas, como aquelas pelas quais um cego de nascença procura fazer uma ideia da teoria das cores.

Mas, entre esses fluidos, alguns estão intimamente ligados à vida corpórea e pertencem, de algum modo, ao meio terrestre. Na falta de uma percepção direta, pode-se observar seus efeitos e conseguir, sobre sua

159 A denominação de fenômeno *psíquico* representa mais exatamente o que se pensa do fenômeno *espiritual*, atentando ao fato de que esses fenômenos representam as propriedades e os atributos da alma, ou melhor, os fluidos perispirituais que são inseparáveis da alma. Essa qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por suas leis. Pode-se, pois, admiti-los como efeitos psíquicos, sem os admitir a título de milagre. (N. de Allan Kardec)

natureza, conhecimentos de certa precisão. Esse estudo é essencial, porque é a chave de uma porção de fenômenos inexplicáveis somente pelas leis da matéria.

5. O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, do qual nada nos pode dar uma ideia; o ponto oposto é sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, existem inumeráveis transformações que se aproximam, mais ou menos, de um ou de outro. Os fluidos, mais próximos da matéria, que por consequência são os menos puros, compõem o que se pode chamar de atmosfera espiritual terrestre. É desse meio, onde se encontram, igualmente, diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra tiram os elementos necessários para sustentar sua existência. Esses fluidos, por mais sutis e impalpáveis que sejam para nós, são de uma natureza grosseira, comparativamente aos fluidos etéreos das regiões superiores.

É o mesmo com a superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias a cada um. Quanto menos a vida seja material, menor é a afinidade dos fluidos espirituais com a matéria propriamente dita.

A qualificação de *fluidos espirituais* não é rigorosamente exata, já que, em definitivo, é sempre matéria, porém mais ou menos quintessenciada. Só a alma ou o princípio inteligente é realmente *espiritual*. São designados assim por comparação e em razão de sua afinidade com os Espíritos. Pode-se dizer que é a matéria do mundo espiritual; eis por que os chamamos de *fluidos espirituais*.

6. Quem conhece, aliás, a constituição íntima da matéria tangível? Ela talvez só seja compacta em relação a nossos sentidos¹⁶⁰, o que é provado pela facilidade com a qual é atravessada pelos fluidos espirituais e Espíritos, aos quais oferece o mesmo obstáculo que os corpos transparentes oferecem à luz.

160 Esta era uma consideração ousada para a época, pois nos manuais da Física do século 19 a matéria tangível era considerada constituída por átomos em meio ao vazio, imaginados como esferas sólidas, inquebráveis, indestrutíveis. Avaliando as explicações dos Espíritos e a teoria do fluido cósmico universal, Kardec cogita a não solidez da matéria tangível. Atualmente, a solidez do átomo é sabidamente inexistente em seu nível atômico, tratando-se essa condição da matéria somente uma aparência para os nossos sentidos. (N. do E.)

A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo deve poder, quando se desagrega, retornar ao estado de eterização, como o diamante, o mais duro dos corpos pode se volatilizar em gás impalpável. A solidificação da matéria é, na realidade, apenas um estado transitório do fluido universal, que pode retornar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão deixam de existir.

Quem sabe se, estando tangível, a matéria não é susceptível de adquirir um tanto de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos, que parecem autênticos, tenderiam a nos fazer supor que sim. Nós não possuímos, ainda, as bases do mundo invisível e o futuro nos reserva, sem dúvida, o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender o que continua sendo, para nós, um mistério.

7. O perispírito, ou corpo fluídico do Espírito, é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico. É uma condensação desse fluido, em torno de um foco de inteligência, ou *alma*. Viu-se que o corpo carnal tem, igualmente, seu princípio nesse mesmo fluido, transformado e condensado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porque o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o somático têm, pois, sua fonte no mesmo elemento primitivo: um e outro são de matéria, ainda que sob dois estados distintos.
8. Os Espíritos tiram seu perispírito do meio onde se encontram, isto é, esse envoltório é formado dos fluidos ambientais. Disso resulta que os elementos constitutivos do perispírito devem variar conforme os mundos. Júpiter, considerado um mundo muito avançado, comparativamente à Terra, onde a vida corporal não tem a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais devem ser de uma natureza infinitamente mais quintessenciada que os da Terra.

Ora, da mesma forma que não podemos existir nesse mundo com nosso corpo carnal, nossos Espíritos não poderiam nele entrar com seu perispírito terrestre. Abandonando a Terra, o Espírito aí deixa seu envoltório fluídico e se reveste de outro, apropriado ao mundo para onde deva ir.

9. A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os inferiores não podem trocá-lo à vontade e, por consequência, não podem ir de um mundo para outro,

quando queiram. Existem alguns cujo envoltório fluídico, embora etéreo e imponderável em relação à matéria tangível, é ainda muito pesado. Assim podemos nos exprimir em relação ao mundo espiritual, para lhes permitir sair de seu meio. É preciso incluir nessa categoria aqueles cujo perispírito é tão denso que eles o confundem com seu corpo carnal e, por esse motivo, creem continuar vivos. Esses Espíritos, e é grande o seu número, ficam na superfície da Terra como os encarnados, acreditando se entregar às suas ocupações; outros são um pouco mais desmaterializados, mas não o suficiente para elevar-se acima das regiões terrestres¹⁶¹.

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e até encarnarem neles. Extraem dos elementos constitutivos do mundo onde ingressam os materiais do envoltório fluídico ou carnal, apropriados ao meio onde se encontram. Fazem como o grande nobre que deixa suas roupas douradas para se vestir, momentaneamente, com um traje grosseiro, sem deixar de ser nobre.

É assim que os Espíritos de ordem mais elevada podem se manifestar aos habitantes da Terra, ou encarnar em missão entre nós. Eles trazem consigo não o envoltório, mas a lembrança, por intuição, das regiões de onde vieram, as quais veem pelo pensamento. São videntes entre os cegos.

10. A camada dos fluidos espirituais que envolvem a Terra pode ser comparada com as camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras que as superiores. Esses fluidos não são homogêneos, e sim uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais se encontram necessariamente as elementares, que formam a base mais ou menos alterada. Os efeitos produzidos por esses fluidos estão na razão da *soma* das partes puras que contêm. Tal é, por comparação, o álcool retificado ou misturado, em diferentes proporções com água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta em decorrência dessa mistura, ao mesmo tempo que sua potência e sua inflamabilidade diminuem, embora, no todo, exista álcool puro.

161 Veja exemplos de Espíritos que acreditam ainda pertencer a este mundo depois da morte: *Revista Espírita*, dezembro de 1859, página 310; novembro de 1864, página 339; abril de 1865, página 117. (N. de Allan Kardec).

As páginas citadas correspondem à edição francesa (N. do E.)

Os Espíritos chamados a viver nesse meio dele extraem seu perispírito. Mas, conforme o Espírito é ou mais ou menos puro, seu perispírito é formado das partes mais puras ou mais densas desse meio. O Espírito então produz, sempre por comparação, e não por equivalência, o efeito de uma reação química, atraindo para si as moléculas que sua natureza pode assimilar.

Disso resulta o fato *fundamental* de que a constituição íntima do perispírito não é idêntica para todos os Espíritos encarnados e desencarnados que povoam a Terra e o espaço que a circunda. O mesmo não ocorre com o corpo carnal, que, como foi demonstrado, é formado dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito¹⁶². Por isso, todos os efeitos produzidos pelos corpos são os mesmos, as necessidades são semelhantes, ao passo que diferem em tudo que seja inerente ao perispírito.

Disso resulta que o envoltório perispiritual de um Espírito é modificado pelo progresso moral dele, a cada encarnação, embora reencarne no mesmo meio. Os Espíritos superiores, encarnando, excepcionalmente em missão, em um mundo inferior, têm um perispírito menos denso que o dos indígenas desse mundo.

11. O meio sempre está em relação com natureza dos seres que nele devem viver. Os peixes estão na água, os seres terrestres estão no ar, os seres espirituais estão no fluido espiritual ou etéreo, mesmo na Terra. O fluido etéreo é, para as necessidades do Espírito, o que é a atmosfera para as necessidades dos encarnados. Ora, assim como os peixes não podem viver no ar, e os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar a claridade e a impressão dos fluidos mais etéreos. Não morreriam, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados, como nos afastamos de um fogo ardente ou de uma luz muito ofuscante. Por isso eles não podem sair do meio apropriado à sua natureza. Para mudar isso,

162 Essa explicação demonstra como falsa a ideia de localidade geográfica imaginada pelas doutrinas religiosas e mitologias ao se referir ao destino da alma após a morte, como céu, inferno, trevas ou Hades. Se o corpo espiritual altera sua constituição conforme o estado evolutivo intelecto-moral do Espírito, suas relações físicas e seu meio se estabelecem fundamentalmente por meio de sintonia, e não por localidade. (N. do E.)

é preciso que a modifiquem antes, que abandonem os instintos materiais que os retêm nos ambientes materiais, que se purifiquem e se transformem moralmente. Então, gradualmente, se identificarão com um meio mais puro, que se tornará, para eles, uma necessidade, assim como são os olhos para quem, por longo tempo, viveu nas trevas, a fim de, paulatinamente, se habituar com a luz do dia e o clarão do Sol.

12. Assim, tudo se liga, tudo se encadeia no Universo. Tudo está submetido à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a materialidade mais compacta até a espiritualidade mais pura. A Terra é como uma vasilha de onde escapa uma fumaça espessa, que se rarefaz à medida que se eleva, e cujas parcelas rarefeitas se perdem no espaço infinito.

O poder divino brilha em todas as partes desse conjunto grandioso e, no entanto, queriam, para comprovar melhor o poder se Deus, que ele, não contente com isso, viesse turbar essa harmonia! Que se rebaixasse ao papel de mágico de efeitos pueris, dignos de um prestidigitador! E ousam, por acréscimo, dar-lhe por rival em habilidade o próprio Satã! Jamais se rebaixou tanto a majestade divina, e se surpreendem com o progresso da incredulidade!

Há razão em dizer: “A fé se foi!” Mas é a fé em tudo o que choca o bom senso e a razão; a fé semelhante à que, em tempos passados, levou a que dissessem: “Os deuses se vão!” Mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade está sempre viva no coração do homem e foi sufocada pelas histórias tolas, com as quais oprimiram. Ela se ergue mais forte, desde que seja libertada, como a planta num lugar sombrio se recupera quando volta a receber os raios do Sol!

Sim, tudo é milagre na natureza, já que tudo é admirável e dá testemunho da sabedoria divina! Esses milagres são para todo mundo, para todos os que tenham olhos para ver e ouvidos para escutar, e não só para o proveito de alguns. Não! Nunca há milagres no sentido que se dá a essa palavra, porque tudo evidencia as leis eternas da criação.

13. Os fluidos espirituais que constituem um dos estados do fluido cósmico universal são a atmosfera dos seres espirituais. É o elemento de onde eles extraem os materiais sobre os quais agem; o meio onde se passam os fenômenos especiais, perceptíveis à vista e ao ouvido do Espírito e que escapam aos sentidos carnis impressionados somente pela matéria tangível. É, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14. Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade, que são para o Espírito o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem no fluido essa ou aquela direção; eles os aglomeram, combinam ou dispersam e formam conjuntos com uma aparência, uma forma, uma cor determinada; mudam suas propriedades, como um químico muda as de um gás ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção, mas frequentemente são o produto de um pensamento inconsciente, pois basta o Espírito pensar numa coisa para que ela seja feita.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado, dotado da vista espiritual, sob a aparência que tinha quando estava vivo, na época em que o conheceu, embora já tenha tido várias outras encarnações. Ele se apresenta com as vestes, os sinais externos, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. que tinha; um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não digo que tenham conservado tais aparências; não, certamente, porque, como Espírito, ele não é coxo nem maneta, nem caolho nem decapitado. Mas seu *pensamento*, se reportando à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente essa aparência, a qual muda também instantaneamente. Se ele havia sido uma vez negro e outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, de acordo com qual das duas encarnações ele seja evocado e para onde vá seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que estava habituado a utilizar. Um avaro manejará ouro; um militar terá suas armas e seu uniforme; um fumante, seu cachimbo; um trabalhador, sua charrua e seus bois; uma velha mulher, sua roca.

Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito quanto seriam no estado material para o homem encarnado. Mas, pelo fato de serem criados pelo pensamento, sua existência é tão efêmera quanto ele¹⁶³.

15. A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem consequências de uma importância direta e fundamental para os encarnados. Na medida em

163 Veja sobre objetos fluídicos na *Revista Espírita*, julho de 1859, página 184. *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. VIII. (N. de Allan Kardec)

que esses fluidos são o veículo do pensamento, e que este possa modificar as propriedades, é evidente que elas devam estar impregnadas das qualidades boas ou más dos pensamentos que os ponham em vibração, modificados pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus ou os que eles emitem são viciados, ao passo que aqueles que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o grau da perfeição moral deles.

Seria impossível fazer nem uma enumeração nem uma classificação dos bons e maus fluidos, bem como especificar suas qualidades respectivas, porque sua diversidade é tão grande quanto a dos pensamentos.

16. Se os fluidos ambientais são modificados pela projeção do pensamento do Espírito, seu envoltório perispiritual, que é parte constituinte de seu ser, recebe diretamente e de uma maneira permanente a impressão de seus pensamentos, e deve conter a impressão de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem se purificar pelo afastamento deles, mas seu perispírito será sempre o que é, enquanto o Espírito não se modificar, por si mesmo.
17. Os homens, sendo os Espíritos encarnados, têm, em parte, as atribuições da vida espiritual, porque vivem nessa vida igualmente como na vida corpórea, inicialmente durante o sono, e muitas vezes no estado de vigília. Encarnado, o Espírito conserva seu perispírito com as qualidades que lhe são próprias e este, como se sabe, não está circunscrito pelo corpo, mas irradia ao seu redor e o envolve, como uma atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha um papel preponderante no organismo. Por sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres.

O pensamento do Espírito encarnado atua sobre os fluidos espirituais, do mesmo modo que o dos desencarnados; transmite-se de Espírito a Espírito pela mesma via e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos circundantes.

18. O perispírito dos encarnados, sendo de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, assimila-os com facilidade, como uma esponja embebe-se de um líquido. Esses fluidos têm sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto mais este se misture com eles, por sua expansão e irradiação.

Conforme esses fluidos atuam sobre o perispírito, este reage sobre o organismo material com o qual está em contato molecular. Se os eflúvios forem de boa natureza, o corpo ressentir-se de uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa; se as malignas forem permanentes e enérgicas, elas podem determinar desordens físicas. Certas doenças não têm outra causa.

Os meios onde predominam os maus Espíritos estão impregnados de maus fluidos, que são absorvidos por todos os poros perispirituais, como se absorve pelos poros do corpo os miasmas pestilentos.

19. Ocorre da mesma maneira nas reuniões dos encarnados. Uma reunião é um ambiente onde irradiam pensamentos diversos. O pensamento atua sobre os fluidos como o som sobre o ar. Esses fluidos nos trazem os pensamentos, como o ar nos traz o som. Pode-se dizer, portanto, que há nesses fluidos ondas e raios de pensamento que se cruzam, sem se misturar, como no ar há ondas e raios sonoros.

Uma reunião é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada integrante emite sua nota. Disso resulta uma multiplicidade de correntes e eflúvios fluídicos, onde cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como em um coro de música todos recebem a impressão sonora pelo sentido da audição.

Entretanto, do mesmo modo que existem emissões sonoras harmônicas e dissonantes, há também pensamentos harmônicos e discordantes. Se o conjunto for harmônico, a impressão será agradável; se for dissonante, ela é penosa. Ora, por isso, não é necessário que o pensamento seja formado em palavras, porque as irradiações fluídicas sempre existem, quer sejam expressas, quer não. Mas basta que alguns pensamentos maus se misturem aí para produzir o efeito de uma corrente de ar gelado, em um meio tépido.

Essa é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta em uma reunião simpática, animada de bons e benevolentes pensamentos. Nela reina uma espécie de atmosfera moral saudável, onde se respira à vontade. Dela saímos reconfortados, por estarmos impregnados de eflúvios fluídicos salutareos. Assim explicam-se também a ansiedade e o mal-estar indefinível que sentimos em um meio antipático, onde pensamentos maledicentes provocam, como se fossem correntes de ar repugnante.

20. O pensamento produz, portanto, por uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral; fato que só o Espiritismo poderia tornar

compreensível. O homem sente isso instintivamente, já que procura as reuniões homogêneas e simpáticas onde ele sabe que pode absorver novas forças morais. Pode-se dizer que aí ele recupera as perdas fluídicas que sofre cada dia, pelas irradiações do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material. É que o pensamento é uma emissão que ocasiona uma perda real de fluidos espirituais e, por conseguinte, dos materiais, de tal modo que o homem tem necessidade de se reconfortar pelos eflúvios que recebe de fora.

Quando se diz que um médico cura seu enfermo com boas palavras, essa é uma verdade absoluta, porque o pensamento bondoso traz consigo fluidos reparadores que atuam sobre o físico tanto quanto sobre o moral.

21. É possível, sem dúvida, evitar os homens que se saiba mal-intencionados, mas como sair da influência dos maus Espíritos que surgem a nossa volta e se insinuam em toda parte sem serem vistos?

O meio é muito simples, já que depende da vontade do próprio homem que traz em si mesmo a necessária prevenção. Os fluidos unem-se em razão da semelhança de sua natureza; os antagonísticos se repelem; existe uma incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água.

O que se faz então quando o ar é viciado? Sanea-se, purifica-o, destruindo o centro das pestilências, combatendo os eflúvios insalubres por correntes mais fortes de ar puro. À invasão dos maus fluidos é preciso opor-lhes bons fluidos; e como cada qual tem em seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, traz o remédio consigo mesmo. Basta depurar essa fonte e dar-lhe qualidades tais que sejam uma *resistência* para as más influências, em lugar de ser uma força atrativa. O perispírito é, assim, uma couraça à qual é preciso dar a melhor têmpera possível. Como as qualidades do perispírito são proporcionais às da alma, torna-se necessário trabalhar em sua própria melhoria, porque as imperfeições da alma é que atraem os maus Espíritos.

As moscas vão onde os focos de deterioração as atraíam. Destruindo esses focos, as moscas desaparecerão. Do mesmo modo, os maus Espíritos vão onde o mal os atraía. Eliminando o mal, eles se afastarão. Os Espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, não têm motivo para temer a influência dos maus.

EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FATOS REPUTADOS SOBRENATURAIS

22. O perispírito é o traço de união entre a vida corporal e a espiritual. Por seu intermédio, o Espírito encarnado está em contínuo relacionamento com os Espíritos, e acontecem fenômenos especiais, cuja causa básica não está na matéria tangível e, por essa razão, parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e na irradiação do fluido perispiritual que se deve buscar a causa da *dupla visão* ou *visão espiritual*, também chamada de *visão psíquica*, com a qual várias pessoas são dotadas frequentemente sem saber, assim como da vista sonambúlica¹⁶⁴.

O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito. É por seu intermédio que o Espírito encarnado tem a percepção das coisas espirituais que escapam aos sentidos carnis. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e restritas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, eles estão generalizados. O Espírito vê, entende e sente por todo o seu ser o que está na esfera da irradiação de seu fluido perispiritual.

Esses fenômenos são, entre os homens, a manifestação da vida espiritual. É a alma que atua fora do organismo. Na dupla visão, ou percepção pelo sentido espiritual, ele não vê pelos olhos do corpo, se bem que, frequentemente, por hábito, os dirija para o ponto sobre o qual se volta sua atenção. Ele vê pelos olhos da alma, e a prova está no fato de ver muito bem de olhos fechados e além do alcance do raio visual¹⁶⁵.

164 A dupla vista é um fenômeno que pode ser natural (clarividência, intuição), ou provocada pela ação de um magnetizador ao colocar o indivíduo em estado sonambúlico, podendo surgir então a capacidade de ver por meio de corpos opacos, a distância, também ver fatos passados ou prever fatos futuros. Ao criar a Ciência do magnetismo animal, Mesmer explicou o fenômeno por um sexto sentido, por meio do qual seria possível perceber as vibrações sutis do fluido cósmico universal, acima da luz, pelo sistema nervoso. O Espiritismo esclarece a questão, qualificando a capacidade como proveniente das percepções por meio de perispírito do encarnado. (N. do E.)

165 Fatos de dupla visão e de lucidez sonambúlica relatados na *Revista Espírita*: janeiro de 1858, página 25; novembro de 1858, página 213; julho de 1861, página 197; novembro de 1865, página 352. (N. de Allan Kardec)

23. Ainda que durante a vida o Espírito esteja *preso* ao corpo pelo perispírito, ele não é totalmente escravo, a ponto de não poder estender sua corrente, e se transportar ao longe, seja sobre a Terra, seja a qualquer ponto do espaço. O Espírito lamenta estar preso ao seu corpo, porque sua situação normal é a liberdade, ao passo que a vida corporal é a do servo preso à terra.

O Espírito fica, pois, feliz em deixar seu corpo, como o pássaro deixa sua gaiola. Ele usa todas as ocasiões para se libertar e aproveita, para isso, de todos os instantes em que sua presença não seja necessária à vida de relação. É o fenômeno designado sob o nome de *emancipação da alma*; ocorre sempre no sono; todas as vezes em que o corpo repousa e que os sentidos estejam inativos, o Espírito se libera. (*O Livro dos Espíritos*, cap. VIII)

Nesses momentos, o Espírito vive a vida espiritual, ao passo que o corpo vive apenas a vida vegetativa. Está, parcialmente, no estado em que ficará após a morte; percorre o espaço, diverte-se com os amigos e outros Espíritos livres, ou *encarnados* como ele.

O laço fluídico¹⁶⁶ que o retém ao corpo só é definitivamente rompido com a morte; a separação completa só tem lugar pela extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito retorna, seja qual for a distância em que esteja, desde que sua presença se torne necessária, e retoma o curso da vida exterior de relação. Por vezes, ao despertar, conserva de suas peregrinações uma lembrança, uma imagem mais ou menos precisa do que constitui o sonho. Seja como for, guarda em si as intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos e justificam o provérbio: A noite traz bons conselhos; é boa conselheira.

166 Segundo um médium vidente, narra Allan Kardec: Quando “o Espírito de uma pessoa viva se apresentava a ele, notava um rastro luminoso, partindo do peito, atravessar o espaço sem ser interrompido pelos obstáculos materiais, e indo chegar ao corpo, espécie de cordão umbilical, que une as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo. Ele jamais notou quando a vida corpórea não existe mais, e é por esse sinal que reconhece se o Espírito é de uma pessoa morta ou ainda viva” (*Revista Espírita*, 1859). (N. do E.)

Assim também ficam explicados certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético¹⁶⁷, da catalepsia, da letargia, do êxtase, etc., que nada mais são do que manifestações da vida espiritual¹⁶⁸.

24. A visão espiritual não se efetua pelos olhos do corpo, e a percepção das coisas não ocorre através da luz comum. A luz material é feita para o mundo material, e para o mundo espiritual existe uma luz especial, cuja natureza é desconhecida, mas que, sem dúvida, é uma das propriedades do fluido etéreo, destinado às percepções visuais da alma. Há, então, a luz material e a luz espiritual. A primeira tem seu foco circunscrito aos corpos luminosos. A segunda tem seu ambiente em todo lugar, sendo essa a razão pela qual não existem obstáculos à visão espiritual. Ela não se limita pela distância nem pela opacidade da matéria; a obscuridade não existe para ela. O mundo espiritual é clareado pela luz espiritual, que tem seus efeitos próprios, como o mundo material é iluminado pela luz solar.

25. A alma, envolta pelo seu perispírito, tem em si mesma seu princípio luminoso. Penetrando a matéria em virtude de sua essência etérea, não existem corpos opacos para sua visão.

Entretanto, a visão espiritual não tem a mesma extensão nem a mesma penetração em todos os Espíritos. Só os puros é que a possuem em toda a sua pujança. Entre os inferiores, ela é debilitada pela imperfeição relativa do perispírito, que se interpõe como uma espécie de neblina.

Ela se manifesta em diferentes níveis entre os Espíritos encarnados pelo fenômeno da segunda visão, seja no sonambulismo natural, seja magnético, seja no estado de vigília. Conforme o grau de poder da faculdade, a lucidez pode ser maior ou menor. É com o auxílio dela que certas pessoas veem o interior do organismo e descrevem a causa das doenças.

167 Explicando o sonambulismo magnético pela emancipação da alma, o sonâmbulo pensa e fala por sua mente espiritual, e o corpo expressa esse pensamento, e o magnetizador e demais presentes podem ouvi-lo. Como não está fazendo uso consciente de seu cérebro físico, nada lembra ao acordar. O Espiritismo explica e completa a ciência do Magnetismo Animal pelos ensinamentos dos espíritos. (N. do E.)

168 Exemplos de letargia e catalepsia: *Revista Espírita*: Senhor Schwabenhaus, setembro de 1858, página 255; A jovem cataléptica de Suabe, janeiro de 1866, página 18. (N. de Allan Kardec)

26. A visão espiritual permite percepções especiais que, não tendo por sede os órgãos materiais, ocorrem em condições distintas da visão corpórea. Por essa razão, não se pode esperar efeitos idênticos nem a experimentar pelos mesmos processos. Ocorrendo fora do organismo, ela tem uma mobilidade que frustra todas as previsões. É preciso estudá-la em seus efeitos e causas, e não por comparação com a visão comum, à qual não está destinada a suprir, salvo em casos excepcionais, que não se pode tomar como regra.
27. A visão espiritual é necessariamente incompleta e imperfeita entre os Espíritos encarnados e, por consequência, sujeita a aberrações. Tendo sede na própria alma, o estado desta deve influir sobre as percepções. Conforme o grau de seu desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, ela pode ocorrer no sono ou no estado de vigília: 1^o) a percepção de certos fatos materiais reais, como o conhecimento de ocorrências que se passam ao longe, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma doença e os remédios convenientes; 2^o) a percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a visão dos Espíritos; 3^o) imagens fantásticas criadas pela imaginação, análogas às criações fluídicas do pensamento (veja acima, item 14). Essas criações estão sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as cria. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas e preocupadas com certas crenças religiosas lhes apresenta o inferno, suas caldeiras, suas torturas e seus demônios, do modo que elas mesmas imaginam: é por vezes toda uma epopeia; os pagãos vendo o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos veem o inferno e o paraíso. Se, ao despertar ou sair do êxtase, essas pessoas conservam uma lembrança precisa de suas visões, consideram-nas como realidade e confirmação de sua crença, embora sejam apenas o produto dos próprios pensamentos¹⁶⁹. É preciso fazer uma distinção muito rigorosa das visões estáticas antes de aceitá-las. Nesse sentido, o remédio para a excessiva credulidade é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

169 É assim que se pode explicar as visões da irmã Elmerich, que, se reportando ao tempo da Paixão de Cristo, disse que viu coisas materiais que nunca existiram senão nos livros que lera; aquela da senhora Cantanille (*Revista Espírita*, agosto de 1866, página 240) e uma parte daquelas de Swedenborg. (N. de Allan Kardec)

28. Os sonhos propriamente ditos apresentam as três naturezas de visões descritas anteriormente. Às duas primeiras pertencem os sonhos de previsão, pressentimentos e advertências. Na terceira, isto é, nas criações fluídicas do pensamento pode-se encontrar a causa de certas imagens fantásticas, que nada têm de real em relação à vida material, mas que têm, para o Espírito, uma realidade tal que o corpo sofre um impacto, como se tem visto cabelos embranquecerem sob a impressão de um sonho. Essas criações podem ser provocadas por crenças exaltadas, lembranças, gostos, desejos, paixões, medo, remorsos, preocupações habituais, necessidades do corpo ou mal-estar relativo às funções do organismo; enfim, por outros Espíritos, com objetivo benévolo ou malévolos, conforme sua natureza¹⁷⁰.
29. A matéria inerte é insensível; o fluido perispiritual também é, mas transmite a sensação ao centro sensitivo, que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo se repercutem no Espírito, como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual do qual os nervos parecem ser os fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas que, não conhecendo as relações deste com o princípio espiritual, não puderam explicar-lhe todos os efeitos.

Interrupções ocorrem nessa transmissão, pela separação de um membro ou do seccionamento de um nervo, mas também parcialmente ou de uma maneira geral, e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação de grande superexcitação, ou de preocupação do Espírito. Nesse estado, ele não se concentra mais ao corpo e, em sua febril atividade, atrai, por assim dizer, para si mesmo, o fluido perispiritual que, um tanto afastado do corpo, nele produz uma insensibilidade momentânea. É assim que, no ardor do combate, um militar pode não perceber que está ferido; que alguém, cuja atenção esteja concentrada sobre um trabalho, não percebe o barulho que se faça ao seu redor. É um efeito análogo, porém mais acentuado, o que ocorre a certos sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. É também assim que se pode explicar a insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires. (*Revista Espírita*, janeiro de 1868: *Estudo sobre os Aiassauas*).

170 *Revista Espírita*, junho de 1866, página 172; setembro de 1866, página 184. O *Livro dos Espíritos*, cap. VIII, item 400. (N. de Allan Kardec)

A paralisia não tem, em absoluto, a mesma causa: nela, o efeito é totalmente orgânico; são os próprios nervos, os filamentos condutores, que não estão mais aptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que foram avariadas.

30. Em certos estados patológicos, quando o Espírito não está mais no corpo e o perispírito só adere nele em alguns pontos, o corpo tem todas as aparências da morte e é uma verdade absoluta dizer que a vida esteja apenas por um fio. Esse estado pode durar um longo tempo. Certas partes do corpo podem até entrar em decomposição, sem que a vida esteja definitivamente extinta. Enquanto o derradeiro fio não estiver rompido, o Espírito pode, seja por uma ação enérgica da própria vontade, seja por um *influxo fluídico estranho, igualmente possante*, ser chamado ao corpo. Assim, explicam-se certos prolongamentos da vida contra todas as probabilidades e certas pretensas ressurreições. É a planta que resiste, por vezes, com uma só fibra da raiz. Mas, quando as últimas moléculas do corpo fluídico se desligam do corpo carnal, ou quando este último fica em um estado de degradação irreparável, todo retorno à vida torna-se impossível¹⁷¹.
31. O fluido universal é, como se viu, o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, que apenas são transformações dele. Pela identidade de sua natureza, esse fluido pode fornecer ao corpo os princípios reparadores. Estando condensado no perispírito, o agente propulsor é o Espírito, encarnado ou desencarnado, que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância de seu envoltório fluídico. A cura se opera pela substituição de uma molécula doente por outra *sadia*¹⁷². O poder curador será proporcional à pureza da substância inoculada, e ela depende também da energia

171 Veja exemplos: *Revista Espírita*, O doutor Cardon, agosto de 1863, página 251; A mulher corsa; março de 1866, página 134. (N. de Allan Kardec)

172 Considera-se, nesse raciocínio, a existência de *moléculas orgânicas*, própria dos seres vivos, teoria aceita amplamente pela Medicina quando da escrita desta obra. O doutor Carlos Auban, em 1860, explica como esse elemento pode adoecer: “As moléculas orgânicas por completas que sejam estão sujeitas a perturbações, resultando decomposições em produtos diversos. Mas a força vital que influi nas transformações orgânicas, como também o calor e a eletricidade, modifica a atração química, suspende e impede essas manifestações anormais” (em *Química patológica, A Espanha Médica*. Madri: 1860. p. 171). (N. do E.)

e da vontade, que provocam uma emissão fluídica mais abundante e dão ao fluido uma força maior de penetração. E depende das intenções aquele que quer curar, *quer seja homem, quer seja Espírito*. Os fluidos emanados de uma fonte impura são como substâncias médicas alteradas.

32. Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variáveis, conforme as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e requer tratamento prolongado, como no magnetismo comum; outras é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de um poder tal que curam instantaneamente certos doentes com a simples imposição das mãos, ou mesmo só por um ato da vontade. Entre esses dois polos extremos dessa faculdade há diferenças ao infinito. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela potência e rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido desempenha o papel de agente terapêutico, cujo efeito está subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

33. A ação magnética pode se produzir de várias maneiras:

1º: Pelo fluido do magnetizador. É o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação está subordinada à potência e, sobretudo à qualidade do fluido.

2º: Pelo fluido dos Espíritos, agindo sobre um encarnado, diretamente e *sem intermediário*, para curar ou acalmar um sofrimento, para provocar o sono sonambúlico espontâneo, ou para exercer qualquer tipo de influência física ou moral¹⁷³. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade é proporcional a do Espírito¹⁷⁴.

3º: Pelo fluido que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que lhes serve de condutor. É o magnetismo *misto, semiespiritual*, ou *humano-espiritual*. O fluido espiritual combinado com o humano dá a este último as qualidades que lhe faltam. O concurso dos Espíritos em semelhante

173 Destas definições se deduz que, tanto o magnetismo humano quanto o misto apenas fazem efeito, no que concerne à atuação humana, quando aplicados para curar uma doença. Sendo inerte em indivíduos saudáveis. Já a atuação do magnetismo espiritual pode ter finalidade moral, pela ação dos bons espíritos.

174 Veja exemplos: *Revista Espírita*, fevereiro de 1863, página 4; abril de 1865, página 113; setembro de 1865, página 264. (N. de Allan Kardec)

circunstâncias é, por vezes, espontâneo, mas o mais comum é que o apelo do magnetizador o provoque¹⁷⁵.

34. A faculdade de curar pela ação fluídica é muito comum e pode-se desenvolver pelo exercício¹⁷⁶, mas a de curar instantaneamente, pela imposição das mãos, é mais rara, e seu ponto de excelência pode ser considerado como excepcional. Todavia, viu-se, em diversas épocas e entre quase todos os povos, indivíduos que a possuíam a um grau excepcional. Nesses últimos tempos, tem-se visto vários exemplos notáveis, cuja autenticidade não pode ser contestada. Sabendo-se que essa classe de curas tem por base um princípio natural, e que o poder de realizá-las não é um privilégio, elas não fogem do natural e nada têm de milagroso senão a aparência¹⁷⁷.
35. O perispírito é invisível para nós em seu estado normal, porém, como é formado de matéria etérea, o Espírito pode, em certos casos, e por um ato de sua vontade, submetê-lo a uma modificação molecular que o torna, momentaneamente, visível. É assim que se produzem as *aparições*, que,

175 Em mensagem de 1864, na *Revista Espírita*, Mesmer, criador da Ciência do magnetismo animal, em Espírito, considera fundamental a união do magnetismo humano ao concurso dos bons Espíritos e à prece: “Em geral aquele que magnetiza não pensa senão em desdobrar sua força fluídica (...) ao passo que nossos médiuns curadores comecem por elevar sua alma a Deus. (...) Deus, em sua solicitude, lhes envia poderosos recursos que não pode obter o primeiro (...) envia os bons Espíritos (...). Também é por isso que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão poderoso e produz essas curas qualificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium; ao passo que o magnetizador comum se esgota, frequentemente, em vão, em fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela única imposição das mãos”. Depois do Espiritismo, não faz sentido valer-se do Magnetismo humano sem o auxílio indispensável do Magnetismo espiritual e da prece, ampliando sua eficácia. (N. do E.)

176 Durante o século 19, a cura pelo magnetismo animal estava difundida, sendo praticada em consultórios de magnetizadores, além dos médicos homeopatas (orientados por Hahnemann, a partir da 6ª edição de seu *Organon da Arte de Curar*), havendo escolas manuais, associações e até mesmo hospitais mesméricos. (N. do E.)

177 Exemplos de curas instantâneas reportadas na *Revista Espírita*: O Príncipe de Hohenlohe, dezembro de 1866, página 312 e 345; Jacob, outubro e novembro de 1867, páginas 306 e 339; Simonet, agosto de 1867, página 232; Caid Hassan, outubro de 1867, página 303; O pároco Gassner, novembro de 1867, página 331. (N. de Allan Kardec)

do mesmo modo como os outros fenômenos, não estão fora das leis da natureza. Isso não é mais extraordinário que o vapor, invisível quando está muito rarefeito, e visível quando condensado.

Conforme o grau de condensação do fluido perispiritual, a aparição é, por vezes, vaga e vaporosa; outras ocasiões é mais nitidamente definida; outras vezes tem todas as aparências da matéria tangível. Pode até chegar à tangibilidade real, a ponto de que seja possível haver engano quanto à natureza do ser que se tenha diante de si.

As aparições vaporosas são frequentes, e muitas vezes é com esse aspecto que alguns indivíduos se apresentam, após a morte, para as pessoas por quem sentem afeição. As aparições tangíveis são mais raras, embora delas haja numerosos exemplos, perfeitamente autênticos. Se o Espírito deseja ser reconhecido, dará a seu envoltório todos os sinais exteriores que tenha tido em vida.

- 36.** É de se assinalar que as aparições tangíveis têm apenas a aparência da matéria carnal, mas não poderiam ter suas qualidades. Por causa de sua natureza fluídica, elas não podem ter a mesma coesão, porque, na realidade, não são de carne. Elas se formam instantaneamente, e desaparecem da mesma forma, ou evaporam, pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que se apresentam nessa condição nem nascem nem morrem como os outros homens; nós os vemos e não os vemos mais, sem saber de onde vieram, como vieram ou para onde vão; não se poderia destruí-los nem os acorrentar ou encarcerá-los, já que não possuem corpo carnal. Os golpes que se lhes desferissem bateriam no vazio.

Essa é a característica dos *agêneres*, com os quais se pode conversar, sem cogitarmos o que são. Contudo, não permanecem nesse estado por longo tempo e não podem se tornar frequentadores habituais de uma casa, ou figurar entre os membros de uma família.

Há, aliás, em toda a sua pessoa, em suas maneiras, algo de estranho e de insólito que guarda traços da materialidade e da espiritualidade. Seu olhar diáfano e penetrante, simultaneamente, não tem a nitidez do olhar pelos olhos da carne. Sua linguagem breve e quase sempre sentenciosa nada tem da clareza e da volubilidade da linguagem humana; sua aproximação faz sentir uma sensação particular, indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de temor, e embora os tomando por indivíduos,

semelhantes a todos os outros, diz-se, involuntariamente: Eis aqui um ser singular!¹⁷⁸

37. O perísprito, sendo o mesmo entre os encarnados e os desencarnados, um Espírito encarnado pode aparecer por um efeito absolutamente idêntico. Num de seus momentos de liberdade, em outro lugar, diferente daquele em que seu corpo repousa, com seus traços habituais e todas as marcas de sua identidade. É esse fenômeno, do qual se tem exemplos autênticos, que deu lugar à crença nos homens duplos¹⁷⁹.

38. Um efeito particular dessa espécie de fenômeno é que as aparições vaporosas e mesmo tangíveis não são perceptíveis indistintamente por todo mundo; os Espíritos só se mostram quando querem a quem querem. Um Espírito poderia, então, aparecer em uma reunião, a um ou a vários dos presentes, e não ser visto pelos demais. Isso vem do fato de que esse tipo de percepção se faz pela visão espiritual, e não pela carnal; e não apenas porque a visão espiritual não é dada a todas as pessoas mas também porque o Espírito, por sua vontade e se for preciso, pode retirá-la daquele para quem não queira se mostrar, como pode dá-la, momentaneamente, se julgar necessário.

A condensação do fluido espiritual nas aparições, mesmo até a tangibilidade, não tem as propriedades da matéria comum. Do contrário, as aparições seriam perceptíveis pelos olhos do corpo, e todas as pessoas presentes as veriam¹⁸⁰.

178 Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres: *Revista Espírita*, janeiro de 1858, página 24; outubro de 1858, página 291; fevereiro de 1859, página 38; março de 1859, página 80; janeiro de 1859, página 11; novembro de 1859, página 303; agosto de 1859, página 210; abril de 1860, página 117; maio de 1860, página 150; julho de 1861, página 199; abril de 1866, página 120. O trabalhador Martin apresentado a Luís XV, detalhes completos; dezembro de 1866, página 353. (N. de Allan Kardec)

179 Veja exemplo de aparições de pessoas vivas: *Revista Espírita*, dezembro de 1858, páginas 329 e 331; fevereiro de 1859, página 41; agosto de 1859, página 197; novembro de 1860, página 356. (N. de Allan Kardec)

180 Não é preciso aceitar senão com uma extrema reserva o relato de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam ser o efeito da imaginação superexcitada e por vezes uma invenção feita com um objetivo interesseiro. Convém, pois, ter uma avaliação escrupulosa das circunstâncias, da honorabilidade da pessoa,

39. O Espírito, podendo fazer transformações na estrutura de seu envoltório perispiritual, e este, irradiando em volta do corpo como uma atmosfera fluídica, um fenômeno análogo ao das aparições, pode se produzir na superfície desse corpo. Sob a camada fluídica, a figura real pode desaparecer, mais ou menos completamente, e revestir-se de outros traços; ou os traços originais, vistos por meio da camada fluídica alterada, como por meio de um prisma, podem tomar outra expressão. Se o Espírito, distanciando do terra a terra, se identifica com as coisas do mundo espiritual, a expressão de um semblante feio pode tornar-se bela, radiosa e, por vezes, até luminosa. Se, ao contrário, o Espírito fica dominado por más paixões, uma figura bela pode tomar um aspecto horrível.

É assim que se produzem as *transfigurações*, que são sempre um reflexo das qualidades e dos sentimentos predominantes do Espírito. Esse fenômeno é o resultado de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispiritual que se produz sobre o corpo de uma pessoa viva e, por vezes, no momento da morte, em vez de se produzir a distância, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue aparições desse gênero é que geralmente elas são perceptíveis por todos os presentes, e pelos olhos do corpo, precisamente porque têm por base a matéria carnal visível, enquanto que nas aparições puramente fluídicas não existe matéria tangível¹⁸¹.

40. Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão, no ar, de corpos pesados, de escrita mediúnica, são tão velhos quanto o mundo, porém mais comuns atualmente, e nos dão a chave de alguns fenômenos análogos, aos quais, pela ignorância da lei que os rege, tinha-se atribuído um caráter sobrenatural e miraculoso. Esses fenômenos baseiam-se nas propriedades do fluido perispiritual, seja dos encarnados, seja dos Espíritos livres.

41. É com a ajuda de seu perispírito que o Espírito age sobre seu corpo vivo. É ainda com esse mesmo fluido que ele se manifesta, agindo sobre a matéria inerte, e produz ruídos, movimentos de mesas e outros objetos,

assim como do interesse que pudesse ter para abusar da credulidade de indivíduos demasiadamente confiantes. (N. de Allan Kardec)

181 Veja exemplo e teoria da transfiguração: *Revista Espírita*, março de 1859, página 62; *O Livro dos Médiuns*, cap. VII, página 142. (N. de Allan Kardec)

que ergue, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente se considerarmos que, entre nós, os motores mais possantes estão nos fluidos mais rarefeitos e até imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com ajuda de seu perispírito que o Espírito faz com que os médiuns escrevam, falem ou desenhem. Como não tem um corpo tangível para agir ostensivamente, quando quer se manifestar, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma emprestado, e os faz agir, como se fosse seu próprio corpo, por meio do eflúvio fluídico com que o envolve.

42. É pelo mesmo meio que o Espírito atua sobre a mesa, seja para fazê-la movimentar-se sem significação determinada, seja para fazê-la bater com golpes inteligentes, indicando as letras do alfabeto, para formar palavras e frases, fenômeno designado sob o nome de *tiptologia*. A mesa é apenas um instrumento do qual ele se serve, como faz com o lápis para escrever; dá-lhe uma vitalidade momentânea, pelo fluido com que a penetra, porém *nunca se identifica com ela*. As pessoas que, em suas emoções, vendo manifestar-se um ente querido, abraçam a mesa, fazem um ato ridículo, porque é o mesmo que se abraçassem um bastão, do qual um amigo se serve, para vibrar seus golpes. O mesmo ocorre com os que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse preso na madeira, ou como se a madeira fosse transformada em Espírito.

Quando comunicações ocorrem por esse meio, é preciso pensar que o Espírito não está na mesa, mas com ela, *tal como estaria em sua vida*, e tal como seria visto, se nesse momento ele pudesse tornar-se visível. A mesma coisa acontece nas comunicações por escrito: veríamos o Espírito ao lado do médium, conduzindo sua mão ou lhe transmitindo seu pensamento por uma corrente fluídica.

43. Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue à força braçal, mas envolve-a e penetra-lhe uma sorte de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravidade, como o faz o ar pelos balões e as cafifas. O fluido no qual está penetrado dá-lhe momentaneamente uma leveza específica enorme. Quando está colada ao solo, é um caso análogo ao da bomba pneumática com a qual se faz o vácuo. São apenas comparações para mostrar a analogia dos efeitos, e não a similitude absoluta das causas. (*O Livro dos Médiuns*, cap. IV)

Compreende-se após isso que não é difícil ao Espírito levantar uma pessoa como levantar uma mesa, de transportar um objeto de um local a outro, ou de lançá-lo a qualquer parte. Esses fenômenos produzem-se pela mesma lei¹⁸².

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, porque ele pode ficar tranquilamente no mesmo lugar, mas ele dá-lhe a impulsão por uma corrente fluídica com a ajuda da qual a faz mover a seu capricho.

Quando golpes se fazem perceber na mesa ou alhures, o Espírito não bate nem com sua mão nem com um objeto qualquer; ele dirige sobre o ponto de onde parte o barulho um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o ruído como se pode modificar os sons produzidos pelo ar¹⁸³.

44. Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever em uma língua que lhe seja estranha ou tratar, pela palavra ou pela escrita, temas fora do conhecimento de sua instrução.

182 Tal é o princípio do fenômeno dos transportes; fenômeno muito real, contudo convém só aceitá-lo com extrema reserva, porque é um dos que mais se prestam a imitações e truques. A honorabilidade irrecusável da pessoa que os obtém, seu desinteresse absoluto, material e moral e o concurso das circunstâncias acessórias devem ser postas em séria consideração. É preciso, sobretudo, desconfiar da enorme facilidade com a qual tais efeitos sejam produzidos e manter sob suspeita os que se repetem frequentemente e, por assim dizer, à vontade; os prestidigitadores fazem coisas mais extraordinárias.

A levitação de uma pessoa é também um fato real, porém bastante mais raro talvez porque seja mais difícil de imitá-lo. É notório que o Sr. Home foi mais de uma vez erguido, até o teto, fazendo a volta pela sala. Diz-se que São Cupertino tinha a mesma faculdade, e não poderia tomar nem este nem aquele por milagroso. (N. de Allan Kardec)

183 Exemplos de manifestações materiais e de perturbações por Espírito: *Revista Espírita*: Jovem filha dos Panoramas, janeiro de 1858, página 13; Senhorinha Clairon, fevereiro de 1858, página 44; Espírito batedor de Bergzabern, registro completo, maio, junho, julho de 1858, páginas 125, 153 e 184; Dibbelsdorf, agosto de 1858, página 219; Boulanger de Dieppe, março 1860, página 76; Negociante de São Petersburgo, abril de 1860, página 115; Rua das Nogueiras, agosto de 1860, página 236; Espírito batedor de l'Aube, janeiro de 1861, página 23; idem ao século 16, janeiro de 1864, página 32; Poitiers, maio de 1864, página 156 e maio de 1865, página 134; Irmã Maria, junho de 1864, página 185; Marselha, abril de 1865, página 225; Os raios de Equihem, fevereiro de 1866, página 55. (N. de Allan Kardec)

Não é raro ver que escrevem corretamente sem ter aprendido a escrever; por vezes, fazem poesia sem terem jamais feito um verso em sua vida. Em outros casos, desenham, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento sem conhecer o desenho, a pintura, a escultura ou a arte musical. É muito frequente que um médium psicógrafo reproduza, sem se equivocar, o escrito e a assinatura que o Espírito que se comunica por seu intermédio tinham quando em vida, embora jamais os tenha conhecido.

Esse fenômeno não é mais maravilhoso que ver um menino escrever quando lhe conduzem a mão. Pode-se, assim, fazê-lo executar tudo o que se queira. Pode-se fazer com que escreva à primeira vista numa língua qualquer lhe ditando as palavras letra por letra. Compreende-se que se possa fazer o mesmo com a mediunidade, caso se reporte à maneira com a qual os Espíritos se comunicam com os médiuns, que são, para eles, na realidade, meros instrumentos passivos. Mas se o médium possuído do mecanismo venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, se tem, enfim, em seu cérebro os elementos de que esse Espírito queira fazê-lo executar, ele fica na posição do homem que sabe ler e escrever corretamente; o trabalho fica mais fácil e mais rápido; o Espírito só tem mais a transmitir o pensamento que seu intérprete reproduz pelos meios de que disponha.

A aptidão de um médium a coisas que lhe sejam estranhas possui frequentemente também aos conhecimentos que possuíam em outra existência e na qual seu Espírito conservou a intuição. Se foi poeta ou músico, por exemplo, terá maior facilidade de assimilar o pensamento poético ou musical que queiram lhe fazer reproduzir. A língua que ignora atualmente pode lhe ter sido familiar em outra existência. Daí, para ele, a aptidão maior para escrever mediunicamente nessa língua¹⁸⁴.

45. Há maus Espíritos em grande quantidade em volta da Terra, por consequência da inferioridade moral de seus habitantes. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos com os quais a humanidade é alvo aqui embaixo.

184 A aptidão de certas pessoas para falar em outras línguas sem as ter aprendido não tem outra causa senão uma lembrança intuitiva do que sabiam em outra existência. O exemplo do poeta Méry relatado na *Revista Espírita* de novembro de 1864, página 328, é uma prova. É evidente que, se o senhor Méry tivesse sido médium em sua juventude, teria escrito em latim tão facilmente quanto em francês e teria sido criado o prodígio. (N. de Allan Kardec)

A obsessão, que é um dos efeitos dessa ação, como as doenças e todas as atribuições da vida, deve, pois, ser considerada uma prova ou expiação e aceita como tal.

A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito distintos, desde a simples influência moral sem marcas externas sensíveis até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Oblitera todas as faculdades mediúnicas. Na mediunidade auditiva e psicográfica, ela se traduz pela obstinação de um Espírito em se manifestar com a exclusão dos demais.

46. Igualmente como as doenças são o resultado das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre uma imperfeição moral que dá entrada a um Espírito mau. A uma causa física opõe-se uma força física, a uma causa moral é preciso opor-se uma força moral. Para preservar-se das doenças, fortifica-se o corpo; para se garantir da obsessão é preciso fortificar a alma. Daí, para o obsediado, a necessidade de trabalhar pela própria melhoria, o que frequentemente é suficiente para desembaraçar-se do obsessor sem recurso de pessoas estranhas. Esse recurso se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque, então, o paciente perde, por vezes, a vontade e o livre-arbítrio.

A obsessão é quase sempre o fato de uma vingança exercida por um Espírito e o mais frequente é que tenha origem nas relações que o obsediado teve com ele em uma existência anterior.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado é envolvido e impregnado por um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareos e os repulsa. É desse fluido que se torna necessário se desembaraçar; ora, um mau fluido não pode ser repellido por outro mau fluido. Por uma ação idêntica à do médium curador, no caso de doenças, é necessário expulsar *o fluido mau com a ajuda de um fluido melhor*.

Essa é a ação mecânica, mas que nem sempre é suficiente. É preciso também, e sobretudo, *agir sobre o ser inteligente*, ao qual é preciso ter o direito de *falar com autoridade*, que só é dada pela superioridade moral; quanto maior ela for, maior será a autoridade.

Isso ainda não é tudo. Para assegurar a libertação, é necessário fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com o auxílio de

instruções habilmente dirigidas em evocações particulares, feitas em vista de sua educação moral. Então, pode-se ter a dupla satisfação de liberar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsedado, compreendendo sua situação, traz sua contribuição voluntária e de prece. Não ocorre dessa forma quando aquele que está seduzido pelo Espírito mentiroso se ilude sobre as qualidades de seu dominador, e se compraz no erro onde este último o mergulha; porque, então, longe de secundar, ele repele a assistência. É o caso da fascinação sempre infinitamente mais rebelde que a subjugação, a mais violenta. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII)

Em todos os casos de obsessão, a prece é a mais poderosa auxiliar para agir contra o Espírito obsessor.

47. Na obsessão, o Espírito age exteriormente com o auxílio de seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado. Este último encontra-se então enlaçado como em uma rede e forçado a agir contra sua vontade.

Na possessão, em lugar de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; faz eleição de domicílio em seu corpo sem que, contudo, este o deixe definitivamente, o que não pode ter lugar senão com a morte. A possessão é, pois, sempre temporária e intermitente porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar e a dignidade de um Espírito encarnado, atentando que a união molecular do perispírito e do corpo só pode se operar no momento da concepção. (cap. XI, item 18)

O Espírito, na posse momentânea do corpo, serve-se dele como do seu próprio; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, atua com seus braços como se tivesse feito de sua vivência. Não é mais como na mediunidade psicofônica, na qual o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um Espírito desencarnado. É este último ele próprio que fala e que atua e se o tiver conhecido em vida, reconhecê-lo-á pela sua linguagem, sua voz, pelos seus gestos e até pela expressão de sua fisionomia.

48. A obsessão é sempre ação de um Espírito malfeitor. A possessão pode ser a atuação de um bom Espírito que quer falar e, para causar maior impressão em seu ouvinte, *toma emprestado* o corpo de um encarnado, que lhe empresta voluntariamente como se emprestasse sua veste. Isso se faz sem nenhuma perturbação nem mal-estar, e durante esse tempo o

Espírito se encontra em liberdade, como no estado de emancipação, e, mais frequentemente ele se coloca ao lado de seu substituto para escutá-lo.

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas se passam diferentemente. Ele não toma emprestado o corpo, mas se apodera se o dono não possuir *força moral a lhe resistir*. Ele o faz por maldade para com aquele a quem tortura e martiriza de todas as maneiras, até querer fazer com que pereça, seja pelo estrangulamento, seja colocando-o no fogo, seja em outros lugares perigosos. Servindo-se dos membros e dos órgãos do desditoso paciente, insulta, difama e maltrata os que o cercam; libera-se à excentricidade e a atos que têm todas as características da loucura furiosa.

Os fatos desse gênero em diversos graus de intensidade são muito numerosos, e diversos casos de loucura não possuem outra causa. Frequentemente a eles se juntam desordens patológicas que são apenas consequências, e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes enquanto subsistir a causa primária. O Espiritismo, fazendo conhecer essa fonte de uma parte das misérias humanas, indica o meio de remediá-las. Esse meio é o de atuar sobre o autor do mal, que sendo um ser inteligente, deve ser tratado com inteligência¹⁸⁵.

49. A obsessão e a possessão são mais frequentemente individuais, mas, por vezes, são epidêmicas. Quando uma nuvem de maus Espíritos se abate sobre uma localidade é como quando uma tropa de inimigos vem invadi-la. Nesse caso, o número de indivíduos atingidos pode ser considerável¹⁸⁶.

185 Veja exemplos de cura de obsessões e de possessões: *Revista Espírita*, dezembro de 1863, página 373; janeiro de 1864, página 11; julho de 1864, página 168; janeiro de 1865, página 11; junho de 1864, página 168; janeiro de 1865, página 11; junho de 1865, página 172; fevereiro, abril e maio de 1863, páginas 1, 33, 101 e 133. (N. de Allan Kardec)

186 É uma epidemia desse gênero que atormentou durante vários anos a aldeia de Morzine, na Alta Saboia. (Ver o relato completo dessa epidemia na *Revista Espírita* de dezembro de 1862, página 353; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863, páginas 1, 33, 101 e 133). (N. de Allan Kardec)

CAPÍTULO XV

Os milagres do Evangelho

Observações preliminares – Sonhos – Estrela dos magos – Dupla visão – Curas – Possessos – Ressurreições – Jesus marcha sobre as águas – Transfiguração – Tempestade apaziguada – Bodas de Cana – Multiplicação dos pães – Tentação de Jesus – Prodígios à morte de Jesus – Aparição de Jesus após a morte – Desaparecimento do corpo de Jesus

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

1. Os fatos relatados no Evangelho, e que têm sido até aqui considerados como milagrosos, pertencem, na maior parte, à ordem dos *fenômenos psíquicos*, isto é, dos que têm por causa primária as faculdades e os atributos da alma. Comparando-os com os descritos e explicados no capítulo precedente, reconhecemos, sem dificuldade, que há entre eles identidade de causa e de efeito. A história registra fatos análogos em todos os tempos e entre todos os povos, em razão de que, desde que existem almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos têm sido produzidos. Pode-se, é verdade, contestar sobre esse ponto de veracidade da história. Mas, atualmente, eles se produzem sob nossos olhos, por assim dizer, à vontade e através de indivíduos que nada têm de excepcional. O fato somente da reprodução de um fenômeno em condições idênticas é suficiente para provar que é possível e submetido a uma lei e, por isso, não é miraculoso.

O princípio dos fenômenos psíquicos se baseia, como se tem visto, sobre as propriedades do fluido perispiritual, que constitui o agente magnético sobre as manifestações de vida espiritual durante a existência e após a morte; enfim, sobre o estado constitutivo dos Espíritos e no papel que desempenham como força ativa da natureza. Conhecidos esses elementos e constatados seus efeitos, a consequência é que se admita a possibilidade

de certos fatos que eram rejeitados enquanto se lhes atribuía uma origem sobrenatural.

2. Sem nada prejudicar sobre a natureza do Cristo, cujo exame não está no objetivo desta obra, e considerando-o, por hipótese, apenas um Espírito superior, não se pode deixar de reconhecer nele um de ordem mais elevada, e colocado, por suas virtudes, bem acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que tem produzido, sua encarnação neste mundo só poderia ser uma dessas missões que são confiadas aos mensageiros diretos da divindade, para cumprimento de seus desígnios. Supondo-se que ele mesmo não fosse Deus, mas um enviado de Deus para transmitir sua palavra, ele seria mais que um profeta, porque seria um Messias divino.

Como homem, tinha a organização dos seres carnis. Mas, como Espírito puro, destacado da matéria, devia viver a vida espiritual mais que a vida corporal, da qual não tinha absolutamente as fraquezas. Sua superioridade sobre os homens não resultava das qualidades particulares de seu corpo, mas de seu Espírito, que dominava a matéria de maneira absoluta, e de seu perispírito extraído da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres (cap. XIV, item 9). Sua alma devia estar ligada ao corpo por laços estritamente indispensáveis; constantemente desembaraçado, deveria lhe dar dupla vista não apenas permanente mas de uma penetração excepcional e bem superior à que se vê entre os homens comuns. Devia ser o mesmo com todos os fenômenos que dependam dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos dava-lhe imenso poder magnético, secundado pelo desejo incessante de fazer o bem.

Nas curas que operava agia como médium? Pode-se considerá-lo como um potente médium curador? Não, porque o médium é um intermediário, um instrumento do qual se servem os Espíritos desencarnados. Ora, Cristo não tinha necessidade de assistência; ele é que assista aos outros. Ele atuava, pois, por si próprio em virtude de seu poder pessoal, assim como podem fazê-lo os encarnados em certos casos e na medida de suas forças. Qual Espírito, aliás, ousou-lhe insuflar os próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se ele recebesse um influxo estranho, não poderia ser senão de Deus; conforme a definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus.

SONHOS

3. José, diz o Evangelho, foi avisado por um anjo que lhe apareceu em sonho e lhe disse que fugisse para o Egito com o filho. (Mateus 2,19-23)

As advertências por sonhos representam um papel importante nos livros sacros de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos relatados e sem os discutir, os fenômenos, por eles mesmos, não têm nada de anormal quando se sabe que, durante o sono, o Espírito se desprende dos laços da matéria, penetra momentaneamente na vida espiritual, onde se reencontra com os que conheceu. É frequentemente esse o momento que os Espíritos protetores encontram para se manifestar a seus protegidos e lhes dar conselhos mais diretos. Os exemplos autênticos dos avisos por sonhos são numerosos, mas é preciso inferir apenas que nem todos os sonhos sejam advertências e, ainda menos, que tudo o que se vê em sonhos tenha sua significação. É necessário incluir a arte de interpretar sonhos entre as crenças supersticiosas e absurdas. (cap. XIV, itens 27 e 28)

ESTRELA DOS MAGOS

4. É dito que uma estrela apareceu aos magos que vieram adorar Jesus, que ela caminhou diante deles para lhes indicar a rota e parou quando chegaram. (Mateus 2,1-12)

A questão não é saber se o fato relatado por Mateus é real ou se é apenas uma figura para indicar que os magos foram levados de uma maneira misteriosa para o lugar onde estava o menino Jesus, tendo em vista que não existe nenhum meio de comprovação, mas, sim, se um fato dessa natureza é possível.

O certo é que nessa circunstância a luz não poderia ser de uma estrela. Podia-se crer, nessa época, em que se pensava que as estrelas fossem pontos luminosos presos ao firmamento, e que podiam cair sobre a Terra; mas não atualmente que se conhece sua natureza.

Por não ter a causa que se lhe atribui, o fato da aparição de uma luz tendo o aspecto de uma estrela não é uma coisa impossível. Um Espírito

pode aparecer sob forma luminosa ou transformar uma parte de seu fluido perispiritual em um ponto luminoso. Muitos fatos desse gênero, recentes e perfeitamente autênticos, não têm outra causa, e essa causa nada tem de sobrenatural.

DUPLA VISTA

Entrada de Jesus em Jerusalém

5. *Logo que se aproximaram de Jerusalém, e que chegaram a Betfagé, próximo da montanha das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos – e lhes disse: Ide a esta aldeia que está ante vós e, aí chegando, encontrareis uma jumenta presa e seu jumentinho com ela; desamarrai-a e me trazei-os. Se alguém vos disser alguma coisa, dizei-lhe que o Senhor tem necessidade deles, e de imediato os devolverá. Ora, tudo isto é feito a fim de que esta palavra do profeta fosse cumprida: – Dizei à filha de Sion: Eis aqui vosso rei que vem a vós, cheio de doçura, montado sobre uma asna e sobre um asnozinho, filho daquela que está sob jugo.*

Os discípulos em se foram, pois, e fizeram o que Jesus os havia mandado. E indo em busca a jumenta e o jumentinho, cobriram-nos com suas vestimentas e o fizeram montar sobre eles. (Mateus 21,1-7)

Beijo de Judas

6. *Erguei-vos, vamos, aquele que deve me trair está perto daqui. Não tinha ainda terminado estas palavras, e Judas, um dos 12, chegou e, com ele, uma tropa de pessoas armadas de espada e bastões, que tinham sido enviados pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. Ora, aquele que o traía tinha-lhes dado um sinal para reconhecê-lo, dizendo: Aquele que eu beijar é o próprio que procurais; agarrai-o. Logo, pois, aproximou-se de Jesus e lhe disse: – Mestre, eu vos saúdo; e o beijou. Jesus respondeu-lhe: Meu amigo, o que vindes fazer aqui? E, ao mesmo tempo, os demais avançando, lançaram-se sobre Jesus e o prenderam. (Mateus 26,46-50)*

Pesca miraculosa

7. *Um dia em que Jesus estava nas margens do lago de Genesaré, achava-se cercado pela multidão do povo, que se comprimia para ouvir a palavra de Deus. Ele viu dois barcos presos à margem do lago, dos quais os pescadores tinham descido e levavam suas redes. Ele entrou, então, em um dos barcos que era de Simão e pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra; e, estando sentado, ele ensinava o povo de dentro da embarcação.*

Assim que acabou de falar, disse a Simão: Avançai ao largo das águas e lançai vossa rede de pescar. Simão respondeu-lhe: Mestre, trabalhamos a noite inteira sem nada pega. Entretanto, sobre vossa palavra, eu lançarei a rede. Tendo lançado a rede então, pegaram uma tão grande quantidade de peixes que sua rede se rompeu. E fizeram sinal a seus companheiros que estavam no outro barco, para vir ajudá-los. Eles vieram e encheram de tal forma seus barcos que faltou pouco para que eles afundassem. (Lucas 5,1-7)

Vocação de Pedro, André, Jacó Tiago, João e Mateus

8. *Ora, Jesus, caminhando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam suas redes ao mar, porque eram pescadores, e ele lhes disse: Segui-me, e eu vos farei pescadores de homens. Tão logo eles deixaram suas redes e o seguiram.*

Dali, avançando, viu dois outros irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam em um barco com Zebedeu, pai deles, e que arrumavam suas redes; e ele chamou-os. Ao mesmo tempo, abandonaram suas redes e seu pai e o seguiram. (Mateus 4,18-22)

Jesus, saindo de lá, passando, viu um homem assentado numa mesa de impostos, de nome Mateus, ao qual disse: *Segui-me; e ele logo se levantou e seguiu-o. (Mateus 4,9)*

9. Esses fatos nada têm de surpreendente quando se conhece o poder da dupla vista, e a causa muito natural dessa faculdade. Jesus a possuía ao supremo grau e pode-se dizer que ela era seu estado normal, o que atestam um grande número de atos de sua vida e o que explica, atualmente, os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada, de miraculosa, também é explicada pela dupla visão. Jesus não produziu espontaneamente peixes, onde não existiam; ele

viu, como poderia fazê-lo um vidente lúcido, pela visão da alma, o local onde eles se encontravam, e pôde dizer com segurança aos pescadores onde lançar suas redes.

A penetração do pensamento e, por conseguinte, certas previsões são a consequência da vida espiritual. Quando Jesus chamou a si Pedro, André, Jacó, João e Mateus, era preciso que conhecesse suas disposições íntimas para saber que eles o seguiriam e que seriam capazes de desempenhar a missão da qual os devia encarregar. Era necessário que eles próprios tivessem a intuição dessa missão para dedicarem-se a ele. É o mesmo quando, no dia da ceia, anuncia que um dos 12 o trairia, e o designa dizendo que é aquele que colocava a mão no prato; e quando diz que Pedro o negaria.

Em muitas passagens do Evangelho é dito: “Mas Jesus, conhecendo seus pensamentos, lhe diz...” Ora, como podia ele conhecer esses pensamentos se não fosse pela irradiação fluídica que os transmitia, assim como pela visão espiritual que lhe permitia ler o foro íntimo dos indivíduos?

Então, muitas vezes, quando se crê que um pensamento está profundamente sepultado no recôndito da alma, não suspeitamos levar conosco um espelho que o reflete, um revelador na própria irradiação fluídica que está impregnada dele. Se víssemos o mecanismo do mundo invisível que nos rodeia, as ramificações desses fios condutores do pensamento, que vinculam todos os seres inteligentes, corporais e incorpóreos, os eflúvios fluídicos carregados das impressões do mundo moral, que atravessam o espaço como correntes de ar, ficaríamos menos surpresos diante de certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso. (cap. XIV, item 22 e seguintes).

CURAS

Perda de sangue

10. *Então, uma mulher, doente por uma hemorragia há 12 anos, que muito tinha sofrido na mão de vários médicos e que, tendo gasto todos os seus bens, não havia recebido nenhum alívio, mas seu estado estava cada vez pior, tendo ouvido falar de Jesus e vindo entre a multidão, atrás dele, tocou em suas vestes; pois ela disse: Se eu puder somente tocar suas vestes, estarei curada. No mesmo*

instante, a causa da perda de sangue foi estancada, e ela sentiu em seu corpo que estava curada dessa doença.

Logo, Jesus, conhecendo em si próprio a virtude que emanara dele, voltou-se para o meio da turba e disse: Quem foi que tocou em minhas vestes? Seus discípulos lhe disseram: Vede que a multidão vos aperta de todos os lados e vós indagais quem vos tocou? E ele olhava tudo em sua volta para ver quem lhe houvera tocado.

Mas essa mulher que sabia o que estava se passando, tomada de medo e de pavor, veio lançar-se a seus pés e lhe declarou toda a verdade. E Jesus lhe disse: Minha filha, vossa fé vos salvou; ide em paz e estejais curada de vossa doença (Marcos, 5,25-34)

11. Estas palavras: *Conhecendo em si próprio a virtude que emanara dele*, são significativas. Elas exprimem o movimento fluídico que se operou de Jesus para a mulher doente; ambos experimentaram a ação que se produziu. É marcante que o efeito não tenha sido provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve nem magnetização nem imposição de mãos. A irradiação fluídica normal foi suficiente para operar a cura.

Mas por que a irradiação foi dirigida sobre essa mulher, de preferência, em relação aos outros, já que Jesus não pensava nela e que se achava envolvido pela multidão?

A razão é bem simples: o fluido considerado matéria terapêutica deve alcançar a desordem orgânica para repará-la. Pode ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente a confiança, em uma palavra, a fé do doente. Em relação à corrente fluídica, o curador atua como uma bomba compressora e o doente como uma bomba aspirante. Por vezes, a simultaneidade dos dois efeitos é necessária, de outras vezes, um só é suficiente; foi o segundo caso que ocorreu na circunstância em questão.

Jesus tinha, pois, razão em dizer: “Vossa fé vos salvou”. Entende-se aqui que a fé não é a virtude mística, tal como certas pessoas a entendem, mas uma verdadeira *força atrativa*; ao passo que aquele que não a tenha opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou pelo menos uma força de inércia que paralisa a ação. Compreende-se depois disso que dois enfermos atingidos pelo mesmo mal em presença de um curador: um pode ser curado e o outro não. Esse é um dos princípios mais importantes da mediunidade curadora e que explica, por uma causa muito natural, certas anomalias aparentes. (cap. XIV, itens 31-33)

Cego de Betsaida

12. *Tendo chegado a Betsaida, trouxeram-lhe um cego o qual lhe pedia para tocá-lo.*

E tomando o cego pela mão, conduziu-o para fora da aldeia; passou saliva sobre os olhos e, tendo-lhe imposto as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa. Esse homem, observando, disse-lhe: Eu vejo caminhar homens que me parecem como árvores. Jesus colocou-lhe ainda uma vez as mãos sobre os olhos e ele começou a ver melhor; e afinal ele foi totalmente curado, pois via distintamente todas as coisas.

Ele o enviou em seguida para sua casa e lhe disse: Ide-vos para vossa casa; e se voltardes à aldeia não direis a ninguém o que vos aconteceu. (Marcos 8,22-26)

13. Aqui, o efeito magnético é evidente; a cura não foi instantânea, mas gradual e por efeito de uma ação firme e reiterada, embora mais rápida do que na magnetização comum. A primeira sensação desse homem é a que experimentam os cegos recobrando a luz: por um efeito óptico, os objetos lhe pareciam de uma grandeza desmesurada.

O paralítico

14. *Jesus, estando dentro de um barco, atravessou o lago e veio para sua cidade (Cafarnaum).*

E como lhe tivessem apresentado um paralítico deitado sobre um leito, Jesus, vendo sua fé, disse a esse paralítico: Meu filho, tende confiança, vossos pecados vos são absolvidos.

Logo, alguns dos escribas disseram entre si: Este homem blasfema. Mas Jesus, tendo conhecimento do que eles pensavam, disse-lhes: Por que tendes maus pensamentos dentro de vossos corações? Pois, o que é o mais fácil de se dizer: vossos pecados vos estão perdoados, ou dizer: Levantai-vos e andai? Ora, a fim de que vos saibais que o filho do homem tem na Terra o poder de absolver os pecados: Levantai-vos, disse então ao paralítico; conduzi vosso leito e ide com ele para vossa casa.

O paralítico levantou-se logo e se foi para sua casa. E o povo, vendo esse milagre, ficou cheio de temor e rendeu glórias a Deus, por haver concedido tal poder aos homens. (Mateus 9,1-8)

15. O que poderiam significar estas palavras: “Vossos pecados vos serão perdoados”; e a quem poderiam elas servir para a cura? O Espiritismo dá a chave, como de uma infinidade de outras palavras, incompreendidas até esse dia. Ele nos ensina, pela lei da pluralidade das existências, que os males e as aflições da vida são frequentemente expiações¹⁸⁷ do passado, e que sofreremos na vida presente as consequências das faltas que tenhamos cometido em uma existência anterior; sendo as diferentes existências solidárias umas com as outras, até que se tenha pago o débito dessas imperfeições.

Se, pois, a doença desse homem era uma punição pelo mal que ele houvera cometido, dizendo-lhe: “Vossos pecados vos foram perdoados”, era como lhe dizer: “Tendes pagado vossa dívida; a causa de vossa doença está extinta por vossa *fé presente*; em consequência vós mereceis ser liberto de vossa doença”. É por isso que ele disse aos escribas: Tão fácil é dizer: Vossos pecados são perdoados, como: Levantai-vos e caminai. A causa cessando, o efeito deve cessar. É o mesmo caso de um prisioneiro ao qual dissessem: “Vosso crime está expiado e perdoado”, o que equivaleria a lhe dizer: “Podeis sair da prisão”¹⁸⁸.

Os dez leprosos

16. *Um dia em que fora a Jerusalém e passara pelos confins da Samaria e da Galileia, estando perto de entrar num lugarejo, dez leprosos vieram diante dele, e permanecendo distantes, elevaram suas vozes e disseram-lhe: Jesus, nosso mestre, tende piedade de nós. Tão logo ele os percebeu, disse-lhes: Ide vos mostrar aos sacerdotes. E como lá iam, foram curados.*

187 Expiacões são provas escolhidas pelo Espírito imperfeito com o objetivo de superar suas imperfeições pelo descondicionamento de seus hábitos equivocados adquiridos e vícios. Isso ocorre depois de se conscientizar de que seu sofrimento é inerente à sua imperfeição, e de que pode superá-los pela força de sua vontade nas oportunidades das reencarnações que se seguem. (N. do E.)

188 Veja no capítulo 11, item 25, onde melhor se compara, no Espiritismo, a luta do Espírito em suas provas na vida com uma *escola de aplicação* (na França, desde o século 19, era uma instituição de ensino superior destinada a especializar profissionalmente os alunos já diplomados): “É assim que cada existência é um passo adiante no caminho do progresso, uma espécie de escola de aplicação”. (N. do E.)

Um deles, vendo que estava curado, voltou sobre seus passos, glorificando Deus em altas vozes; e veio se lançar aos pés de Jesus, o rosto contra o chão, em lhe rendendo graças; e esse era o samaritano.

Então Jesus disse: Todos os dez não estão curados? Onde estão, pois, os nove outros? Só foi encontrado o que retornou e que rendeu glória a Deus, que é esse estrangeiro. E ele lhe disse: Erguei-vos; ide, vossa fé vos salvou. (Lucas 17,11-19)

17. Os samaritanos eram cismáticos, como os protestantes em relação aos católicos, e desprezados pelos judeus como heréticos. Jesus, curando indistintamente os samaritanos e os judeus, dava, por sua vez, uma lição e um exemplo de tolerância; e, fazendo sobressair que apenas o samaritano voltara para render glória a Deus, mostrou que havia nele mais verdadeira fé e reconhecimento que entre os que se diziam ortodoxos. Acrescentando: “Vossa fé vos salvou”, fez ver que Deus olha o fundo do coração e não a forma exterior da adoração. Entretanto, os outros foram curados; e era preciso, para a lição que queria dar, provar sua ingratidão; mas quem sabe o que disso terá resultado e se eles teriam se beneficiado do favor que lhes havia concedido? Dizendo ao Samaritano: “Vossa fé vos salvou”, Jesus deu a entender que não aconteceu o mesmo com os outros.

Mão seca

18. *Jesus entrou de outra feita numa sinagoga, onde encontrou um homem que tinha uma mão seca. E eles o observaram para ver se curaria ao dia de sábado, a fim de que tivessem motivo para acusá-lo. Então, ele disse a esse homem que tinha a mão seca: erguei-vos e vinde ter ao centro. Então, ele disse-lhes: É permitido no dia do sábado fazer bem ou mal, de salvar a vida ou de tirá-la? E eles permaneceram em silêncio. Mas ele, olhando-os com raiva, alarmado que estava pela cegueira de seus corações, disse a esse homem: Estendei vossa mão. Este a estendeu e ele a tornou sadia.*

Logo, os fariseus, tendo saído, se aconselharam contra ele com os herodianos, sobre o meio de prendê-lo. Mas Jesus se retirara com seus discípulos para o mar, onde uma grande multidão de povo o seguiu da Galileia e da Judeia – de Jerusalém, da Idumeia e de além do Jordão; e os do redor de Tiro e do Sídon, tendo escutado falar das coisas que ele fazia, vieram em grande número encontrá-lo. (Marcos 3,1-8)

A mulher curvada

19. *Jesus ensinava numa sinagoga todos os dias de sábado. E um dia ele aí viu uma mulher possuída de um Espírito que a fazia doente há 18 anos; e ela estava tão curvada que não podia olhar para cima. Jesus, vendo-a, chamou-a e lhe disse: Mulher, estás livre de vossa enfermidade. Ao mesmo tempo, ele lhe impôs as mãos; e estando logo ereta, ela rendeu glória a Deus.*

Mas o chefe da sinagoga, indignado com isso, pois que Jesus tinha curado num dia de sábado, disse ao povo: Há seis dias destinados para trabalhar; vinde nesses dias para serem curados, e não nos dias de sábado.

O senhor, tomando a palavra, disse-lhe: Hipócritas, há algum de vós que não solta seu boi ou seu asno da manjedoura no dia de sábado nem o conduz a beber? Por que, pois, não é possível livrar de seus laços em um dia de sábado esta filha de Abraão que satã tinha mantido assim atada durante 18 anos?

A esta palavra, todos os seus adversários permaneceram confusos e todo o povo ficou arrebatado de vê-lo fazer tanta ação gloriosa. (Lucas 13,10-17)

20. *Esse fato prova que àquela época a maior parte das doenças era atribuída ao demônio e que se confundia, como atualmente, as possessões com as doenças, mas no sentido inverso. Isto é, atualmente os que não acreditam nos maus Espíritos confundem as obsessões com os males patológicos.*

O paralítico da piscina

21. *Após isso, a festa dos judeus, estando chegadas, Jesus se foi a Jerusalém. Ora, existia em Jerusalém uma piscina das ovelhas que se chama em hebraico Betsaida, que tinha cinco galerias – nas quais estavam deitados um grande número de doentes, cegos, coxos e os que tinham os membros dessecados, que todos esperavam que a água fosse agitada. Pois o anjo do Senhor, em um certo tempo, descia nessa piscina e agitava a água. O que entrasse primeiro, após a água ter sido agitada, estaria curado, qualquer que fosse a doença.*

Ora, havia um homem que estava doente após 38 anos. Jesus, tendo-o visto deitado e conhecendo que ele estava doente após tão longo tempo, disse-lhe: Quereis ser curado? O doente respondeu: Senhor, eu não tenho ninguém para me lançar na piscina depois que a água for agitada; e conforme o tempo que eu gasto para ir até lá, um outro aí desce antes de mim. Jesus lhe disse: Erguei-vos,

conduzi vosso leito e caminbai. Num instante, esse homem foi curado e, tomando seu leito, começou a andar. Ora, esse dia era um sábado.

Os judeus disseram, pois, àquele que tinha sido curado: É hoje é sábado; não vos é permitido transportar vosso leito. Ele lhes respondeu: Aquele que me curou disse-me: Conduzi vosso leito e caminbai. Eles lhe contestaram: Quem, pois, é esse homem que vos disse conduzi vosso leito e caminbai? Mas aquele que tinha sido curado não sabia onde ele estava, já que Jesus havia se retirado da multidão de pessoas que estava lá.

Depois, Jesus encontrou esse homem no templo e lhe disse: Vede que estais curados não pequeis mais no futuro, de modo que não vos aconteça coisa pior.

Esse homem se foi encontrar os judeus e lhes disse que fora Jesus que o curara. E é por essa razão que os judeus perseguiram Jesus, porque fazia essas coisas no dia de sábado. Então, Jesus lhes disse: Meu pai não cessa nunca de atuar agora e eu atuo também incessantemente. (João, 5,1-17)

- 22.** Piscina (do latim, *piscis*, peixe) dizia-se entre os romanos dos reservatórios ou viveiros onde se criavam peixes. Mais tarde, a acepção dessa palavra foi estendida aos tanques destinados aos banhos em comum.

A piscina de Betsaida, em Jerusalém, era uma cisterna próxima do templo, alimentada por uma fonte natural, onde a água parecia ter tido propriedades curativas. Era, sem dúvida, uma fonte intermitente que, em determinadas épocas, jorrava com força e revolvia a água. Conforme a crença comum, esse momento era mais favorável às curas. Talvez, na realidade, no momento dessa saída, a água tivesse uma propriedade mais ativa ou a agitação produzida pela água jorrante movimentasse o lodo, salutar para certas moléstias. Esses efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos atualmente. Mas então as Ciências estavam pouco avançadas e via-se uma causa sobrenatural na maior parte dos fenômenos incompreendidos. Os judeus atribuíam, pois, a agitação dessa água à presença de um anjo e essa crença lhes parecia ainda melhor fundamentada, pois nesse momento a água era mais salutar.

Depois de ter curado esse homem, Jesus lhe disse: “No futuro não pequeis mais, para que não vos aconteça algo de pior”. Por essas palavras, fez-lhe entender que sua doença era uma punição e que, se ele não se melhorasse, poderia ser novamente punido, ainda mais rigorosamente. Essa doutrina é inteiramente de acordo com a que ensina o Espiritismo.

23. Jesus parecia escolher a tarefa de operar suas curas no dia de sábado, para ter ocasião de protestar contra o rigorismo dos fariseus, no tocante à observação desse dia. Ele queria mostrar-lhes que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das coisas formais, mas que está nos sentimentos do coração. Ele se justifica dizendo: “Meu pai nunca cessou de agir até o presente, e eu atuo também incessantemente”. É o mesmo que dizer: Deus não suspende nunca suas obras nem sua ação sobre as coisas da natureza no dia de sábado. Ele continua no labor produtivo do que seja necessário à vossa nutrição e à vossa saúde, e eu sou seu exemplo.

Cego de nascença

24. *Quando Jesus passava, viu um homem que era cego desde seu nascimento; e seus discípulos fizeram-lhe esta indagação: Mestre, é o pecado desse homem ou o pecado daqueles que o puseram no mundo que é a causa de que tenha nascido cego?*

Jesus lhes respondeu: Não é nem que ele tenha pecado nem aqueles que o puseram no mundo, mas é a fim de que as obras do poder de Deus brilhem nele. É preciso que eu faça as obras daquele que me enviou enquanto é dia; a noite vem, na qual ninguém pode atuar. Tanto que estou no mundo, sou a luz do mundo.

Após ter dito isto ele cuspiu na terra e, tendo feito lama com a saliva, ele untou com esta lama os olhos do cego e lhe disse: Ide vos lavar na piscina de Siloé, que significa Enviado. Ele foi lá e se lavou e voltou vendo com claridade.

Seus vizinhos que o tinham visto antes pedir esmolas disseram: Não é esse que estava sentado e que pedia escola? Uns respondiam: É ele. Outros diziam: Não, é um que se parece com ele. Mas ele lhes dizia: “Sou eu mesmo”. Eles disseram-lhe então: Como é que vossos olhos estão abertos? Ele lhes respondeu: Esse homem que se chama Jesus fez lama e a colocou em meus olhos e me disse: Ide à piscina de Siloé e lavai-vos aí. Eu o fiz, eu me lavei aí e eu vejo. Eles lhe disseram: Onde está ele? O outro respondeu-lhe: Não sei.

Então, eles conduziram aos fariseus esse homem que tinha sido cego. Ora, era o dia de sábado e Jesus tinha feito essa obra e lhe havia aberto os olhos.

Os fariseus o interrogaram, pois, também eles próprios, para saber como tinha recuperado a visão. E ele lhes disse: Ele pôs lama sobre os olhos; eu me lavei e eu

vejo. Sobre isso, alguns dos fariseus disseram: Esse homem não é jamais enviado de Deus, já que não guarda nunca o sábado. Mas outros disseram: Como um homem perigoso poderia fazer tais prodígios? E havia por lá divisão entre eles.

Disseram, pois, de novo, ao cego: E tu, o que dizes desse homem que te abriu os olhos? Ele respondeu: Eu digo que é um profeta. Mas os judeus não acreditaram absolutamente que esse homem tivesse sido cego e que recuperara a vista. Até que fizeram vir seu pai e sua mãe,

E lhes interrogaram dizendo: Eis aí vosso filho que dizeis que nasceu cego? Como, pois, ele vê atualmente? O pai e a mãe responderam: Nós sabemos que esse é nosso filho e que nasceu cego; mas não sabemos como ele vê atualmente, e não sabemos nada mais sobre quem lhe abriu os olhos. Interrogai-o; ele tem idade para responder por si próprio.

Seu pai e sua mãe falavam dessa forma porque temiam os judeus; porque os judeus já tinham resolvido em conjunto que qualquer um que reconhecesse Jesus como sendo o Cristo seria excluído da sinagoga. Isso foi o que obrigou o pai e a mãe a responder: Ele tem idade, interrogai a ele mesmo.

Eles chamaram, pois, uma segunda vez, esse homem que havia sido cego, e lhe disseram: Rende glória a Deus; nós sabemos que esse homem é um pecador. Ele lhes respondeu: Se é um pecador, de nada sei; mas tudo o que sei é que eu era cego e que eu vejo atualmente. Eles lhe disseram ainda: Que a ti ele fez, e como abriu teus olhos? Respondeu ele: Eu já vos disse e vós entendeis; por que quereis ouvir ainda uma vez? É que quereis tornar-se seus discípulos? Sobre quem eles o carregaram de injúrias e lhe disseram: Se tu mesmo seu discípulo; para nós, nós somos os discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés, mas, para este, não sabemos de onde saiu.

O homem respondeu-lhes: Eis o que é espantoso, que vós não sabeis de onde ele é, e quem tenha aberto os olhos. Ora, sabemos que Deus nunca exalta os pecadores; mas se alguém honre e faça Sua vontade, é este aí que Ele exalta. Depois que o mundo existe, não se tem mais ouvido dizer de ninguém que tenha aberto os olhos de um cego de nascença. Se esse homem não fosse um enviado de Deus, ele não poderia fazer nada do que fez.

Eles lhe responderam: És apenas um pecado desde o ventre de tua mãe, e queres nos ensinar? E o excluíram. (João 9,1-34)

25. Esse relato tão simples e tão ingênuo traz em si um caráter evidente de verdade. Nada de fantástico nem de maravilhoso; é uma cena da vida

real tomada sobre o fato. A linguagem desse cego é bem a desses homens simples, entre os quais o saber é substituído pelo bom senso, e que retrucam os argumentos de seus adversários com bonomia, por razões às quais não faltam nem justeza nem propósito. O tom dos fariseus é o desses orgulhosos que não admitem nada acima de sua inteligência e se indignam ao simples pensamento de que um homem do povo possa lhes corrigir? Salvo o colorido local dos nomes, se diria que esse fato é do nosso tempo.

Ser enxotado da sinagoga equivale a ser posto fora da igreja; era uma forma de excomunhão. Os *Espíritas*, cuja doutrina é a do Cristo, interpretada conforme o progresso das luzes atuais, são tratados como judeus que reconheciam Jesus como Messias. Excomungando-os, coloca-os fora da igreja, como fizeram os escribas e os fariseus em relação aos partidários de Jesus. Assim, eis um homem que é excluído porque não pôde crer que aquele que o havia curado fosse pecador e possuído do demônio, e porque ele glorificava Deus por sua cura! Não é o que se faz com os *Espíritas*? O que eles obtêm: sábios conselhos dos Espíritos, volta a Deus e ao bem, curas. Mas tudo é tido como obra do diabo e sobre eles lança-se maldição. Não viste padres dizerem, do alto do púlpito, que *se torna melhor ficar incrédulo do que retornar à fé pelo Espiritismo*? Não se tem visto dizer a doentes que não deviam se fazer curar pelos *Espíritas* que possuísem tal dom, porque é um dom satânico? Que diziam e que faziam de diferente os sacerdotes judeus e os fariseus? De resto, é dito que tudo deva passar atualmente como no tempo do Cristo.

Esta pergunta dos discípulos: *É o pecado deste homem a causa de nascer cego?* indica a intuição de uma existência anterior. Caso contrário, não teria sentido, porque o pecado que seria a causa de uma enfermidade de *nascença* deveria ter sido cometido antes do nascimento e, por consequência, em uma existência anterior. Se Jesus tivesse visto aí uma ideia falsa ele teria dito: “Como esse homem teria podido pecar antes de estar entre nós?” Em lugar disso ele lhes disse que, se o homem é cego, não significa que tenha pecado, mas, a fim de que o poder de Deus brilhe nele; é como dizer que ele devia ser o instrumento de uma manifestação do poder de Deus. Se isso não era uma expiação do passado, é uma prova de que devia servir a seu progresso, porque Deus, que é justo, não poderia lhe impor um sofrimento sem compensação.

Quanto ao meio empregado para lhe curar é evidente uma espécie de lama feita com a saliva e terra não podia ter essa qualidade, senão pela ação do fluido curador do qual estava impregnada. É assim que as substâncias mais insignificantes, a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas sob ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual servem de veículo ou, se quiserem, de *reservatório*.

Numerosas curas de Jesus

26. *Jesus ia por toda a Galileia ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todas as apatias e todas as doenças entre o povo. E sua reputação se estendeu por toda a Síria, e traziam-lhe todos aqueles que estavam doentes, e diversamente afligidos de males e de dores, os possessos, os lunáticos, os paralíticos e ele os curava; e uma grande multidão de pessoas seguia-o da Galileia, da Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e do outro lado do Jordão. (Mateus 4,23-25)*

27. De todos os fatos que testemunham o poder de Jesus, os mais numerosos são, sem contradição, as curas. Ele queria provar por aí que o verdadeiro poder é aquele que faz o bem, que sua finalidade era de se tornar útil, e não de satisfazer a curiosidade dos indiferentes para coisas extraordinárias.

Aliviando o sofrimento, as pessoas ficavam ligadas a ele pelo coração e fazia adeptos mais numerosos e mais sinceros do que se os tivesse atingido apenas pelo espetáculo para os olhos. Por esse meio, ele se fazia amar, ao passo que, se ele se limitasse a produzir efeitos materiais surpreendentes, como pediam os fariseus, a maior parte só teria visto nele um feiticeiro ou um hábil mágico que *os desocupados iriam ver para se distrair*.

Assim, quando João Batista lhe envia seus discípulos para lhe indagar se ele era o Cristo, ele não disse: “*Eu sou*”, porque todo impostor teria podido dizer o mesmo. Ele não falava nem de prodígios nem de coisas maravilhosas, mas lhes responde simplesmente: “*Ide dizer a João: Os cegos veem, os doentes são curados, os surdos escutam, o Evangelho é anunciado aos pobres*”. Era dizer-lhe: “*Reconhecei-me por minhas obras, julgueis a árvore por seu fruto*”, porque esse era o verdadeiro caráter da sua missão divina.

28. É também pelo bem que faz que o Espiritismo prova sua missão providencial. Ele cura os males físicos, mas cura principalmente as moléstias

morais, e estão aí os maiores prodígios pelos quais se afirma. Seus mais sinceros adeptos não são os que tenham sido atingidos por ver fenômenos extraordinários, mas os que foram tocados no coração pelo consolo; os que ficaram livres das torturas da dúvida; os cuja coragem foi revelada nas aflições, que hauriram a força na certeza do porvir que lhes é mostrado, no conhecimento do seu ser espiritual e no seu destino. Eis aqueles de fé inabalável, porque a sentem e a compreendem.

Os que só veem no Espiritismo efeitos materiais não podem compreender seu poder moral; também os incrédulos que apenas o conhecem pelos fenômenos dos quais não admitem a causa primária veem apenas mágicos e charlatães. Não é, pois, pelos prodígios que o Espiritismo triunfará sobre a incredulidade, mas multiplicando seus benefícios morais, pois se os incrédulos não admitem os prodígios, eles conhecem, como todo mundo, o sofrimento e as aflições, e ninguém recusa os alívios e as consolações. (cap. XIV, item 30)

POSSESSOS

29. *Vieram, em seguida, a Cafarnaum. Jesus, entrando primeiro na sinagoga, no dia de sábado, instruiu-os; e eles se espantaram com sua doutrina, porque ele os instruía como quem tem autoridade, e não como os escribas.*

Ora, encontrava-se na sinagoga um homem possuído de um Espírito impuro que bradava, dizendo: Que há entre vós e nós, Jesus de Nazaré? Sois vós vieste para nos perder? Eu sei o que vós sois: sois o Santo Deus. Mas Jesus, falando-lhe com ameaça, disse-lhe: Cala-te e saia deste homem. Então, o Espírito impuro, agitando-se com violentas convulsões, e lançando um grande grito, saiu dele.

Todos ficaram surpresos e se indagavam uns dos outros: O que é isso? Que nova doutrina é essa? Ele comanda com autoridade mesmo os Espíritos impuros, e eles o obedecem. (Marcos, 1,21-27)

30. *Após eles terem saído, apresentaram-lhe um homem mudo, possuído do demônio. O demônio tendo sido enxotado, o mudo falou e o povo tomado de admiração, dizia: Nunca, jamais, vi semelhante coisa em Israel.*

Mas os fariseus diziam ao contrário: É pelo príncipe dos demônios que ele enxota os demônios. (Mateus 9,32-34)

31. *Quando ele veio ao lugar onde estavam os outros discípulos, viu uma grande multidão de pessoas em volta deles e escribas que disputavam com eles. Logo, todo povo, tendo percebido Jesus, foi tomado de assombro e temor; e correram para o saudaram.*

Então ele lhes indagou: Do que disputai em conjunto? E um homem entre o povo, tomando a palavra, disse-lhe: Mestre, eu trouxe meu filho que está possuído de um Espírito mudo; e em qualquer lugar que ele se apodere de meu filho, ele o lança contra o chão e o menino espuma, trinca os dentes e fica todo seco. Pedi a vossos discípulos que o curassem, mas eles não puderam.

Jesus lhe respondeu: Ó gente incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Conduzi-o a mim? Eles levaram-no; e ele ainda não tinha visto Jesus, quando o Espírito começou a se agitar com violência, e caiu por terra, onde ele rolava espumando.

Jesus indagou ao pai da criança: Quanto tempo há que isso acontece? Desde sua infância, disse o pai. E o Espírito o tem frequentemente lançado, várias vezes no fogo e outras tantas na água, para fazê-lo perecer. Mas se podeis alguma coisa, tendes compaixão de nós e nos socorreis.

Jesus respondeu-lhe: Se vós puderdes crer, tudo é possível àquele que crê. Logo, o pai do menino, gritando, disse-lhe com lágrimas: Senhor, eu creio, ajudai-me em minha incredulidade.

E Jesus, vendo que o povo acorria em massa, falou com ameaças ao Espírito impuro e lhe disse: Espírito surdo e mudo, saia da criança, eu te ordeno e não retorne mais aí. Então, esse Espírito, tendo soltado um grande grito e tendo se agitado em violentas convulsões, saiu e o menino permaneceu como morto, de sorte que vários disseram que ele estava morto. Mas Jesus, tendo-o tomado pela mão e o erguendo, ele se levantou.

Logo que Jesus entrou na casa, seus discípulos lhe disseram em particular: De onde provém não termos podido expulsar esse demônio? Ele respondeu-lhes: Esse tipo de demônio não pode ser expulso por nenhum outro meio, a não ser pela prece e pela abstinência. (Marcos 9,13-28)

32. *Então, foi-lhe apresentado um possesso cego e mudo, e ele o curou, de modo que começou a falar e a ver. Todo o povo ficou cheio de admiração e disseram: Não é esse o filho de David?*

Mas os fariseus, ouvindo isso, disseram: Esse homem só expulsa o demônio pela virtude de Belzebu, príncipe dos demônios.

Ora, Jesus, conhecendo seus pensamentos, lhes disse: Todo reino dividido contra ele próprio ruirá e toda cidade ou casa que esteja dividida contra ela própria não poderá subsistir. Se Satã expulsa Satã, ele está dividido contra si mesmo, como, pois, seu reino subsistirá? E se é por Belzebu que expulso os demônios, por quem vossos filhos os expulsarão? É por isso que eles serão os vossos juízes. Se eu dou caça aos demônios pelo Espírito de Deus, o reino de Deus está, pois, vindo até vós. (Mateus 12,22-28)

- 33.** As libertações de possessos figuram, com as curas, entre os atos mais numerosos de Jesus. Entre os fatos dessa natureza, existe aquele que foi reportado acima, no item 30, em que a possessão não é evidente. É provável que àquela época, como acontece ainda em nossos dias, atribuíam-se à influência dos demônios todas as doenças cuja causa fosse desconhecida, principalmente o mutismo, a epilepsia e a catalepsia. Mas existem outros fatos que não deixam dúvida sobre a ação dos maus Espíritos. Eles têm uma analogia tão impressionante com aqueles dos quais somos testemunhas que neles se reconhecem todos os sintomas desse gênero de afecção. A prova da participação de uma inteligência oculta, em casos semelhantes, resulta de um fato material: são as numerosas curas radicais, obtidas em alguns centros *Espíritas*, pela simples evocação e a moralização dos Espíritos obsessores, sem magnetização nem medicamentos e, frequentemente, na ausência e à distância do paciente. A imensa superioridade do Cristo dava-lhe uma tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos, então chamados demônios, o que lhe era suficiente para ordenar que se retirassem, e eles não pudessem resistir a essa injunção. (cap. XIV, item 46)
- 34.** O fato de maus Espíritos enviados aos corpos de porcos é contrário a todas as probabilidades. Um Espírito mau não deixa de ser humano, embora ainda muito imperfeito para fazer o mal depois da morte, como fazia antes; e é contra as leis da natureza que possa animar corpos de um animal. É preciso ver nisso um desses exageros comuns de um fato real, numa época de ignorância e de superstição; ou talvez uma alegoria para caracterizar as tendências imundas de certos Espíritos.
- 35.** Os obsedados e os possessos parece terem sido numerosos na Judeia, no tempo de Jesus, o que lhe deu oportunidade de curar muitos. Os maus Espíritos tinham, sem dúvida, feito invasão nesse país e causado uma epidemia de possessões. (cap. XIV, item 49)

Sem estar num estado epidêmico, as obsessões individuais são extremamente frequentes e se apresentam sob aspectos muito variados, que um conhecimento aprofundado do Espiritismo faz facilmente reconhecer; costumam ter consequências nocivas para a saúde, quer em agravando as afecções orgânicas, quer as determinando. Elas serão, incontestavelmente, colocadas um dia entre as causas patológicas, que, por sua natureza especial, requerem meios de tratamento especiais. O Espiritismo, fazendo conhecer a causa do mal, abre um novo caminho à arte de curar, e fornece à Ciência o meio de alcançar êxito onde ela frequentemente fracassa, porque lhe falta atacar a causa primeira do mal. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII)

36. Jesus era acusado pelos fariseus de expulsar os demônios pelo demônio; o bem propriamente dito que ele fazia era, segundo os mesmos, obra de Satã, sem refletir que Satã, se caçando a si mesmo, fazia um ato de insensatez. Essa doutrina é ainda a que a Igreja procura fazer prevalecer atualmente contra as manifestações *Espíritas*¹⁸⁹.

189 Nem todos os teólogos professam opiniões também absolutas sobre a doutrina demoníaca. Eis a de um eclesiástico do qual o clero não poderá contestar o valor. Encontra-se a passagem seguinte na *Conferência sobre a religião*, por Monsenhor Freysinous, bispo de Hermópolis, tomo II, p. 341, Paris, 1825.

“Se Jesus tivesse operado seus milagres pela virtude do demônio, o demônio teria, pois, trabalhado para destruir seu império e teria empregado seu poder contra ele próprio. Certamente, *um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude seria um estranho demônio*”. Eis aí por que Jesus, para repelir a absurda acusação dos Judeus, dizia-lhes: “Se opero prodígios em nome do demônio, o demônio então está dividido contra ele mesmo; procura, pois, se destruir”; resposta que não admite réplica.

É precisamente o argumento que apresentam os *Espíritas* àqueles que atribuam ao demônio os bons conselhos que eles recebem dos Espíritos. O demônio agiria como um larápio de profissão que tornaria tudo o que tenha jogado e induziria os outros parceiros a tornarem-se pessoas honestas. (N. de Allan Kardec)

RESSURREIÇÕES

Filha de Jairo

37. *Jesus passou outra vez de barco para a outra margem, e tão logo desembarcou. Uma grande multidão de pessoas se reuniu em volta dele. E um chefe da sinagoga, chamado Jairo, veio encontrá-lo; e o encontrando, lançou-se a seus pés, e suplicava-lhe com grande instância, dizendo-lhe: Tenho uma filha que está nos momentos finais; vem lhe impor as mãos para curá-la e salvar-lhe a vida.*

Jesus se foi com ele e era seguido de uma grande multidão de pessoas que o comprimia.

Enquanto Jairo ainda falava, veio gente do chefe da sinagoga que lhe disse: Vossa filha está morta. Por que queres dar ao Mestre o trabalho de ir mais longe? Mas Jesus, ouvindo essas palavras, disse ao dirigente da sinagoga: Não temas jamais, crede somente. E não permitiu que ninguém o seguisse, apenas Pedro, Jacó e João, irmão de Jacó.

Chegando à casa do dirigente da Sinagoga, ele viu um grupo confuso de pessoas que choravam e que lançaram grandes gritos. Entrando, disse-lhes: Por que fazeis tanto barulho e por que chorais? Essa filha não está morta, ela está apenas adormecida. E eles zombaram dele. Tendo feito sair todo mundo, ele chamou o pai e a mãe da criança e os que tinham vindo com ele, e entrou no lugar onde a filha estava deitada. Tomou-a pela mão e lhe disse Talitha cumi, ou seja: Minha filha, levantai-vos, eu comando. No mesmo instante, a filha se levantou e se pôs a caminhar, porque tinha 12 anos; e ficaram maravilhosamente surpresos. (Marcos 5,21-43)

Filho da viúva de Naim

38. *No dia seguinte Jesus ia a uma cidade chamada Naim, e seus discípulos o acompanharam, com uma grande multidão de povo. Quando estava perto da entrada da cidade, aconteceu que levavam um morto para enterro, e era filho único de sua mãe, e essa mulher era viúva, e havia uma grande quantidade de pessoas da cidade com ela. O Senhor, tendo-a visto, foi tomado de compaixão por ela, e lhe disse: Não chore mais. Depois, aproximando-se, tocou o caixão e os*

que o conduziam retiveram-se. Então, ele disse: Jovem homem, levantai-vos, eu vos comando. Ao mesmo tempo, o morto sentou-se e começou a falar; e Jesus o restituiu à sua mãe.

Todos os que estavam presentes foram tomados de espanto e glorificaram Deus dizendo: Um grande profeta apareceu no meio de nós e Deus visitou seu povo. O rumor desse milagre que ele havia feito se espalhou por toda a Judeia e em todos os países em volta. (Lucas 7,11-17)

39. O fato do retorno à vida corpórea de um indivíduo realmente morto seria contrário às leis da natureza, e por consequência miraculoso. Ora, não é necessário recorrer a essa ordem de fatos para explicar as ressurreições operadas por Cristo.

Se, entre nós, as aparências enganam, por vezes, os profissionais, acidentes dessa natureza deviam ser frequentes, num país onde não se tomasse nenhuma precaução e o sepultamento fosse imediato¹⁹⁰. Há, pois, toda a probabilidade que nos dois exemplos anteriores só devesse haver síncope ou letargia. Jesus, ele mesmo afirma, positivamente, da filha de Jairo: *Essa filha, diz ele, não está morta; ela está apenas dormindo.* A partir do poder fluídico que Jesus possuía, nada há de extraordinário em que o fluido vivificante, dirigido por uma forte vontade, tenha reanimado os sentidos entorpecidos; que tenha mesmo podido fazer voltar ao corpo o Espírito prestes a deixá-lo, tanto que o laço perispiritual não estava definitivamente rompido. Para os homens desse tempo, que acreditavam que o indivíduo estivesse morto desde que não respirasse mais, haveria ressurreição, e puderam afirmar isso de muito boa-fé: mas havia, na realidade, *cura*, e não ressurreição, na acepção do termo.

40. A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, não anula de modo nenhum esse princípio. Ele estava, dizia-se, após quatro dias no sepulcro,

190 Uma prova desse costume se encontra nos *Atos dos Apóstolos*, 5,5 e seguintes: “Ananias, tendo escutado essas palavras, caiu e encontrou o Espírito; e todos os que escutaram falar foram tomados de um grande medo. Logo, alguns jovens vieram tomar seu corpo e, tendo-o carregado, eles o enterraram. Aproximadamente três horas após, sua mulher (Safira), que não sabia o que estava acontecendo, chegando, entrou. E Pedro lhe disse..., etc. No mesmo momento, ela caiu a seus pés e encontrou o Espírito. Esses jovens homens, entrando, encontraram-na morta e, conduzindo-a, eles enterraram-na no próximo de seu marido”. (N. de Allan Kardec)

mas sabe-se que há letargias que duram oito dias ou mais. Junte-se que ele recendia mal, que é um sinal de decomposição. Essa alegação não prova nada, uma vez que, em certos indivíduos, existe uma decomposição parcial do corpo mesmo antes da morte e que exalam um odor de putrefação. A morte não chega senão quando os órgãos essenciais à vida são afetados.

E quem poderia saber se ele cheirava mal? É sua irmã Marta que o diz, mas como ela sabia? Lázaro, estando enterrado, depois de quatro dias, ela poderia supor, mas não ter certeza. (cap. XIV, item 29)¹⁹¹

JESUS CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS

41. *Logo, Jesus obrigou seus discípulos a entrar no barco e passar antes dele para a outra margem, enquanto ele se despedia o povo. Após terem feito as despedidas, ele subiu sozinho em uma montanha para orar. E chegando a noite, ele se encontrou sozinho naquele lugar.*

Entretanto, o barco era fortemente açoitado pelas ondas no meio do mar, porque o vento estava contrário. Mas à quarta vigília da noite, Jesus foi até eles, caminhando sobre o mar¹⁹². Quando eles o viram caminhar assim, sobre o mar, eles se perturbaram e diziam: É um fantasma, e gritavam de medo. Logo, Jesus lhes falou e lhes disse: Acalmai-vos, sou eu, nada há que temer.

Pedro lhe respondeu: Senhor, se sois vós, ordenai que eu vá até vós caminhando sobre as águas. Jesus disse-lhe: Vinde. E Pedro, descendo do barco,

191 O fato seguinte prova que a decomposição precede, por vezes, a morte. No convento do Bom Pastor, fundado em Toulon pelo abade Marin, capelão dos presídios para filhas arrependidas, encontrava-se uma jovem mulher que tinha experimentado os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Em meio às dores, ela parecia sorrir ante uma celeste visão; como santa Teresa, ela pedia sofrer ainda; sua carne se ia em farrapos, a gangrena ganhava seus membros. Por uma sábia providência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo imediatamente após o óbito. Coisa estranha! Mal ela deu o último suspiro e todo o trabalho de decomposição parou. As exalações cadavéricas cessaram. Durante 36 horas ela ficou exposta às preces e às venerações da comunidade. (N. de Allan Kardec)

192 O lago de Genesaré ou Tiberíades. (N. de Allan Kardec)

caminhou sobre a água para ir a Jesus. Mas vindo um grande vento, ele teve medo; e, começando a afundar, gritou: Senhor, salvai-me! Logo, Jesus, estendendo-lhe a mão, tomou-a e lhe disse: Homem de pouca fé, por que duvidastes? E subindo no barco, o vento cessou. Então, os que estavam nesse barco, aproximando-se dele, adoraram-no e disseram-lhe: Vós sois, realmente, filho de Deus. (Mateus 14,22-33)

42. Esse fenômeno encontra sua explicação natural nos princípios expostos anteriormente no cap. XIV, item 43.

Exemplos análogos provam que ele não é nem impossível nem miraculoso, pois está nas leis da natureza. Pode ser produzido de duas maneiras.

Jesus, embora vivo, pôde aparecer sobre as águas sob uma forma tangível, enquanto que seu corpo carnal estava em outro lugar. É a hipótese mais provável. Pode-se mesmo reconhecer nesse relato certos sinais característicos das aparições tangíveis. (cap. XIV, itens 35 a 37)

Por outro lado, seu corpo poderia ser sustentado e seu peso ser neutralizado pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço, sem ponto de apoio. O mesmo efeito é, muitas vezes, produzido em corpos humanos.

TRANSFIGURAÇÃO

43. *Seis dias após, Jesus, tendo chamado Pedro, Tiago e João, conduziu-os com ele, sobre uma alta montanha afastada¹⁹³ e se transfigurou diante deles. E enquanto ele fazia suas preces, sua fisionomia parecia completamente outra; suas vestes tornaram-se brilhantes de luz e brancas como a neve, de modo que não há nenhum alvejador sobre a Terra que possa fazer algo assim tão branco. E eles viram aparecer Elias e Moisés, que conversavam com Jesus.*

Então, Pedro disse a Jesus: Mestre, nós estamos bem aqui; façamos três tendas: uma para vós, uma para Moisés e uma para Elias, porque ele não sabia o que dizer, de tanto que estava assustado.

Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e saiu dessa nuvem uma voz que disse estas palavras: Este é meu filho bem-amado, escutai-o.

193 O monte Thabor ou Tabor, ao sudoeste do lago de Tabarich e a 11 quilômetros ao sudeste de Nazaré, tem aproximadamente 1.000 metros de altitude. (N. de Allan Kardec)

Logo, olhando de todos os lados, não viram mais ninguém senão Jesus, que permanecia só com eles.

Quando desceram da montanha, ele os recomendou para não falar a ninguém o que tinham visto, até que o que o filho do homem fosse ressuscitado entre os mortos. E eles mantiveram o fato em segredo, comentando entre si o que queria dizer essas palavras: Até que o filho do homem fosse ressuscitado entre os mortos. (Marcos 9, 1-9)

44. É ainda nas propriedades do fluido perispiritual que se pode encontrar a razão desse fenômeno. A transfiguração explicada no cap. XIV, item 39, é um fato bastante comum, como consequência da irradiação fluídica, que pode modificar a aparência de um indivíduo. Mas a pureza do perispírito de Jesus pôde permitir a seu Espírito lhe dar uma claridade excepcional. Quanto à aparição de Moisés e Elias, ela se inclui inteiramente no caso de todos os fenômenos do mesmo gênero. (cap. XIV, item 35 e seguintes)

De todas as faculdades que se revelaram em Jesus, não existe nenhuma que esteja em desacordo com as condições da humanidade e que não se encontre entre o comum dos homens, porque elas são da natureza. Mas, pela superioridade de sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, elas atingiram nele proporções acima do comum. Ele nos representava, a par do seu envoltório carnal, o estado dos Espíritos puros.

TEMPESTADE AMAINADA

45. *Um dia, estando em um barco com seus discípulos, disse-lhes: Passemos à outra margem do lago. Partiram. Durante a travessia, ele adormeceu. Então, uma grande ventania, vindo de repente, se abateu sobre o lago, de modo que, com o barco enchendo de água, eles ficaram em perigo. Aproximaram-se, pois, dele e despertaram-no, dizendo: Mestre, podemos morrer! Jesus, levantando-se, falou com ameaça aos ventos e às ondas agitadas, e eles amainaram e se fez uma grande calma. Então, ele lhes disse: Onde, pois, está a vossa fé? Mas eles, cheios de medo e de admiração, disseram uns aos outros: Quem é este que dá ordem aos ventos e às ondas, e a quem obedecem? (Lucas 8,22-25)*
46. Não conhecemos ainda o bastante os segredos da natureza para afirmar se há ou não inteligências ocultas que presidem a ação dos elementos.

Nessa hipótese, o fenômeno em questão poderia ser o resultado de um ato de autoridade sobre essas mesmas inteligências e provaria um poder que não é dado a nenhum homem exercer.

Em todo caso, Jesus, dormindo tranquilamente durante a tempestade, atesta uma segurança que pode se explicar pelo fato de que seu Espírito *via* que não havia nenhum perigo, e que a borrasca iria apaziguar-se.

BODAS DE CANÁ

47. Esse milagre, mencionado em um só Evangelho, o de João, é indicado como o primeiro que Jesus fez e, por esse motivo, deveria ser um dos mais marcantes. É preciso que tenha produzido bem pouca sensação para que nenhum outro evangelista fale dele. Um fato tão extraordinário teria impressionado ao mais alto ponto os convidados e, principalmente, o chefe da casa, que parece nem mesmo ter-se apercebido.

Considerado em si esse fato tem pouca importância comparativamente aos que testemunham verdadeiramente as qualidades espirituais de Jesus. Admitindo-se que as coisas se passaram como são relatadas, é notável que seja o único fenômeno desse gênero que tenha produzido. Jesus era de uma natureza bastante elevada para se ocupar de efeitos puramente materiais, próprios somente para suscitar a curiosidade da multidão que o teria comparado a um mágico. Ele sabia que as coisas úteis conquistariam mais simpatia e lhe trariam mais adeptos do que as que pudessem passar como resultado de uma grande habilidade ou destreza, mas nunca tocariam o coração.

Se bem que o rigor, o fato possa ser explicado, até certo ponto, por uma ação fluídica, que assim como o magnetismo oferece exemplos, teriam trocado as propriedades da água, dando-lhe o gosto do vinho. Mas essa hipótese é pouco provável, já que, nesse caso, a água, tendo apenas o gosto do vinho, teria conservado sua cor, o que não deixaria de ser notado. É mais racional ver aí uma dessas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como a do jovem príncipe, do festim das bodas e tantas outras. Ele teria feito, durante a refeição, alguma alusão ao vinho e à água, de onde tirou uma instrução. O que justifica essa opinião são as palavras que o

mordomo lhe dirigiu: “*Todo homem serve a princípio o bom vinho e depois que tenham bebido o bastante serve-se então um inferior. Mas, para vós, tendes reservado o bom vinho até essa hora*”.

A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

48. A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais tem intrigado os comentadores, ao mesmo tempo que alimenta o escárnio dos incrédulos. Sem se dar ao trabalho de lhe sondar o sentido alegórico, esses últimos viram apenas um conto pueril. Mas a maior parte das pessoas sérias viu nesse relato algo sob uma forma diferente da comum, uma parábola comparando a nutrição espiritual da alma com a nutrição do corpo.

Pode-se aí ver, entretanto, mais do que uma figura e admitir, sob certo ponto de vista, a realidade de um efeito material, sem para isso recorrer ao prodígio. Sabe-se que uma grande preocupação, assim como a atenção muito concentrada numa coisa, faz esquecer a fome. Ora, os que seguiam Jesus eram pessoas ávidas de o entender: não há, pois, nada de espantoso em que, fascinados por sua fala e talvez também pela poderosa ação magnética que exercia sobre eles, não tivessem tido a necessidade material de comer.

Jesus, que previa esse resultado, pôde, pois, tranquilizar seus discípulos dizendo em linguagem figurada, que lhe era habitual, admitindo que levassem alguns pães, que estes bastariam para satisfazer a multidão. Ao mesmo tempo deu a eles uma lição: “*Dai-lhe vós mesmos de comer*”, disse. Ensinava-os que também poderiam se alimentar por meio da palavra.

Assim, ao lado do senso alegórico moral, ele pôde produzir um efeito fisiológico natural muito conhecido. O prodígio, nesse caso, está na ascensão da palavra de Jesus, bastante poderosa para cativar a atenção de uma multidão imensa, a ponto de lhe fazer esquecer de comer. Esse poder moral testemunha a superioridade de Jesus bem mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que deve ser considerado uma alegoria.

Essa explicação se encontra, aliás, confirmada pelo próprio Jesus nas duas passagens seguintes:

O levedo dos fariseus

49. *Ora, seus discípulos, estando passado para o lado de lá do lago, tinham se esquecido de pegar os pães. Jesus lhes disse: Tendes atenção de vos guardar do levedo dos fariseus e dos saduceus. Mas eles pensavam e diziam entre si: É porque nós não trouxemos nenhum pão.*

O que Jesus, sabendo, disse-lhes: Homens de pouca fé, por que falais entre vós de que não haveis trazido nenhum pão? Não compreendeis nunca e não vos lembrais nunca que cinco pães foram suficientes para 5 mil homens, e quanto vos sobrou na cesta? E que sete pães foram suficientes para 4 mil homens, e quanto tereis levado no cesto? Como não compreendeis que esse não é o pão de que vos falei, quando vos disse para vos guardar do levedo dos fariseus e dos saduceus?

Então, compreenderam que ele não tinha dito para guardarem do levedo que se coloca no pão, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (Mateus 16,5-12)

O pão do céu

50. *No dia seguinte, o povo que permanecia do outro lado do mar notou que não havia existido nenhum outro barco e que Jesus sequer entrara nele com seus discípulos, mas que eles haviam partido sozinhos; e como depois chegaram outros barcos de Tiberíades, perto do lugar onde o Senhor, após ter rendido graças, os havia alimentado com cinco pães; e reconheceram, enfim, que Jesus não estivera lá nem seus discípulos entraram nesses barcos e vieram a Cafarnaum procurar Jesus. E tendo-o encontrado do lado de lá do mar, disseram-lhe: Mestre, quando vieste para cá?*

Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade eu vos digo, vós me procurais não à cata dos milagres que tivestes visto, mas porque vos dei pão a comer e ficastes fartos. Trabalhai não para ter a nutrição que perece, mas aquela que permanece pela vida eterna e que o filho do homem vos dará, porque é nele que Deus, o Pai, imprimiu sua chancela e seu caráter.

Eles lhe disseram: Que faremos nós para fazer obras de Deus? Jesus lhes respondeu: A obra de Deus é que credes em quem Ele enviou.

Eles lhe disseram: Qual milagre, pois, fareis a fim de que, vendo, nós acreditemos em vós? Que fareis de extraordinário? Nossos pais comeram o maná no deserto, conforme o que está escrito. Ele lhes deu a comer o pão do céu.

Jesus respondeu-lhes: Em verdade, em verdade eu vos digo, Moisés nunca vos deu o pão do céu, mas é meu pai que vos dá o verdadeiro pão do céu. Porque o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá a vida ao mundo.

Eles lhe disseram, então: Senhor, dai-nos sempre desse pão.

Jesus lhe respondeu: Eu sou o pão vida; aquele que vier a mim nunca terá fome e o que acreditar em mim jamais terá sede. Mas eu já vos tenho dito, vós me tendes visto e nunca acreditais.

Em verdade, em verdade, eu vos digo, aquele que acreditar em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e estão mortos. Mas eis aqui o pão que desceu do céu, a fim de que aquele que o coma e não morra nunca. (João 6:2-36 e 47-50)

51. *Na primeira passagem, Jesus, lembrando o efeito produzido anteriormente, dá claramente a entender que nunca tratou de pão material, senão a comparação que ele estabeleceu com o levedo estaria sem objetivo. “Nunca compreendeis ainda”, diz ele, “e não lembrais nunca que cinco pães foram suficientes para 5 mil homens e que sete pães foram suficientes para 4 mil homens? Como não compreendeis nunca que não é do pão que vos falava quando vos disse para vos preservardes do levedo dos fariseus?”. Essa comparação não teria nenhuma razão de ser na hipótese de uma multiplicação material. O fato fora bastante extraordinário em si próprio para ter atingido a imaginação de seus discípulos que, entretanto, não pareciam se lembrar disso.*

É o que resulta não menos claramente do discurso de Jesus sobre o pão do céu, no qual ele vincula em fazer compreender o sentido verdadeiro do alimento espiritual. “Trabalhai”, diz ele, “não para ter o alimento que fenece, mas aquele que permanece para a vida eterna e que o Filho do homem vos dará”. Esse alimento é sua palavra, que é o pão descido do céu e que dá a vida ao mundo. “Eu sou”, diz ele, “o pão da vida; aquele que vier a mim nunca terá fome, e o que crê em mim não terá jamais sede”.

Mas essas distinções eram bastante sutis para as naturezas brutas que só compreendiam coisas tangíveis. O maná que havia nutrido o corpo de seus ancestrais era para eles o verdadeiro pão do céu; aí estava o milagre. Se, pois, o fato da multiplicação dos pães tivesse ocorrido materialmente, como esses mesmos homens, em proveito dos quais fora produzido poucos dias antes, teriam sido tão pouco tocados para dizer a Jesus: “Que milagre, pois, fizestes, a fim de que em vendo-o nós vos acreditemos? Que fizestes de extraordinário?” É

que entendiam por milagre os prodígios que pediam os fariseus, ou seja, os sinais no céu, operados ao comando, como por uma varinha de um mágico. O que fazia Jesus era bastante simples e não se afastava o suficiente das leis da natureza. As curas não tinham um caráter bastante estranho, bastante extraordinário; os milagres espirituais significavam pouco para eles.

A TENTAÇÃO DE JESUS

52. Jesus transportado pelo diabo ao alto do templo, depois sobre uma montanha e tentado por ele é uma dessas parábolas que lhe eram tão familiares e que a credulidade pública transformou em fatos materiais¹⁹⁴.

53. *“Jesus não foi arrebatado, mas queria fazer compreender aos homens que a humanidade está sujeita a falir e que deva estar sempre em guarda contra as más inspirações, àquelas que sua natureza fraca leva a ceder. A tentação de Jesus é, pois, uma figura, e é preciso ser cego para tomá-la ao pé da letra. Como quereis que o Messias, o verbo de Deus encarnado se submetesse por uns tempos, por mais curto que fosse, às sugestões do demônio e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demônio o tenha detido por um tempo, o que daria que pensar que ele fosse ainda submisso a seu poder. Não; compreendais melhor os ensinamentos que vos tenham sido dados. O Espírito do mal não podia nada sobre a essência do bem. Ninguém diz que viu Jesus sobre a montanha nem sobre a cúpula do templo; certamente, esse teria sido um fato de natureza tal que se espalhariam entre todas as pessoas. A tentação não foi, pois, um ato material e físico. Quanto ao ato moral, podeis admitir que o Espírito das trevas pudesse dizer a quem conheça sua origem e seu poder: ‘Adora-me e eu te darei todos os reinos da Terra?’ O demônio teria, pois, ignorado quem era aquele a quem fazia tais ofertas, o que não é provável; se ele o conhecia, sua proposição era uma falta de senso, porque ele sabia bem que seria repellido por aquele que vinha arruinar seu império sobre os homens.*

“Compreendeis, pois, o sentido dessa parábola, porque é uma, tal e qual a do Filho pródigo e do Bom Samaritano. Uma nos mostra os perigos que correm os homens se não resistirem a essa voz íntima que grita sem cessar: ‘Tu podes ser

194 A explicação seguinte é tirada textualmente de uma instrução dada a esse assunto por um Espírito. (N. de Allan Kardec)

mais do que és; tu podes possuir mais do que o possuis, tu podes crescer, alcançar; cede à voz da ambição e todos os teus votos estarão satisfeitos'. Ela vos mostra o perigo e o meio de evitá-lo, em dizendo às más inspirações: Retira-te, Satã! Senão, dize: Para trás, tentação!

“As duas outras parábolas que lembrei vos mostram o que pode ainda esperar aquele que, muito fraco para repelir o demônio, sucumbiu a suas tentações. Elas vos mostram a misericórdia do pai de família estendendo sua mão sobre a fronte do filho arrependido e lhe concedendo com amor o perdão esperado. Elas vos mostram o culpado, o dissidente, o homem rejeitado pelos seus irmãos, valendo melhor aos olhos do juiz supremo do que aqueles que o desprezaram, porque pratica as virtudes ensinadas pela lei do amor.

“Pesai bem os ensinamentos dados nos Evangelhos; saber distinguir o que está no sentido próprio ou no sentido figurado, e seus erros que vos tendes cegado durante tantos séculos esfacelar-se-ão pouco a pouco para fazer lugar à resplandecente luz da verdade”. (Bordéus, 1862. João Evangelista)

PRODÍGIOS À MORTE DE JESUS

54. *Ora, depois da sexta hora do dia até a nona, toda a Terra tornou-se coberta de trevas.*

Ao mesmo tempo, o véu do Templo se dilacerara em dois, desde de cima até embaixo; a Terra tremera, as pedras fenderam-se; os sepulcros se abriram e vários corpos dos santos, que estavam no sono da morte, ressuscitaram; e saindo de suas tumbas após sua ressurreição, vieram para a cidade santa, e foram vistos por várias pessoas. (Mateus 27,45, 51-53)

55. *É estranho que tais prodígios, acontecendo no mesmo momento em que a atenção da cidade estava fixa no sepulcro de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenha sido notado, já que nenhum historiador fez menção dele. Parece impossível que um tremor de terra e toda a Terra coberta pelas trevas durante três horas, em um país onde o céu está sempre de uma perfeita limpidez, tenha podido passar despercebido.*

*A duração dessa obscuridade está bem próxima da de um eclipse do Sol, mas esse tipo de eclipse só se reproduz na lua nova e a morte de Jesus ocorreu durante a lua cheia, dia 14 do mês de *nissan*, dia da Páscoa dos judeus.*

O obscurecimento do Sol pode também ser produzido pelas manchas que se nota em sua superfície. Em caso semelhante, a claridade da luz fica sensivelmente debilitada, mas jamais ao ponto de produzir a escuridão e as trevas. Supondo-se que um fenômeno desse gênero tenha ocorrido nessa época, teria sido uma causa perfeitamente natural.¹⁹⁵

Quanto aos mortos ressuscitados, é possível que *algumas pessoas* tenham tido visões ou aparições, o que não é nada excepcional. Mas como não se conhecia a causa desse fenômeno, afigurava-se que as aparições de indivíduos saíram do sepulcro.

Os discípulos de Jesus, emocionados com a morte de seu mestre, sem dúvida, associaram esse fato com alguns outros, isolados, aos quais não teriam prestado nenhuma atenção em outra circunstância. Seria suficiente que um fragmento de rocha se soltasse nesse momento para que pessoas predispostas às maravilhas aí vissem um prodígio e que, amplificando o fato, tenham dito que as pedras se partiram.

Jesus é grande por suas obras, e não pelos quadros fantásticos dos quais um entusiasmo pouco esclarecido acreditou vê-lo envolvido.

APARIÇÕES DE JESUS APÓS SUA MORTE

56. *Mas Maria (Madalena) permaneceu fora, perto do sepulcro, derramando lágrimas. E enquanto chorava, inclinou-se para olhar dentro do sepulcro. Ela viu dois anjos vestidos de branco, sentados no lugar onde havia estado o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. Eles lhe disseram: Mulher, por que chorais? Ela lhes respondeu: É que levaram meu senhor, e eu não sei onde ele foi posto.*

195 Há constantemente na superfície do Sol manchas fixas que seguem seu movimento de rotação e têm servido para determinar-lhe a duração. Mas essas manchas aumentam, por vezes, de número em extensão e em intensidade, e é então que se produz uma diminuição na luz e no calor. Esse aumento no número das manchas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e a posição relativa de certos planetas, o que lhe causa o retorno periódico. A duração desse obscurecimento é muito variável. Por vezes, não é mais do que duas ou três horas, mas em 535 houve um que durou 14 meses. (N. de Allan Kardec)

Tendo dito isso, ela se voltou e viu Jesus em pé, sem saber que fosse ele. Então, Jesus lhe disse: Mulher, por que vós chorais? O que procurais? Ela, pensando que se tratasse do cozeiro, disse-lhe: Senhor, se fostes vós que o conduziu, diga-me onde o pôs e eu o transportarei.

Jesus lhe disse: Maria. Logo, ela se voltou e lhe disse: Raboni, isto é, Meu Mestre. Jesus lhe respondeu: Não me toques, porque eu ainda não subi até meu pai; mas ide encontrar meus irmãos e dize-lhe de minha parte: Eu subo até meu Pai e vosso Pai até meu Deus e vosso Deus.

Maria Madalena veio, pois, dizer aos discípulos que ela havia visto o Senhor, e que ele lhe tinha dito essas coisas. (João, 20,14-18)

- 57.** *Naquele mesmo dia, dois entre eles foram a uma aldeia chamada Emaús, longe a 60 estádios de Jerusalém – falando entre si, sobre tudo o que havia se passado. E ocorreu que, quando se entretinham e conversavam juntos, Jesus veio, ele próprio, se juntar a eles e se pôs a caminhar com eles, mas seus olhos estavam fechados, a fim de que não pudessem reconhecê-lo. E ele lhes disse: De que conversais assim, caminhando, e de onde vindes que estais tão tristes?*

Um deles, chamado Cleófas, tomando a palavra, disse-lhe: Sereis o único estrangeiro em Jerusalém que não sabeis o que se passou esses dias aqui? E o quê? Indagou-lhe. Ele lhe respondeu: A respeito de Jesus de Nazaré, que foi um profeta, poderoso ante Deus e ante todo o povo; e de que maneira os príncipes dos sacerdotes e nossos senadores o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, esperávamos que fosse ele que resgataria Israel e, entretanto, após tudo isso, eis o terceiro dia que essas coisas se passaram. É verdade que algumas mulheres das que estavam conosco nos surpreenderam, porque, indo antes do amanhecer a seu sepulcro, e não encontrando seu corpo, elas vieram dizer que anjos mesmo apareceram a elas e lhes disseram que ele vivia. E alguns dos nossos, tendo estado também no sepulcro, encontraram todas as coisas como as mulheres lhes haviam narrado; quanto a ele, não o encontraram.

Então, ele lhes disse: Ó insensatos cujo coração tarda a crer em tudo o que os profetas disseram! Não era preciso que o Cristo sofresse todas essas coisas e que entrasse assim na glória? E começando por Moisés, em seguida por todos os profetas, explicava-lhes em todas as escrituras o que tinha sido dito dele.

Quando estavam próximos da aldeia para onde iam, pareceu que ele ia mais longe. Mas eles o forçaram a ficar, dizendo-lhe: Demorai conosco, porque é tarde e que o dia já está em seu declínio, e ele entrou com os dois. Estando com

eles à mesa, tomou o pão e o benzeu e, tendo-o partido, deu-o a eles. Ao mesmo tempo, seus olhos se abriram e eles o reconheceram, mas ele desapareceu diante de seus olhos.

Então, eles disseram um ao outro: Não é verdade que nosso coração estava ardente em nós quando ele nos falou, no caminho, e que nos explicou as escrituras? E se erguendo à mesma hora, eles voltaram a Jerusalém e encontraram os 11 apóstolos, e os que permaneciam com eles estavam reunidos e disseram: O Senhor está realmente ressuscitado e apareceu a Simão. Então, eles narraram também o que lhes acontecera no caminho e como o tinham reconhecido no fracionamento do pão.

Enquanto conversavam, Jesus se apresentou no meio deles e lhes disse: A paz esteja convosco; sou eu; não tendes medo. Mas, na confusão e o pavor que estavam possuídos, eles imaginaram que viam um Espírito.

E Jesus lhes disse: Por que vos perturbais? E por que se cria tanto pensamento em vossos corações? Olhai minhas mãos e meus pés e reconheceis que sou eu mesmo; tocai-me e considerai que um Espírito não tem nem carne nem osso, como em mim, como vedes que eu os tenho. Após ter dito isso, mostrou-lhes suas mãos e seus pés.

Mas, como não acreditavam ainda, de tanto que estavam transportados de alegria e admiração, ele lhes disse: Tendes aqui alguma coisa para comer? Eles apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado e um favo de mel. Ele os comeu ante eles e, tomando os restos, deu a eles e lhes disse: Eis o que vos dizia estando ainda convosco: que era necessário que tudo o que tenha sido escrito de mim na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos se cumprisse.

Ao mesmo tempo, abriu-lhes o Espírito a fim de que entendessem as escrituras e lhes disse: É assim que está escrito e é assim que era preciso que Cristo sofresse e que ressuscitasse entre os mortos ao terceiro dia; e que se pregasse em seu nome a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, começando por Jerusalém. Ora, sois testemunhas dessas coisas. E eu vou vos enviar o dom de meu pai, que vos prometi. Mas, entretanto, demorais na cidade até que vos sejais revestidos da força do Alto. (Lucas 24,13-49)

- 58.** *Ora, Tomé, um dos 12 apóstolos chamado Dídimo, não estava com eles quando Jesus veio. Os outros discípulos lhe disseram então: Nós vimos o Senhor. Mas este lhes disse: Se eu não ver em suas mãos a marca dos cravos que os pregaram e se eu não colocar meu dedo no furo dos cravos, e minha mão na chaga de seu lado, eu nunca acreditarei.*

Oito dias após, os discípulos, estando ainda no mesmo lugar, e Tomé com eles, Jesus veio, as portas estando fechadas, e ele se colocou no meio deles e lhes disse: A paz esteja convosco.

Ele disse, em seguida, a Tomé: Colocai aqui vosso dedo e considerai minhas mãos. Chegai também vossa mão e a ponde em meu lado; e não sejais tão incrédulo, mas fiel. Tomé lhe respondeu e lhe disse: Meu Senhor e meu Deus! Jesus disse-lhe: Tendes acreditado Tomé porque vistes; feliz aquele que acreditou sem ter visto! (João 20,20-29)

- 59.** *Jesus se fez ver ainda, depois, a seus discípulos na borda do mar de Tiberíades e ele se fez ver desse modo:*

Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael que era de Cana, na Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos estavam reunidos. Simão Pedro lhes disse: Vou pescar. Eles lhe disseram: Nós iremos também convosco. Foram-se, pois, e entraram em um barco. Mas nessa noite nada pegaram.

Tendo vindo a manhã, Jesus apareceu sobre a borda da praia sem que seus discípulos conhecessem que era ele e lhes disse, então: Filhos, nada tendes para comer? Eles lhes responderam: Não. Ele lhes disse: Lançai a rede do lado direito do barco, e vós os encontrareis. Eles a lançaram logo e não puderam mais retirá-la de tanto que estava carregada de peixes.

Então, o discípulo que Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor. E Simão Pedro, tendo percebido que era o Senhor, vestiu sua roupa (porque estava nu) e se lançou ao mar. Os outros discípulos vieram com o barco; e como não estavam longe da terra, senão em torno de 200 côvados, eles aí tiraram a rede cheia de peixes. (João 21,1-8)

- 60.** *Após isso, ele os levou afora, para Betânia; e tendo lavado as mãos, ele os benzeu; e em benzendo, separou-se deles e foi arrebatado ao céu.*

Quanto a eles, após tê-lo adorado, voltaram a Jerusalém, cheios de alegria; e estavam sem cessar no templo, louvando e bendizendo Deus. Amém. (Lucas 24,50-53)

- 61.** As aparições de Jesus após sua morte são relatadas por todos os evangelistas com detalhes circunstanciados que não permitem duvidar da realidade do fato. Elas se explicam, aliás, perfeitamente, pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e não apresentam nada de anormal com os fenômenos do mesmo gênero, dos quais a história antiga e

a contemporânea oferecem numerosos exemplos, sem excetuar a tangibilidade. Observando as circunstâncias que acompanharam suas diversas aparições, reconhece-se nele, nesses momentos, todos os caracteres de um ser fluídico. Ele aparece inopinadamente e desaparece do mesmo jeito; é visto por uns, e não pelos outros, sob aparência que não o fazem reconhecido mesmo por seus discípulos. Ele se mostra em lugares fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar. Sua linguagem não tem a naturalidade da de um ser corpóreo; tem o tom breve e sentencioso particular dos Espíritos que se manifestam dessa maneira. Todas as suas atitudes têm algo que não é do mundo terrestre. Sua presença causa, algumas vezes, surpresa e, outras, temor. Seus discípulos, vendo-o, não lhe falam com a mesma liberdade; sentem que não é mais o homem.

Jesus mostrou-se com seu corpo perispiritual, o que explica que só tenha sido visto por aqueles a quem tenha querido se fazer ver. Se tivesse tido um corpo carnal, seria visto pelo primeiro que chegasse, como um ser vivo. Seus discípulos, ignorando a causa primária do fenômeno das aparições, não se deram conta dessas particularidades que eles provavelmente não notavam; eles viam Jesus e o tocavam, e para eles este devia ser seu corpo ressuscitado. (cap. XIV, itens 14 e 35 a 38)

- 62.** Enquanto a incredulidade rejeita todos os fatos realizados por Jesus porque têm aparência sobrenatural, e os considera, sem exceção, como lendários, o Espiritismo dá à maior parte desses fatos uma explicação natural; prova-lhe a possibilidade não somente pela teoria das leis fluídicas mas pela identidade com os fatos análogos produzidos por uma multidão de pessoas, nas condições mais comuns. Já que esses fatos estão, de alguma maneira, no domínio público, não provam nada, em princípio, tocante à natureza excepcional de Jesus.¹⁹⁶

196 Os numerosos fatos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que estão relatados na *Revista Espírita*, são lembrados nas referências anteriores e oferecem, até nas circunstâncias de detalhes, uma analogia tão marcante com as que reporta o Evangelho, que a similitude dos efeitos e das causas permanece evidente. Pergunta-se, pois, por que o mesmo fato teria uma causa natural, atualmente e sobrenatural outrora; diabólico entre alguns e divino entre outros. Se fosse possível de os colocar aqui a respeito de uns dos outros, a comparação seria muito fácil. Mas o número e os desenvolvimentos que a maior parte necessita não o permitem. (N. de Allan Kardec)

- 63.** O maior dos milagres que Jesus fez, que atesta verdadeiramente sua superioridade, é a revolução que seus ensinamentos fizeram no mundo, apesar da exiguidade de seus meios de ação.

Em efeito, Jesus, desconhecido, pobre, nascido na condição mais humilde, entre um pequeno povo quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, pregou apenas três anos. Durante esse curto espaço de tempo, ele é menosprezado e perseguido por seus concidadãos, caluniado, tratado como impostor. É obrigado a fugir para não ser apedrejado. É traído por um de seus apóstolos, renegado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos de seus inimigos. Ele só fez o bem, e isso não o colocava ao abrigo da malevolência, que usou contra ele os próprios serviços que prestava. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, morre ignorado do mundo porque a história contemporânea cala-se a seu respeito¹⁹⁷. Não há nada escrito e, entretanto, ajudado por alguns homens obscuros como ele. Sua palavra foi suficiente para regenerar o mundo. Sua doutrina matou o paganismo todo-poderosos e se tornou a bandeira da civilização. Tinha, pois, contra ele, tudo o que pode fazer os homens fracassarem, razão pela qual dizemos que o triunfo da sua doutrina é maior do que seus milagres, ao mesmo tempo que prova sua missão divina. Se, em lugar de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, ele só tivesse oferecido à posteridade alguns fatos maravilhosos, provavelmente na atualidade seu nome seria muito pouco conhecido.

DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS

- 64.** O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte tem sido objeto de numerosos comentários. Ele é atestado pelos quatro evangelistas, segundo a narrativa das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro e não o encontraram lá. Alguns viram nesse desaparecimento um fato miraculoso, outros supuseram uma remoção clandestina.

197 O historiador judeu Flávio Josefo é o único que fala dele e diz muito pouca coisa. (N. de Allan Kardec)

Conforme outra opinião, Jesus não teria se revestido de um corpo carnal, mas somente de um corpo fluídico. Ele não teria sido, durante toda a sua vida, mais uma aparição tangível, em outra palavra, uma espécie de *agêneré*. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas uma aparência. É assim, dizem, que seu corpo, retornando a seu estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro, e é com esse mesmo corpo que ele teria se mostrado após sua morte.

Sem dúvida, tal fato não é radicalmente impossível de acordo com o que sabemos hoje sobre as propriedades dos fluidos. Porém, seria, ao menos, completamente excepcional e em oposição inequívoca com as características dos agêneres (cap. XIV, item 36). A questão é então saber se uma tal hipótese é admissível, se ela é confirmada ou refutada pelos fatos.

65. A permanência de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que seguiu à sua morte. No primeiro, após o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa com sua mãe nas condições comuns da vida¹⁹⁸. Após o nascimento até sua morte tudo, em seus atos, em sua linguagem e nas diversas circunstâncias de sua vida, apresenta as características inequívocas da corporeidade. Os fenômenos de ordem psíquica que se produzem nele são acidentais e nada anormais, já que se explicam pelas propriedades do perispírito, e se encontram em diferentes graus em outros indivíduos. Após sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é de tal forma marcante que não é possível compará-los.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita e que diferem essencialmente daquela dos fluidos etéreos. A desorganização aí se opera pela ruptura da coesão molecular. Um instrumento cortante, penetrando no corpo material, divide os tecidos. Se os órgãos essenciais à vida forem atingidos, seu funcionamento cessa e a morte se segue, isto é, a morte do corpo. Essa coesão, não existindo nos corpos fluídicos, a vida não repousa sobre o funcionamento dos órgãos especiais, e não nele não se produzem desordens análogas. Um instrumento cortante ou qualquer outro aí penetra como em um vapor, sem nele causar qualquer

198 Não falamos do mistério da encarnação, pois não temos de nos ocupar aqui, e que será examinado ulteriormente. (N. de Allan Kardec)

lesão. Eis por que esse tipo de corpos *não pode morrer* e por que os seres fluídicos designados sob o nome de *agêneres* não podem ser destruídos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo ficou inerte e sem vida. Ele foi sepultado como os corpos comuns e cada um pôde vê-lo e tocá-lo. Após a ressurreição, quando ele quis deixar a Terra, não morre outra vez; seu corpo se eleva, desvanece-se e desaparece sem deixar nenhum traço, prova evidente de que esse corpo era de outra natureza, diferente daquele que permaneceu na cruz; de onde é preciso concluir que se Jesus pôde morrer é que ele tinha um corpo carnal.

Por sequência de suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Não é o corpo que sofre, é o Espírito que recebe a repercussão das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Em um corpo privado de Espírito, a sensação é absolutamente nula. Pela mesma razão, o Espírito que não tenha corpo material não pode experimentar os sofrimentos que são resultado da alteração da matéria; de onde é preciso igualmente concluir que, se Jesus sofreu materialmente, o que não se pode duvidar é que ele tinha um corpo material, de uma natureza semelhante à de todo mundo.

- 66.** Aos fatos materiais vêm se ajuntar considerações morais todo-poderosas. Se Jesus tivesse estado durante sua vida nas condições dos seres fluídicos, não teria experimentado nem a dor nem nenhuma necessidade do corpo. Supor que ele fosse assim é tirar-lhe todo o mérito da vida de privação e de sofrimentos que ele escolheu, como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse apenas aparência, todos os atos de sua vida, o anúncio reiterado de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus de afastar o cálice de seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo até seu último brado no momento de render o Espírito teria sido apenas um vão simulacro, para enganar quanto a sua natureza e fazer crer no sacrifício ilusório de sua vida, uma farsa indigna de um simples honesto homem, e com mais forte razão de um ser tão superior. Ou seja, ele teria abusado da boa-fé de seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas desse sistema. Consequências que são inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de elevá-lo.

Jesus, pois, teve, como todo mundo, um corpo carnal e um corpo

fluídico, demonstrados pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que marcaram sua vida.

67. Em que se transformou o corpo carnal? É um problema cuja solução não se pode deduzir, até nova ordem, salvo por hipóteses, pela falta de elementos suficientes para assegurar uma convicção. Essa solução, aliás, é de uma importância secundária e não acrescentaria nada aos méritos de Cristo nem aos fatos que atestam, de certa maneira muito categórica, sua superioridade e sua missão divina.

Não pode, pois, haver, sobre o modo como esse desaparecimento aconteceu, mais que opiniões pessoais, que teriam valor apenas se fossem confirmadas por uma lógica rigorosa, assim como pelo ensinamento geral dos Espíritos. Ora, até o presente, nenhuma das que foram formuladas recebeu a sanção desse duplo controle¹⁹⁹.

Se os Espíritos ainda não resolveram a questão pela unanimidade de seus ensinamentos, é que, sem dúvida, o momento da resolução ainda não chegou, ou que ainda faltam conhecimentos, com ajuda dos quais possamos resolvê-la por si própria. Entretanto, sendo descartada a suposição de um rapto clandestino, poder-se-ia encontrar, por analogia, uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno dos transportes e da invisibilidade. (*O Livro dos Médiuns*, cap. IV e V)

68. Essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No século 4, Apolinário de Laudiceia, chefe da seita dos *apolinaristas*, pretendia que Jesus nunca tinha tido um corpo como o nosso, mas um corpo *impassível* que descera do céu no seio da Santa Virgem e não teria nascido dela; que, assim, Jesus não era nato, não tinha sofrido e não estava morto, senão em *aparência*. Os apolinaristas foram excomungados pelo Concílio de Alexandria em 360; no de Roma em 374, e no de Constantinopla, em 381.

199 Depois de minuciosa análise racional, sobre os mais diversos aspectos, Allan Kardec registra a ausência da universalidade do ensino dos bons espíritos sobre a questão. Esse duplo controle é basilar e obrigatório para a aceitação de qualquer novo conceito fundamental da doutrina espírita por Kardec. Enquanto isso não tenha ocorrido, será considerada simples opinião, quer tenha vindo de um homem, quer de um Espírito. Considera-se, portanto, que “Jesus, pois, teve, como todo mundo, um corpo carnal e um corpo fluídico”, além de todas as consequências derivadas desse fato para o entendimento da doutrina espírita. (N. do E.)



As predições
segundo o
Espiritismo

Teoria da presciência

1. Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se como lógica a previsão dos acontecimentos que sejam a consequência do estado presente, mas não dos que não haja nenhuma referência, e ainda menos os que se atribuem ao acaso. As coisas futuras, diz-se, não existem; elas estão ainda no nada. Como, então, saber que elas ocorrerão? Os exemplos de predições realizadas são, entretanto, bastante numerosos, o que nos leva a concluir que se trata de um fenômeno para cuja explicação não se tem a chave, porque não há efeito sem causa. Essa causa é que vamos tentar encontrar, e é ainda o Espiritismo, chave de tantos mistérios, que vai fornecê-la, e que, ainda mais, nos mostrará que o próprio fato das predições não foge das leis naturais.

Tomemos como comparação um exemplo entre as coisas comuns, que ajudará a fazer compreender o princípio que pretendemos desenvolver.

2. Suponhamos um homem colocado sobre uma alta montanha e observando a vasta extensão da planície. Nessa situação, o espaço de uma légua será pouca coisa, e ele poderá facilmente vislumbrar de uma só olhada todos os acidentes do terreno, desde o início até o fim da rota. O viajante que segue esse caminho pela primeira vez sabe que, andando, chegará ao destino; eis aí uma simples previsão da consequência de sua caminhada. Mas os acidentes do terreno, as subidas e as descidas, as ribeiras que atravessar, os bosques a cruzar e os precipícios onde possa cair, os ladrões postados para roubá-lo, as casas hospitaleiras onde poderá se repousar,

tudo isso é independente de sua pessoa: é para ele desconhecido, o futuro, porque sua visão não se estende além de um pequeno círculo que o envolve. Quanto à duração, ele a mede pelo tempo que leva a percorrer o caminho; tirai-lhe os pontos de referência e a duração se desvanece. Para o homem que está sobre a montanha e que segue vendo o viajante, tudo isso é o presente. Suponhamos que esse homem desça ao pé do viajante e lhe diga: “A tal momento ireis encontrar qual coisa, sereis atacado e socorrido”, ele estará lhe prevendo o futuro; o futuro fica para o viajante; para o homem da montanha, esse futuro é o presente²⁰⁰.

3. Se sairmos agora do círculo das coisas puramente materiais e se entrarmos, pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos esse fenômeno se produzir em uma escala maior. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha: para eles, o espaço e a duração desaparecem. Mas a extensão e a penetração de sua visão são proporcionais à sua pureza e à sua elevação na hierarquia espiritual. Eles são, relativamente aos Espíritos inferiores, como o homem provido de um poderoso telescópio, ao lado daqueles que dispõem apenas dos olhos. Entre esses últimos, a visão é circunscrita, não apenas porque dificilmente podem se distanciar do globo ao qual são vinculados, mas porque a imperfeição do seu perispírito veda as coisas distantes, como o faz um nevoeiro para os olhos do corpo.

Compreende-se, pois, que, conforme o grau de perfeição, um Espírito possa abarcar um período de alguns anos, de alguns séculos e até de diversos

200 Mesmer, diante dos fenômenos de presciência observados em suas experiências de sonambulismo provocado, criou a figura de um homem observando de uma elevação, que poderia ver os caminhos futuros de um barco numa ribeira: “Ele percebe num mesmo golpe de vista o espaço já percorrido pelo barco e aquele que ainda vai percorrer. (...) o homem, estando, pelo senso íntimo, em contato com toda a natureza, encontra-se sempre colocado de modo a sentir o encadeamento das causas e dos efeitos. Compreender-se-á que ver o passado não é outra coisa do que sentir a causa pelo efeito, e que prever o futuro é sentir o efeito pela causa”, qualquer distância que possamos supor entre a primeira causa e o último efeito (...) no Universo tudo está presente, e que o passado e o futuro são apenas diferentes relações das partes entre si”. (Franz Anton Mesmer, in *Mesmer, a ciência negada do magnetismo animal*, por Paulo Henrique de Figueiredo. 5. ed. São Paulo: Feal/Maat, 2019). Allan Kardec foi magnetizador e afirmou que a relação íntima das ciências espírita e do magnetismo animal permite considerá-las gêmeas, sendo que uma se explica pela outra (*Revista Espírita*, 1858). (N. do E.)

milhares de anos, porque o que é um século em presença do infinito? Os acontecimentos nunca se desenrolam sucessivamente ante ele, como os incidentes da rota do viajante: ele vê simultaneamente o início e o fim do período. Todos os acontecimentos que, nesse período, forem o futuro para o homem da Terra, serão para ele o presente. Então ele poderá nos dizer com firmeza que tal coisa acontecerá a tal época, porque ele vê essa coisa como o homem da montanha vê o que aguarda o viajante em seu caminho. Se não o faz é porque o conhecimento do futuro seria prejudicial ao homem, entravaria seu livre-arbítrio, paralisando-o no trabalho que deva cumprir para seu progresso. O bem e o mal que o aguarda, mantendo-se desconhecidos, são para ele a prova.

Se uma tal faculdade, mesmo restrita, pode estar entre os atributos da criatura, a que grau de poder não haverá de se elevar no Criador, que abrange o infinito? Para Ele, o tempo não existe: o começo e o fim dos mundos são o presente. Nesse imenso panorama, o que é a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

4. Entretanto, como o homem deve concorrer para o progresso geral, e certos acontecimentos devam resultar da sua cooperação, pode ser útil, em certos casos, que ele pressinta esses acontecimentos, a fim de preparar os caminhos e estar preparado para agir quando o momento chegar. É por isso que Deus permite por vezes que um pedaço do véu seja erguido, mas é sempre com um objetivo útil, e jamais para satisfazer uma vã curiosidade. Essa missão pode, pois, ser dada não a todos os Espíritos, uma vez que entre esses muitos não conhecem melhor o futuro do que os homens, mas a alguns Espíritos suficientemente adiantados para exercê-la. Ora, é de notar que tais tipos de revelação são sempre feitos espontaneamente, e jamais, ou muito raramente, em resposta a um pedido direito.
5. Essa missão pode igualmente ser confiada a certos homens, da seguinte maneira:

Aquele a quem é confiado o encargo de revelar uma coisa oculta pode receber, sobre esse fato, a inspiração dos Espíritos que sabem do que se trata e, então, ele a transmite maquinalmente, sem compreender o que faz. Sabe-se, por outro lado, que, seja durante o sono, seja no estado de vigília ou nos êxtases da dupla visão, a alma se libera e possui um grau maior ou menor de faculdades equivalentes às do Espírito livre. Se for um Espírito

avançado, se tiver, sobretudo, como os profetas, recebido uma especial missão com essa finalidade, ele frui, nos momentos de emancipação da alma, a faculdade de abranger, por ele próprio, um período mais ou menos extenso e vê como atuais os acontecimentos desse período. Pode, então, revelá-los ao mesmo instante ou conservá-los na memória até despertar²⁰¹. Se esses acontecimentos devem permanecer em segredo, ele perderá a lembrança ou só restará uma vaga intuição, o suficiente para guiá-lo instintivamente.

É assim que se vê essa faculdade se desenvolver providencialmente em certas ocasiões, nos perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e que a maior parte das seitas perseguidas tiveram numerosos *videntes*. É ainda assim que se vê grandes capitães marcharem resolutamente ao inimigo com a certeza da vitória; homens de gênio, como Cristóvão Colombo, por exemplo, perseguir um alvo prevendo, por assim dizer, o momento em que eles o atinjam. É que viram esse alvo que não é desconhecido para seu Espírito.

O dom de predição não é, pois, mais sobrenatural do que uma porção de outros fenômenos; repousa sobre a propriedade da alma e a lei da relação do mundo visível e do mundo invisível que o Espiritismo vem fazer conhecido. Mas como admitir a existência de um mundo invisível se não se admitir a alma, ou se não se admitir nenhuma individualidade após a morte? O incrédulo que nega a presciência é conseqüente com ele próprio; resta saber se é inconseqüente com a lei natural.

6. Essa teoria da presciência não resolve, talvez, de uma maneira absoluta, todos os casos que possam apresentar a revelação do futuro; não se pode, porém, desconvir que ela se coloca no princípio fundamental. Se não se pode tudo explicar, é pela dificuldade, para o homem, de se situar nesse ponto de vista extraterrestre. Por sua inferioridade, mesmo seu pensamento incessantemente restabelecido na senda da vida material, é frequentemente impotente a se desligar do Sol. De certo modo, certos homens são como jovens pássaros onde as asas, muito tênues, não lhes permitem elevar-se

201 No estado sonambúlico, por exemplo, o indivíduo pode descrever o que percebe fora do corpo no mesmo instante que isso ocorre, mas se for por meio do sono, o fará quando despertar, de memória. (N. do E.)

no ar ou como aqueles que a vista é bastante curta para ver ao longe ou, enfim, como aqueles que faltam de um sentido para certas percepções.

7. Para compreender as coisas espirituais, ou seja, para que se faça ideia precisa quanto a que fazemos de uma paisagem que estivesse sob nossos olhos, falta-nos verdadeiramente um sentido, exatamente como a um cego falta o sentido necessário para compreender os efeitos da luz, das cores e da visão sem o contato. É então somente pelo esforço de imaginação e com o auxílio de comparações tiradas nas coisas que nos sejam familiares que podemos chegar à essa compreensão. Entretanto, coisas materiais só podem dar ideias muito imperfeitas das coisas espirituais, razão pela qual não deveríamos tomar essas comparações ao pé da letra e crer, por exemplo, no caso em questão, sobre o alcance das faculdades perceptivas do Espírito dependerem de sua elevação efetiva e que eles tenham necessidade de estar sobre uma montanha ou acima das nuvens para abarcar o tempo e o espaço.

Essa faculdade é inerente ao estado de espiritualização ou, caso se preferir, de desmaterialização do Espírito. Isso significa que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, ainda que muito imperfeitamente, à visão do homem que está sobre a montanha. Essa comparação teve por finalidade mostrar simplesmente que esses acontecimentos para uns estando no futuro, estão no presente para outros, e podem assim serem preditos, o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira.

Portanto, para desfrutar dessa percepção, o Espírito não precisa ser transportado para nenhum ponto no espaço. Aquele que está na Terra, ao nosso lado, pode possuí-lo em toda a sua plenitude, como se estivesse a mil léguas de distância, enquanto não vemos nada além de nosso horizonte visual. Como a visão dos Espíritos não é produzida da mesma maneira nem com os mesmos elementos que os do homem, o horizonte visual destes é muito diferente. Agora, esse é precisamente o significado que nos falta para podermos concebê-lo. *O Espírito, comparado ao encarnado, é como o vidente comparado ao cego.*

8. Além disso, devemos considerar que essa percepção não se limita à extensão, mas abrange a penetração de todas as coisas. É, reiteramos, uma faculdade inerente e proporcional ao estado de desmaterialização. A encarnação a *amortece*, sem cancelá-la completamente, porque a alma não está

trancada no corpo como em uma caixa. O encarnado o possui, embora sempre em menor grau do que quando está completamente desligado. É isso que dá a certos homens um poder de penetração que os outros não têm; uma maior acuidade da visão moral; uma compreensão mais fácil das coisas extramateriais.

O Espírito não apenas percebe, mas também preserva a memória do que viu no estado de Espírito livre, e essa memória é como uma figura que reflete em seu pensamento. Durante a encarnação, o Espírito vê, ainda que vagamente, como através de um véu. No estado de liberdade, vê e compreende claramente. *O princípio da visão não é externo a ele, mas está nele.* É por isso que ele não precisa da nossa luz externa. Por causa do efeito do desenvolvimento moral, o círculo de ideias e concepções se expande. Por efeito da desmaterialização gradual do perispírito, é purificado dos elementos densos que alteraram a delicadeza das percepções. Dessa forma, é fácil entender que a expansão de todas as faculdades resulta do progresso do Espírito.

9. É o grau de amplitude das faculdades do Espírito que na encarnação o torna mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Todavia, essa aptidão não é a consequência necessária do desenvolvimento da inteligência. A ciência comum não a dá. É por isso que se veem homens de um grande saber que são cegos para as coisas espirituais, como outros o são para as coisas materiais. Eles são refratários a elas, porque não as compreendem. Isso tem a ver com seu progresso, *ainda* pouco desenvolvido nesse sentido, ao passo que se vê pessoas de uma instrução e de uma inteligência comuns compreendê-los com maior facilidade, o que prova que eles tinham a intuição prévia. É, entre eles, uma lembrança retrospectiva do que viram e souberam, quer na erraticidade, quer em suas existências anteriores, como outros têm a intuição das línguas e das Ciências que possuíram.
10. A faculdade de mudar seu ponto de vista e de tomá-lo do alto não dá somente a solução do problema da presciência; dá também a chave da verdadeira fé, da fé sólida; é também o mais poderoso elemento de força e resignação, porque, então, a vida terrestre, aparecendo como um ponto na imensidão, compreende-se o pouco valor das coisas que, vistas de baixo, parecem tão importantes. Os incidentes, as misérias, as vaidades da vida se

reduzem à medida que se desenvolve o imenso e esplendoroso horizonte do futuro. Aquele que vê assim as coisas desse mundo fica muito pouco ou nada atingido pelas vicissitudes e, por isso mesmo, ele é tão feliz quanto possa ser aqui na Terra. É preciso, pois, lamentar os que concentraram seus pensamentos na estreita esfera terrestre, porque experimentam, com toda a sua força, o impacto de todas as atribulações, que, como outros tantos aguilhões, os atormentam sem cessar²⁰².

11. Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espíritos, como se sabe, são unânimes em afirmar o triunfo próximo, apesar dos entraves que se lhe opõem. Essa previsão se lhes é fácil, a princípio, porque sua propagação é obra pessoal deles; concorrendo ao movimento ou dirigindo-o, eles sabem, por consequência, o que devem fazer. Em segundo lugar, basta-lhes abranger um período de curta duração e, nesse período, eles veem ao longo do caminho os poderosos auxiliares que Deus lhe suscita e que não tardarão a se manifestar.

Sem serem Espíritos desencarnados, que os *Espíritas* se transportem, apenas há trinta anos à frente, no meio da geração que surge; que dali considerem o que se passa atualmente; que acompanhem seu desenvolvimento e verão se consumir, em esforços vãos, aqueles que se creem destinados a derrotá-lo; verão como esses desaparecerão, pouco a pouco, da cena, ao lado da árvore que cresce e estende suas raízes cada dia mais.

12. Os acontecimentos comuns da vida privada são, na maioria das vezes, a consequência da maneira de proceder de cada um. Este será bem-sucedido segundo suas capacidades, sua habilidade, sua perseverança, sua prudência e sua energia, no qual outro fracassará por sua incapacidade; de modo que se pode dizer que cada um é o artífice do próprio futuro e que não estará,

202 Para os Espíritos imperfeitos, neste ou no outro mundo, em virtude do sofrimento moral inerente à sua condição, o tempo parece devagar, e à sua frente as eternidades se estendem sem que possa deslumbrar um fim. Já o Espírito em progresso sente-se feliz observando o desenrolar de suas conquistas, dia a dia. Segundo essa teoria moral espírita apresentada por Allan Kardec, Deus dá aos Espíritos, além da liberdade plena, a medida natural das consequências de suas leis universais e imutáveis, em virtude das escolhas, permitindo uma evolução intelectual e moral autônomas, independentemente de recompensas ou castigos contingenciais, como falsamente imaginam as doutrinas religiosas ancestrais. (N. do E.)

jamais, sujeito a uma cega fatalidade, independentemente da sua pessoa. Conhecendo o caráter de um indivíduo, pode-se facilmente predizer a sorte que o aguarda, no caminho que haja escolhido.

13. Os acontecimentos que dizem respeito aos interesses gerais da humanidade são regrados pela Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela deve cumprir-se, seja de uma maneira, seja de outra, apesar de tudo. Os homens contribuem para sua execução, mas ninguém é indispensável, pois, do contrário, Deus, ele mesmo, estaria à mercê de suas criaturas. Se aquele incumbido de executar uma missão falhar, um outro dela se encarregará. Não há nenhuma missão fatal; o homem está sempre livre para cumprir o que lhe foi confiado e voluntariamente aceito; se não o faz, perde o benefício que adviriam dela e assume a responsabilidade pelo retardo que possa ocorrer, devido a sua negligência ou má vontade; se ele se torna um obstáculo a seu acontecimento, Deus pode afastá-lo com um sopro.
14. O resultado final de um acontecimento pode, pois, ser certo, já que está nos desígnios de Deus. Mas, como frequentemente, os detalhes e o modo de execução são subordinados às circunstâncias e ao livre-arbítrio dos homens; os caminhos e os meios podem ser eventuais. Os Espíritos podem nos alertar sobre o conjunto, se for útil que sejamos prevenidos. Mas para precisar o lugar e a data, eles deveriam conhecer previamente a decisão que tal ou qual indivíduo tomará. Ora, se essa decisão não está ainda em seu pensamento, conforme seja, ele pode acelerar ou retardar o desfecho, modificar os meios secundários de ação, tudo o que convirja para um mesmo resultado. É assim, por exemplo, que os Espíritos podem, pelo conjunto das circunstâncias, prever que uma guerra esteja mais ou menos próxima, que seja inevitável, sem que possam prever o dia em que começará nem os incidentes de minúcias que podem ser modificados pela vontade dos homens.
15. Para a fixação da época dos acontecimentos futuros, é preciso, por outro lado, levar em conta uma circunstância inerente à própria natureza dos Espíritos.

O tempo, tal como o espaço, só pode ser avaliado com a ajuda de pontos de comparação ou de referência que os dividam em períodos que se possam contar. Sobre a Terra, a divisão natural do tempo em dias e em

anos está marcada pelo nascer e pôr do Sol e pela duração do movimento de translação da Terra. A subdivisão do dia em 24 horas é arbitrária; ela é indicada com o auxílio de instrumentos tais como ampulhetas, clepsidras, relógios, quadrantes solares, etc. As unidades de medida do tempo devem variar conforme os mundos, já que os períodos astronômicos são diferentes. É assim, por exemplo, que, em Júpiter, os dias equivalem a dez das nossas horas e os anos por volta de 12 anos terrestres.

Existe, pois, para cada mundo uma maneira diferente de medir a duração do tempo, segundo a natureza das revoluções astrais que aí se realizam. Isso já seria uma dificuldade para a determinação de nossas datas por Espíritos que não conheçam nosso mundo. Mas, fora dos mundos, esses meios de apreciação não existem. Para um Espírito, no espaço, não existe nem nascer nem pôr do Sol marcando os dias, nem revolução periódica marcando os anos. Só existe para ele a duração e o espaço infinitos (cap. VI, item 1 e seguintes). Aquele, pois, que jamais veio à Terra, não terá nenhum conhecimento de nossos cálculos, que, de resto, ser-lhe-iam completamente inúteis; e tem mais: aquele que nunca tenha encarnado em algum mundo não terá nenhuma noção das frações da duração de tempo. Quando um Espírito estranho à Terra vem aqui se manifestar, ele só pode assinalar datas de eventos que se identificam com nossos usos, o que está, sem dúvida, em seu poder, mas o que muitas vezes ele não julga útil fazê-lo.

16. O modo de contar a duração do tempo é uma convenção arbitrária feita entre os encarnados, pela necessidade da vida corpórea de relação. Para medir a duração como nós, os Espíritos só poderiam fazê-lo com o auxílio de nossos instrumentos de precisão, que não existem na vida espiritual.

Entretanto, os Espíritos que compõem a população invisível do nosso globo, onde eles já viveram e continuam vivendo em nosso meio, estão naturalmente identificados com nossos hábitos, dos quais guardam a lembrança, em erradicidade. Têm, pois, menos dificuldade que os outros para verem pelo nosso ponto de vista, o que concerne aos usos terrestres. Na Grécia, eles calculam pelas olimpíadas; em outros lugares, por períodos lunares ou solares, conforme os tempos e os locais. Poderiam, por consequência, mais facilmente assinalar uma data para os acontecimentos futuros, desde que a conheçam; mas, por outro lado, que não lhes é sempre permitido, e eles ficam impedidos, por essa razão, já que todas as vezes

as circunstâncias dos pormenores estão subordinadas ao livre-arbítrio e à decisão eventual do homem. A data precisa realmente só existe quando o acontecimento ocorrer.

Eis por que as predições circunstanciais não podem oferecer certeza e não devem ser aceitas senão como probabilidades, mesmo no caso em que não tragam consigo um carimbo de *legítima suspeita*. Dessa forma, os Espíritos sábios nunca predizem nada em épocas fixas; eles se limitam a nos prevenir sobre a sequência dos fatos que nos sejam úteis conhecer. Insistir por pormenores precisos é expor-se às mistificações dos Espíritos levianos, que predizem tudo o que se queira, sem se preocupar com a verdade, e se divertem com os pavores e as decepções que eles causam.

As predições que oferecem maior probabilidade são as que têm um caráter de utilidade geral e humanitária; não se deve considerar as outras, senão quando se realizam. Pode-se, conforme as circunstâncias, aceitá-las a título de advertência, mas será imprudência agir prematuramente, em vista de sua realização num dia fixo. Pode-se ter por certo que, quanto mais detalhadas, mais são suspeitas.

17. A forma geralmente empregada até aqui pelas predições constitui-se em verdadeiros enigmas, frequentemente indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística da qual Nostradamus nos oferece o exemplo mais completo dá-lhe certo prestígio aos olhos do homem comum, que lhe atribui tanto mais valor quanto mais sejam incompreensíveis. Por sua ambiguidade, elas se prestam a interpretações muito distintas, de tal modo que, conforme o sentido atribuído a certas palavras alegóricas ou de convenção, a maneira de efetuar o cálculo bizarramente complicado das datas, e com um pouco de boa vontade, encontra-se nelas, mais ou menos, tudo o que se queira.

Seja como for, não se pode desconsiderar que algumas têm um caráter sério e confundem pela sua veracidade. É provável que essa forma velada tenha tido, em determinada época, sua razão de ser e até sua necessidade.

Atualmente, as circunstâncias não são mais as mesmas; a positividade do século não se ajustaria à linguagem mística. Assim, as predições de nossos dias não comportam mais essas formas estranhas; as que são feitas pelos Espíritos nada têm de místicas; falam a linguagem de todo mundo como se o teriam feito em vida, porque não cessaram de pertencer

à humanidade: eles nos previnem sobre as coisas futuras, pessoais ou gerais, tanto quanto possam ser úteis, na medida da perspicácia de que sejam dotados, como o fariam conselheiros ou amigos. Suas previsões são mais advertências que não ferem o livre-arbítrio do que predições propriamente ditas, que implicariam numa fatalidade absoluta. Sua opinião é, entre outras, quase sempre justificada, porque não querem que o homem anule sua razão sob uma fé cega, o que permite apreciar a justeza do que dizem.

18. A humanidade contemporânea tem também seus profetas; mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo pressentiu, em seus escritos, a marcha futura dos acontecimentos que se veem realizar atualmente.

Essa aptidão tem, frequentemente, sem dúvida, a retidão do julgamento que deduz as consequências lógicas do presente. Mas, frequentemente também, ela é o resultado de uma clarividência especial, inconsciente, ou de uma inspiração externa. O que os homens fizeram em vida, podem fazê-lo com mais forte razão e maior exatidão no estado de Espíritos quando sua visão espiritual não fica obscurecida pela matéria.

CAPÍTULO XVII

Predições do Evangelho

Ninguém é profeta em seu país – Morte e paixão de Jesus – Perseguição dos apóstolos – Cidades impenitentes – Ruína do templo e de Jerusalém – Maldição aos fariseus – Minhas palavras nunca passarão – A pedra angular – Parábola dos vinhateiros homicidas – Um só rebanho e um só pastor – Vinda de Elias Anúncio do Consolador – Segunda chegada do Cristo – Sinais precursores – Vossos filhos e vossas filhas profetizarão – Juízo final

NINGUÉM É PROFETA EM SEU PAÍS

1. *E chegando a sua terra, ele os instruía em suas sinagogas de modo que, tomados de espanto, eles diziam: De onde veio para ele essa sabedoria e esses milagres? Não é ele o filho desse carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria? E seus irmãos Jacó, José, Simão e Judas? E suas irmãs não estão elas entre nós? De onde vê, pois, a ele todas essas coisas? E assim tornavam-no um motivo de escândalo. Mas Jesus lhes disse: Um profeta só é sem honra em sua terra e na sua casa. E não fez lá muitos milagres por causa da incredulidade deles. (Mateus 12,54-58)*
2. Jesus enunciou aí uma verdade transformada em provérbio que vale por todos os tempos e à qual se poderia dar mais extensão dizendo-se que *ninguém é profeta enquanto vivo.*

Na linguagem atual, essa máxima é entendida como o pouco crédito do qual um homem goza entre os seus e aqueles no meio dos quais vive; da pouca confiança que lhes inspira, pela superioridade do saber e da inteligência. Se há exceções, são raras e, em todos os casos, nunca são absolutas. O princípio dessa verdade é uma consequência natural da fraqueza humana e pode-se explicar assim:

O hábito de se verem desde a infância, nas circunstâncias vulgares da vida, estabelece entre os homens uma forma de igualdade material, que faz

com que frequentemente se recuse a reconhecer uma superioridade moral, naquele do qual se tem sido o companheiro ou o comensal, que saiu do mesmo meio e do qual se viu as primeiras fraquezas. O orgulho sofre pela ascendência que ele é obrigado a aguentar. Quem quer que se eleve acima do nível comum está sempre na mira do ciúme e da inveja; os que se sentem incapazes de alcançar sua altura esforçam-se de rebaixá-lo, pelo denegrir, pela maledicência e pela calúnia; gritam tanto mais forte quanto se vejam menores, creem-se engrandecer e ofuscar o outro pelo barulho que fazem. Tal foi e tal será a história da humanidade, enquanto os homens não compreenderem sua natureza espiritual e não ampliem seu horizonte moral; também esse julgamento é próprio dos Espíritos mesquinhos e vulgares, que atribuem tudo à sua personalidade.

Por outro lado, faz-se geralmente dos homens que se conhece apenas pelo seu Espírito um ideal que aumenta com o passar dos tempos e dos lugares. Despojam-nos quase da humanidade; parece que não devem nem falar nem sentir, como todo mundo, que sua linguagem e seus pensamentos devem estar constantemente no diapásão da sublimidade, sem imaginar que o Espírito não poderia estar incessantemente tenso e num estado perpétuo de superexcitação. No contato diário da vida privada, vê-se muito o homem material, que em nada se distingue do vulgar. O homem corpóreo, levado pelos sentidos, quase anula o homem espiritual, que só impressiona o Espírito; *de longe, só se vê os clarões do gênio; de perto se vê as limitações do Espírito.*

Depois da morte, não pode haver mais comparação, só subsiste o homem espiritual, e parece tanto maior quanto a lembrança do homem corpóreo esteja mais distante. Eis por que os homens que marcaram sua passagem sobre a Terra, com obras de um real valor, são mais apreciados após sua morte do que quando vivos. São julgados com mais imparcialidade, porque os invejosos e os ciumentos desapareceram; os antagonismos pessoais não existem mais. A posteridade é um juiz desinteressado, que aprecia a obra do Espírito, aceita-a sem entusiasmo cego se for boa, rejeita-a sem rancor se for má, abstração feita da individualidade que a produziu.

Jesus podia escapar das consequências desse princípio inerente à natureza humana, já que vivia num meio pouco esclarecido e entre homens

inteiramente mergulhados na vida material. Seus compatriotas só viam nele o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto eles e indagavam o que o poderia tornar superior a eles e lhes dar o direito de censurá-los. Por isso, quando Jesus comprovou que sua palavra tinha menos crédito entre os seus, que o desprezavam, do que para os estranhos ele foi pregar entre os que o escutavam, e no meio onde encontrava simpatia.

Pode-se fazer uma ideia de quais sentimentos seus parentes nutriam e, relação a Jesus, pelo fato, que seus próprios irmãos acompanhados de sua mãe, vieram em uma reunião onde ele se encontrava, para levá-lo dizendo que ele tinha *perdido o juízo*. (Marcos 3,20-21, 31-35 – *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XIV)

Assim, por um lado, os sacerdotes e os fariseus acusavam Jesus de agir pelo demônio; pelo outro, ele era tachado de louco pelos seus parentes mais próximos. Não é dessa forma que agem, atualmente, em relação aos *Espíritos*? E estes devem se lamentar de não serem mais bem tratados pelos seus concidadãos do que foi Jesus? O que não tinha nada de espantoso há 2 mil anos, entre um povo ignorante, é mais estranho no século 19, entre as nações civilizadas.

MORTE E PAIXÃO DE JESUS

3. (Após a cura do lunático) *Todos ficaram admirados do grande poder de Deus. E quando todos estavam admirados do que fazia Jesus, ele disse a seus discípulos: Colocai bem no vosso coração o que vou vos dizer: o Filho do homem deve ser entregue nas mãos dos homens. Mas eles nunca entendiam essa linguagem; era-lhes de tal forma oculta que não a compreendiam e temiam interrogá-lo sobre esse assunto.* (Lucas 9,44-45)
4. *Desde então, Jesus começou a revelar a seus discípulos que seria necessário que ele fosse a Jerusalém; e aí sofreria muito da parte dos senadores, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que seria posto à morte e que ressuscitaria no terceiro dia.* (Mateus 16,21)
5. *Logo que chegou à Galileia, Jesus lhes disse: O Filho do homem deve ser entregue nas mãos dos homens; e eles o farão morrer; e ele ressuscitará no terceiro dia; o que os affligiu extremamente.* (Mateus 17,21-22)

6. *Ora, Jesus, indo a Jerusalém, chamou à parte seus 12 discípulos e lhes disse: Nós vamos a Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas que o condenarão à morte; e o liberarão aos gentios a fim de que eles o tratem com escárnio, o chicoteiem e o crucifiquem; e ele ressuscitará ao terceiro dia. (Mateus 20,17-19)*
7. *Em seguida, Jesus, chamando à parte os 12 apóstolos, lhes disse: Eis que vamos a Jerusalém e tudo aquilo que foi escrito pelos profetas no tocante ao Filho do homem vai ser cumprido, porque ele será entregue aos gentios, zombar-se-á dele, chicoteá-lo-ão e escarrarão no seu rosto. E, após o quê, ele será chicoteado e o farão morrer, e ele ressuscitará no terceiro dia.*
Mas eles não compreenderam nada de tudo isso. Essa linguagem era-lhes velada, e eles não entenderam absolutamente nada do que ele lhes dizia. (Lucas, 18,31-34)
8. *Jesus, tendo terminado todos os seus discursos, disse a seus discípulos: Vocês sabem que a Páscoa se fará em dois dias e que o Filho do homem será entregue para ser crucificado.*
Ao mesmo tempo, o príncipe dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no pátio do grande sacerdote chamado Caifás, e tomarão conselho entre eles, para encontrar um meio de se apoderarem habilmente de Jesus e de fazê-lo morrer. E eles disseram: É preciso apenas que não seja durante a festa, para que não se provoque qualquer tumulto entre o povo. (Mateus 26,1-5)
9. *No mesmo dia, alguns fariseus vieram lhe dizer: Vai-te, saia desse lugar, porque Herodes quer te matar. Ele respondeu-lhes: Vá dizer a essa raposa: Tenho ainda que expulsar os demônios e restituir a saúde aos doentes hoje e amanhã, e no terceiro dia serei consumado por minha morte. (Lucas 13,31-32)*

PERSEGUIÇÃO DOS APÓSTOLOS

10. *Guardai-vos dos homens, porque eles vos farão comparecer nas suas assembleias e eles vos chicotearão nas suas sinagogas; vós sereis levados, por minha causa, aos governantes e aos reis, para lhes dar testemunho, bem como as nações. (Mateus 10,17-18)*
11. *Eles vos expulsarão da sinagoga; e tempo virá no qual aquele que vos fará morrer crerá estar fazendo uma coisa agradável a Deus. Eles vos tratarão dessa*

maneira, porque não conhecem nem meu Pai nem a mim. Ora, eu vos digo essas coisas a fim de que, quando o tempo vier, vós vos lembrareis do que eu vos disse. (João 16,1-4)

12. *Sereis traídos e entregues aos magistrados pelos vossos pais e vossas mães, pelos vossos irmãos, pelos vossos parentes, pelos vossos amigos, e se fará morrer vários entre vós; e sereis odiados por todo mundo por causa de meu nome. Entretanto, não se perderá um cabelo de vossa cabeça. É por vossa paciência que possuireis vossas almas. (Lucas 21,16-19)*
13. *(Martírio de São Pedro). Em verdade, em verdade, eu vos digo, quando éreis mais moços, vós vos cingíeis a vós mesmos e teís aonde queríeis; mas quando fordes velho, estendereis vossa mão e outro vos cingirá, e conduzirá para onde não desejareis. – Ora, ele dizia isso para frisar com que tipo de morte Pedro deveria glorificar Deus. (João 21,18-19)*

CIDADES IMPENITENTES

14. *Então ele começou a fazer reprovações às cidades nas quais tinha feito muitos milagres, por não terem se arrependido.*

Ai de ti, Corozaim, ai a ti Betsaida, porque, se os milagres que acontecerem no meio de vós tivessem sido feitos em Tiro e em Sidon, há longo tempo eles teriam feito penitência, vestindo-se com sacos e cobrindo-se com cinza. É por isso que vos declaro que no dia do julgamento Tiro e Sidon serão tratadas menos rigorosamente que vós.

E tu, Cafarnaum, elevar-te-ás sempre até o céu. Tu serás aviltada até o fim do inferno, porque se os milagres que foram feitos no teu meio tivessem sido feitos em Sodoma, ela subsistiria talvez ainda hoje. É por isso que te declaro que, no dia do julgamento, a cidade de Sodoma será tratada menos rigorosamente do que tu. (Mateus 11,20-24)

RUÍNA DO TEMPLO E DE JERUSALÉM

15. *Quando Jesus saiu do templo para ir embora, seus discípulos se aproximaram dele para lhe fazerem notar a estrutura e a grandeza desse edifício. Mas ele lhes*

disse: Vede vós todas essas edificações? Eu vos digo em verdade, elas serão a tal ponto destruídas que não restará pedra sobre pedra. (Mateus 24,1-2)

16. *Chegando, em seguida, próximo a Jerusalém e contemplando a cidade, ele chorou sobre ela dizendo: Ah! Se tu reconhecesses, ao menos nesse dia que ainda te é dado, aquele que pode te proporcionar a paz! Mas agora tudo isso está fechado aos teus olhos. Também virá um tempo infeliz para ti, onde teus inimigos envolver-te-ão de trincheiras, onde te encerrarão e te confinarão de todas as partes; eles te abaterão por terra, tu e teus filhos que estão em teu meio e não deixarão pedra sobre pedra, porque tu não reconheceste o tempo em que Deus te visitou. (Lucas 19,41-44)*

17. *Entretanto, é preciso que eu continue a caminhar, hoje e amanhã, e o dia seguinte, porque não é possível que um profeta sofra a morte, a não ser em Jerusalém.*

Jerusalém, Jerusalém que matas os profetas e que apedrejas aqueles que são enviados por ti, quantas vezes quis reunir teus filhos como uma galinha reúne seus pintos sob suas asas e tu não o quiseste. O tempo se aproxima em que vossa casa permanecerá deserta. Ora, eu vos digo, em verdade, que vós não me vereis doravante senão até que me digais: Bendito seja aquele que venha em nome do Senhor. (Lucas 13,33-35)

18. *Quando virdes um exército cercando Jerusalém, sabeis que sua desolação está próxima. Então, aqueles que estiverem na Judeia desapareçam para as montanhas; aqueles que se encontrem dentro dela retirem-se e os que estiverem nos arredores não entrem nela jamais. Porque serão, então, os dias da vingança; a fim de que tudo o que está na escritura seja cumprido. Infelizes daquelas que estiverem grávidas ou nutrizas em seus dias, porque esta terra será abatida pelo mal, e a cólera do céu cairá sobre este povo. Eles passarão pelo fio da espada; serão levados cativos para todas as nações, e Jerusalém será esmigalhada aos pés dos gentios até que o tempo das nações seja cumprido. (Lucas 21,20-24)*

19. *(Jesus caminhando para o suplício) Ora, ele estava seguido de uma grande multidão de pessoas e de mulheres que se batiam no peito e que choravam. Mas Jesus, voltando-se, lhes disse: Filhas de Jerusalém, nunca chorais por mim, mas chorais por vós mesmas e por vossos filhos, porque virá um tempo em que se dirá: felizes as estéreis e as entranhas que nunca portaram filhos e os seios que não tenham nunca nutrido. Começarão, então, a dizer às montanhas: Cai sobre nós! E às colinas: Cobri-nos! Porque se eles tratam dessa forma o lenho verde, como o lenho seco será tratado? (Lucas 23,27-31)*

20. A faculdade de pressentir as coisas futuras é um atributo da alma e se explica pela teoria da presciência. Jesus a possuía, como todas as outras, em um grau elevado. Ele pôde, pois, prever os acontecimentos que sucederam à sua morte sem que aí houvesse algo de sobrenatural, pois os vemos acontecerem sob nossos olhos, nas condições mais comuns. Não é raro que os indivíduos anunciem com precisão o instante de sua morte. É que sua alma no estado de liberação é como o homem da montanha (cap. XIV, item 1); ela abrange a rota a percorrer e visualiza o fim.

Devia ser um tanto mais natural em Jesus que, tendo a consciência da missão que viera cumprir, sabia que a morte pelo suplício seria uma consequência necessária. A visão espiritual, que era permanente dentro dele, assim como a penetração do pensamento, devia lhe mostrar as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão, podia prever a ruína do Templo, a de Jerusalém, as desgraças que iriam ferir seus habitantes e a dispersão dos judeus.

21. A incredulidade que não admite a vida espiritual independente da matéria não pode compreender a presciência e, portanto, a nega, atribuindo ao acaso os fatos autênticos que ocorrem diante de seus olhos. Deve-se notar que a descrença retrocede antes do exame dos fenômenos psíquicos que ocorrem em toda parte, sem dúvida por medo de que nesses fenômenos a alma surja e lhe desminta.

MALDIÇÃO AOS FARISEUS

22. (João Batista). *Vendo vários fariseus e saduceus que vinham a seu batismo, ele lhes disse: Raça de víboras, quem vos ensinou a escapar da cólera que deve cair sobre vós? Fazeis, pois, dignos frutos de penitência; e não penseis dizer a vós mesmos: Nós temos Abraão por Pai, porque eu vos declaro que Deus pode fazer nascer dessas pedras, mesmo, filhos de Abraão; porque o machado já está posto à raiz das árvores. Toda árvore, pois, que nunca produzir bons frutos será golpeada e lançada ao fogo. (Mateus 3,7-10)*
23. *Infelizes de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque fechais aos homens o reino dos céus; porque vós mesmos nunca lá entrareis e vos opondes ainda àqueles que lá desejam entrar!*

Infelizes de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque, sob pretexto de vossas longas preces, devorais as casas das viúvas. É por esse motivo que recebereis um julgamento mais rigoroso!

Infelizes de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque percorreis mares e terras para fazer um prosélito e que, depois de o obter, vós o tornai dignos do inferno, duas vezes mais que vós.

Infelizes de vós, condutores cegos que dizeis: se um homem jura pelo templo, isso não é nada; mas aquele que jura pelo ouro do templo, está obrigado ao seu juramento! Insensatos e cegos que sois! A quem se deve mais estimar, ou o ouro ou o templo que santifica o ouro? E se um homem, direis vós, jura pelo altar, não é nada, mas aquele que jura pelo dom que está sobre o altar é obrigado ao seu juramento. Cegos que vós sois! A que se deve mais estimar, ao dom ou ao altar que santifica o dom? Aquele, pois, que jura pelo altar e por tudo o que esteja por cima; e quem jura pelo templo, jura pelo tempo e pelo que aí habite; e aquele que jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que aí esteja sentado.

Infelizes de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo do hortelã, do funcho e do cominho e que tendes abandonado o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé! Estão aí as coisas que é preciso praticar, contudo omitir as outras. Condutores cegos, que tendes grande solicitude em examinar o que bebeis, de medo de sorver um mosquito e que, no entanto, engolis um camelo!

Infelizes de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque limpai por fora do copo e do prato e estais no interior cheios de rapina e de impureza! Fariseus cegos! Limpai primeiramente dentro do copo e do prato, a fim de que o exterior esteja limpo também.

Infelizes de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pareceis com sepulcros caiados que, por fora, parecem belos aos olhos dos homens, mas que no interior estão cheios de ossadas de mortos e de toda a sorte de putrefações! Assim, externamente pareceis justos, mas no íntimo estais cheios de hipocrisias e de iniquidades.

Infelizes de vós, escribas e fariseus, que construís túmulos aos profetas e ornai os monumentos dos justos, e que dizeis: Se fôssemos do tempo dos nossos pais, não teríamos nos associado a eles para derramar o sangue dos profetas! Acabai, pois, também de encher a medida de vossos pais. Serpentes, raças de víboras, como podeis evitar de serem condenados ao inferno? É por isso que vos enviarei

profetas, sábios e escribas e matareis uns, crucificareis outros, chicoteareis outros mais em vossa sinagoga e os perseguireis de cidade em cidade, a fim de que todo sangue inocente que se espalhou sobre a Terra recaia sobre vós, desde o sangue de Abel o justo até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o templo e o altar! Digo-vos em verdade, tudo isto virá recair sobre esta raça que existe atualmente. (Mateus 23,13-36)

MINHAS PALAVRAS NUNCA PASSARÃO

24. *Então, seus discípulos, aproximando-se, disseram-lhe: Sabeis bem que os fariseus, tendo entendido o que dissestes, ficaram escandalizados? Mas ele respondeu: Toda planta que meu pai celeste nunca tenha plantado será arrancada. Deixai-os; são cegos que conduzem cegos; se um cego conduz outro, eles cairão, os dois, na fossa. (Mateus 15,12-14)*
25. *O céu e a terra passarão, mas minhas palavras nunca passarão. (Mateus 24,35)*
26. As palavras de Jesus nunca passarão, porque elas serão verdadeiras em todos os tempos. Seu código moral será eterno, porque contém os caracteres do bem que leva o homem ao seu destino eterno. No entanto, suas palavras chegam a nós puras, livres de todas as misturas e falsas interpretações? Todas as seitas cristãs têm compreendido seu espírito? Haverá algum deles distorcido seu verdadeiro significado, como resultado do preconceito e da ignorância das leis da natureza? Haverá algum que se torne um instrumento de dominação para servir a ambições e interesses materiais, em uma escada para ascender na Terra, e não para subir ao céu? Eles adotaram, todos eles, como regra de conduta, a prática das virtudes que ele apresentou como uma condição expressa para a salvação? Todos eles estarão isentos das repreensões que ele dirigiu aos fariseus de seu tempo? Finalmente, todos eles, tanto na teoria como na prática, serão a pura expressão de sua doutrina?

A verdade, sendo uma, não pode estar em afirmações contrárias e Jesus não poderia querer dar duplo sentido às palavras. Se, pois, as diferentes seitas se contradiziam, se umas consideravam como verdade o que outras condenavam como heresia, é impossível que estejam todas elas com a

verdade. Se todas tivessem tomado o sentido verdadeiro do ensinamento evangélico, elas iriam se encontrar sobre o mesmo terreno e não haveria tido seitas.

O que *não passará* é o sentido verdadeiro das palavras de Jesus; o que *passará* é o que os homens construíram sobre o falso sentido que deram às suas palavras.

Jesus, tendo a missão de trazer aos homens o pensamento de Deus, sua doutrina pura pode ser somente a expressão desse pensamento. É por isso que ele disse: *Toda planta que meu pai celeste nunca plantou será arrancada.*

A PEDRA ANGULAR

27. *Não tendes jamais lido essa palavra nas escrituras: a pedra que foi rejeitada pelos que edificaram é transformada na principal pedra angular? É o que o Senhor fez e nossos olhos o veem com admiração. É por isso que vos declaro que o reino de Deus vos será tirado e será dado a um povo onde produzirá frutos. Aquele que se deixar cair sobre essa pedra se quebrará, e ela esmagará aquele sobre o qual cairá.*

Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, tendo entendido essas palavras de Jesus, concluíram que era deles que ele falava; e querendo se apoderar dele, temera o povo, porque eles o olhavam como um profeta. (Mateus 21,42-46)

28. A palavra de Jesus se tornou a pedra angular. Isso quer dizer a pedra de consolidação do novo edifício da fé, elevado sobre as ruínas do passado. Os juízes, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, tendo rejeitado essa palavra, as palavras de Jesus os esmagou como esmagará aqueles que, a partir de então, a desprezarem ou desfigurarem o seu sentido, em benefício de sua ambição.

PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS

29. *Havia um pai de família que, tendo plantado uma vinha, fechou-a com uma cerca viva; e escavando a terra ele aí edificou uma torre; depois, tendo-a alugado a vinhateiros, ele se foi para um país distante.*

Ora, o tempo das frutas estando próximo, ele enviou seus servidores aos vinhateiros para recolher os frutos de sua vinha. Mas os vinhateiros, tendo capturado os servidores, agrediram um, mataram outro e lapidaram um terceiro. Ele lhe enviou ainda outros servidores, em maior número que os primeiros, e foram tratados da mesma forma. Enfim, enviou-lhe o próprio filho, dizendo para si mesmo: Terão algum respeito pelo meu filho. Mas os vinhateiros, vendo o filho, disseram entre eles: Eis o herdeiro: vinde, matemo-lo e seremos senhores de sua herdade. Assim, tendo-se apoderado dele, lançaram-no fora da vinha e mataram-no.

Quando, pois, o senhor da vinha vier, como tratará os vinhateiros? Responderam-lhe: Fará perecer miseravelmente esses perigosos e arrendará sua vinha a outros vinhateiros que lhe entregarão os frutos na estação. (Mateus, cap. XXI, v. 33 a 41)

- 30.** O pai de família é Deus; a vinha que plantou é a lei que ele estabeleceu; os vinhateiros aos quais arrendou sua vinha são os homens que devem ensinar e praticar sua lei; os servidores que enviou até eles são os profetas que eles mataram; seu filho que ele enviou é Jesus, que eles mataram do mesmo jeito. Como, pois, o Senhor tratará seus mandatários prevaricadores de sua lei? Ele os tratará como foram tratados seus enviados, e chamará outros que lhe prestem melhor conta de seus bens e da condução de seu rebanho.

Assim ocorreu com os escribas, com os príncipes dos sacerdotes e os fariseus. Assim será quando ele vier pedir contas a cada um do que tenha feito de sua doutrina; tirará a autoridade de quem dela tiver abusado, porque quer que seu campo seja administrado conforme sua vontade.

Após 18 séculos a humanidade, chegada à idade viril, está madura para compreender o que Cristo não aprofundou, porque, como ele próprio dizia, não o teriam compreendido. Ora, a qual resultado chegaram os que, durante esse longo período, têm sido encarregados da educação religiosa? Em ver a indiferença suceder à fé e a incredulidade se erigir como doutrina. Em nenhuma outra época, de fato, o cepticismo e o espírito de negação foram tão disseminados em todas as classes da sociedade.

Mas se algumas das palavras estão encobertas sob as alegorias no que concerne à regra de conduta, as relações homem a homem, quanto aos princípios morais dos quais ele faz a condição expressa da salvação (O

Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV), seus ensinamentos são claros, explícitos e sem ambiguidades.

O que fizeram de suas máximas de caridade, de amor e de tolerância; das recomendações que fez a seus apóstolos para converter os homens pela doçura e a persuasão; da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de todas as virtudes que ele deu o exemplo? Em seu nome, os homens se lançaram ao anátema e a maldição; massacraram-se em nome daquele que disse: Todos os homens são irmãos. Fizeram um Deus ciumento, cruel, vingativo e parcial daquele que Jesus proclamou infinitamente justo, bom e misericordioso; sacrificou-se a esse Deus de paz e de verdade, milhares de vítimas nas fogueiras, pelas torturas e as perseguições, o que jamais sacrificaram os pagãos aos falsos deuses; venderam-se as preces e os favores do céu, em nome daquele que perseguiu os vendilhões do templo e que disse a seus discípulos: Dai de graça o que de graça receberdes.

Que diria Cristo se vivesse atualmente entre nós? Se visse seus representantes ambicionar as honras, as riquezas, o poder e o fausto dos príncipes no mundo, enquanto que ele, mais rei do que os reis da Terra, fez sua entrada em Jerusalém montado num asno? Não estaria ele no direito de dizer: O que fizestes de meus ensinamentos? Vós, que lisonjeais o bezerro de ouro, que fazeis em vossas preces uma ampla participação aos ricos e uma mirrada participação aos pobres, quando eu vos tinha dito: Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus? Mas se ele não está carnalmente, ele está em Espírito, e como o mestre da parábola virá pedir conta a seus vinhateiros do produto de sua vinha, quando o tempo da colheita chegar.

UM SÓ REBANHO E UM SÓ PASTOR

31. *Tenho ainda outras ovelhas que não são desse aprisco; é preciso também que eu as conduza; elas escutarão minha voz e só haverá um único rebanho e um pastor.* (João 10,6)
32. Por essas palavras, Jesus anuncia claramente que um dia os homens se reunirão em uma crença única. Mas como essa unificação poderá ser feita? A coisa parece difícil, caso se considere as diferenças que existem

entre as religiões, o antagonismo que elas mantêm entre seus adeptos respectivos, suas obstinações em se crerem na posse exclusiva da verdade. Todas querem a unidade, mas todas se lisonjeiam de que ela se fará a seu proveito, e nenhuma pretende fazer concessões em suas crenças.

Entretanto, a unidade se fará em religião, como tende a se fazer socialmente, politicamente, comercialmente, pela queda das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da língua. Os povos do mundo inteiro já confraternizam, como os das províncias de mesmo império. Pressente-se essa unidade, todos a desejam. Ela se fará pelas forças das coisas, porque se tornará uma necessidade para estreitar os liames de fraternidade entre as nações; ela se fará pelo desenvolvimento da razão humana, que compreenderá a puerilidade dessas dissidências; pelo progresso da Ciência que demonstrará, cada dia mais, os erros materiais sobre os quais se apoia, e destaca pouco a pouco as pedras carcomidas de seus assentamentos. Se a Ciência demoliu nas religiões, o que é obra dos homens e é fruto da sua ignorância das leis da natureza, ela não pode destruir, apesar da opinião de alguns, o que é a obra de Deus e da eterna verdade. Afastando o que é acessório, ela prepara os caminhos para a unidade.

Para chegar à unidade, as religiões deverão se encontrar em um terreno neutro, entretanto comum a todas. Para isso, todas terão de fazer concessões e sacrifícios, maiores ou menores, conforme a multiplicidade de seus dogmas particulares. Mas, em virtude do princípio de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderia vir do campo oficial. Ao lugar de tomar seu ponto de partida do alto, elas o tomarão de baixo, pela iniciativa individual. Desse algum tempo, vem ocorrendo um movimento de descentralização que tende a adquirir uma força irresistível. O princípio da imutabilidade que as religiões consideravam até aqui como uma égide conservadora tornar-se-á um elemento destruidor, atentando para o fato de que os cultos se imobilizando, ao passo que a sociedade marcha para frente, elas serão ultrapassadas e depois absorvidas na corrente das ideias de progressão.

Entre as pessoas que se destacam em tudo ou em parte, dos troncos principais e do qual o número aumenta sem cessar, se alguns não querem nada, a maioria que não se acomoda com o nada quer alguma coisa; essa alguma coisa nada está definida em seu pensamento, mas pressentem-na;

tendem ao mesmo fim por vias distintas, e será por elas que começará o movimento de concentração em direção à unidade.

No estado atual de opiniões e de conhecimentos, a religião que deverá unir um dia todos os homens sob uma mesma bandeira será a que satisfará melhor a razão e as legítimas aspirações do coração e do Espírito; será aquela que, de nenhuma forma, será desmentida pela Ciência positiva; que, em lugar de se imobilizar, seguirá a humanidade em sua marcha progressiva, sem se deixar jamais ultrapassar; que não será nem exclusiva nem intolerante; que será emancipadora da inteligência, admitindo apenas a fé racional, aquela cujo código de moral será o mais puro, o mais racional, o mais em harmonia com as necessidades sociais; a mais apropriada, enfim, a fundar sobre a Terra, o reino do bem, pela prática da caridade e da fraternidade universal.

Entre as religiões existentes, aquelas que mais se aproximam dessas condições terão menos concessões a fazer. Se uma delas as preencher completamente, tornar-se-á naturalmente o eixo da unidade futura. Essa unidade se fará em torno daquela que menos deixará a desejar quanto à razão, não por uma decisão oficial, porque não se submete a consciência a regulamentos, mas pelas adesões individuais e voluntárias.

O que sustenta o antagonismo entre as religiões é a ideia que elas têm cada qual do seu Deus particular, e sua pretensão de terem o único e verdadeiro e o mais poderoso, e que está em constante luta com os deuses dos outros cultos, e ocupado em combater sua influência. Quando se convencerem de que só existe um único Deus no Universo e que, em definitivo, é o mesmo que eles adoram, sob o nome de Jeová, Alá ou Deus; quando estiverem de acordo sobre seus atributos essenciais, compreenderão que um Ser único só pode ter uma única vontade; elas estenderão as mãos como os servidores de um mesmo Mestre e os filhos de um mesmo Pai e terão feito um grande passo para a unidade.

CHEGADA DE ELIAS

33. *Então, seus discípulos lhe indagaram: Por que, pois, os escribas disseram que é preciso que Elias venha primeiro? Mas Jesus respondeu-lhes: É verdade que Elias deva vir e que restabelecerá todas as coisas.*

Mas eu vos declaro que Elias já veio e nem o conheceram, mas trataram-no como lhes aprouve. É assim que farão morrer o Filho do homem.

Então seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes tinha falado. (Mateus 17,10-13)

34. Elias já viera na pessoa de João Batista. Seu novo advento é anunciado de uma maneira explícita; ora, como ele não pode voltar senão com novo corpo, é a consagração formal do princípio da pluralidade das existências. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IV, item 10)

ANÚNCIO DO CONSOLADOR

35. *Se vós me amais, guardai meus mandamentos; e eu rezarei a meu Pai, e Ele vos enviará outro consolador a fim de que demore eternamente convosco: O Espírito da Verdade, que este mundo não pode receber porque nunca o vê; mas por vós, vós o conheceis porque permanecerá convosco e estará em vós. Mas o consolador que é o Espírito Santo que meu Pai enviará em meu nome ensinar-vos-á todas as coisas e fareis recordar de tudo o que eu vos tenho dito. (João, cap. XIV, v. 15 a 17 e 26 – O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VI)*

36. *Todavia, digo-vos a verdade: É-vos útil que eu me vá porque se eu nunca for o Consolador não virá a vós; mas eu me vou e vo-lo enviarei, e quando ele vier, convencerá o mundo no que toca ao pecado, à justiça e ao julgamento: no tocante ao pecado, porque não acreditaram em mim; tocante à justiça, porque eu me vou a meu Pai e que não me vereis mais; tocante ao julgamento, porque o príncipe deste mundo já está julgado.*

Tenho ainda muitas coisas que dizer, mas vós não podeis portá-la presentemente. Quando esse Espírito da Verdade vier, ele vos ensinará toda a verdade *porque não falará dele mesmo, mas dirá tudo o que ele tiver entendido, e vos anunciará a coisa por vir.*

Ele me glorificará porque receberá do que é meu e o anunciará a vós. (João 16,7-14)

37. Essa predição é, sem contradita, uma das mais importantes do ponto de vista religioso, porque constata da maneira menos equívoca que *Jesus não disse tudo aquilo que tinha para dizer* por que não seria, mesmo, compreendido por seus apóstolos, já que é a estes que ele se dirigia. Se lhes houvesse

dado instruções secretas, eles a teriam mencionado nos Evangelhos. Dessa forma, não tendo dito tudo a seus apóstolos, os sucessores deles não puderam saber mais do que eles; e poderiam ter se enganado quanto o sentido de suas palavras dar uma falsa interpretação a seus pensamentos, frequentemente velados sob a forma de parábolas. As religiões fundadas sobre o Evangelho não podem, pois, se dizer em posse de toda a verdade, já que ele reservou para si a complementação ulteriormente das suas instruções. O princípio da imutabilidade é um protesto contra as próprias palavras de Jesus.

Ele anuncia sob o nome de *Consolador* e de *Espírito da Verdade* aquele que deve *ensinar todas as coisas*, e fazer *relembrar* o que ele disse, pois seu ensino não estava completo. No mais, ele previu que seria esquecido o que havia dito e que seria descaracterizado, já que o Espírito da Verdade devia fazer lembrar, e em concordância com Elias, *restabelecer todas as coisas*, isto é, segundo o verdadeiro pensamento de Jesus.

- 38.** Quando esse novo revelador deverá vir? É bem evidente que se, na época em que Jesus falava, os homens não estavam em condição de compreender as coisas que lhe restava dizer, não seria em alguns anos que poderiam adquirir as luzes necessárias. Para entendimento de certas partes dos Evangelhos, à exceção dos preceitos morais, seria preciso conhecimentos que só o progresso das Ciências poderia dar, e que deveriam ser a obra do tempo e de várias gerações. Se, pois, o novo Messias viesse pouco tempo após Cristo, teria encontrado o bem pouco propício e não teria feito mais do que ele. Ora, desde o Cristo até nossos dias não se produziu nenhuma grande revelação que tenha completado o Evangelho e que lhe tenha elucidado as partes obscuras, indicativo seguro de que o enviado não tinha ainda aparecido.
- 39.** Qual deve ser esse enviado? Jesus dizendo “Rogarei a meu pai e Ele vos enviará outro Consolador” indica claramente que esse não é ele próprio; do contrário, teria dito “Voltarei para completar o que vos tenho ensinado”. Após o que ele acrescenta: “A fim de que ele demore eternamente convosco e ele estará em vós”. Não seria possível que se referisse a uma individualidade encarnada que não poderia demorar eternamente conosco, e ainda menos estar em nós, mas compreende-se muito bem sendo uma doutrina que, de fato, logo que se a tenha assimilado, possa estar eternamente em

nós. O *Consolador* é, pois, no pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora onde o inspirador deve ser o *Espírito da Verdade*.

40. O *Espiritismo* realiza, como tem demonstrado (cap. I, item 30), todas as condições do *Consolador* prometido por Jesus. Não é uma doutrina individual, uma concepção humana; ninguém pode se dizer seu criador. É o produto do ensinamento coletivo dos Espíritos, aos quais preside o Espírito da Verdade. Não suprime nada do Evangelho: completa-o e elucida-o. Com o auxílio das novas leis que revela, junta às da Ciência e faz compreender o que estava ininteligível; admite a possibilidade daquilo que a incredulidade olhava como inadmissível. Teve seus precursores e seus profetas que previram sua vinda. Por seu poder moralizador, prepara o reino do bem sobre a Terra.

A doutrina de Moisés, incompleta, ficou circunscrita ao povo judeu; a de Jesus, mais completa, espalhou-se sobre toda a Terra pelo Cristianismo, mas não converteu todo mundo. O Espiritismo, mais completo ainda, tendo raízes em todas as crenças, converterá a humanidade²⁰³.

41. Cristo, dizendo a seus apóstolos “Um outro virá mais tarde, que vos ensinará o que não pude vos dizer agora”, proclamava por isso mesmo a necessidade da reencarnação. Como aqueles homens poderiam aproveitar o ensinamento mais completo que deveria ser dado posteriormente; como estariam eles mais aptos a compreendê-lo se não deviam reviver? Jesus teria dito uma inconseqüência se os homens futuros devessem, conforme a doutrina vulgar, serem homens novos, almas saídas do nada em seu nascimento. Admiti, ao contrário, que os apóstolos e os homens de seu tempo tenham vivido depois; que vivam ainda atualmente, e a promessa de Jesus se encontra justificada; suas inteligências desenvolvidas em contato com o progresso social podem admitir agora, o que não poderiam. Sem a reencarnação, a promessa de Jesus teria sido ilusória.

203 Todas as doutrinas filosóficas e religiosas levam o nome da individualidade fundadora, se diz o Mosaísmo, o Cristianismo, o Maometismo, o Budismo, o Cartesiano, o Fuerismo, o Sansimonismo, etc. O termo Espiritismo, ao contrário, não se refere a nenhuma personalidade, encerra uma ideia geral que indica, ao mesmo tempo, o caráter e a fonte múltipla da doutrina. (N. de Allan Kardec)

42. Se dissessem que essa promessa foi realizada no dia de Pentecostes, pela descida do Espírito Santo, responder-se-ia que o Espírito Santo as inspirou, que pôde abrir sua inteligência, desenvolver neles as aptidões medianímicas que deveriam facilitar sua missão, mas não teriam aprendido nada além do que já houvesse ensinado Jesus, porque não se encontra nenhum traço de um ensino especial. O Espírito Santo não tem, pois, realizado o que Jesus anunciou sobre o Consolador: de outro modo, os apóstolos teriam elucidado, durante suas existências, tudo o que ficou obscuro no Evangelho até agora, e cuja interpretação contraditória deu lugar às inumeráveis seitas que dividem o Cristianismo desde o primeiro século.

SEGUNDA VINDA DO CRISTO

43. *Então Jesus disse a seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, que renuncie a si próprio, que se encarregue de sua cruz e que me siga, porque aquele que quiser salvar sua vida perdê-la-á e o que perder sua vida por amor a mim a reencontrará.*

E que serviria a um homem ganhar todo o mundo e perder sua alma? Ou, por que troca o homem, poderia ele resgatar sua alma após tê-la perdido? Pois o Filho do homem deve vir na glória de seu pai com seus anjos, e então renderá a cada um conforme suas obras.

Eu vos digo, em verdade, há alguns dos que estão aqui não experimentarão a morte, senão enquanto não virem o Filho do homem vir em seu reino. (Mateus, 16,24-28)

44. *Então, o sumo sacerdote, erguendo-se no meio da assembleia, interrogou Jesus e lhe disse: Não respondeis nada àqueles que depõem contra vós? Mas Jesus permaneceu no silêncio e não respondeu nada. O sumo sacerdote interrogou-o ainda e disse: Sois vós o Cristo, o filho de Deus bendito para sempre? Jesus lhe respondeu: Eu o sou e vereis um dia o Filho do homem sentado à direita da majestade de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu.*

Logo, o sumo sacerdote, rasgando suas vestes, disse-lhe: Que necessidade temos nós de mais testemunhas? (Marcos 24,60-63)

45. Jesus anuncia seu segundo advento, mas não diz, absolutamente, que voltará sobre a Terra com um corpo carnal, nem que o *Consolador* será

personificado nele. Ele se apresenta como devendo vir em Espírito, na glória de seu pai, julgar o mérito e o demérito e levar a cada um conforme suas obras, quando os tempos foram chegados.

Estas palavras: “Há alguns daqueles que não experimentarão a morte se não tiverem visto o Filho do homem vir em seu reino” aparentemente mostra uma contradição, já que ele não veio durante a vida de alguns desses que estavam presentes. Jesus não podia, entretanto, enganar-se numa previsão dessa natureza, e sobretudo por uma coisa contemporânea, que lhe dizia respeito pessoalmente. É preciso averiguar se essas palavras sempre foram fielmente reproduzidas. Pode-se duvidar, sabendo-se que ele nada escreveu; que os escritos recolhidos apareceram após sua morte; e quando se vê o mesmo discurso quase sempre reproduzido em termos diferentes, em cada evangelista, é uma prova evidente de que estas não são as expressões textuais de Jesus. É por outro lado provável que o sentido deve ter sido alterado, ao passar por traduções sucessivas.

De outro lado, é certo que, se Jesus tivesse dito tudo o que tivesse podido dizer, ele teria se expressado sobre todas as coisas de maneira límpida e precisa, que não teria dado lugar a nenhum equívoco, como é feito nos princípios morais, enquanto que teve de encobrir seu pensamento sobre os assuntos que ele não julgou conveniente aprofundar. Os apóstolos, persuadidos de que a geração da qual faziam parte, deveria ser testemunha do que ele anunciava, devem ter interpretado o pensamento de Jesus conforme essa ideia; podem, por consequência, ter redigido do ponto de vista do presente, e de maneira mais absoluta do que talvez ele teria feito. Seja como for, o fato prova que os acontecimentos não aconteceram como eles supuseram.

- 46.** Um ponto básico que Jesus não pôde desenvolver, porque os homens do seu tempo não estavam suficientemente preparados para essa ordem de ideias e a suas consequências, mas que, entretanto, apresentou o princípio, como fizera com todas as coisas, é a grande e importante lei da reencarnação. Essa lei, estudada e posta à luz dos nossos dias pelo Espiritismo, é a chave de várias passagens do Evangelho que, sem ela, parecem contrassensos.

É nessa lei que se pode encontrar a explicação racional das palavras acima, admitindo-as como textuais. Já que elas não podem se aplicar à pessoa dos apóstolos, é evidente que se reportam ao reino futuro de Cristo,

ou seja, no tempo em que sua doutrina, melhor compreendida, será a lei universal. Dizendo-lhe que *alguns dos que estão presentes* verão seu advento, isso não podia ser entendido senão no sentido de que renasceriam nessa época. Mas os judeus figuraram que eles iriam ver tudo o que Jesus anunciava e tomaram suas alegorias ao pé da letra.

De resto, algumas de suas predições cumpriram-se em seu tempo, tais como a ruína de Jerusalém, as maldições que se seguiram, e a dispersão dos judeus; mas ele leva sua visão mais longe e, falando do presente, ele faz constantemente alusão ao futuro.

SINAIS PRECURSORES

47. *Ouvireis também falar de guerras e de ruídos de guerras; mas resguardai bem de vos turbar, porque é preciso que essas coisas aconteçam, mas isso não é ainda o fim – porque se verá sublevar povo contra povo, reino contra reino, e haverá pestes, famintos e tremores de terra em diversos lugares – e todas essas coisas serão apenas o começo das dores.* (Mateus 24,6-8)
48. *Então, o irmão entregará o irmão à morte e o pai ao filho; e os filhos se sublevarão contra seus pais e suas mães e os farão morrer. E vós sereis odiados por todo mundo por causa de meu nome, mas aquele que se preservar até o fim, será salvo.* (Marcos 13,12-13)
49. *Quando virdes que a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel, estiver no lugar santo, que o que ler entenda bem o que leu.*
Então, que aqueles que estiverem na Judeia, fujam subindo a montanha. Que aquele que estiver no alto do teto nunca desça para apanhar qualquer coisa de sua casa. E aquele que estiver no campo nunca retorne para pegar suas vestes. Mas infeliz das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando naqueles dias. Rezai, pois, a Deus que vossa fuga nunca chegue durante o inverno nem no dia do sábado – porque a aflição desse tempo será tão grande que como não o haja nunca tido igual, desde o começo do mundo até o presente, e que haverá jamais. E se esses dias não forem abreviados, nenhum homem se salvará, mas esses dias serão abreviados em favor dos escolhidos. (Mateus 24,15-22)
50. *Logo após esses dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua não dará mais sua luz; as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão enfraquecidos.*

Então o sinal do Filho do homem aparecerá no céu e todos os povos da Terra estarão em pratos e nos gemidos; e verão o Filho do homem que virá sobre as nuvens do céu com grande majestade.

E ele enviará seus anjos que farão entender a voz retumbante de suas trombetas e que reunirão seus eleitos dos quatro cantos do mundo, desde uma extremidade do céu até a outra.

Aprendeí uma comparação tirada da figueira. Quando seus ramos já estão tenros e produzem folhas, sabeis que o verão está próximo. Igualmente, quando virdes todas essas coisas, saibais que o Filho do homem está próximo, e que está à porta.

Eu vos digo, em verdade, que essa raça não passará enquanto todas as coisas não sejam cumpridas. (Mateus 24,29-34)

E acontecerá no advento do Filho do homem o que aconteceu no tempo de Noé, porque, como nos últimos tempos, antes do dilúvio, os homens comiam e bebiam, casavam-se e casavam seus filhos, até o dia em que Noé entrou na arca e, como não sabiam o momento do dilúvio senão quando ele sobreveio e envolveu a todos, assim será, da mesma forma, na vinda do Filho do homem. (Mateus 24,37-38)

51. *Quanto a esse dia aí, ou a essa hora, ninguém sabe nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, mas o Pai somente. (Marcos 13,32)*

52. *Em verdade, em verdade, eu vos digo, chorareis e gemereis e o mundo se regozijará; estareis na tristeza, mas vossa tristeza se converterá em alegria. Uma mulher, quando dá à luz, está com dor, porque sua hora é vinda, mas após dar a vida a um filho, ela não se lembrará mais de todos os seus males, na alegria que possui, de ter posto um homem no mundo. É assim que sois agora na tristeza, mas vos verei de novo e vosso coração se rejubilará e ninguém vos arrebatará vossa alegria. (João 16,20-22)*

53. *Surgirão vários falsos profetas que seduzirão muitas pessoas, e porque a iniquidade proliferará, a caridade de muitos se resfriará; mas aquele que perseverar até o fim será salvo.*

E esse Evangelho do reino será pregado em toda a Terra para servir de testemunho a todas as nações, e é então que o fim chegará. (Mateus 24,11-14)

54. *Esse quadro do fim dos tempos é evidentemente alegórico, como a maior parte daquilo que apresentava Jesus. As imagens que contêm são de natureza, por sua energia, que impressione as inteligências ainda*

rudes. Para impressionar essas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, em cores nítidas. Jesus dirigia-se, sobretudo, ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas, e assimilar a delicadeza das formas. Para chegar ao coração, era preciso falar aos olhos com o auxílio de traços materiais, e aos ouvidos, pelo vigor da linguagem.

Por uma consequência natural dessa disposição de espírito, o poder supremo não podia, conforme a crença de então, manifestar-se senão por coisas extraordinárias, sobrenaturais; quanto mais fossem impossíveis, melhor seriam aceitas como prováveis.

O Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com uma grande majestade, cercado de seus anjos e ao barulho das trombetas, parecia-lhes bem mais imponente que um ser investido somente de poder moral. Também os judeus que esperavam no Messias um rei da Terra, poderoso entre todos os reis, para colocar sua nação na primeira fila, e restaurar o trono de Davi e de Salomão, não o queriam reconhecer no humilde filho de um carpinteiro, sem autoridade material, tido como louco por uns, e de partidário de Satã por outros; não podiam compreender um rei sem palácio e cujo reino não era deste mundo.

Entretanto, esse pobre proletário da Judeia tornou-se o maior entre os grandes; ele conquistou com sua soberania mais reinos que os mais poderosos potentados; somente com sua palavra e alguns miseráveis pescadores, ele revolucionou o mundo, e é graças a ele que os judeus tiveram sua reabilitação.

55. É de se notar que, entre os antigos, os tremores de terra e o eclipse do Sol eram símbolos obrigatórios de todos os acontecimentos e presságios sinistros. Nós os encontramos na morte de Jesus, na de César e em uma quantidade de circunstâncias da história do paganismo. Se esses fenômenos fossem produzidos tão frequentemente como se conta, pareceria impossível que os homens não o tivessem conservado na memória por tradição. Nisso acrescentemos também as estrelas que caem do céu, como para testemunhar às gerações futuras mais esclarecidas que se trata de uma ficção, já que se sabe que as estrelas não podem cair.
56. Entretanto, sob essas alegorias ocultam-se grandes verdades: primeiramente o anúncio das calamidades de todos os gêneros que atingirão a humanidade e a dizimarão; calamidades engendradas pela luta suprema

entre o bem e o mal, a fé e a incredulidade, as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, a difusão, por toda a Terra, do Evangelho restabelecido na sua pureza primitiva; depois, o reino do bem, que será o da paz e da fraternidade universal, saído do código de moral evangélica, posta em prática por todos os povos. Esse será, verdadeiramente, o reino de Jesus, já que ele presidirá seu estabelecimento e que os homens viverão sob a égide de sua lei; reino de bondade porque diz ele: “Após os dias de aflição, virão os dias de alegria”.

57. Quando se cumprirão essas coisas? “Ninguém o sabe”, diz Jesus, “*nem mesmo o Filho*”. Mas quando o momento chegar, os homens serão advertidos pelos indícios precursores. Esses indícios não estão nem no Sol nem nas estrelas, mas no estado social e nos fenômenos mais morais que físicos, e que em parte podem ser deduzidos de suas alusões.

É bem certo que essa mudança não podia se operar durante a vivência dos apóstolos. De outra forma, Jesus não teria podido ignorá-lo, e, aliás, tal transformação não poderia se cumprir em alguns anos. Entretanto, ele lhes fala como se eles devessem ser testemunhas. É que, em efeito, eles poderão renascer nessa época e trabalharem, eles mesmos, na transformação. Ora, ele fala da próxima situação de Jerusalém e ora ele toma esse fato como ponto de comparação para o futuro.

58. É o fim do mundo que Jesus anuncia pela sua nova vinda quando diz “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, é então que o fim chegará?”.

Não é racional supor que Deus destruísse o mundo precisamente no momento em que ele entrará na trilha do progresso moral, pela prática dos ensinamentos evangélicos. Nada, aliás, nas palavras do Cristo, indica uma destruição universal, a qual, em tais condições, não seria justificada.

A prática geral do Evangelho, devendo causar melhoria no estado moral dos homens, causará por ele mesmo o reino do bem e ocasionará a queda do reino do mal. É, pois, o fim do velho mundo, do mundo governado pelos prejulgamentos, o orgulho, o egoísmo, o fanatismo, a incredulidade e todas as más paixões, aos quais o Cristo faz alusão quando diz: “Quando o Evangelho for pregado por toda Terra, é então que o fim chegará, mas esse fim ocasionará uma luta, e é dessa luta que surgirão os males que ele previu”.

VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO

59. *Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos filhos criados terão visões e vossos velhos terão sonhos. Nesses dias, derramarei meu Espírito sobre meus servos e sobre minhas servas e eles profetizarão. (Atos 2,17-18)*

60. Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, as aspirações, os pressentimentos dos povos, a decadência das velhas ideias, que se debatem em vão após um século contra as ideias novas, não se pode duvidar de que uma ordem de coisas se prepara e que o velho mundo se encontra em seu fim.

Se, agora, levando em conta a forma alegórica de certos quadros e buscando o sentido íntimo de suas palavras, compara-se a situação atual com os tempos descritos por Jesus, como devendo marcar a era da renovação, não se pode deixar de se convir que várias de suas predições estão atualmente sendo cumpridas; de onde é necessário concluir que atingimos os tempos anunciados, o que é confirmado sob todos os pontos do globo, onde os Espíritos se manifestam.

61. Assim, como se tem visto (cap. I, item 32), o advento do Espiritismo coincide com outras circunstâncias, realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que deve forçosamente exercer sobre as ideias. E de outra forma, claramente anunciada, naquela que é citada no Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão”.

É o anúncio inequívoco da vulgarização da mediunidade, em nossos dias, que se revela entre os indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições, e conseqüentemente a manifestação universal dos Espíritos, porque sem os Espíritos não haveria médiuns. Além disso, é dito que acontecerá *nos últimos tempos*; ora, desde que não chegamos ao fim do mundo, mas, ao contrário à sua regeneração, é preciso que se entenda essas palavras como os últimos tempos do mundo moral que termina²⁰⁴. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XXI)

204 Atualmente, o termo *moral* significa ética. Mas no século 19, além desse comum, havia outro, pois eram considerados *moraís* os fatos derivados da ação do Espírito humano,

JULGAMENTO FINAL

62. *Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, ele assentará sobre o trono de sua glória; e todas as nações, estando reunidas ante ele, ele separará uns dos outros, como um pastor separa as ovelhas dos bodes, e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à esquerda. Então, o Rei dirá àqueles que estejam à direita: Vinde vós que tendes sido benditos por meu Pai, etc. (Mateus 25,31-46 – O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV)*
63. O bem, devendo reinar sobre a Terra, é preciso que os Espíritos endurcidos no mal e que poderiam aí levar a confusão sejam excluídos. Deus os deixou sobre a Terra o tempo necessário para seu melhoramento. Mas o momento em que o globo deve se elevar na hierarquia dos mundos, pelo progresso moral de seus habitantes, é chegado. A estadia como Espíritos e como encarnados será interditada àqueles que não aproveitaram as instruções que tiveram condições de receber. Serão exilados em mundos inferiores, como foram outrora, sobre a Terra, os da raça adâmica²⁰⁵, ao mesmo tempo que serão substituídos por Espíritos melhores. É essa separação, à qual presidirá Jesus, que é ilustrada por estas palavras do juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda”. (cap. XI, item 31 e seguintes).

enquanto os fatos do mundo físico eram decorrentes dos fenômenos naturais (havia três classes na Universidade: ciências matemáticas, naturais e morais). A regeneração da humanidade, proposta pelos liberais franceses, representava o fim do mundo velho e o surgimento de um novo mundo moral, representado pela liberdade, igualdade e fraternidade entre todos, e não o ilusório fim do mundo físico, por catástrofes e destruições. (N. do E.)

205 Os Espíritos exilados são inteligentes, mas fizeram uso de seu livre-arbítrio para abusar de seus instintos e de suas paixões, adquirindo imperfeições. Portanto, não desenvolveram o senso moral. Exigindo privilégios e não aceitando fazer uso de sua vontade para superar suas imperfeições, receberão nova oportunidade num planeta primitivo. Isso não representa regredir, pois, assim como os Espíritos simples e ignorantes nativos que lá encontrarão, não desenvolveram sua moral, equivalendo-se quanto a essa condição evolutiva. Neste novo mundo, suas provas serão expiações, quando voluntariamente as escolherem como meio para superar suas imperfeições. Enquanto isso, sua inteligência servirá ao surgimento da civilização nesse planeta primitivo. (N. do E.)

64. A doutrina de um julgamento final, único e universal, colocando ponto-final na humanidade repugna à razão, no sentido em que isso implicaria a inatividade de Deus durante a eternidade que precedeu a criação da Terra e a eternidade que se seguirá à sua destruição. Pergunta-se de que utilidade teria, então, o Sol, a Lua e as estrelas que, conforme a Gênese, foram feitos para clarear nosso mundo. É espantoso que uma obra tão imensa tenha sido feita para tão pouco tempo e ao proveito de seres dos quais a maior parte estaria destinada a ir para os suplícios eternos.
65. Materialmente, a ideia de um julgamento único era, até certo ponto, admissível para aqueles que não procuram a razão das coisas, quando se acreditava que a toda a humanidade estava concentrada sobre a Terra e que tudo no Universo tinha sido feito para seus habitantes; ela é inadmissível desde que se soube que há milhares de mundos semelhantes, que perpetuam suas humanidades durante a eternidade, e entre os quais a Terra é um ponto imperceptível, dos menos consideráveis.

Vê-se por esse único fato que Jesus tinha razão de dizer a seus discípulos: “Há muita coisa que não posso vos dizer, porque vós não o compreenderíeis”, já que o progresso das Ciências era indispensável para uma correta interpretação de algumas de suas palavras. Certamente, os apóstolos, São Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido alguns dogmas de forma diferente se tivessem tido os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que se possui atualmente. Por isso, Jesus adiou o complemento de suas instruções e anunciou que todas as coisas deviam ser restabelecidas.

66. Moralmente, um julgamento definitivo e sem apelo é inconciliável com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta, sem cessar, como um bom Pai, deixando sempre uma via aberta ao arrependimento e pronto a estender seus braços ao filho pródigo. Se Jesus tivesse entendido o julgamento nesse sentido, teria desmentido as próprias palavras.

Além disso, se o julgamento final deve assombrar os homens, de improviso, em meio aos seus trabalhos comuns, e as mulheres grávidas, indaga-se qual o objetivo de Deus, que não fez nada de inútil nem injusto, faria nascer crianças e *criaria almas novas* nesse momento supremo, no momento fatal da humanidade, para fazê-los passar em julgamento, ao sair do seio da mãe, antes que tivessem a consciência própria, enquanto que outras teriam tido

milhares de anos para se reconhecerem? De que lado, para a direita ou para a esquerda, passariam essas almas que não são ainda nem boas nem más, e às quais todo caminho posterior de progresso lhes está, de agora em diante, fechado, já que a humanidade não existirá mais? (cap. II, item 19)

Que aqueles cuja razão se contenta com semelhantes crenças, as conservem, está no seu direito, e ninguém tem nada a dizer quanto a isso. Mas não levem a mal que nem todo mundo seja da sua opinião.

67. O julgamento por via de emigração, tal como foi definido anteriormente (no item 63), é racional; está fundado sobre a mais rigorosa justiça, já que deixa eternamente ao Espírito o livre-arbítrio; que não constitui privilégio para ninguém; que igual liberdade de ação é dada por Deus a todas as suas criaturas, sem exceção, para progredir; que a porta do céu está sempre aberta para os que se tornam dignos de aí entrar; que o aniquilamento mesmo de um mundo, arrastando a destruição dos corpos, não levaria nenhuma interrupção à marcha progressiva do Espírito. Tal é a consequência da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, a qualificação de *julgamento final* não é exata, já que os Espíritos passam por semelhante tribunal a cada renovação dos mundos que habitem, até àquele que tenha atingido certo grau de perfeição. Nunca há, pois, propriamente dito, *julgamento final*, mas há *julgamentos gerais* em todas as épocas de renovação, parcial ou total, da população dos mundos, em seguida dos quais ocorrem as grandes emigrações e imigrações de Espíritos²⁰⁶.

206 De forma alguma, como fica claro pela teoria moral espírita apresentada nesta obra, as migrações e emigrações ferem a liberdade de escolha concedida por Deus às suas criaturas, pois, a rigor, a palavra julgamento aqui é alegórica, porque tais migrações são resultado de uma trajetória espiritual resultante das escolhas livres decididas por cada espírito, decidindo assim seu destino conforme os desígnios das leis naturais criadas por Deus para reger o mundo moral, leis universais e imutáveis, como são também as leis que regem o mundo físico (N. do E.)

CAPÍTULO XVIII

Os tempos são chegados

Sinais dos tempos – A nova geração

SINAIS DOS TEMPOS

1. Somos informados em todos os lugares de que os tempos marcados por Deus chegaram, quando grandes eventos serão realizados para a regeneração da humanidade. Em que sentido deve-se entender essas palavras proféticas? Para os incrédulos, elas não têm nenhuma importância; a seus olhos, é apenas a expressão de uma crença pueril sem fundamento; para a maioria daqueles que creem, elas têm alguma coisa de místico e sobrenatural que lhes parece ser o precursor da mudança das leis da natureza. Essas duas interpretações são igualmente errôneas: a primeira porque implica na negação da Providência; a segunda porque essas palavras não anunciam mudanças nas leis da natureza, mas seu cumprimento.
2. Tudo é harmonia na criação; tudo revela uma providência que não se desmente nas menores coisas, nem nas maiores. Devemos, portanto, antes de mais nada, descartar qualquer ideia de arbitrariedade inconciliável com a sabedoria divina. Segundo, se nosso tempo é marcado para a realização de certas coisas, é porque elas têm sua razão de ser na marcha do conjunto.

Diante disso, vamos dizer que nosso planeta, como tudo existente, está sujeito à lei do progresso. Progride fisicamente pela transformação de seus componentes e moralmente pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Esses dois progressos seguem e caminham

paralelamente, pois a perfeição da habitação está em relação com a do habitante. Fisicamente, o mundo tem sofrido transformações sucessivas comprovadas pela Ciência, que o têm tornado habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo, como a melhoria do globo ocorre pela influência das forças materiais, os homens contribuem para isso pelos esforços de sua inteligência. Saneiam as regiões insalubres, facilitam as comunicações e tornam a terra mais produtiva.

Esse duplo progresso acontece de duas maneiras: uma lenta, gradual e imperceptível; outra por bruscas mudanças, cada uma das quais corresponde um movimento ascensional mais rápido que marca, por características bem definidas, períodos progressivos da humanidade. Esses movimentos, subordinados *em detalhes* ao livre-arbítrio dos homens, são, de alguma forma, fatais em seu conjunto, porque são sujeitos a leis, como as que atuam na germinação, no crescimento e no amadurecimento das plantas; desde que o objetivo da humanidade é o progresso, apesar da marcha retardatória de algumas individualidades. Por isso o movimento progressivo é, algumas vezes, parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação, e outras vezes é geral.

O progresso da humanidade ocorre assim em virtude de uma lei. Agora, como todas as leis da natureza são a obra eterna da sabedoria e presciência divinas, tudo o que é efeito dessas leis é o resultado da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Portanto, quando a humanidade está madura para subir um degrau, podemos dizer que os tempos marcados por Deus chegaram, como se pode dizer também que uma determinada estação é o tempo para o amadurecimento dos frutos e da colheita.

3. Porque o movimento progressivo da humanidade é inevitável, porque está na natureza, não se deduz que Deus seja indiferente a ele, e que, tendo estabelecido as leis, ele retornou à inatividade, deixando as coisas por conta própria. Não há dúvida: suas leis são eternas e imutáveis, mas isso porque sua vontade é eterna e constante, e seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção. Seu pensamento que penetra tudo é a força inteligente e permanente que mantém tudo em harmonia. Se

esse pensamento cessa por um só instante, o Universo seria como um relógio sem pêndulo. Deus vela sempre pela execução de suas leis, e os Espíritos que povoam o Espaço são nomeados ministros encarregados dos detalhes, de acordo com atribuições correspondentes a seu grau de adiantamento.

4. O Universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo imenso conduzido por um número incontável de inteligências, um enorme governo onde cada ser inteligente tem sua parte de ação sob o olhar do soberano Criador, cuja vontade *única* mantém a *unidade* por toda a parte. Sob o império desse vasto poder regulador tudo se movimenta, tudo funciona numa perfeita ordem. O que consideramos distúrbios são movimentos parciais e isolados que aparentam ser irregulares somente porque nossa visão é limitada. Se pudermos abarcar o conjunto, veremos nessas irregularidades somente aparências que se harmonizam no todo.
5. A previsão dos movimentos progressivos da humanidade não é surpreendente para os seres desmaterializados que veem o objetivo para o qual tendem todas as coisas, alguns dos quais possuem o pensamento direto de Deus. Eles presumem, nos movimentos parciais, o tempo em que um movimento geral pode ser realizado, da mesma forma que se calcula antecipadamente o tempo que uma árvore leva para dar frutos e os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo que leva um astro para completar sua revolução.

Mas aqueles que anunciam esses fenômenos, autores de almanaques que predizem eclipses e marés, por certo, não estão em condições de fazer os cálculos necessários; apenas os repetem. O mesmo ocorre com os Espíritos secundários cuja visão é limitada e somente repetem o que *convém* aos Espíritos superiores revelar.

6. A humanidade realizou até o presente incontestáveis progressos. Os homens, por sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado em relação às Ciências, Artes e ao bem-estar material. Ainda lhes resta um imenso progresso a realizar: *fazer reinar entre eles a caridade, a fraternidade e a solidariedade para assegurar o bem-estar moral*. Eles não poderiam, nem com suas crenças nem com suas instituições ultrapassadas – vestígios de outra época e boas para aquele momento –, até mesmo suficientes para um estado transitório; mas que, tendo dado tudo o que

podiam, seriam atualmente um obstáculo²⁰⁷. Da mesma forma que uma criança, motivada pelos movimentos de um móvel, perde o interesse quando adulta. Não é mais somente o desenvolvimento da inteligência que é necessário aos homens, é a elevação dos sentimentos e, portanto, é preciso destruir tudo o que possa superexcitar em si o egoísmo e o orgulho.

Esse é o período no qual entramos a partir de agora e marcará uma das fases principais da humanidade. Essa fase, que está em elaboração neste momento, é o complemento necessário do estado anterior, como a idade adulta é o complemento da juventude. Podia, pois, ser prevista e anunciada antecipadamente, por isso podemos dizer que os tempos marcados por Deus são chegados.

7. Neste tempo aqui não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a uma região, a um povo, a uma raça; é um movimento universal que se opera no sentido do *progresso moral*. Tende a se estabelecer uma nova ordem de coisas, e os homens que são os seus maiores opositores, sem saber, contribuem para isso. A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, encontrar-se-á animada de ideias e sentimentos distintos dos que a geração presente que se vai a passos de gigante. O velho mundo estará morto e viverá na história, como ocorre atualmente com os tempos da Idade Média seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

No entanto, todos sabem quanto deixa a desejar a atual ordem das coisas. Após, de certa forma, ter se esgotado o bem-estar material que a inteligência pode produzir, se compreenderá que o complemento desse bem-estar só pode estar no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, entretanto, sem poder ainda o definir claramente: trata-se do trabalho íntimo que se opera pela regeneração. Tem-se desejos, aspirações que são como o pressentimento de um estado melhor.

8. Contudo, uma troca tão radical como essa que se elabora não pode se cumprir sem comoção. Há uma inevitável luta entre as ideias. Desse

207 Allan Kardec faz referência à regeneração da humanidade, ou gerar a humanidade futura sob novas bases, substituindo o egoísmo e o orgulho pela caridade, fraternidade e solidariedade. As instituições do mundo velho não farão mais sentido nesse mundo novo. (N. do E.)

conflito, nascerão forçosamente perturbações temporárias até que o terreno esteja limpo e o equilíbrio, restabelecido. Assim, da luta de ideias surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram as consequências do estado de formação da Terra, e *atualmente não se agitam mais as entranhas do globo, mas as da humanidade.*

9. A humanidade é um ser coletivo, onde se operam as mesmas revoluções morais que ocorrem nos indivíduos, com a diferença de que com estes ocorrem de ano em ano, e naquela de século em século. Nessas evoluções que se seguem através dos tempos, vemos a vida das diversas raças marcada por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular.

Com os movimentos parciais existe um movimento geral que impulsiona a humanidade inteira. Mas o progresso de cada parte do conjunto é relativo ao seu grau de adiantamento, como uma família com vários filhos cujo caçula está no berço e o mais velho tem, por exemplo, dez anos. Uma década depois, o primogênito terá 20 anos e será homem, enquanto o menor terá 10 anos e, mesmo amadurecido, ainda será criança. Ao seu tempo, porém, será também adulto. Assim ocorre nas diferentes partes da humanidade: as atrasadas avançam, mas não podem dar um salto para alcançar o nível das adiantadas.

10. A humanidade, chegada ao período adulto, tem novas necessidades, aspirações mais amplas e elevadas; compreende o vazio das ideias com as quais foi criada, a insuficiência de suas instituições para sua felicidade; não encontra mais nessas condições as satisfações legítimas para as quais se sente chamada. Por isso, deixa de ser criança e se lança, tomada por irresistível força, a terrenos desconhecidos em busca de novos e mais amplos horizontes.

É nesse preciso momento, quando se encontra excessivamente oprimida em sua esfera material, onde a vida intelectual transborda e o sentimento de espiritualidade floresce, que homens se dizendo filósofos pretendem preencher o vazio com doutrinas do neantismo²⁰⁸ e materialismo! Estranha aberração! Esses homens, que pretendem impulsionar a humanidade, esforçam-se em circunscrevê-la nos limites da matéria, da qual almeja escapar.

208 Doutrina do nada, niilismo. (N. do E.)

Ocultam a perspectiva da vida infinita e lhe dizem, mostrando o túmulo:
*Nec plus ultra!*²⁰⁹

11. Como temos dito, a marcha progressiva da humanidade se opera de duas maneiras: uma gradual, lenta e imperceptível, considerando as épocas próximas, representada por melhoramentos nos costumes, nas leis, nos hábitos, apenas evidentes com o tempo, como as mudanças na superfície do planeta causadas pelas correntes de água causam na superfície do globo; a outra, por movimentos relativamente bruscos, rápidos, como os de uma torrente, que, rompendo seus diques, transpõe em alguns anos o espaço que levaria séculos para percorrer. Trata-se de um cataclismo moral que devora em alguns instantes as instituições do passado, sucedido por nova ordem que se estabelece aos poucos, na medida em que a calma se restabelece e se torna definitiva.

Para quem viver bastante para vivenciar as duas versões da nova fase, parecerá que um mundo novo saiu das ruínas do velho. O caráter, os costumes, os hábitos, tudo mudou. Deve-se a que, de fato, surgiram homens novos, ou melhor, regenerados. As ideias levadas pela geração que se extingue deram lugar a ideias novas da geração que surge.

A humanidade chegou a um desses períodos de transformação ou, se preferirem, de *crescimento moral* que é vindo à humanidade. Da adolescência passa à idade adulta. O passado não satisfaz mais às suas novas aspirações, suas novas necessidades. Já não pode mais ser conduzida pelos mesmos meios, não se prende mais a ilusões e prodígios; amadurecida, sua razão pede alimentos mais nutritivos. Diante de um presente efêmero, sente que seu destino é mais vasto e a vida corporal é muito restrita para compreendê-lo por inteiro. Por isso olha para o passado e o futuro, a fim de descobrir o mistério de sua existência e adquirir uma consoladora confiança.

12. Quem tenha meditado sobre o Espiritismo e suas consequências, sem se limitar à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre à humanidade um novo caminho, descortinando os horizontes do infinito. Ao iniciá-la nos mistérios do mundo invisível, o Espiritismo mostra seu verdadeiro papel na criação, papel *perpetuamente ativo*, tanto no estado espiritual quanto no corporal. O homem não caminha mais às cegas, sabe de onde vem, para onde vai e porque está na Terra. O futuro se mostra a ele

209 Expressão latina que significa “nada além!”. (N. do E.)

em sua realidade, livre dos preconceitos da ignorância e da superstição; não é mais uma vaga esperança, mas uma verdade palpável, tão certa quanto a sucessão do dia e da noite. Sabe que seu ser não está limitado a alguns instantes de uma existência efêmera; que a vida espiritual não cessa com a morte, que já viveu, que reviverá ainda e que não perde tudo o que adquiriu em perfeição pelo seu trabalho. Encontra em suas existências anteriores a razão do que é hoje, reconhecendo *que, pelo que o homem tenha feito hoje, pode concluir o que será um dia.*

13. Com a ideia de que a atividade e a cooperação individuais, na obra geral da civilização, são limitadas à vida presente, não havendo nada antes dela nem depois, o que o homem está fazendo para o progresso futuro da humanidade? Que lhe importa os povos serem melhor governados, mais felizes, mais esclarecidos, melhores uns com os outros? Não podendo ter frutos, esse progresso não estará perdido para ele? Que adianta trabalhar para os que virão depois se nunca os conhecerá, se são seres novos que, por sua vez, retornarão ao nada? Sob o império da negação do futuro da individualidade, tudo se reduz forçosamente às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Pelo contrário, que amplitude a *certeza* de perpetuidade de seu ser espiritual dá ao pensamento do homem! O que pode ser mais racional, mais grandioso, mais digno do Criador que a lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corporal são apenas dois modos de existência que se alternam para cumprir o progresso! Que pode ser mais justo e mais consolador do que a ideia dos mesmos seres progredirem sem cessar; primeiro por meio de gerações num mesmo planeta e, em seguida, de um mundo a outro até a perfeição, *sem solução de continuidade!* Dessa forma, todas as ações têm uma finalidade, porque trabalhando por todos trabalha-se para si próprio e reciprocamente, de tal modo que o progresso individual e o progresso geral jamais serão improdutivos, pois servirão às individualidades e gerações futuras, que são as mesmas individualidades e gerações do passado, num patamar evolutivo mais alto.

14. A vida espiritual é a vida normal e eterna do Espírito e a encarnação é apenas uma forma temporária de sua existência. Salvo a vestimenta externa, há identidade entre encarnados e desencarnados. São as mesmas individualidades sob dois aspectos diferentes, pertencendo tanto ao mundo

visível quanto ao invisível. Encontrando-se, neste ou naquele mundo, contribuem para o mesmo objetivo, por meios apropriados a cada uma dessas situações.

Dessa lei deriva a da perpetuidade das relações entre os seres. A morte nunca os separa nem põe fim aos seus vínculos afetivos e deveres recíprocos. Advém daí a *solidariedade* de todos para com um e de um por todos, e também a *fraternidade*. Os homens somente viverão felizes na Terra quando esses dois sentimentos tiverem entrado em seus corações e costumes, pois então adequarão a eles suas leis e instituições. Esse será um dos principais resultados da transformação que se realiza.

Como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte torna os homens, uns em relação aos outros, eternamente estranhos? Pela lei da perpetuidade de relações que une todos os seres, o Espiritismo fundamenta esses dois princípios nas leis naturais, faz deles não somente um dever mas uma necessidade. Pela lei da pluralidade das existências, o homem se relaciona ao que fez e ao que fará com os homens do passado e os do futuro; já não pode dizer que nada tem em comum com os mortos, pois uns e outros se encontram constantemente, neste e no outro mundo, para ascender juntos a escala do progresso, prestando um mútuo apoio. A fraternidade não mais se restringe a alguns indivíduos unidos pelo acaso durante a curta duração efêmera de uma vida, mas é perpétua como a vida do espírito, universal como a humanidade, a qual constitui uma grande família onde todos os membros são solidários uns com os outros, *qualquer seja a época em que viveram*.

Tais são as ideias que resultam do Espiritismo, e que serão provocadas por ele entre todos os homens quando estiver universalmente difundido, compreendido, ensinado e praticado. Com o Espiritismo, a fraternidade, sinônimo da caridade pregada pelo Cristo, não é mais uma palavra vã, pois tem sua razão de ser. Do sentimento de fraternidade nasce o de reciprocidade e o dos deveres sociais, de homem a homem, de povo a povo, de raça a raça. Desses dois sentimentos bem compreendidos inevitavelmente surgirão instituições mais proveitosas ao bem-estar de todos.

15. A fraternidade será a pedra angular da nova ordem social, mas não há fraternidade real, sólida e efetiva sem estar apoiada sobre uma base inabalável. Essa base é *a fé*; não a fé em tais ou quais dogmas particulares

que mudam com os tempos e os povos e se apedrejam mutuamente, pois, ao se amaldiçoarem, mantêm o antagonismo. Mas a fé nos princípios fundamentais que todos podem aceitar: *Deus, a alma, o futuro*, O PROGRESSO INDIVIDUAL ILIMITADO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES. Quando os homens estão convencidos de que Deus é o mesmo para todos; que Deus, soberanamente justo e bom, não pode querer nada que seja injusto; que o mal vem deles e não Dele, então todos serão considerados filhos do mesmo Pai e estenderão as mãos uns aos outros.

Essa é a fé que dá o Espiritismo, e de agora em diante será o eixo em torno do qual se moverá o gênero humano, sejam quais forem suas formas de adoração ou crenças particulares, as quais o Espiritismo respeita, mas não tem de se ocupar.

Somente dessa fé pode resultar o verdadeiro progresso moral, porque apenas ela valida, pela lógica, os direitos legítimos e os deveres. Sem ela o único direito é o da força, e o dever se reduz a um código humano imposto pela coação. Sem ela o que é o homem? Um pouco de matéria que se desfaz, um ser efêmero que passa. O próprio gênio é apenas uma centelha que, por um instante, brilha para se apagar para sempre; certamente nada disso serve para exaltar o homem aos seus próprios olhos.

A partir dessas ideias, onde realmente estão os direitos e os deveres? Qual é o objetivo do progresso? Apenas essa fé faz o homem sentir-se digno pela perpetuidade e evolução de seu ser, não num futuro mesquinho e restrito à personalidade, mas, sim, grandioso e esplêndido. Esse pensamento o eleva acima da Terra; ele se sente engrandecido ao imaginar que desempenha sua função no Universo; que esse Universo é seu domínio e que poderá percorrê-lo um dia, e que a morte não fará dele uma nulidade ou um ser inútil a si mesmo e aos outros.

16. O progresso intelectual realizado até hoje, em grandes proporções, constitui um grande passo e marca a primeira fase da humanidade, mas sozinho é impotente para regenerá-la. Enquanto o homem estiver dominado pelo orgulho e egoísmo, utilizará sua inteligência e seus conhecimentos em proveito de suas paixões e de seus interesses pessoais. Por esse motivo, ele se dedica ao aperfeiçoamento dos meios de prejudicar os outros e de destruição mútua.

Somente o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens sobre a Terra, colocando um freio às más paixões; só ele pode fazer reinar entre todos a concórdia, a paz, a fraternidade.

Esse progresso derrubará as barreiras entre os povos, que fará cair os preconceitos de casta, e calará os antagonismos entre as seitas, ensinando aos homens a se olharem como irmãos chamados a se auxiliarem mutuamente, e não a viver às custas uns dos outros.

É ainda o progresso moral, secundado pelo progresso intelectual, que unirá os homens numa mesma crença estabelecida sobre as verdades eternas, não sujeitas à discussão e, por isso, aceitas por todos.

A unidade de crença será o mais poderoso laço, fundamento firme da fraternidade universal, até então rompido, em todos os tempos, pelos antagonismos religiosos divisores dos povos e das famílias, que fazem ver no próximo inimigos dos quais é preciso fugir, combater, exterminar, em lugar de irmãos aos quais é preciso amar.

17. Um tal estado de coisas supõe uma troca radical no sentimento das massas, um progresso geral que só poderia ocorrer saindo-se do círculo de ideias mesquinhas e triviais que alimentam o egoísmo. Em diversas épocas, pessoas capacitadas têm procurado conduzir a humanidade para esse caminho, mas a humanidade, ainda imatura, permanece surda aos seus ensinamentos, como a boa semente caída sobre a pedra.

Atualmente, a humanidade está madura para dirigir seu olhar sobre horizontes nunca antes vistos, assimilando amplas ideias e compreendendo o até então incompreendido.

A geração que desaparece levará com ela seus preconceitos e erros. A geração que surge, banhada numa fonte mais pura, imbuída de ideias mais saudáveis, imprimirá ao mundo um movimento ascendente, no sentido do progresso moral que marcará a nova fase da humanidade.

18. Essa fase agora se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, por grandes e generosas ideias que estão surgindo e já começam a fazer eco. Desse modo, estão sendo fundadas uma imensa quantidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob impulso e pela iniciativa de indivíduos evidentemente predestinados à obra da regeneração. Vemos que as leis penais se impregnam cada vez mais de sentimentos mais humanos. Os preconceitos de raça se enfraquecem, os

povos começam a se olhar como membros de uma grande família. Pela uniformidade e facilidade das transações comerciais, suprimem as barreiras que os separavam. De todas as partes do mundo, reúnem-se em comícios universais para os torneios pacíficos da inteligência²¹⁰.

Mas falta a essas reformas uma base para se desenvolverem, completarem e consolidarem; uma predisposição moral mais ampla para prosperarem e serem aceitas pelas massas. Esse é um sinal característico da época, um prelúdio do que se realizará em maior escala, à medida que o terreno se tornar mais propício.

19. Um sinal não menos característico do período no qual entramos é a reação evidente que se opera no sentido das ideias espiritualistas²¹¹; uma repulsão instintiva se manifesta contra as ideias materialistas. O espírito de incredulidade que tinha tomado as massas ignorantes ou esclarecidas, e lhe tinha feito rejeitar, com a forma, o próprio conteúdo de toda crença, parece ter sido um sono do qual ao se despertar sente-se a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, onde havia um vazio se busca alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

20. Nesse grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável; não o Espiritismo ridículo, inventado por uma crítica zombeteira, mas o Espiritismo filosófico, como o compreende qualquer um que se dê ao trabalho de buscar a amêndoa em sua casca.

Pelas provas que oferece das verdades fundamentais, ele preenche o vazio que a incredulidade criou nas ideias e nas crenças; pela certeza de

210 Allan Kardec faz referência às multidões interessadas (*comícios universais*) nas grandes exposições públicas mundiais (*torneios pacíficos da inteligência*) realizadas para o desenvolvimento científico, econômico e cultural da humanidade. A exposição mundial de Paris em 1855 atraiu 5 milhões de visitantes. Em 1867, a segunda reuniu 41 países e recebeu mais de 9 milhões de pessoas. (N. do E.)

211 A reação pelas ideias espiritualistas ocorreu em oposição ao período materialista pós-Revolução Francesa, representado pelos ideólogos (Destutt de Tracy, Cabanis, Volney, etc.). Os espiritualistas racionais, depois de 1830, como Royer-Collard, Victor Cousin, Théodore Jouffroy, entre outros, estabeleceram na Universidade de Paris (e nos colégios) as Ciências Filosóficas, entre elas a Moral Teórica e Prática, a Psicologia Experimental, a Teodiceia, considerando o ser humano como “alma encarnada”. Segundo Kardec, o Espiritismo se encontra entre essas Ciências, dando desenvolvimento a elas. (N. do E.)

que dá de um futuro conforme a justiça de Deus, e que a mais severa razão pode admitir, atenua as amarguras da vida e previne os funestos efeitos do desespero.

Fazendo conhecer novas leis da natureza, ele dá a chave de fenômenos incompreendidos e de problemas insolúveis até hoje, destruindo, ao mesmo tempo, a incredulidade e a superstição. Para ele, não há nem sobrenatural nem maravilhoso, tudo acontece no mundo em virtude de leis imutáveis.

Longe de substituir um exclusivismo por outro, o Espiritismo se apresenta como campeão absoluto da liberdade de consciência. Combate o fanatismo sob todas as formas, cortando-o pela raiz, anunciando a salvação para todos os homens de bem, assim como a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegar, por seus esforços, pela expiação e reparação, à perfeição única, que leva à suprema felicidade. Em lugar de desencorajar o fraco, encoraja-o, mostrando-lhe o porto que pode chegar.

Ele não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*, mas, com o Cristo: *Fora da caridade não há salvação*, princípio de tolerância que ligará os homens num sentimento comum de fraternidade, em vez de os separar em seitas inimigas.

Por esse outro princípio: *Não há fé inquebrantável senão aquela que pode olhar a razão face a face em todas as épocas da humanidade*. Ele destrói o império da fé cega que aniquila a razão, a obediência passiva que embrutece; emancipa a inteligência do homem e ergue sua moral.

Consequente consigo próprio, não se impõe. Diz o que é, o que quer, o que dá, e atende àquele que lhe vem livremente, voluntariamente. Quer ser aceito pela razão, e não pela força. Respeita todas as crenças sinceras e só combate a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia, que são as chagas da sociedade e os obstáculos mais sérios do progresso moral. Mas ele não condena ninguém, nem mesmo seus inimigos, porque está convencido de que o caminho do bem está aberto aos mais imperfeitos, e que cedo ou tarde por ele entrarão.

21. Caso se suponha a maioria dos homens imbuídos desses sentimentos, pode-se facilmente representar as modificações que resultarão para as relações sociais: será a divisa de todos caridade, fraternidade, benevolência para com todos, tolerância com todas as crenças. É a meta à qual tende evidentemente a humanidade, o objeto de suas aspirações e desejos, sem

dar conta, neste momento, dos meios para sua realização. Ensaia, tateia, mas se detém pelos obstáculos ou a força de inércia causada pelos preconceitos, das crenças estacionárias e refratárias ao progresso. É necessário vencer essas resistências, e isso será a obra da nova geração. Quem acompanha o atual curso das coisas reconhecerá que tudo parece predestinado a lhe abrir o caminho. Essa geração terá a dupla força da quantidade e das ideias, além da experiência do passado.

22. A nova geração marchará para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento ao qual tenha chegado. O Espiritismo, avançando para o mesmo alvo e realizando seus objetivos, se reencontrará com ela no mesmo terreno. Os homens favoráveis ao progresso encontrarão nas ideias *Espíritas* um poderoso recurso, e o Espiritismo encontrará, nos homens novos, Espíritos plenamente dispostos a aceitá-lo. Diante dessa combinação de circunstâncias, o que poderá fazer quem quiser se colocar em seu caminho?
23. O Espiritismo não criou a renovação social, pois a maturidade da humanidade faz dessa renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela elevação de seus propósitos, pela generalidade das questões que ela abraça, o Espiritismo está, mais que todas as outras doutrinas, apto a secundar o movimento regenerador. Por isso que é contemporâneo. Surgiu no momento em que podia ser útil, pois para ele também os tempos são chegados. Vindo mais cedo, encontraria obstáculos intransponíveis; teria fatalmente sucumbido, já que os homens, satisfeitos com o que tinham, não sentiam ainda a necessidade daquilo que ele oferece. Atualmente, nascido com o movimento das ideias que fermentaram, encontra o terreno preparado para recebê-lo. Os Espíritos, cansados da dúvida e da incerteza, assustados com o abismo aberto à sua frente, acolhem-no como uma âncora de salvação e uma suprema consolação.
24. Dizer que a humanidade está madura para a regeneração não significa que todos os indivíduos estejam no mesmo degrau, mas muitos têm, por intuição, o germe das ideias novas que as circunstâncias farão desabrochar. Então, eles se mostrarão mais avançados do que se possa supor e seguirão com empenho a iniciativa da maioria.

Há, entretanto, os que são essencialmente refratários a essas ideias, mesmo entre os mais inteligentes, e que certamente não as aceitarão, pelo

menos nesta existência; em alguns casos, de boa-fé, por convicção; outros por interesse. São aqueles cujos interesses materiais estão ligados à atual conjuntura e que não estão adiantados o suficiente para deles abrir mão, pois o bem geral importa menos que seu bem pessoal – ficam apreensivos ao menor movimento reformador. A verdade é para eles uma questão secundária, ou, melhor dizendo, *a verdade para certas pessoas está inteiramente naquilo que não lhes causa nenhum transtorno*. Todas as ideias progressivas são, de seu ponto de vista, ideias subversivas, e por isso dedicam a elas um ódio implacável e lhe fazem uma guerra obstinada. São inteligentes o suficiente para ver no Espiritismo um auxiliar das ideias progressistas e dos elementos da transformação que temem e, por não se sentirem à sua altura, eles se esforçam por destruí-lo. Caso o julgassem sem valor e sem importância, não se preocupariam com ele. Nós já o dissemos em outro lugar: *“Quanto mais uma ideia é grandiosa, mais encontra adversários, e pode-se medir sua importância pela violência dos ataques dos quais seja objeto”*.

25. O número de retardatários é ainda grande, sem dúvida, mas o que podem eles contra a onda que sobe, senão lançar nela algumas pedras? Essa onda é a geração que se ergue, ao passo que eles desaparecem com a geração que se vai cada dia a largos passos. Até aí, defenderão o terreno passo a passo; há, pois, uma luta inevitável, mas uma luta desigual, porque é aquela do passado decrépito que cai em trapos contra o futuro jovem; da estagnação contra o progresso, da criatura contra a vontade de Deus, porque os tempos assinalados por Ele são chegados.

A NOVA GERAÇÃO

26. Para que os homens sejam felizes sobre a Terra é preciso que ela seja povoada apenas por bons Espíritos, encarnados e desencarnados, que só queiram o bem. Esse tempo tendo chegado, uma grande emigração acontecerá nesse momento entre seus habitantes. Os que fazem o mal pelo mal e *não são tocados pelo sentimento do bem*, não sendo mais digno da Terra transformada, serão excluídos, porque trariam de novo a discórdia e a confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Esses vão expiar seu endurecimento uns em mundos inferiores, outros entre raças terrestres

atrasadas que serão o equivalente aos mundos inferiores, onde levarão seus conhecimentos adquiridos e que terão por missão fazê-los avançar. Serão substituídos por Espíritos melhores que farão reinar entre eles a justiça, a paz e a fraternidade.

A Terra, no dizer dos Espíritos, nunca será transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradativamente e a nova lhe sucederá do mesmo modo sem que nada mude a ordem natural das coisas.

Tudo se passará exteriormente, como de hábito, com essa única diferença fundamental, pois uma parte dos Espíritos que se encarnavam não mais encarnará. Em uma criança que nasce, em lugar de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, quem estará nascendo será um Espírito mais avançado e *inclinado do bem*.

Trata-se, pois, bem menos de uma nova geração corporal do que de uma nova geração de Espíritos. Assim, aqueles que esperam a transformação ocorrer por efeitos sobrenaturais e maravilhosos vão se decepcionar.

27. A época atual é a da transição: os elementos das duas gerações se embaralham. Colocados no ponto intermediário, presenciamos a partida de uma e a chegada da outra, e cada qual se distingue no mundo pelas características que lhe são próprias.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos, pela natureza das disposições morais, mas sobretudo pelas disposições *intuitivas e inatas*, ficando fácil distinguir à qual das duas pertence cada indivíduo.

A nova geração, devendo fundar a era do progresso moral, distingue-se por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, somadas ao sentimento *inato* do bem e das crenças espiritualistas. É o sinal incontestável de um certo grau de adiantamento *anterior*. Não será jamais composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, tendo já progredido, estão dispostos a assimilar todas as ideias progressivas e aptos a secundar o movimento regenerador.

O que distingue, ao contrário, os Espíritos atrasados é, a princípio, a revolta contra Deus pela recusa de reconhecer algum poder superior à humanidade; em seguida, a propensão *instintiva* às paixões degradantes, aos sentimentos antifraternos do egoísmo, do orgulho, do apego por tudo o que seja material.

São esses os vícios dos quais a Terra deve se depurar pelo afastamento daqueles que se recusam a melhorar, pois são incompatíveis com o reino da fraternidade, e os homens de bem sofrerão sempre com seu contato. Quando a Terra estiver livre, os homens caminharão sem obstáculos para o futuro melhor que lhes está reservado desde o início, como recompensa aos seus esforços e à sua perseverança, aguardando por uma depuração ainda mais completa, abrindo-lhes a entrada dos mundos superiores.

28. Não se deve entender por essa emigração de Espíritos que todos aqueles retardatários serão expulsos da Terra e relegados a mundos inferiores. Pelo contrário, muitos voltarão, porque haviam cedido à influência das circunstâncias e do mal exemplo. Neles, a aparência era pior que a essência. Uma vez livres da influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maior parte desses Espíritos verá as coisas de maneira completamente diferente de como as viam em vida, o que está de acordo com numerosos exemplos. Nesse caso, são ajudados pelos Espíritos benévolos, que se interessam por eles e se apressam a esclarecê-los e a mostrar o caminho equivocado que tinham seguido. Pelas nossas preces e exortações, podemos nós mesmos contribuir para sua melhora porque há uma solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos.

A maneira pela qual se opera a transformação é muito simples e, como se vê, ela é toda moral e se mantém entre as leis da natureza.

29. Que os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores, ou os velhos Espíritos melhorados, o resultado é o mesmo; desde o instante que apresentem melhores disposições, é sempre uma renovação. Os Espíritos encarnados formam, assim, duas categorias, conforme suas disposições naturais: de uma parte os Espíritos retardatários que partem; de outra, os Espíritos progressistas que chegam. O estado dos costumes e da sociedade será, pois, entre um povo, uma raça²¹² ou no mundo inteiro, dependerá da categoria que prevalecer sobre a outra.

212 Esta obra foi escrita no século 19, quando as Ciências adotavam a classificação dos povos em raças: “A espécie humana se pode e se deve dividir entre raças acidentalmente diferentes, que são: raça branca, raça negra, raça tártara, e tal é a divisão que hoje dão os mais célebres naturalistas”. (MORAES, Alexandre Mello. *Physiologia das paixões e afecções*. Rio de Janeiro: Casa Imperial, 1854) (N. do E.)

Para simplificar a questão, suponhamos um povo num grau qualquer de adiantamento e composto de 20 milhões de almas, por exemplo. A renovação dos Espíritos se fazendo de acordo com as extinções, isoladas ou em massa, necessariamente há um momento em que a geração de Espíritos retardatários prevalece em quantidade quanto a dos Espíritos progressistas, que contam apenas com poucos representantes sem influência, e então os esforços para fazer predominar o bem e as ideias progressivas ficariam paralisados. Ora, uns partindo, outros chegando após um tempo dado, as duas forças se equilibram e sua influência se contrabalança. Mais tarde, os recém-chegados estarão em maioria e sua influência torna-se preponderante, embora ainda travada pela dos primeiros. Esses seguem diminuindo, enquanto os outros se multiplicam, acabando por desaparecer. Assim, chegará um momento no qual a influência da nova geração será exclusiva. Mas isso só pode ser compreendido ao se admitir a vida espiritual independente da vida material.

- 30.** Nós presenciamos essa transformação, o conflito que resulta da luta das ideias contrárias que procuram se implantar; umas marcham com a bandeira do passado, outras, com a do futuro. Caso se examine o estado atual do mundo, reconhecer-se-á que, tomada em seu conjunto, a humanidade está longe ainda do ponto intermediário, onde as forças se contrabalançam; que os povos considerados isoladamente estão a uma grande distância uns dos outros nessa escala; que alguns tenham chegado àquele ponto, mas que ninguém o tenha ultrapassado. Não obstante, apesar disso, a distância que os separa dos pontos extremos está longe de ter a mesma duração, e uma vez transposto o limite o novo caminho será percorrido com uma velocidade tanto maior quanto a quantidade de circunstâncias ajudarem a superar os obstáculos.

Assim se realiza a transformação da humanidade. Sem a emigração, isto é, sem a partida dos Espíritos retardatários – que não devem voltar, ou que só devem voltar depois de melhorados –, a humanidade não permaneceria indefinidamente estacionária, porque os Espíritos mais atrasados evoluem também, mas seriam necessários séculos e talvez milhares de anos para chegar ao resultado que um meio século bastará para realizar.

- 31.** Uma comparação vulgar fará melhor compreender ainda o que se passa nessas circunstâncias. Suponhamos um regimento composto em grande

maioria de homens turbulentos e indisciplinados, os quais ocasionarão sem cessar uma desordem, que a severidade da lei penal terá muitas vezes dificuldade para reprimir. Esses homens são os mais poderosos porque são os mais numerosos; sustentam-se, encorajam-se e estimulam-se pelo exemplo. Alguns bons não têm influência sobre eles, pois seus conselhos são desprezados e sofrem com esse contato por serem ridicularizados e maltratados. Não é essa a imagem da sociedade atual?

Suponhamos agora que se retirem esses homens do regimento, um a um, às dezenas, centenas, sendo substituídos gradativamente por igual número de bons soldados, incluindo aqueles que tenham sido expulsos, mas se transformaram. Depois de um tempo, será o mesmo regimento, mas transformado. A boa ordem sucedeu à desordem. Assim será a humanidade regenerada.

32. As grandes emigrações coletivas não têm como única finalidade promover as saídas, mas também transformar mais rapidamente o Espírito da população, libertando-a das más influências e dando superioridade às ideias novas.

Em virtude de muitos estarem maduros para essa transformação, apesar de suas imperfeições, partem a fim de se fortalecer numa fonte mais pura. Caso permanecessem no mesmo meio, sob as mesmas influências, persistiriam nas mesmas opiniões e na forma de ver as coisas. Uma temporada no mundo dos Espíritos é suficiente para lhe abrir os olhos, porque lá eles veem o que não podiam ver na Terra. Desse modo, o incrédulo, o fanático, o autoritário poderão, pois, retornar com *ideias inatas* de fé, tolerância e liberdade. Em sua volta perceberão as coisas mudadas e experimentarão a influência do novo meio onde terão nascido. Em lugar de fazer oposição às ideias novas, serão seus auxiliares.

33. A regeneração da humanidade não tem absolutamente necessidade da renovação integral dos Espíritos, pois basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação se opera entre todos aqueles que estão predispostos, toda vez que sejam subtraídos da influência perniciosa do mundo. Portanto, aqueles que retornam nem sempre são outros Espíritos, mas, frequentemente, os mesmos Espíritos, pensando e sentindo de outra forma.

Quando esse melhoramento é isolado e individual, ele passa despercebido e fica sem influência ostensiva sobre o mundo. Outro efeito acontece

quando o melhoramento se produz simultaneamente sobre grandes massas, pois então, conforme as proporções numa geração, as ideias de um povo ou de uma raça podem ser profundamente modificadas.

É o que se nota quase sempre após as grandes calamidades dizimarem as populações. Os flagelos destruidores destroem apenas os corpos, mas não atingem o Espírito. Eles ativam o movimento de ingresso e saída entre o mundo corporal e o espiritual e, por conseguinte, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. É de se notar que, em todas as épocas da história, às grandes crises sociais se seguiram eras de progresso.

34. Atualmente, um desses movimentos gerais é operado, destinado a promover a reorganização da humanidade. A multiplicidade das causas da destruição constitui um sinal característico dos tempos, porque essas causas aceleram o surgimento dos novos germes. São as folhas que caem no outono, e isso será substituído por outras folhas cheias de vida, porque a humanidade tem suas estações, assim como os indivíduos têm suas diferentes idades. As folhas mortas da humanidade caem impulsionadas pelas rajadas e sopros do vento, mas para renascer mais vigorosamente, pelo mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas purifica²¹³.

35. Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensação, sem resultados úteis, pois, segundo ele, *aniquilam os seres definitivamente*. Mas para quem sabe que a morte só destrói o envoltório, os flagelos não têm as mesmas consequências e não lhes causam o menor susto. Ele compreende o objetivo e sabe também que os homens não perdem mais por morrerem em conjunto do que morrer isoladamente, já que, de uma maneira ou de outra, é preciso sempre chegar a isso.

Os incrédulos vão rir dessas coisas e tratá-las como ilusões. Mas não importa o que digam, não escaparão da lei geral. Na hora certa, morrerão como os outros e, então, o que lhes acontecerá? Eles dizem: *nada*. Mas viverão, apesar de si mesmos, e serão forçados, um dia, a abrir seus olhos.

Fim

213 Kardec faz alusão poética à evolução da alma, adquirindo e desenvolvendo suas faculdades no decorrer das reencarnações, quando os corpos se vão, mas a essência, a alma, se purifica, progressivamente. (N. do E.)

NOTA EXPLICATIVA

“Hoje crêm e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...]. Tal é a fé dos Espíritos, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e põem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo.” (KARDEC, Allan. Revista Espírita de 1868. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868)”

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científicos, filosófico e moral.

A partir de 1855 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: “O Livro dos Espíritos” (1857), “O Livro dos Médiuns” (1861), “O Evangelho segundo o Espiritismo” (1864), “O Céu e o Inferno” (1865), “A Gênese: os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo” (1868), além da obra “O Que é o Espiritismo” (1859), de uma série de opúsculos e 135 edições da “Revista Espírita” (de janeiro de 1858 a abril de 1869).

O estudo metuculoso e isento, dessas obras, permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no

período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais esclarecidas pelo Espiritismo, aquelas ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentes da coloração da sua pele.

Na época de Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens da Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e a população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de “O Livro dos Espíritos” – do livro sobre a evolução das espécies, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda a ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo ao equacionamento das questões da diversidade e desigualdades humanas.

Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (Revista Espírita, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do livre arbítrio, reencarnação, perispírito, mediunidade da imortalidade da alma, da evolução constituem

novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas lhe permite afirmar que:

“O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade.” (O Livro dos Espíritos, item 207, p. 176).

“[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e o estúpidos preconceitos de cor.” (Revista Espírita, 1861, p. 432).

“Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que o homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são da natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes,

chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para vossos semelhantes.” (Revista Espírita, 1867, p. 231)

“Com a reencarnação desaparecem os preconceitos de raça e de casta, já que o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, mestre ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravatura, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, não existe nenhum que supere em lógica o fato material da reencarnação. Desse modo, assim como a reencarnação fundamenta numa lei da natureza o princípio da fraternidade universal, também fundamenta na mesma lei o princípio da igualdade dos direitos sociais e, por consequência, o da liberdade.” (A Gênese, cap. I, item 36, p. 58. Vide também Revista Espírita, 1867, p. 373)

Dos negros, Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

“Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de

fraternidade e deveres sociais.” (KARDEC, Allan. *Revista Espírita de 1863*. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Janeiro de 1863, p. 87)

“O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus.” (O Evangelho segundo o Espiritismo, Cap. XVII, item 3, p. 348).

É importante compreender, também, que os textos publicados por Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. No Capítulo XI, item 43, do livro “A Gênese”, o Codificador explica essa metodologia:

“Quando, na Revista Espírita de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos Espíritos, como a mais racional a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica.” (A Gênese, Cap. XI, p. 241n)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

“É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 38).

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora

Há décadas a Fundação Espírita André Luiz – FEAL se dedica à missão de levar a mensagem consoladora do Cristo sob a visão abrangente do Espiritismo.

Com o compromisso da divulgação de conteúdos edificantes, a FEAL tem trabalhado pela expansão do conhecimento por intermédio de seus canais de comunicação do bem: Rede Boa Nova de Rádio, TV Mundo Maior, Editora FEAL, Loja Virtual Mundo Maior, Mundo Maior Filmes, Mercalivros, Portal do Espírito e o Centro de Documentação e Obras Raras (CDOR), criado com o propósito de recuperar a história do Espiritismo.

E não há como falar da Fundação Espírita André Luiz sem atribuir sua existência ao trabalho iniciado pelo Centro Espírita Nosso Lar Casas André Luiz, que desde 1949 se dedica ao atendimento gratuito à pessoas com deficiência intelectual e física.

Aliada ao ideal de amor e comprometimento com esses pacientes e suas famílias realizado pelas Casas André Luiz, a Fundação Espírita André Luiz atua como coadjuvante no processo de educação moral para o progresso da humanidade e a transformação do Planeta.





Esta edição foi impressa pela Assahi Gráfica, Itu (SP), sendo impressos 5.000 exemplares em formato fechado 16x23 cm, em papel Pólen Soft 70 g/m² para o miolo e papel cartão 300 g/m² para a capa. O texto principal foi composto em Adobe Caslon Pro 11/16 e os títulos em Playfair. Junho de 2021
